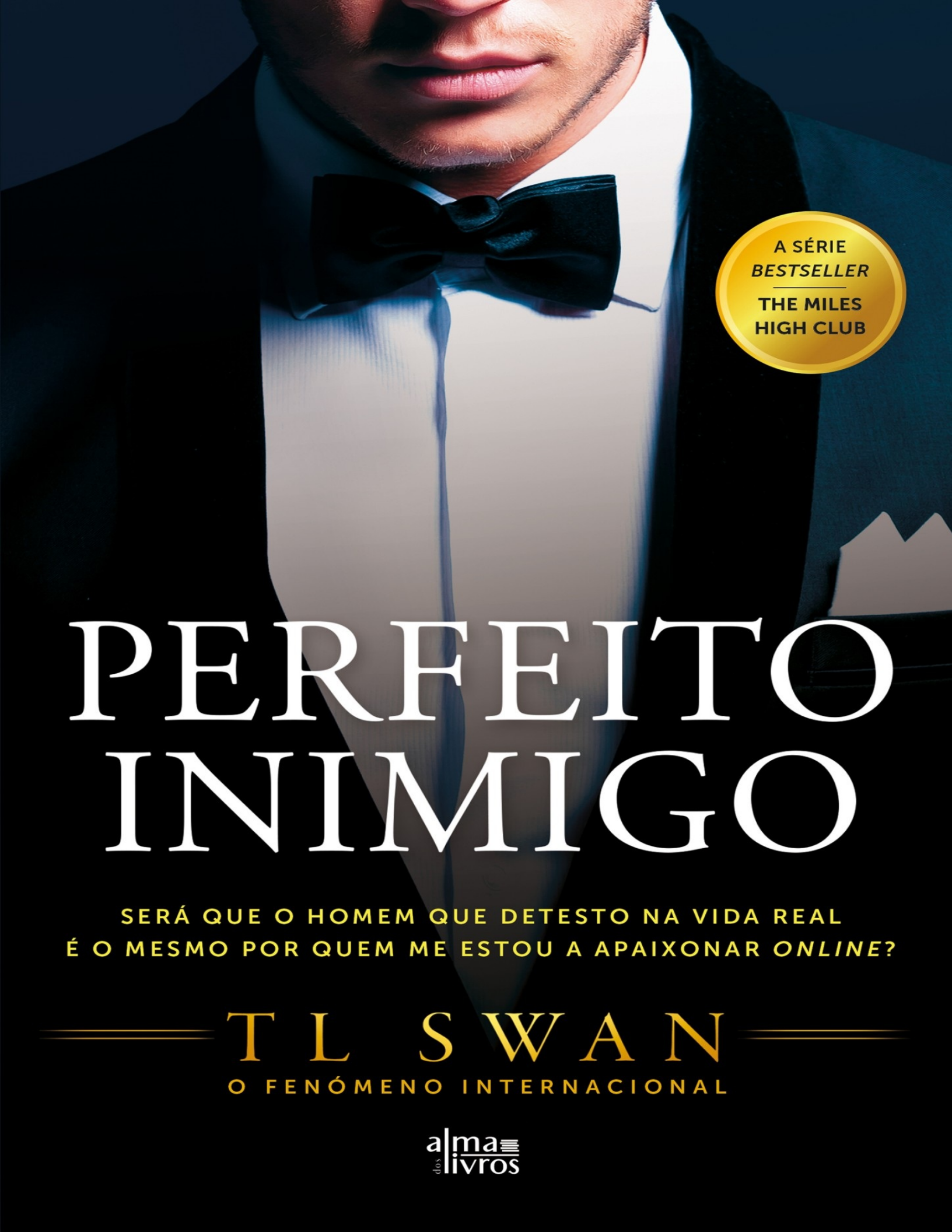


PERFEITO INIMIGO

SERÁ QUE O HOMEM QUE DETESTO NA VIDA REAL
É O MESMO POR QUEM ME ESTOU A APAIXONAR *ONLINE*?

T L SWAN
O FENÓMENO INTERNACIONAL

alma dos livros

Olá

I'm so excited that my books have finally been translated into Portuguese. I hope you love it as much as I do

Your Support means the world

Thanks for everything

Lee xxx

T L SWAN

PERFEITO INIMIGO

Tradução de
Bárbara Vilela

alma dos livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
tiktok.com/@almadoslivros
twitter.com/almados_livros
linkedin.com/company/alma-dos-livros/
© 2024
Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros
Copyright © 2021 by T L Swan
Todos os direitos reservados.
A presente edição é feita por acordo de licença entre *Amazon Publishing*,
www.apub.com, em colaboração com *Sandra Bruna Agencia Literaria*.
Título: *Perfeito Inimigo*
Título original: *The Casanova*
Autora: T L Swan
Tradução: Bárbara Vilela
Revisão: Nuno Telheiro Martins
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros
Imagem de capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.
Depósito legal: 530011/24
1.ª edição: Maio de 2024
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Gostaria de dedicar este livro ao alfabeto,
pois essas vinte e seis letras mudaram a minha vida.
Nestas vinte e seis letras, encontrei-me e, agora, vivo o meu sonho.
Da próxima vez que disser o alfabeto, lembre-se do seu poder.
Eu faço-o todos os dias.

Prólogo

Elliot

Observo os números por cima da porta enquanto diminuem de cada vez que passo por mais um andar. No bolso, o meu telemóvel vibra. É o Christopher.

«Aviso!
A bruxa está à tua procura.»

Foda-se.

Volto a enfiar o telemóvel no bolso e expiro profundamente. Hoje, não estou com disposição para as merdas dela. As portas do elevador abrem-se, saio a passos largos, olho para cima e vejo-a na minha visão periférica. Finjo que não a vejo e viro-me para a Courtney, a minha assistente pessoal.

– Sr. Miles – ouço-a chamar atrás de mim.

Continuo a andar.

– Hum – ela pigarreia. – Sr. Miles. Não me ignore.

Sinto a minha temperatura a aumentar.

As minhas narinas ardem, viro-me para a voz e lá está ela. O membro da equipa mais irritante que já pisou este planeta.

Inteligente, mandona, arrogante e muito irritante.

Kathryn Landon, a minha arqui-inimiga.

A bruxa malvada do oeste.

Um título bem merecido.

Finjo um sorriso.

– Bom dia, Kathryn.

– Uma palavrinha?

– São nove da manhã de segunda-feira – disparo. – Agora não é altura para – faço o gesto de aspas no ar – uma palavrinha.

Juro que ela passa todo o fim de semana a pensar em formas de estragar as minhas segundas-feiras.

– Arranje tempo – ladra.

Passo a língua pelos dentes: esta cabra tem-me na mão, e sabe disso. Totalmente apaixonada por computadores, concebeu o nosso novo ***software***. Sabe que é indispensável e, porra, aproveita-se bem disso.

Dirige-se ao seu gabinete e abre a porta apressadamente.

– Vou ser rápida.

– Claro que vai. – Finjo um sorriso, imaginando-me a bater com a sua cabeça na porta quando a atravesso.

Ela senta-se atrás da secretária.

– Sente-se, por favor.

– Não, estou bem de pé. Vai ser rápida, lembra-se? – Ela levanta uma sobrancelha, e eu olho-a. – O que foi?

– Fui informada de que não vou ter os meus quatro novos estagiários este ano. Porquê?

– Não brinque, Kathryn, é óbvio que já sabe a resposta a essa pergunta.

– Por que razão dariam esses estágios a trabalhadores externos?

– Porque a empresa é minha.

– Essa resposta não é suficientemente boa.

Começo a ouvir o pulsar do meu coração nos ouvidos enquanto inclino o meu queixo para o céu; ninguém me irrita como esta mulher.

– Senhora Landon, não tenho de justificar quaisquer decisões sobre a gestão da Miles Media. Respondo perante a administração e apenas perante a administração. No entanto, tenho de me interrogar sobre as suas intenções.

Ela arregala os olhos.

– O que é que isso significa?

– Bem, se está tão infeliz aqui, porque se mantém por cá?

– O quê?

– Há um milhão de outras empresas para quem poderia ir trabalhar e, no entanto, insiste em ficar por aqui, a queixar-se de tudo. Não lhe vou mentir, torna-se cansativo.

– Como se atreve?

– Acho que se deve lembrar de que ninguém é insubstituível. Terei todo o prazer em aceitar a sua demissão, em qualquer altura. Raios, até lhe pago um bónus para se ir embora.

Ela põe as mãos nas ancas.

– Quero um relatório escrito sobre os estágios que retirou do escritório de Londres e as razões para o ter feito. A sua desculpa não é suficiente, e eu própria apresentarei esta questão ao Conselho de Administração.

Claro que vai. A minha fúria borbulha.

– E não me revire os olhos – bufa.

– Kathryn, preciso de um transplante de retina de tanto revirar os olhos por sua causa.

– Bem, já somos dois.

Olhamo-nos fixamente, e não sei se alguma vez odiei alguém como a odeio a ela.

Ouço baterem à porta.

– Entre – grita.

O Christopher aparece, tal como eu sabia que ia acontecer. Interrompe sempre as minhas reuniões com a Kathryn momentos antes da minha explosão iminente.

– Elliot, posso falar contigo? – pergunta. E acena-lhe com um sorriso. – Bom dia, Kathryn.

– Ainda não acabámos, Christopher, vai ter de esperar – diz com brusquidão.

– Já acabámos – viro-me. – Se tiver mais alguma queixa, que sem dúvida terá, fale com os RH.

– Não vou fazer isso – diz, novamente. – É o diretor-geral, e vou tratar de todas as questões que tenho consigo. Pare de me fazer perder tempo, Sr. Miles. Terei todo o gosto em informar a direção da sua incompetência. Sabe Deus que tem suficiente. Quero que esses lugares de estagiário voltem imediatamente para o gabinete de Londres.

– Não vai acontecer.

Ela mexe nos papéis na sua secretária.

– Tudo bem, vemo-nos na próxima terça-feira.

A reunião da administração.

Fito-a enquanto começo a ouvir o meu coração nos ouvidos.

Grande cabra.

– Ahh… Elliot – o Christopher incita-me. – Temos de ir.

Cerro o maxilar e encaro-a.

– Diga-me quanto quer para se despedir.

– Vá para o inferno.

– Não vou ser abordado com as suas queixas triviais sempre que entro no meu gabinete – rosno.

– Então, pare de tomar decisões estúpidas.

Os nossos olhos estão fixos um no outro.

– Adeus, Sr. Miles, feche a porta quando sair. – E sorri com doçura. – Vemo-nos na reunião do Conselho de

Administração.

Inspiro bruscamente e esforço-me para me controlar.

– Elliot – o Christopher incita-me novamente. – Por aqui.

Saio do gabinete da Kathryn diretamente para o elevador. O Christopher vem atrás de mim, e as portas fecham-se atrás de nós.

– Foda-se. Odeio aquela mulher – sussurro, furioso.

– Se te faz sentir melhor – e sorri –, ela odeia-te mais.

Solto a gravata com um puxão forte.

– É muito cedo para um uísque? – pergunto.

O Christopher olha para o relógio.

– São nove e quinze da manhã.

Inspiro profundamente enquanto tento acalmar-me.

– O que é que isso importa?

Capítulo Um

KATE

Atiro o meu almoço para dentro dum saco e procuro as chaves.

– Estou de saída – digo à Rebecca.

A Beck surge na porta da casa de banho; está enrolada numa toalha branca com outra à volta da cabeça.

– Não chegues tarde a casa, hoje. Não quero que seja embaraçoso e estranho quando ele chegar.

– Sim, sim.

– Estou a falar a sério, quero que se sinta bem-vindo e, sabes, seria bom para nós as duas estarmos aqui para instalar o Daniel.

Reviro os olhos enquanto procuro as chaves. Onde estarão?

– O que te faz pensar que ele quer que nós o instalemos?

– Acho só que seria simpático dar uma boa primeira impressão.

– Certo. – Vejo as chaves no pequeno cestinho da mesa de centro.

– Hoje, na minha hora de almoço, vou buscar os nossos uniformes de netbol – diz-me.

Sorrio; que Deus nos ajude, vamos começar a jogar netbol de pavilhão, esta semana. A minha primeira atividade desportiva de competição desde o secundário.

– Mal posso esperar – respondo. – Esperemos que estejam equipados com desfibrilhadores. Estou em tão má forma que é possível que tenha um ataque cardíaco.

A Rebecca ri-se enquanto tira a toalha da cabeça.

– Tens um ginásio no edifício onde trabalhas, porque não o usas?

Dirijo-me para a porta.

– Eu sei, devia mesmo parar de ser tão preguiçosa.

– Achas que devia fazer o jantar para o Daniel, hoje à noite? – pergunta.

Franzo o sobrolho.

– Porque estás a esforçar-te tanto para seres simpática com este tipo?

– Não estou.

– Gostas dele ou assim? – arregalo os olhos. – Não te vi a fazer tudo isto pela nossa última colega de casa.

– Sim, porque ela era uma chata e, além disso, o Daniel é novo na cidade, chega hoje e não conhece ninguém. Tenho pena dele.

– Ele é estilista pessoal, tenho quase a certeza de que tem os seus próprios amigos malucos com quem conviver – murmuro, secamente.

– Correção, ele é um licenciado em moda que se mudou para Londres, porque queria ser estilista, há uma grande diferença.

Reviro os olhos.

– Como queiras, vejo-te hoje à noite.

Vou pelas escadas e, três lanços depois, estou na rua e caminho em direção à estação de comboios. São apenas três paragens, mas, mesmo assim, é demasiado longe para ir a pé.

Espero na plataforma e, no horário previsto, chega o meu comboio. Entro e sento-me.

Cheguei à conclusão de que estes são os vinte minutos mais estranhos do meu dia. É como um túnel temporal: sento-me, olho em volta e, no minuto seguinte, estou milagrosamente lá. Devo cair num estado catatónico – não sei em que penso, não sei para onde vai o tempo. Só sei que, de alguma forma, todos os dias, perco vinte minutos a pensar em assuntos de que não me consigo lembrar. Saio do comboio e dirijo-me para o escritório. Trabalho no centro de Londres, e há um pequeno café na diagonal do edifício da Miles Media; é movimentado e agitado, com pessoas a entrarem e a saírem apressadamente a caminho do trabalho.

– Olá, linda – diz o Mike.

– Olá – sorrio, feliz. O Mike é o barista que trabalha aqui; além disso, tem uma paixão discreta por mim há alguns anos. É querido e giro, mas, infelizmente, não sinto mesmo nada quando fala comigo.

É uma pena, porque é mesmo bom tipo. Se alguma vez houve alguém que seria bom para mim, esse alguém seria o Mike. Quem me dera poder escolher por quem me sinto atraída; isso facilitaria muito as coisas na minha vida.

– O habitual? – pergunta o Mike.

Sento-me perto da janela.

– Sim, por favor – olho à volta.

O Mike prepara-me o café, vem até mim e coloca-o à minha frente.

– Novidades? – pergunta.

– Nada de especial – agarro no café, o vapor flutua até ao teto, e sopro-o. – Estou a pensar ir para o ginásio do meu edifício.

– Ai, é? – o olhar do Mike dirige-se para o edifício do outro lado da rua. – Têm ginásio ali dentro?

– Um enorme, no piso catorze.

– Ah, quem adivinharia? Tens de pagar?

– Não, é gratuito para os funcionários – dou um gole do café.

O Mike ri-se enquanto finge limpar a mesa ao lado de onde estou sentada.

– Posso ir contigo – oferece-se, com um piscar de olhos.

– Desculpa, é só para funcionários, e não tenho dinheiro para ir a outro ginásio.

O Mike revira os olhos.

O Mike e eu observamos quando um *Bentley* preto estaciona em frente ao edifício da Miles Media. O condutor sai do carro, abre a porta de trás, e o Elliot Miles sai. Como uma espécie de espetáculo a que assisto todos os dias, os meus olhos percorrem o homem que desprezo. Hoje, veste um fato azul-marinho às riscas com uma camisa branca, o cabelo escuro encaracolado na perfeição, como se acabado de foder. Vejo-o a abotoar o casaco com uma mão, a pasta na outra. As suas costas estão direitas, a sua postura é dominante.

A personificação da arrogância.

Bebo o meu café e observo-o; irrita-me o facto de ser lindo.

Irrita-me o facto de todas as mulheres pararem e o olharem fixamente quando entra numa divisão. E, acima de tudo, enfurece-me que saiba disso.

Embora nunca o admita, leio os tabloides e as revistas de mexericos, vejo todas as festas exóticas a que ele vai e as mulheres bonitas com quem sai.

Sei mais sobre o Elliot Miles do que gostaria de admitir.

Quer dizer, devia saber – odiei o homem durante os sete anos em que trabalhei para ele.

Vejo-o dizer qualquer coisa ao motorista com um sorriso, depois entra no edifício da Miles Media enquanto as pessoas viram a cabeça para o observar, e sinto os pelos da minha nuca a eriçar.

Elliot Miles, o típico sacana rico… chateia-me.

São apenas três da tarde, e o meu *e-mail* zune.

Abro-o.

«Elliot Miles.

Diretor-Geral da Miles Media Reino Unido.

Kathryn,

Já finalizou o relatório de acompanhamento?»

Idiota.

Cerro o maxilar e escrevo a minha resposta.

«Caro Sr. Miles,

Boa tarde, é sempre um prazer receber correspondência sua.

As suas maneiras são impecáveis como sempre.

O relatório só tem de ser entregue na terça-feira da próxima semana, pelo que o receberá nessa altura.

Se eu tivesse o número adequado de funcionários, talvez pudesse trabalhar de acordo com o seu horário de trabalho irrealista.

Desfrute do resto do seu dia.

Com os melhores cumprimentos,

Kathryn.»

Sorrio e carrego no botão «Enviar»; ser uma cabra sarcástica para o Elliot Miles é o meu passatempo favorito. A resposta chega imediatamente.

«Boa tarde, Kathryn,

Como sempre, o seu dramatismo não é apreciado.

Não perguntei quando receberia o relatório, perguntei se o tinha terminado.

Por favor, preste atenção aos pormenores, não quero estar sempre a repetir-me.

Terminou o relatório ou não?»

Inspiro bruscamente, este maldito homem deixa-me louca. Escrevo a minha resposta, batendo com tanta força no teclado que fico surpreendida por não partir um dedo.

«Sr. Miles,

Claro que o relatório está finalizado. Estou, como sempre, preparada para as suas incoerências em termos de datas e prazos.

Felizmente, um de nós é profissional. O relatório encontra-se anexo.

Se tiver dificuldade em compreendê-lo, terei todo o gosto em reservar algum tempo da minha agenda para o explicar antes de se reunir com o Conselho de Administração.»

Sorrio enquanto continuo a escrever, imaginando o fumo a sair dos seus ouvidos enquanto lê.

«Tenha uma boa tarde, é sempre um prazer.

Kathryn Landon.»

Bebo do meu chá, sentindo-me feliz comigo mesma – toma lá. O meu *e-mail* apita de novo, e abro-o.

«Senhora Landon.

Obrigado.

Faça uma boa viagem de regresso a casa esta tarde, não se meta à frente de um autocarro ou algo do género.»

Sorrio para mim própria. *Idiota estúpido*… isso querias tu.



Estou de pé, a ver a Rebecca a correr pelo apartamento como uma galinha – o Daniel deve chegar a qualquer momento. E, caramba, caramba, a Rebecca está a enlouquecer.

– Não fiques aí especada – diz, com brusquidão.

– O que queres que faça? – olho à volta do imaculado apartamento. – Não há, literalmente, nada para limpar. O que se passa entre ti e este gajo? – pergunto. – Estás decidida a impressioná-lo. O facto de ser lindo não tem nada que ver com isso, pois não?

– Não sejas ridícula – diz, novamente. – Tenho namorado, lembras-te?

– Oh, eu lembro-me, e tu?

– Cala-te – bufa.

Toca a campainha, e os nossos olhos encontram-se.

– Chegou – sussurra-me.

– Bem – gesticulo na direção da porta da frente. – Vai e deixa-o entrar.

A Rebecca quase corre para a porta da frente e abre-a à pressa.

– Olá – ela sorri.

É muito difícil não revirar os olhos.

– Olá – ele sorri ao olhar para nós. Tem duas malas grandes, é alto e louro, e tenho de admitir que é realmente muito bonito. Não me lembro de ser tão bem-parecido quando nos veio conhecer. Não admira que a Beck esteja a dar cabo de si própria para o impressionar.

– Deixa-me ajudar-te com isso – ofereço.

A Beck olha para a rua.

– Queres ajuda para trazer mais alguma coisa?

– Obrigado, tenho mais duas malas no meu carro. Vou buscá-las.

– Lembras-te da Kate? – ela aponta para mim.

Os olhos do Daniel focam-se em mim.

– Sim, claro que lembro. É um prazer ver-te novamente, Kate.

Sorrio, embaraçada. Sou sempre tão esquisita em situações sociais. Até conhecer alguém, não sou nada amigável. Não por escolha, claro, a timidez é uma maldição.

– Este é o teu quarto, por aqui. – A Rebecca faz de guia turística, orienta-o e mostra-lhe o seu quarto. – E este é o meu quarto. Sobe e mostro-te o quarto da Kate – oferece-se.

Sigo-os enquanto a Beck lhe mostra o apartamento. Os meus olhos percorrem o Daniel de alto a baixo: tem calças pretas, uma camisola de malha preta, sapatos pontiagudos e um blusão em verde camuflado. As suas roupas são caras e estão na moda; parece mesmo um estilista pessoal.

– Quando começas a trabalhar? – pergunto, tentando fazer conversa.

– Tenho quatro clientes na próxima semana e preciso de encontrar mais cinquenta o mais rapidamente possível – diz.

Sorrio.

– Agora a sério, começo a trabalhar no Harrods, na próxima semana. Vou ser um dos seus compradores residentes.

Oh, que trabalho infernal… Fazer compras é um pesadelo para mim. Sem saber o que dizer e sentindo-me envergonhada, encolho os ombros.

– Nunca tinha conhecido um estilista pessoal.

O Daniel sorri.

– Não somos muitos.

Agarro numa das suas malas e observo-a: *Louis Vuitton*. Oh, Deus… Acho que a mala vale mais do que o meu carro. Desaparece pelos degraus da frente até à rua, e espreito atrás dele: tem o novo modelo da *Audi*, preto.

Por que raio é que está a partilhar um apartamento com mais duas pessoas se tem todas estas coisas caras?

De certeza que preferia viver sozinho.

Eu preferia.

Agarra noutras duas malas que estão no carro, e, de novo, são bonitas, de pele preta. Gostava de ter um bom gosto destes. Não saberia o que comprar, mesmo que tivesse muito dinheiro.

O Daniel leva as malas para o quarto e olha-nos enquanto põe as mãos nas ancas.

– Por favor, digam-me que me vão levar a sair esta noite. Não há melhor forma de nos conhecermos do que uma noite de copos.

Os olhos da Rebecca quase lhe saltam das órbitas de tanta excitação.

– Isso soa maravilhosamente bem. – Olha para mim. – Não achas, Kate?

Nem por isso.

Finjo um sorriso.

– Claro.

– Vamos? – pergunta.

– Agora? – franzo o sobrolho. – Não queres arrumar nada antes?

– Não, está perfeito. Ainda vão lá estar amanhã e não tenho nada para fazer até à próxima semana, será como uma missão.

Uma hora depois, estamos sentados no bar de um restaurante, de vinho na mão.

– E então? – o Daniel olha-nos. – Qual é a vossa história, são solteiras ou namoram?

– Bem… – a Rebecca sorri. – Tenho namorado, o Brett. E aqui a Kathryn está a tentar obter um título de membro honorário do convento.

Rio-me.

– Isso não é verdade. Sou muito picuinhas.

O Daniel pisca-me o olho de forma fofa.

– Não há nada de errado com isso. Também sou muito picuinhas, na verdade.

– E qual é a tua história? – pergunta a Rebecca.

– Bem… – o Daniel faz uma pausa, como se procurasse as palavras certas. – Sou…

– e pausa novamente.

– *Gay*? – pergunto.

O Daniel ri-se.

– Gosto demasiado de mulheres para me intitular completamente *gay*.

– Então… – a Rebecca franze o sobrolho enquanto tenta perceber o sentido daquela afirmação.

– És bissexual?

O Daniel torce os lábios como se estivesse a pensar.

– Não diria que sou bissexual. A minha atração natural é por mulheres. Mas, ultimamente… A sua voz descarrila.

– O quê? – pergunto, fascinada.

– Há uns anos, estava numa festa com uns tipos que não conhecia muito bem, em Ibiza. Um deles era *gay*.

– Com quantos estavas? – pergunto.

– Éramos quatro, no total.

– Então, três eram heterossexuais?

O Daniel assente.

– Talvez tenha sido o sol, talvez tenha sido o álcool, ou talvez tenha sido a cocaína, não sei, mas algo aconteceu e ficámos um pouco excitados, passámos o fim de semana na cama, e agora tenho um ligeiro fetiche por homens à parte.

A Rebecca sorri sonhadoramente para o Daniel, como se esta fosse a melhor história que alguma vez ouviu. E quase consigo ouvir as engrenagens do seu cérebro a fazerem clique, avaliando quão liberal ele deve ser.

Bebo um gole da minha bebida, igualmente fascinada com aquela história.

– Qual é a sensação de ter sexo com alguém que não é a nossa inclinação natural?

– É boa. Talvez um pouco perversa. – O Daniel encolhe os ombros. – Acho que é isso que acontece comigo, sinto que estou a fazer algo maroto, algo que não devia estar a fazer, mas, ao mesmo tempo, parece tão natural. E não sei durante quanto tempo continuarei a fazê-lo, talvez não para sempre, talvez não muito mais. Mas, quando o faço, não me arrependo. Não parece errado, se é isso que queres dizer.

– Quantos… – a voz da Rebecca perde-se quando se detém.

– Podes perguntar o que quiseres – incentiva o Daniel.

– Com quantos homens já estiveste?

O Daniel estreita os olhos enquanto pensa.

– Hum, não muitos, diria mais de dez, mas menos de vinte.

– Oh, Deus. – As minhas sobrancelhas levantam-se sozinhas.

– O que foi? – o Daniel sorri.

– Bem, disseste que não dormiste com muitos homens. Se esse é um número baixo para ti, o que é um número alto? Quer dizer… quais são os teus números para

mulheres?

O Daniel ri-se.

– Demasiadas para contar, receio. Conheço algumas pessoas bonitas no meu setor e, por vezes, a tentação é demasiado grande.

A desilusão preenche-me, enrolo o meu guardanapo e atiro-o para a mesa com nojo.

– Gostava de ser mais como tu – suspiro.

– Como assim?

– Sabes, todo emancipado e fixe e… – faço uma pausa enquanto penso na terminologia certa – livre, acho eu.

O rosto de Daniel esmorece.

– Não te sentes livre?

Oh, Deus, porque disse aquilo? Agora pareço uma rainha do drama.

– O que eu queria dizer é que acho que gostaria de estar no teu lugar, sabes, dormir com quem quisesse, por diversão.

– Não fazes sexo por diversão? – o Daniel franze o sobrolho.

Isto está tudo a sair mal.

– Quer dizer, já fiz no passado. Acho que deixei de o fazer à medida que fui envelhecendo.

– Que idade tens? – pergunta.

– Vinte e sete. Tive alguns namorados no secundário e na faculdade, e, depois disso, tive um namorado de longa data. Acabámos um ano após a morte dos meus pais.

– Os teus pais morreram?

Bebo um gole da minha bebida; como é que chegámos a este assunto?

Porque disse aquilo?

– Estiveram envolvidos num acidente de viação com colisão frontal – responde a Rebecca; ela sabe o quanto detesto dizer isto em voz alta.

Os olhos do Daniel dirigem-se a mim em jeito de pergunta.

– A minha mãe morreu no local, o meu pai morreu a caminho do hospital. O condutor que lhes bateu teve um ataque cardíaco e desviou-se para o lado errado da estrada. – Sinto o peso a apoderar-se de mim à medida que o meu peito se contrai, e olho para o olhar bondoso da Rebecca, que me mostra um sorriso suave e agarra na minha mão do outro lado da mesa. Tinha acabado de ir viver com a Rebecca na faculdade quando isso aconteceu. Ela tem sido o meu rochedo e uma amiga maravilhosa, e tem estado lá para mim em muitas noites solitárias e tristes.

– Lamento imenso – sussurra o Daniel. – Tens mais família?

– Sim – sorrio. – Tenho um irmão maravilhoso, o Brad, e tenho uma irmã que… – a minha voz descarrila.

– Que… o quê? – pergunta o Daniel.

– É uma cabra delirante – diz a Rebecca. – Não faço ideia de como estas duas raparigas estão geneticamente relacionadas. Não têm absolutamente nada em comum. Diferentes como a água do vinho.

Daniel sorri de surpresa ao olhar para nós.

– Porquê, como é que ela é?

– Linda – dou um gole da minha bebida.

– Egocêntrica e má.

Sorrio de tristeza.

– Não é assim tão má. A morte dos nossos pais foi mais difícil para ela e, de alguma forma, a sua personalidade mudou de um dia para o outro. O Brad e eu apoiámo-nos mutuamente e fomos andando juntos, mas, no entanto, tudo o que ela queria era estar sozinha. Não lidou com o luto da mesma forma que nós.

– Nunca a vês? – pergunta o Daniel.

– Sim, vejo-a – respondo. – Normalmente, fico chateada ou irritada quando se vai embora. Sabes, quando passas tempo com alguém e essa pessoa te suga a vida. Gosta de dinheiro e de fama, de ter malas de marca e de todos os seus namorados maravilhosos. Sinto que… – faço uma pausa enquanto tento articular o que quero dizer. – Sinto que está a substituir o amor dos nossos pais por objetos.

– Não gostas de peças de autor?

– Suponho que sim – encolho os ombros. – Toda a gente gosta de coisas bonitas, não é? Só não são a minha prioridade.

– A Kate é muito boa com o dinheiro dela – interrompe a Rebecca.

– Isso é código para forreta – o Daniel ri-se enquanto os seus olhos cintilam na minha direção. – És forreta, Kate?

– Não sou forreta.

– Oh, és sim – troça a Rebecca. – Não gasta dinheiro nenhum com ela e está sempre a poupar para um dia de aperto. Usa sempre os mesmos dez conjuntos e esconde-se atrás daqueles óculos grandes e grossos.

– Preciso deles para ver, Rebecca – anuncio, indignada. – E não vejo sentido em gastar uma fortuna em roupas e vestir-me de forma elegante a toda a hora.

– Trabalhas no centro de Londres, com alguns dos homens mais sensuais da capital, e estás demasiado ocupada a usar roupas de escritório sensatas para atraíres qualquer um deles.

Reviro os olhos com repugnância.

– Confia em mim, não há ninguém no trabalho que valha a pena impressionar.

Os olhos do Daniel fixam-se em mim e, enquanto o seu rosto se diverte, bate com o seu copo de vinho no meu.

– O que foi? – pergunto.

– Acho que acabei de encontrar o meu novo projeto.

Quatro horas e três garrafas de vinho depois, e com Stevie Nicks a tocar em fundo, o Daniel diz:

– Então, o que vou escrever? – e ri-se.

Estamos sentados no sofá, ainda a falar demasiadas coisas sem sentido, e a preencher um perfil numa aplicação de encontros para o Daniel, no meu computador. Aparentemente, esta é uma prioridade quando se muda para uma nova cidade.

Quem diria?

A pergunta diz:

«O que procura?»

– Hum, esta é difícil – o Daniel inala bruscamente enquanto faz o seu melhor para pensar através da nuvem de álcool.

– Oh, já sei. Escreve isto – diz a Rebecca, com a sua voz rouca de «estou bêbeda como um cacho». – Vagina ou pénis, pessoa baixa ou alta, depilada ou com pelos, de preferência sensual.

– Basicamente – aponto para ele com o meu copo de vinho –, aceitas qualquer coisa.

– Resumidamente – o Daniel responde ao mesmo tempo que escreve algo. – Risca o de preferência.

Rio-me enquanto me deito; a divisão está a começar a andar à roda.

– Tenho de ir para a cama – suspiro. – Tenho de trabalhar amanhã.

– Mais devagar, diz o Daniel. – A seguir, vamos criar um perfil para ti.

– *Não* me vou inscrever numa aplicação de encontros. Só para que saibas – insinuo –, não há nenhum homem na Terra que me possa impressionar por escrito. E, além disso, estou demasiado inebriada.

– Sim – insiste.

– Não agora, não é o momento certo.

O Daniel escreve furiosamente.

– *Tens* de preencher isto enquanto estás bêbeda, e não há momento como o agora.

– E se alguém descobrir que sou eu? – pergunto, horrorizada. – Nunca o esqueceria.

– Ninguém quer saber de aplicações de encontros, toda a gente o faz – ironiza a Rebecca, como se eu fosse uma ignorante. – Não uses o teu nome verdadeiro, então.

– Isso não seria estranho? – digo. – Se usar um nome falso, depois vamos a um encontro e tenho de dizer: «Desculpa, mas este é o meu nome verdadeiro e sou uma mentirosa.»

– Bem, não tens de dizer logo – diz o Daniel enquanto escreve. – Manténs o nome falso até perceberes se gostas dele e, depois, dizes-lhe o teu nome verdadeiro.

Sorrio pretensiosamente para o meu copo de vinho e vejo o Daniel e a Rebecca a

analisarem o perfil.

O Daniel é divertido.

Ele passa-me o portátil.

– Preenche o resto.

– O quê?

– Preenchi por ti, responde à próxima pergunta.

– O quê?

– Criámos-te um perfil – informa-me a Rebecca. – Faz-nos a vontade, por favor.

Nome	Pinkie Leroo
Altura	1,73 m
Peso	Perfeito
Aparência	Linda
Tempos livres	Ginásio e treinar, rir
Passatempo favorito	Comer fora e sexo
Profissão	Analista informática
Cor do cabelo	Loiro-areia
Olhos	Castanhos
Pele	Cor de azeitona

O que procura?

– Pinkie Leroo? – atiro. – Quem é essa?

– És tu.

– O quê? – e rio-me. – Não podias ter inventado um nome falso melhor? Soa a garrafa de vinho barato.

– Os homens adoram esta merda – responde o Daniel.

– A sério? – Leio os detalhes que adicionaram. – Pensava que íamos mentir nesta coisa.

– E vamos.

– Bem, gosto de comer fora e de sexo, por isso… – encolho os ombros.

– A parte do ginásio e de treinar também? – a Rebecca levanta uma sobrancelha, impaciente.

– Isto é ridículo. – Fecho o computador e levanto-me. – Vou para a cama. – Ponho-me nas pontas dos pés e beijo a bochecha do Daniel. – Boa noite, seu maroto.

– Boa noite. Preenche o perfil, vou verificar de manhã.

Reviro os olhos enquanto começo a subir as escadas.

– Preocupa-te só com o teu perfil, ou, mais especificamente, com a facilidade com que te satisfazes – digo. – Devias trabalhar nisso. Aumentar um pouco os padrões.

– Não fales mal sem experimentares – responde.

– Uf – a Rebecca estremece. – Nunca vou fazer isso com uma mulher. Tipo, nunca.

É muito… perto… literalmente.

Surge-me uma imagem muito má, e franzo o sobrolho com uma gargalhada.

– Para – grito.

Meia hora mais tarde, estou deitada na cama. Tomei duche, estou enrolada numa toalha, e as palavras de há pouco do Daniel e da Rebecca passam-me pela cabeça; mais importante, penso nas minhas palavras: *Gostava de ser mais como tu*.

Quem quero enganar, *sou* livre.

Não sei onde fui buscar esta ideia de que tenho as mãos atadas. São os homens que têm ideias preconcebidas sobre o que querem; estão todos à procura da próxima Barbie.

Leio o perfil que criaram e sorrio quando uma ideia me vem à cabeça. Vou provar quão superficiais e inconstantes são os homens.

Abro o computador, volto ao perfil e altero as minhas respostas.

Nome	Pinkie Leroo
Altura	No ponto
Peso	Cara bonita
Aparência	Abaixo da média
Tempos livres	Brincar com os meus doze gatos
Passatempo favorito	Lavar o cabelo
Profissão	Taxidermia
Cor do cabelo	Rosa – tal como o nome
Olhos	Brilhantes como estrelas
Pele	Branca pastosa

Na Internet, pesquiso a fotografia de um gato. Encontro um, enorme e gordo, com olhos esbugalhados. É o gato mais feio que já vi.

– Aqui, gatinho felpudo – sorrio ao carregá-la como foto de perfil. Leio novamente a pergunta:

«O que procura?»

Inspiro profundamente e penso, *hum*… Quero escrever algo que me mostre o que já sei, que ninguém me interessa, de todo. Torço os lábios e contemplo as minhas palavras.

«Estou à procura de alguém que seja de uma só cor, mas não de um só tamanho. De alguém que esteja preso no fundo, mas que voe com facilidade. Presente ao sol, mas não à chuva.
Que não faça mal, mas que não sinta dor.»

Sorrio e carrego no botão para submeter: isto vai afastá-los. Ninguém vai responder.

É quinta-feira e tem sido a melhor semana que tive desde há muito tempo.

O Daniel é hilariante, e temos jantado fora todas as noites, porque, aparentemente, nunca lhe apetece nada feito em casa.

Temos gostos de champanhe com um orçamento de cerveja.

Ele anunciou que, por defeito, somos agora oficialmente as suas melhores amigas, visto que não tem mais ninguém na cidade. Até me pediu para ir a um evento na próxima semana para o qual foi convidado. Vou como sua acompanhante, mas não é um encontro, não é assim entre nós.

Mas tenho de admitir que é uma ótima companhia.

Oh, e surpresa, surpresa… ninguém me enviou mensagem na aplicação de encontros.

Tal como sabia que não o fariam.

Sorrio enquanto me enfio no meu uniforme de netbol.

Estou na casa de banho do prédio do meu escritório. Por hoje, o trabalho acabou e vou jogar netbol às seis e meia; não há tempo suficiente para ir a casa e voltar à cidade.

Faço deslizar o uniforme pelos ombros e encolho-me ao olhar para mim.

– Oh… credo – sussurro. – Isto é horrível.

O vestido é justo, vermelho-vivo, cola-se ao meu corpo como supercola e é supercurto.

Dirijo-me ao espelho e olho para o meu reflexo. Pareço uma jogadora de netbol numa cena pornográfica qualquer.

Não sei se deva rir ou chorar.

– Uf, quem é que escolheu estes uniformes? – suspiro enquanto reposiciono as mamas. – Tão feio.

Encolho os ombros. Pronto, lá terá de ser. Faço um rabo de cavalo alto e volto para o meu escritório. Ainda é muito cedo para ir, por isso, vou tratar de alguns assuntos enquanto espero.

ELLIOT

Olho para o relógio. O Jameson e o Tristan estão cá e foram lá abaixo com o Christopher. Estou a terminar estes relatórios e, depois, vamos sair. Gerir o ramo londrino da Miles Media, uma das maiores empresas de comunicação do mundo, tem as suas provações e tribulações. Posso ser o patrão, mas, com isso, vem um sentido de responsabilidade interminável.

O meu irmão Jameson é o diretor-executivo da empresa, nos Estados Unidos, e eu supervisiono o Reino Unido e a Alemanha. Em França, gerimos em conjunto. É um cargo stressante, mas que me dá imenso prazer.

Estão a demorar séculos, o que raio estarão a fazer?

Clico na câmara de segurança para ver se estão perto; uma série de imagens surge no ecrã do meu computador. Passo os olhos e vejo que estão no primeiro piso, e estou prestes a clicar para sair quando algo brilhante pisca no canto inferior esquerdo do ecrã, chamando a minha atenção.

O que é isto?

Clico para aumentar o ecrã para uma investigação mais aprofundada.

É uma mulher de rabo de cavalo e um vestido desportivo de licra vermelho-vivo… É justo, de corpo inteiro e

tem uma pequena saia curta e fluída… O quê?

Está de costas para a câmara e de pé junto a uma fotocopiadora.

Analiso o ecrã para tentar perceber de onde vem a imagem. Parece… a sala das fotocópias, talvez. Não consigo situá-la, será uma empregada de limpeza ou algo do género? Não, uma empregada de limpeza não estaria a fotocopiar.

Estou confuso.

Ligo o som da câmara e ouço música; é a voz de um homem.

– «Boa noite, estão a ouvir ***Disco com o Dave***».

O rádio está ligado.

– «Tenho o vosso som para esta noite, pessoal. Preparem-se para festejar com as melhores músicas ***disco*** de todos os tempos» – continua a voz.

Começa uma música, é cativante e familiar, embora não a consiga identificar.

A mulher com o vestido curto de licra começa a mexer o rabo ao ritmo da batida; dá dois solavancos para um lado e, depois, para o outro.

Hum, interessante.

Apoiado na minha secretária, pressiono o meu dedo indicador contra a minha têmpora e vejo-a a mexer-se ao som de «Ring My Bell».

Ela está mesmo a dançar enquanto tira fotocópias, e eu sorrio; os meus olhos descem para as suas longas pernas, musculadas e bem torneadas. Tem uma cintura pequena, e a curva das suas ancas é acentuada pela forma como se movimenta de um lado para o outro.

Hum…

Passo o dedo sobre os meus lábios e sento-me, totalmente distraído pelo rabo sensual a abanar no vestido vermelho.

A forma como saltita ao ritmo da música é tão alegre… Está a dançar como se ninguém estivesse a ver. Só que eu estou, e é muito…

Ela deixa cair um dos seus papéis e inclina-se com as pernas esticadas para o apanhar; tenho uma visão completa do seu rabo apertado, nos seus minúsculos calções vermelhos de licra.

O meu membro contrai-se, as minhas sobrancelhas erguem-se de surpresa, e fico sentado no meu lugar, com o interesse oficialmente despertado.

Ela rola as ancas, e uma onda de excitação percorre-me; começo a ouvir a minha pulsação nos ouvidos. A forma como dança e se move é tão…

Sensual para caraças.

Tenho a tenda montada nas calças e inspiro profundamente. Não me lembro da última vez que uma mulher me excitou só de a olhar.

Ela deixa cair outro ficheiro e baixa-se para o apanhar, e, mais uma vez, tenho uma visão completa das suas pernas e do seu rabo musculados. Inalo profundamente quando ela se levanta, o meu corpo imagina como seria tê-la perto, e rearranjo as calças.

Deliciosa.

Ela vira-se para a câmara e, pela primeira vez, vejo o seu rosto; dou um salto para trás, afastando-me do computador.

Mas que raios?

É a Kathryn…

– Estás pronto? – a voz do Tristan soa por detrás de mim.

Clico imediatamente para sair das filmagens e baralho os papéis na minha secretária, completamente confuso.

– Vou ter convosco ao átrio de entrada – balbucio. – Tenho de tratar de uns assuntos.

– Está bem, não demores, sim? – diz o Jameson.

Ouço-os sair no elevador e fico a olhar para o ecrã do meu computador, em choque.

Não.

Não pode ser.

A Kathryn não é uma brasa, nunca foi uma brasa. Eu teria reparado se ela fosse assim tão sensual.

O meu pau lateja, exigindo atenção, e eu, culpado, olho para trás, para a porta, e certifico-me de que os meus irmãos já se foram embora.

Só mais uma espreitadela rápida… Não vai fazer mal.

O mais provável é que nem fosse ela.

Abro novamente o computador e vejo o vestido vermelho a saltar ao ritmo da música.

É ela.

Agora, está de frente para a câmara, e os meus olhos percorrem a forma como os seus seios balançam. A curva do seu pescoço, a cintura apertada. A forma como o seu rabo de cavalo alto se move quando dança.

Imagino-me a enrolar aquele rabo de cavalo à volta da mão enquanto a empurro até baixo para me chupar.

O meu pau aperta. Tremo com um abanar de cabeça de nojo.

Foda-se…

Preciso de dar uma queca.

Capítulo Dois

Arrumo a minha secretária à pressa – quero afastar-me do meu computador o mais rapidamente possível. Fecho-o e, após uma última vista de olhos ao meu escritório, dirijo-me ao elevador, carrego no botão com força e expiro profundamente.

Estou agitado: é raro uma mulher provocar-me uma reação física. Ultimamente, tenho-me debatido com problemas de atração, nenhuma parece atrair-me, por mais bonita que seja, e não faço ideia porquê. Talvez seja o facto de ter saído com algumas das mulheres mais bonitas e extraordinárias do mundo e, ainda assim, nada. Não encontrei o que estou à procura. Talvez os meus irmãos tenham razão quanto ao facto de os meus padrões serem irrealisticamente elevados.

Mas uma ereção dura como uma pedra por causa de uma funcionária que desprezo, Kathryn Landon.

Não, porra.

Saio do elevador em passo acelerado, entro no átrio e vejo o Jameson, o Tristan e o Christopher à minha espera, no passeio. O Jay e o Christopher estão a ver algo no telemóvel do Jameson, concentrados numa conversa.

– Vamos? – digo, impaciente. – Ou quê?

O Tristan olha para cima.

– Estamos à tua espera, idiota. O que achas?

Reviro os olhos enquanto passo a mão pelo cabelo.

– Vamos beber qualquer coisa?

– Sim – murmura o Jay.

Viramos a esquina e começamos a andar, e o Tristan tira o telemóvel do bolso; os seus olhos estreitam-se quando vê o nome no ecrã.

– Quem é? – pergunto.

– É o Malcolm, o meu vizinho – e atende.

– Olá, Malcolm.

Ouve enquanto caminhamos e, depois, vira os olhos na minha direção e abana subtilmente a cabeça.

– O que foi? – pergunto.

– Harrison – responde.

Rio-me. O filho do meio do Tristan está a pô-lo grisalho.

É selvagem como um urso.

– Obrigado por me contares, Malcolm, trato disso a partir de agora – e ouve. – Não, agradeço por não ligares à Claire, ela não tem mãos a medir com as miúdas – diz. – Obrigado, novamente. – Desliga e liga imediatamente para um número. – Vou matar o idiota deste miúdo com um sorriso no rosto – murmura, baixinho.

Sorrio ao caminhar e vou ouvindo.

– Harrison – ladra. – Importas-te de me dizer porque é que o Malcolm acabou de me ligar para me dizer que ias a acelerar na nossa rua, ontem à noite? Disse-me que estavas a exceder o limite de velocidade.

Ele ouve.

– Ouve – ladra. – Falei contigo sobre isto ainda na semana passada. Estás a conduzir demasiado depressa para alguém que acabou de tirar a carta, e não vou tolerar isso. – Ouve novamente. – Não comeces com essas tretas. Por que razão iria o Malcolm inventar isto? – revira os olhos com repugnância. –
O Malcolm não está a tentar arranjar-te sarilhos. Não, eu avisei-te. Ficas sem carro durante um mês.

Ouve novamente, com cara de assassino.

Solto uma gargalhada e viro-me para ver o Jay e o Christopher atrás de nós, ainda a olhar para o telemóvel.

– O que é que vocês dois estão a fazer? – disparo.

– À procura de uma coisa – responde o Chris, e aponta para o Tristan. – Para quem está ele a gritar?

– Adivinha – suspiro.

O Jameson sorri.

– O que é que o Harry fez agora?

– Excesso de velocidade.

– Entrega as chaves à tua mãe agora mesmo, rapazinho… ou apanho o primeiro avião para casa – grunhe o Tristan. – Percebeste?

Ouve novamente.

– Isto pode ser um choque para ti, Harrison, mas não és invencível – diz o Tristan, com brusquidão. – Vais provocar um acidente ou, Deus nos livre, matares-te, e não vou permitir isso. Entrega o raio das chaves.

– Rainha do drama – diz o Jameson enquanto revira os olhos.

Rio-me; ver o Tristan a orientar adolescentes rebeldes é capaz de ser o meu passatempo preferido.

O Tristan desliga e enfia o telemóvel no bolso, furioso.

– Aquele maldito miúdo, sempre que saio de casa, mete-se em merdas – e bate com a mão no punho.

Entramos num bar e sentamo-nos ao fundo; a empregada aproxima-se de nós.

– O que vai ser?

– Quero um ***Blue Label Scotch***, por favor – responde o Tristan demasiado depressa. – Na verdade, quero um duplo.

– Queria uma ***Corona*** – sorrio; ninguém irrita o Tristan como o Harry.

– O mesmo – responde o Christopher.

– São três – diz o Jameson.

O Christopher ri-se quando vê algo no telemóvel do Jameson e, depois, passa-o para mim.

– O que é isto? – pergunto enquanto lhes tiro o telemóvel. Olho para o ecrã, vejo uma fotografia minha e franzo o sobrolho, tentando perceber o que se está a passar. – O que é isto?

– Esta aplicação de encontros está a usar a tua fotografia – o Christopher sorri pateticamente.

– Deves estar a brincar comigo – digo, com brusquidão. – Certamente que qualquer pessoa com meio cérebro sabe que eu nunca entraria numa aplicação de encontros.

– Bem, tu és bonito, e só está a usar a tua imagem para engatar miúdas – o Tristan sorri. – No entanto, se quisesse mesmo engatar, deviam ter usado a minha foto.

Percorro a aplicação, zangado.

– Onde faço queixa desta merda? Quero isto retirado imediatamente.

– Deve haver uma espécie de secção de informação ou de administração – diz o Christopher quando as nossas bebidas chegam. Os rapazes começam a conversar, e eu continuo a percorrer a aplicação enquanto procuro uma página de contacto onde possa denunciar este monte de merda. Estou a passar pela página quando algo me chama a atenção: o gato mais feio que alguma vez vi, gordo e peludo, com olhos esbugalhados. Quem usaria isto como foto de perfil numa aplicação de encontros?

Os meus olhos percorrem o perfil e o nome Pinkie Leroo. Pinkie Leroo. Franzo o sobrolho. Que nome é este?

Leio a descrição.

Nome	Pinkie Leroo
Altura	No ponto
Peso	Cara bonita
Aparência	Abaixo da média
Tempos livres	Brincar com os meus doze gatos

Passatempo favorito	Lavar o cabelo
Profissão	Taxidermia
Cor do cabelo	Rosa – tal como o nome
Olhos	Brilhantes como estrelas
Pele	Branca pastosa

Aparência abaixo da média… quem diz estas coisas?

Taxidermia… Ela empalha animais mortos como modo de vida? Quem é esta louca? É oficial, já vi de tudo.

Não posso acreditar que as pessoas consigam arranjar encontros nesta aplicação… Como?

Tenho a visão de uma mulher branca, de cabelo cor-de-rosa, sentada num sofá com doze gatos, rodeada de cadáveres de animais de peluche, e encolho-me.

Valha-me Deus.

Continuo a ler.

Estou à procura de alguém que seja de uma só cor, mas não de um só tamanho. De alguém que esteja preso no fundo, mas que voe com facilidade. Presente ao sol, mas não à chuva.

Que não faça mal, mas que não sinta dor.

Oh, por favor. Reviro os olhos.

Faço uma captura de ecrã da imagem do perfil que me foi roubada e envio-a a mim próprio, para tratar disto noutra altura.

Fez-se tarde, depois do jantar e das bebidas com os rapazes, e estou de volta ao meu apartamento, a descontrair. O luar entra pela janela, e bebo do meu uísque, recostado no meu cadeirão.

Fico a olhar para as cores, para a forma como se desvanecem na escuridão. Os raios de luz que se filtram dos céus.

Faço-o muitas vezes, sento-me aqui, a altas horas da noite, e inspiro a beleza do quadro na minha parede.

Leio o título:

PREDESTINADO

Em que estaria ela a pensar quando pintou isto? Um objeto, uma situação. O que estaria predestinado?

Uma pessoa?

Levanto o copo até aos meus lábios e sinto o calor do líquido âmbar a deslizar pela minha garganta.

Harriet Boucher… a mulher por quem estou enamorado, uma mulher que nem sequer conheço. Por estranho que pareça, sinto que a conheço.

Há uma honestidade nas suas pinceladas, uma ligação mais profunda à sua emoção, algo que não sinto noutras pinturas. É algo muito estranho e que não consigo explicar.

Olhar para os quadros da Harriet é como olhar para a sua alma.

Vertiginoso.

Sorrio ao imaginar a mulher mais velha; sei que é bonita, talvez já não fisicamente, mas definitivamente espiritualmente… emocionalmente.

Pelo que sei, é francesa e só recentemente entrou em cena. Harriet Boucher é uma artista que sigo, tenho todos os seus quadros, exceto três. Só há trinta em circulação, é uma reclusa e ninguém sabe quem é – só há sussurros.

Apenas tenho interesse nas peças de arte mais finas e únicas. Gastei milhões de dólares, e a minha coleção é uma das melhores do mundo.

Mas a Harriet é a rainha; é o seu trabalho que persigo. Imagino-a numa pitoresca cidade francesa do interior, a pintar ao ar livre, com um cavalete. Pergunto-me há quantos anos terá pintado isto e em que fase da sua vida se encontrava?

Seria nova ou velha, estaria apaixonada?

E quem estava predestinado? O amor da sua vida… e o seu filho?

Exalo profundamente ao olhar para o meu querido quadro. Vou investigar isto mais a fundo, tenho esta

necessidade de saber quem ela é.

Tenho vinte e sete dos seus quadros, gastei uma fortuna e, no entanto, a fome de a conhecer continua a atormentar-me.

Porquê… Não sei.

O que sei é que não quero estar a pensar na Kathryn Landon, preciso de uma distração.

Vou fazer alguns telefonemas na segunda-feira para tentar saber mais.

Tenho de o fazer, já nem sequer é uma escolha. Preciso de conhecer a pessoa que me afeta tão profundamente… pelo menos, para lho poder dizer.

Desbloqueio o telemóvel e lembro-me do perfil falso daquela aplicação de encontros barata e desagradável.

É enganador, tenho de o mandar retirar. Vou à procura na aplicação, mas não me deixa passar da primeira página, a não ser que me inscreva e crie um perfil.

Reviro os olhos com repugnância. Por amor da Santa… que merda é esta?

Apoio-me na mão e observo a saia vermelha a rodopiar, a forma como as suas ancas se movem, as pernas longas, a sexualidade de todo o conjunto… Revi este vídeo de segurança mais vezes do que gostaria de admitir, talvez de hora a hora. Não consigo parar de o ver, uma e outra vez.

É um prazer escondido, a última tara na pornografia.

Embora gostasse, não o posso negar, a Kathryn Landon excita-me.

Batem à porta, e minimizo rapidamente o ecrã.

– Sim – chamo.

O Christopher espreita.

– Vou lá abaixo, queres dar uma volta?

– Onde?

– À Informática.

Ergo as sobrancelhas.

– Informática?

– Sim, tenho de verificar alguns pormenores com a Kathryn sobre o relatório.

Levanto-me antes de ter tempo de responder.

– Vens? – pergunta, surpreendido.

– Sim, porque não? Preciso de esticar as pernas.

Apanhamos o elevador e, dois minutos depois, chegamos ao piso dez, o piso da Informática. Há estações de trabalho por todo o lado e, nas traseiras, há seis gabinetes com paredes de vidro e divisórias e estores pretos finos que oferecem privacidade a cada gabinete.

Sigo o Christopher pelo corredor enquanto as pessoas se atiram para as suas secretárias e fingem trabalhar. Nunca venho a este piso. Nunca precisei de o fazer; não sei exatamente porque estou aqui agora.

O Christopher fica a falar com alguém, eu continuo, chego à primeira porta de vidro e leio o letreiro:

«Kathryn Landon»

Hum, só o facto de ler este nome deixa-me um sabor amargo na boca. Bato à porta.

– Entre.

Abro a porta.

– Olá.

A Kathryn olha por cima do computador, como que surpreendida.

– Olá, Sr. Miles, a que devo esta honra?

Pressiono os lábios para não dizer algo sarcástico; esta mulher faz sobressair dez vezes mais o meu lado irónico.

– Estou a fazer uma ronda, pensei em passar por cá.

Ela finge um sorriso.

– Que bonito, o rei veio visitar os seus servos fiéis.

Olho-a enquanto cerro o maxilar.

Como é que alguém que, quando dança, é tão feliz e alegre, para não dizer insanamente sensual… pode estar cheia de puro veneno?

Entro e fecho a porta, sento-me à sua secretária e junto as mãos à minha frente.

Ela olha-me como se estivesse à espera que falasse… não falo, continuamos em silêncio.

– Então? – ela sorri.

Estreito os olhos e fico a olhá-la; o que se passa com esta maldita mulher?

Ninguém me trata como ela, a minha mera existência irrita-a.

Sorri como se estivesse feliz, mas o que sai da sua boca é sempre um pouco agressivo. Ela é o melhor isco para o mau feitio.

– Então, o quê? – respondo.

– Vai falar comigo na sua visita?

Tiro o pó do meu casaco e tento pensar em algo para dizer.

– Como é trabalhar aqui? – pergunto.

Ela revira os olhos.

– Vai tentar pagar-me para me demitir outra vez?

Estremeço. Eu fiz isso… não fiz?

– Claro que não – disparo. – Não seja ridícula.

Ela expira profundamente e volta-se para o computador.

– Bem, quer discutir alguma coisa?

Aquele teu vestidinho vermelho.

– Não particularmente. – Passo o meu dedo indicador pelos lábios, para trás e para a frente, enquanto a olho fixamente.

– Então… – ela eleva uma sobrancelha. – O que foi?

– O que quer dizer com o que foi?

– Porque está a agir de forma estranha? – pergunta.

– Não estou – ironizo ao levantar-me. – Vim visitá-la, mas obviamente não quer visitas.

– Sr. Miles.

– Elliot – corrijo-a.

Ela franze o sobrolho e observa-me.

– Certo, o facto de me pedir para lhe chamar isso é estranho por si só. Estou aqui há sete anos e nunca me pediu para lhe chamar assim nem se preocupou em visitar-me.

– Estive muito ocupado – respondo.

– Durante sete anos? – ela eleva uma sobrancelha.

– Precisamente. – Dirijo-me até à porta. – E agora sei porque estive tão ocupado.

– Porquê?

– Porque é uma péssima anfitriã, Kathryn.

Um ligeiro sorriso atravessa-lhe o rosto.

– Está mocado?

– O quê? – disparo. – Claro que não estou mocado.

– Pronto…

Inspiro profundamente enquanto tento pensar em algo para retificar esta conversa de caca.

– Vou embora – anuncio.

Ela sorri presunçosamente.

– Pronto…

– É tudo o que consegue dizer hoje… «Pronto»?

Ela estreita os olhos.

– Sr. Miles.

– Elliot – corrijo-a.

– Elliot, sente-se bem?

– Sentia, até vir aqui. – Expiro profundamente. – Agora, estragou-me completamente o dia.

Ela sorri e põe a mão sobre o peito.

– Aí está ele, graças a Deus, pensei que ia ter de chamar um médico.

Encaro-a.

– Adeus, Kathryn.

Ela sorri com doçura e acena com a ponta dos dedos.

– Adeus, tenha um bom dia, meu chefe preferido de sempre.

– Não me venha com paternalismos – respondo.

Ela vira-se para o computador.

– Estou só a ser uma boa anfitriã. Como me estou a sair?

– Está a falhar redondamente. – Saio do gabinete e volto para o elevador.

Carrego no botão com força e cerro o maxilar enquanto tento pensar numa desculpa razoável para ter vindo cá abaixo.

Não…

Não arranjo nada.

A mulher é uma autêntica cabra.

KATE

Uma hora depois, saio pela porta da frente do edifício e vejo o grande sorriso do Daniel: está encostado ao carro estacionado do outro lado da estrada.

Sorrio, aceno e dirijo-me a ele através de uma das ruas mais movimentadas de Londres.

– Como é que encontraste estacionamento aqui?

– Tive sorte, acho eu – pisca o olho. – Pensei que podíamos dar um pulinho às compras. – Põe o braço sobre os meus ombros enquanto andamos.

– Compras?– franzo o sobrolho. – Uf, não quero ir às compras, não consigo pensar em nada pior. Vemo-nos em casa.

– Bem… – faz uma pausa, como se estivesse à procura das palavras certas na sua cabeça. – Sabes quando te disse que fui convidado para aquela festa na quinta-feira à noite e te pedi para ires comigo?

– Sim.

– Olha, fiz algumas perguntas e acabaram de me enviar a lista de convidados.

– E então?

– Todos os potenciais clientes do mundo inteiro vão estar naquela sala.

Franzo o sobrolho novamente.

– Não te estou a perceber, de que raio estás a falar?

– Tens de estar incrível.

– Eu? – brinco e aponto para o meu peito. – Porquê eu?

– Porque toda a gente vai saber que fui eu que te vesti.

Paro.

– Não vou ser o teu cartaz ambulante, Daniel – respondo. – Mudei de ideias, já não quero ir, leva a Rebecca. Ela pode ser o teu manequim.

– Não. Preciso de ti. – Passa o seu braço pelo meu e arrasta-me. – Tens o aspeto de que preciso e sei exatamente o que vou fazer contigo. E não te preocupes, vou pagar tudo.

– Porque haverias de pagar?

– Bem, vou devolver tudo na sexta. Não te entusiasmes, não sou assim tão simpático.

– Isso não é, não sei… crime? – Os meus olhos arregalam-se de exasperação.

– Só um bocadinho, e se estragares alguma coisa, mato-te. E fiz-te uma marcação para cabelo e maquilhagem.

– O que tem o meu cabelo de errado? – grito.

Passa os dedos pelo cimo da minha cabeça e pelo carrapito bem arrumado atrás.

– Nada… se tiveres noventa anos.

Reviro os olhos enquanto ele me arrasta.

– Primeira paragem, *Givenchy* – e sorri, feliz.

– És louco? – suspiro. – Não tens dinheiro para *Givenchy*.

– Oh, cala-te – goza enquanto me puxa para os degraus da frente do edifício chique. – Estou a fingir até conseguir e, se estiveres comigo, também estás.

Olho-me e levanto as mãos para o ar em sinal de rendição.

– Pareço um maldito enfeite de Natal.

O Daniel está de joelhos com um alfinete a sair da boca. Enfia a mão na parte de baixo do meu vestido e mexe na bainha.

– Nada neste conjunto diz Natal – bufa. – Diz uma coisa que seja natalícia.

– Oh, não sei. – Olho para o meu reflexo no espelho. – Talvez as unhas pintadas, ou os grandes lábios vermelhos, talvez os sapatos de salto alto dourados… Oh, espera, e o maldito vestido dourado sem alças.

– Estás maravilhosa, Kate, admite. – A Rebecca sorri, sonhadora, enquanto se deita no chão alcatifado.

Volto a olhar-me nervosamente ao espelho e passo as mãos pelas ancas.

– Mas não pareço eu.

– É esse o objetivo – diz o Daniel enquanto se levanta e mexe no meu cabelo. – O teu cabelo fica ótimo com este comprimento.

– Também adoro as madeixas louras – diz a Beck. – Quanto é que ele cortou?

– Dez centímetros. Estava demasiado comprido; usava-lo apanhado todos os dias? – pergunta o Daniel.

– Uso-o apanhado para trabalhar, só isso.

– Acabou-se, ficas dez vezes mais bonita com o cabelo solto. Se o vir outra vez apanhado, arranco-te o elástico e não me interessa onde estamos ou quem vê.

– Estás a começar a tornar-te um colega de casa irritante – murmuro, secamente.

– Sinto-me lisonjeado – o Daniel agarra no telemóvel e começa a tirar fotografias.

– Não quero estar no teu Instagram – grunho.

– Oh, cala-te – suspira enquanto tira uma fotografia. – Sabes quantas mulheres matariam para ter um estilo assim?

Ele tem razão.

Sorrio tolamente.

– E de graça, se posso acrescentar – diz. – Sou muito caro, sabias?

– Desculpa – mostro-lhe um sorriso desigual. – É só…

– Só o quê, querida?

– Sinto-me muito… – a minha voz descarrila.

Ele deixa cair o telemóvel quando olha para cima.

– Muito o quê?

Aponto para as minhas mamas e, depois, para as minhas ancas.

– Exposta.

O Daniel sorri orgulhosamente enquanto junta as mãos.

– Meu anjo, se tivesse um corpo como o teu, nunca me preocuparia com roupas.

Reviro os olhos.

– Isso é porque és um ordinário delirante.

O Daniel ri-se com um encolher de ombros atrevido.

– Sou, não sou?

– Não é um elogio – respondo ao voltar a minha atenção para o espelho.

O meu cabelo, agora à altura dos ombros, está loiro-mel e tem grandes caracóis, o meu vestido não tem alças e é dourado – assenta-me que nem uma luva e não deixa nada à imaginação. A maquilhagem é esfumada, com grandes lábios vermelhos. Não pareço eu. Pareço alguém que se vê numa revista, e isso deixa-me muito nervosa. Ponho a mão na barriga.

– Tenho borboletas – sussurro.

O Daniel estende o braço, e uno o meu ao dele.

– É a forma de o universo te dizer que estás divina – e sorri, orgulhoso.

– Obrigada – olho para o seu fato preto. – Também estás bem jeitoso.

– Estou, não estou? – e pisca o olho, passando o telemóvel à Rebecca. – Uma para o Instagram.

A Rebecca levanta-se e tira uma fotografia, e o telemóvel do Daniel emite um sinal sonoro de mensagem, que ele verifica.

– O nosso carro chegou – anuncia. Dá um beijo na bochecha da Rebecca. – Não esperes acordada, doce, vamos incendiar a cidade durante toda a noite.

A Rebecca sorri, e eu solto uma risada.

– És tão dramático.

Ele leva-me até à porta.

– Sempre, meu anjo, sempre.

Enlaço o meu braço com o do Daniel enquanto entramos na sala.

– Estou tão nervosa que sinto que posso vomitar a qualquer momento – sussurro ao caminharmos por entre a multidão de gente bonita. Toda a gente está vestida a rigor, de modo formal; é realmente espetacular.

– Porquê? – sussurra de volta. – Porque estás sensual, para variar?

Leva-me até ao mapa dos lugares, e, ao olhar em redor, vejo o Elliot Miles.

– Foda-se – sussurro enquanto viro a cabeça para o lado, angustiada.

– O que foi, agora?

– O raio do meu patrão está cá.

– E então?

– Então… ele é um grande idiota – sussurro com raiva. – Não o posso ver nesta figura.

O Daniel olha por cima do meu ombro na sua direção.

– Oh… raios – sussurra. – Aquele é o teu… patrão? O Casanova Miles é o teu patrão… Estás a gozar comigo?

– Porque lhe chamaste isso?

– É a alcunha que a imprensa lhe dá. Bem merecida, pelo que ouvi dizer.

Olho-o por cima do ombro: o Elliot está a falar com os três irmãos. Oh, não, estão todos aqui.

– Não te deixes enganar pelo seu bom aspeto, ele sacava-te os rins fora com um piscar de olhos – digo.

– Querida… ele poderia cortar o que ele quisesse e, provavelmente, continuaria a ser bom.

Reviro os olhos com repugnância.

– Vamos ao bar. – O Daniel sorri enquanto me puxa pela mão.

Agarramos no nosso champanhe, e os seus olhos voltam para o canto onde estão os irmãos Miles; ele leva o copo aos lábios.

– Bem, bem, ele tem amigos bem poderosos.

– Quem?

– O teu patrão.

– Oh, ele. – Bebo do meu champanhe, desejando poder esvaziar o copo todo. – O que é que isso importa? – Concentro-me em sugar o meu estômago para dentro. – Este vestido está a sufocar-me – sussurro.

– Olha com quem ele está a falar – responde, totalmente distraído.

– Ouviste-me? Não consigo respirar nestas cuecas modeladoras. Porque preciso de

usar esta roupa interior ridícula? – sussurro.

– Para segurar a tua patareca no sítio. Ele está a falar com o Julian Masters e o Spencer Jones.

Rio-me e sugo champanhe nariz acima.

– Patareca? – tusso.

Bate-me nas costas.

– O que é uma patareca? – rio-me.

Os seus olhos mantêm-se fixos nos irmãos Miles por cima do meu ombro.

– A coisa peluda entre as tuas pernas.

Desato a rir.

– Mas que raios? – continuo a engasgar-me enquanto me rio.

– O Julian Masters vem de uma das famílias mais ricas do mundo, é juiz do Supremo Tribunal – continua.

Dou um gole da minha bebida, sem interesse.

– Para tua informação, a minha patareca não é peluda e não precisa de suporte.

– O Spencer Jones é um mulherengo, tudo o que faz aparece nos tabloides. – Sorve do seu champanhe. – Todas as patarecas precisam de suporte. Coisas desagradáveis em roupa de noite.

Rio-me.

– Quantas patarecas já viste em roupa de noite?

– Demasiadas para contar, morros horrendos. Oh… – solta um assobio baixo. – E aí vem o Sebastian Garcia.

Franzo o sobrolho e olho. Conheço, com certeza, o nome do primeiro-ministro do Reino Unido.

– Talvez estejam só sentados juntos.

– Não, agem como amigos de longa data.

Olho em redor para todas as pessoas bonitas, tantos vestidos lindos. Imagino o que deva ser vir a eventos de luxo como este a toda a hora.

– Oh, olha – sussurra o Daniel. – Ele já te viu.

– Quem? – dou um gole da minha bebida.

– O Elliot Miles – e sorri sombriamente. – E… gosta do que vê.

– O quê? – franzo o sobrolho.

– Está a olhar para ti de cima a baixo.

– O quê? – arregalo os olhos. – Como assim?

– Está a avaliar-te, porra.

– Bem, não há nada para ver – sussurro. – Porque a minha patareca está enterrada debaixo da roupa interior mais apertada do mundo.

O Daniel ri-se e bate com o copo no meu.

– *Touché*.

– Onde são os nossos lugares? – pergunto.

– Ele vem aí.

– O quê?

– Com o irmão.

Oh, não.

– Kate – ouço uma voz atrás de mim.

– Tristan – sorrio.

Beija-me as duas faces.

– Meu Deus, quando é que ficaste tão bonita? – e ri-se. – Estás incrível.

Olho por cima do seu ombro, para o Elliot, que está ali, de pé; mostra-me um sorriso abafado com um aceno de cabeça. Não é simpático como o irmão.

– Tristan, este é o Daniel. Daniel, este é o Tristan – apertam as mãos um ao outro.

– Elliot, este é o Daniel. Daniel, este é o Elliot. – O Elliot acena-lhe com a cabeça e aperta-lhe a mão.

Sem sorriso, sem cumprimento.

Deus… *que embaraçoso*.

– Vou ao bar – diz o Daniel.

– Eu também – responde o Tristan, e vão juntos.

Oh, não.

Os meus olhos flutuam para o Elliot enquanto ele me olha fixamente; há constrangimento entre nós.

– Vieste para gozar comigo por estar vestida assim? – pergunto.

– Antes pelo contrário, vim cá para te dizer que estás linda, mas, agora, retiro o que disse. Obviamente, não queres ouvir elogios.

Agarro no copo de champanhe com tanta força que quase o parto com as minhas mãos.

– É o teu namorado? – pergunta.

– Hum – olho para o Daniel e o Tristan no bar. – Amigo.

Os olhos do Elliot fixam-se nos meus.

– Que tipo de amigo?

– Não é… desse tipo – ele assente uma vez.

– Estou a ver.

– A tua… namorada está cá?

– Não tenho namorada.

– Esposa?

– Não – responde, de forma curta.

– Oh.

Um silêncio estranho instala-se entre nós e vejo os músculos do seu maxilar contraírem-se, como se também se sentisse desconfortável.

– Com licença, vou à casa de banho – sorrio.

Ele assente uma vez.

– Foi ótimo vê-lo, Sr. Miles.

– Elliot. – Os seus olhos estão em mim. – Igualmente.

O nosso olhar mantém-se durante alguns segundos mais do que deveria. O que se passa aqui?

Ele está diferente.

A noite foi um turbilhão. Não me lembro de rir assim há muito tempo. Dançámos e bebemos, e o Daniel meteu-se com as mulheres com quem precisa de trabalhar, e eu diverti-me imenso. É tarde, e a noite está a acabar.

– Hora de ir para casa – ele sorri enquanto nos balançamos ao som da música e, depois, olha para o outro lado da sala. – Kate… o que se passa entre ti e o teu patrão?

– Nada, porquê?

– Ele não tirou os olhos de ti a noite toda.

– Não sejas ridículo – rio-me, mas tenho de admitir que sempre que olho para o Elliot, ele já está a olhar para mim. – Não tirou nada.

– Estou-te a dizer, querida, leio a mente dos homens.

Rio-me.

– E o que diz a mente dele?

– Está a dizer que vai dobrar-te sobre a secretária e comer-te com força.

Rio-me novamente.

– Não me parece.

– É muito incomum.

– O quê?

– Sabes com que tipo de mulheres ele costuma sair?

– Não, e nem quero saber.

– Querida, precisas mesmo de te manter atualizada sobre os acontecimentos atuais. Não lês os tabloides?

– Não, e estou chocada por o fazeres.

– Namorou com uma aclamada cantora de ópera, uma autora, uma advogada dos direitos humanos. Nunca sai com mulheres comuns, e quer-te a ti.

– Deveria, então, sentir-me lisonjeada por ser a mulher comum?

– Sabes o que quis dizer – e pisca-me o olho de forma atrevida.

Desato a rir, e ele faz-me girar. Olho para o Elliot Miles, que me lança o melhor olhar de «vem-me foder» que alguma vez vi.

Os nossos olhares fixam-se e, por um momento, o tempo para. O meu estômago revolve-se, e desvio o olhar.

Que raio foi isto?

É terça-feira à noite, tarde. Faço uma chávena de chá e pouso-a na minha mesa de

cabeceira, começo a percorrer o meu telemóvel e clico na aplicação de encontros.

«Tem mensagens.»

O quê?

Abro a caixa de *chat* e leio a mensagem.

«Cara senhora Leroo,

Pareces mesmo muito tentadora. No entanto, tenho alergia a gatos e, com os teus doze, namorar contigo é uma impossibilidade.

O meu melhor conselho é que saias e olhes para o chão, aí encontrarás o teu verdadeiro amor, embora, como ambos sabemos, namorar com uma sombra tenha os seus próprios obstáculos.

Estou certo de que estás a tentar (muito mal, devo acrescentar) ser espirituosa.

A vida deve ser muito aborrecida do teu lado.

Boa sorte nas tuas aventuras amorosas, Senhora Leroo. Com frases de engate como as tuas, vais precisar.

Continua a perseguir o sol.

Edgar Moffatt.»

Clico no perfil dele.

Nome	Edgar Moffatt
Altura	1,28 m
Peso	Tamanho de *snack*
Aparência	Muito bonito
Tempos livres	Brincar com a minha pequena pila
Passatempo favorito	Ver pornografia
Profissão	Garbologista/acariciador de pénis
Cor do cabelo	Totalmente careca
Olhos	Verdes
Pele	Por todo o meu corpo

Um sorriso pateta atravessa-me o rosto, e encosto-me à cabeceira da cama ao reler a mensagem.

Continua a perseguir o sol.

É isso que estou a fazer, Edgar Moffatt, o acariciador de pénis, é isso que estou a fazer.

Encosto a cabeça à parede enquanto o suor me escorre pelo peito; são cerca das oito da noite de quarta-feira e, depois do dia mais longo da História, estou na sauna do ginásio.

Está quente e húmido, e solto um suspiro descontraído.

A porta abre-se, e o Elliot Miles aparece com uma toalha branca enrolada à cintura.

Está nu da cintura para cima, e a pele bronzeada e os músculos são tudo o que vejo.

Raios.

Engulo o nó na garganta.

Ele olha para cima e o seu passo vacila quando me vê.

– Kathryn – e senta-se.

– Olá – guincho.

A porta abre-se e um homem entra.

– Está cheio – diz o Elliot. – Volte mais tarde.

Capítulo Três

Olho fixamente em frente. Merda… Não olhes para ele, não olhes para ele, *não olhes para ele*.

– Não sabia que vinhas ao ginásio do trabalho – responde casualmente.

– Hum-hum – sorrio, embaraçada, enquanto mantenho o olhar direcionado para a frente. Qual é a etiqueta correta nas saunas? Quer dizer, já cá estive algumas vezes e nunca precisei de me concentrar para não olhar para ninguém.

O ar é denso e quente, e encontro um pedaço de madeira na parte de trás da porta e fico a olhá-lo. A presença do Elliot consome tudo e ocupa o pequeno espaço; quase consigo sentir daqui a sua nudez debaixo da toalha.

Olha em frente, relembro-me.

Não lhe dês a satisfação de te babares pelos seus músculos. Raios, porque tem de ter músculos?

– Como foi o teu dia? – pergunta-me.

– Foi bom, obrigada – sorrio. – Como foi o teu?

– Acabou de ficar muito melhor, obrigado.

A minha sobrancelha franze, o que é que isso quer dizer? Isso quer dizer que melhorou quando veio para aqui comigo? Faço círculos com o dedo na madeira do banco ao meu lado, sem saber o que dizer ou para onde olhar.

Ou o que pensar.

A minha mente quer ir para um lugar escuro e olhar para os músculos dourados que sinto a provocarem-me a partir da minha visão periférica.

Mas não o farei, vou continuar a olhar em frente.

– Vens muitas vezes ao ginásio? – pergunto, para tentar preencher o vazio entre nós.

– Não o suficiente – diz. – Tenho um ginásio em casa e, normalmente, corro lá à noite. Mas hoje já é tarde e sei que quando lá chegar vou querer descontrair. Corri uma meia hora rápida na passadeira.

Imagino-o a correr e o suor a escorrer-lhe pelo…

Agarro no assento por baixo de mim com toda a força. «Oh» é tudo o que consigo forçar a sair da minha boca. Olho para mim: a parte de cima do meu biquíni preto está a cobrir todas as minhas partes.

Apenas.

O que deve ele pensar?

– Olhas sempre para a parede na sauna? – pergunta o Elliot.

– Bem, é uma caixa de madeira quadrada – encolho os ombros. – Para onde é que é suposto olhar?

O Elliot solta um risinho, e mordo o lábio para esconder o meu sorriso envergonhado. Ele sabe que estou a evitar olhá-lo com todas as minhas forças.

– Não sei, talvez para a pessoa com quem estás a falar? – responde. Arrasto os olhos para ele.

– Está melhor. – Os seus olhos fixam-se nos meus e, depois, dá-me um sorriso lento e sensual.

Sinto-o no fundo do meu estômago, e borboletas agitam-se. Que raio se está a passar aqui? Juro por Deus que ele está diferente, mas não sei porquê.

Se não o conhecesse bem, diria mesmo que está a ser mais do que amigável, talvez um pouco atiradiço. É como se me tivesse escapado uma parte da conversa, mas não sei bem o que é.

– Porque queres que olhe para ti, Elliot? – pergunto enquanto me concentro em olhar para a sua cara.

No meu caso, já passou muito tempo entre bebidas, e por bebidas, quero dizer sexo. Detesto admiti-lo, mas, depois de ver Elliot Miles no seu fato preto, na semana passada, ele passou nu pela minha cabeça mais do que uma vez.

Incapaz de resistir, o meu olhar desce. Tal como suspeitava, um peito abundante e largo, com alguns pelos escuros, ombros esculpidos e um abdómen extremamente definido. A sua pele é de um belo bronzeado brilhante. Faz com que a toalha pareça ser branca fluorescente.

Ficamos sentados em silêncio durante alguns minutos. Enquanto ele parece perfeitamente feliz com a situação, eu só quero que a terra me engula para poder morrer. Se me levantar para sair, ele tem uma visão panorâmica do meu corpo.

Com verrugas e tudo.

Quer dizer, tenho uma toalha, mas é muito pequena. Porque tinha de poupar espaço no raio do saco do ginásio?

Inclina-se para trás e encosta-se à parede, com os músculos do estômago a contraírem-se à luz.

Não olhes para baixo, faças o que fizeres, não olhes para baixo, porra.

Bem, isto é mesmo incrível. Venho aqui para descontrair e, em vez disso, tenho uma visão panorâmica do corpo escaldante do meu patrão idiota.

– Há quanto tempo conheces o Daniel? – pergunta.

Franzo o sobrolho, como é que ele se lembra do nome dele?

– Não há muito. Porque perguntas?

Os olhos do Elliot fixam-se nos meus e encolhe suavemente os ombros.

– Por nada. Disseste que eram só amigos…

Corto-lhe a palavra.

– Somos só amigos.

Ele eleva a sobrancelha.

– Ele está sempre a tocar-te.

– O quê? Não está nada. É só da personalidade dele. É muito carinhoso.

– Eu reparei – diz, secamente.

Fito-o enquanto o meu cérebro deixa de funcionar.

– Porque repararias nisso? – pergunto. – E, mais importante ainda, porque é importante para ti?

– Não é – responde demasiado rápido. – É apenas uma observação.

Isto é bizarro.

Se eu não soubesse, diria que ele está um pouco ciumento. Mas isso é ridículo e ambos sabemos que não pode estar.

Fico a olhar para ele e a tentar decifrar o quebra-cabeças.

– Qual é o teu problema? – pergunto.

– Nenhum – dispara. E levanta-se num ápice e, pela primeira vez, tenho uma visão completa do seu físico de Adónis.

Oh, Deus.

O Elliot Miles pode ser muitas coisas, mas posso confirmar garantidamente que fica bem numa toalha.

Não que queira saber, claro.

– Tenho andado a pensar em ti – diz o Daniel enquanto descemos a rua para ir buscar a nossa comida tailandesa, com o braço dele entrelaçado no meu.

– Em mim? – pergunto.

– Não fiques ofendida.

Reviro os olhos.

– Quando alguém diz «não fiques ofendida», significa que vai dizer algo ofensivo.

Sorri e os seus olhos fixam-se em mim.

– Como eras antes de os teus pais morrerem?

– Como assim?

– Como eras? Vestias-te de forma diferente? Tinhas passatempos, eras social?

Baixo a cabeça enquanto caminhamos; nunca ninguém me tinha perguntado isto.

– Acho que sim… – a minha voz descarrila e encolho os ombros. – Não sei.

– Fazias um esforço para estar bonita todos os dias?

Penso e aceno.

– Sim.

– Estavas sempre focada no trabalho?

Abano a cabeça, triste.

– Nem lá perto.

– Tinhas um namorado?

– Tinha, mas acabámos pouco depois dos meus pais morrerem.

– E não tiveste uma relação longa desde aí?

Encolho os ombros.

– Querida – inclina-se e beija-me o ombro. – Tenho-me perguntado porque é que alguém tão bonita como tu… age desta forma.

Franzo o sobrolho em jeito de pergunta.

– Escondes-te atrás da tua dor, não é?

Os meus olhos enchem-se de lágrimas e deixo cair a cabeça. Ouvir alguém dizê-lo em voz alta…

Nunca mais fui a mesma desde esse dia, sei que não.

Sinto falta dos meus pais, sinto falta do seu amor incondicional. E as suas mortes não deviam ter que ver comigo, mas porque me deixaram aqui sozinha?

Fico com um nó na garganta.

Limpo, com raiva, uma única lágrima que escapa.

– Para, não quero falar sobre isto.

O Daniel beija novamente o meu ombro.

– Pronto. Não falamos. Devia ter trazido os rolinhos de vegetais, estou cheio de fome – diz, para mudar de assunto. Aperta o meu braço.

Finjo um sorriso e, pela primeira vez em muito tempo, sinto que alguém me compreende.

Rodo o anel no dedo e fico a olhar para o vazio; estou no comboio a caminho de casa depois do trabalho, a tentar analisar os últimos dias. Tenho andado ocupada e preocupada, mas não consigo parar de pensar no que o Daniel disse sobre estar a esconder-me atrás da minha dor.

É por isso que sou tão analítica no trabalho, porque a alternativa é ir-me abaixo e perder o emprego?

Se não estiver bonita, ninguém vai reparar em mim… e o meu coração nunca mais poderá ser partido.

A minha mente está uma confusão e, apesar de tudo, não consigo tirar da cabeça a visão do Elliot Miles numa toalha.

Penso naqueles músculos quando acordo, penso neles quando vou para o trabalho, penso neles quando vou dormir. No chuveiro, no ginásio, sozinha na cama… é só dizer, já pensei nisso. E acreditem em mim, as coisas que estou a pensar vão fazer com que me mandem diretamente para o inferno. Digamos que, nos meus sonhos, o Elliot Miles passou muito tempo com a cabeça entre as minhas pernas, e a sua língua é muito forte. Quase consigo ver a minha excitação a brilhar nos seus lábios quando

olha para mim, sinto o ardor da sua barba na parte interna das minhas coxas.

Não paro de fantasiar com a possibilidade de ser convocada para o seu gabinete e de ser dobrada sobre a sua secretária enquanto ele faz o seu trabalho perverso comigo, e é sensual, duro e suado.

E continua e continua e continua.

Oh, Deus… que raio se está a passar comigo ultimamente?

E o pior de tudo é que nem sequer gosto dele. De facto, até há uma semana, diria mesmo que o desprezava.

Mas algo está a mudar em mim, e não sei o que é, nem como o explicar.

As minhas hormonas estão a ter uma espécie de colapso, e transformei-me numa daquelas pessoas que pensa em sexo a toda a hora.

Aquela maldita toalha branca só me arranja problemas.

Aproximamo-nos da minha paragem, levanto-me e vislumbro o meu reflexo na porta de vidro, sentindo-me desapontada com o que vejo. Estou com um ar desmazelado e tão diferente do que estava na outra noite, no baile.

Talvez esteja na altura.

Sorrio ao ler o *e-mail* na cama e respondo.

«Querido Edgar,

É uma pena que não gostes de gatos, podias ter tido uma vida feliz cheia de amor felino.

Mas estou fascinada, o que sugeres que use como frases de engate no futuro?

Como acariciador de pénis, a tua palavra é o evangelho.

Aguardo a tua resposta com grande expectativa.

Pinkie Leroo»

– Boa noite – diz o Daniel ao espreitar pela porta. Desvio o olhar do computador.

– Boa noite.

– O que estás a fazer? – pergunta.

– Ah – encolho os ombros, timidamente. – A passar tempo no computador, a que horas chegaste a casa?

– Só agora.

– Como correu hoje?

Ele encosta-se à ombreira da porta.

– Bem, hoje vesti a maior chata que já conheci.

– Porquê?

– Diz que quer um visual completamente novo, mas, depois, odeia tudo o que lhe recomendo e recusa-se a experimentar.

Sorrio.

– Isso é comum?

– Às vezes. Normalmente, com pessoas que nunca foram vestidas antes. A mudança é assustadora para algumas.

– Suponho que sim.

– Mas tu não. Foste uma verdadeira profissional, olha o que vestiste na semana passada.

Sorrio timidamente e ocorre-me uma ideia. Hesito e olho para o meu armário.

– Talvez devesse pedir-te para me ajudares a comprar roupas novas.

– Bem, bem… bem.

– Quer dizer. – Torço os dedos no meu colo, envergonhada por ter dito aquilo em voz alta. – Quer dizer…

– Não és fútil.

– Exatamente.

– Só precisas de algumas indicações.

– Sim – sorrio e penso por um momento. – No meu lugar, o que vestirias para ir trabalhar amanhã?

Os olhos do Daniel fixam-se nos meus.

– Se quisesses… – a sua voz descarrila.

– Não sei – encolho os ombros. – Estar bonita.

– Para impressionar um certo CEO?

– Não – ironizo. – Isto não tem nada que ver com o Elliot Miles.

O Daniel dirige-se ao meu armário e começa a remexer nos cabides.

– Querida, devia. – Ouço-o a mexer lá dentro. – Onde estão as tuas saias?

Franzo o sobrolho e sento-me sobre os joelhos.

– Como assim?

– Onde estão as tuas saias de trabalho?

– Oh – penso por um momento. – Normalmente, uso calças.

Ele espreita pelo canto do meu armário.

– Todos os dias?

Aceno.

– Também usas rasos, não é?

– Não… totalmente rasos – encolho os ombros.

Ele revira os olhos e volta a entrar no armário.

– Bem, não vejo qual é a vantagem de estar desconfortável no trabalho, sabes?

– Não, não sei, e parecer triste é o que te deve deixar desconfortável, Kate – diz-me.

Reviro os olhos.

Um cabide com uma camisa sai a voar e cai no chão.

– O que estás a fazer? – franzo o sobrolho.

– A limpar esta porcaria de armário.

– Agora? São nove da noite.

– Não consigo encontrar nada aqui.

– De que é que estás para aí a falar? Está completamente organizado por secções – respondo.

– Há a secção da porcaria e, depois, há a secção da porcaria a sério – murmura secamente; outro cabide sai a voar e aterra no chão. – O que raio é isto?

Ouço-o a remexer lá dentro, sai um par de sapatos e, depois, mais alguns cabides.

– E camisas? Onde estão as camisas que usas?

– Por amor de Deus, és cego? – levanto-me da cama, entro e aponto para a secção das camisas. – Aqui.

O Daniel franze o sobrolho enquanto olha para as opções.

– *Só* isto?

– Sim.

– Vou levar-te às compras com urgência.

– Não tenho dinheiro para *Givenchy*, Daniel – suspiro.

– Não precisas de gastar uma fortuna para estares bonita, Kate. – E enrola o lábio como se eu não soubesse de nada, depois segura numa camisa, olha-a e abana a cabeça. – Onde é que arranjaste isto?

– Universidade.

Ele arregala os olhos.

– Tens esta camisa desde a universidade?

Encolho os ombros.

– Parece que sim.

– Oh, Deus amado. – Continua a passar a pente fino as minhas roupas e, depois, tira um vestido preto comprido; é justo, sem mangas e num material informal. Encosta-o ao meu corpo. – Consigo trabalhar com isto. – Ele pensa por um momento. – Na verdade, tenho um saco com amostras no meu carro, acho que está lá uma camisa. – E sai a correr do quarto, ouço-o descer as escadas e a porta da frente a abrir-se. Momentos depois, ouço-o subir as escadas, duas de cada vez. Sorrio; esta é realmente a sua vocação, ele adora.

De volta ao meu quarto, abre o fecho do saco, tira uma camisa preta e sorri.

– Isto.

Franzo o sobrolho ao olhar para a camisa.

– Isso?

– Por cima do vestido.

Franzo o sobrolho.

– O quê?

Agarra-me nos ombros e vira-me de novo para a cama.

– Confia em mim, sei o que estou a fazer.

Olho-me ao espelho do elevador. A imagem é pouco familiar. Estou a usar uma saia preta comprida e direita, que também serve de vestido. Por cima, uma camisa preta de botões ajustada com alguns botões desapertados. Um cinto de couro envernizado estrategicamente colocado para apertar a cintura e os saltos altos pretos do casamento da minha prima Mary.

O meu cabelo loiro está solto e penteado, e estou a usar maquilhagem, não muita, mas mais do que a habitual. Não me visto assim tão bem para sair, quanto mais para trabalhar.

E não sei porque estou a escolher fazê-lo agora… mas tenho de o fazer…

Deixo escapar um suspiro trémulo enquanto os nervos dançam no meu estômago.

Tenho uma reunião com o Elliot esta manhã e estou a caminho do seu escritório neste momento. Olho novamente para o meu reflexo e encolho-me. Oh, isto é estúpido, o que raio estou a fazer? Carrego no botão do piso dezasseis, preciso de sair. Não o posso ver nesta figura.

Ele vai perceber.

O elevador passa pelo piso dezasseis, e fecho os olhos. *Merda*.

As portas abrem-se no último andar, e deixo cair os ombros ao sair do elevador e ao entrar na receção, toda preta com uma moderna parede de madeira preta. Enormes letras douradas dizem-me exatamente onde estou, como se alguma vez me pudesse esquecer.

MILES MEDIA

O chão é de mármore preto e, como tudo aqui em cima, parece caro.

– Olá, Kathryn – a Leonie sorri, olhando-me de cima a baixo. – Estás muito bonita hoje, querida.

– Obrigada – sorrio, desejando que a terra me engolisse. – Tenho um compromisso… depois do trabalho. – Arranjo uma desculpa para a minha aparência.

– Adoro, devias usar isso todos os dias.

Finjo um sorriso. *Matem-me já, porra*.

– Podes ir, ele está à tua espera.

Caminho pelo corredor e fecho os olhos. Meu Deus, em que é que o Daniel estava a pensar ao obrigar-me a usar isto? É demasiado exagerado. Bato suavemente na porta do Elliot.

– Entre – diz a sua voz profunda.

Fecho os olhos para me preparar e abro a porta.

– Olá.

O Elliot fita-me por cima do seu computador e, depois, volta a olhar para baixo; em seguida, faz um duplo olhar, e os seus olhos erguem-se e observam-me de cima a baixo. Senta-se como que subitamente interessado e, segurando uma caneta entre os dedos, diz:

– Olá, Kathryn.

Agarro na minha pasta com toda a força.

– Olá.

– Por favor – e faz um gesto para o lugar na sua secretária. – Entra.

Entro enquanto os seus olhos descem para os meus dedos dos pés e voltam a subir para o meu rosto, pela segunda vez hoje, e ele inclina-se para trás na cadeira como se estivesse satisfeito com alguma coisa.

Levanto a sobrancelha.

– O que foi?

Um ligeiro sorriso atravessa-lhe o rosto.

– O quê?

– Porque estás assim? – pergunto.

– Ia fazer-te a mesma pergunta.

– Oh. – Olho para mim e sinto que tenho de justificar a minha escolha de roupa. – Só…

– Estás linda – corta-me a palavra.

Fico a olhá-lo, sem saber o que dizer a seguir. Engulo o grande nó que se aloja firmemente na minha garganta.

– O relatório? – balbucio.

– Sim. – Os seus olhos estão em mim. – Vamos a isso. – Aponta para o meu lugar com a caneta e volta a rodar a cadeira para o computador. – Queria rever alguns pontos. Não sei bem como ler os dados.

– Está bem. – Afundo-me na cadeira.

Ele olha para cima e estreita os olhos como se estivesse a processar um novo pensamento.

– Perfume novo?

– O quê?

– Estás a usar um perfume novo, hoje.

– Não estou nada – digo. Oh, caramba… isto de tentar ser sensual é um desastre.

– Sim… estás. Conheço o teu cheiro. – Os olhos dele estão em mim. – E… hoje está diferente.

Ele conhece o meu cheiro… mas que raios?

Franzo o sobrolho ao olhá-lo.

– Hum… – abano subtilmente a cabeça, completamente abalada. – Não sei, talvez não tenhas estado perto de mim quando o usei antes.

– Que pena.

Baixo a cabeça, confusa. *Ele está a atirar-se a mim?*

Não percebo: há sete anos que conheço este homem, desprezo-o e, felizmente, sou imune ao seu charme. Vi todas as mulheres à minha volta no escritório apaixonarem-

se desesperadamente por Elliot Miles e nunca consegui ver a atração.

Pela minha saúde, não percebia o que viam nele.

Hoje, entendo.

Abro a minha pasta como distração.

Foca-te.

– Então… o rendimento projetado encontra-se no lado esquerdo do gráfico. – Aponto para a linha cor-de-rosa com o dedo, tentando agir de forma profissional. – Esta linha é o rendimento real do escritório do Reino Unido, e esta linha é a projeção dos custos de publicidade, embora não disponhamos de todos os dados relativos a França… – Os meus olhos levantam-se para ver se ele está a ouvir; está recostado na cadeira, com o polegar debaixo do queixo e o dedo indicador a percorrer os lábios, como se estivesse a pensar profundamente.

– O que estás a fazer? – pergunta-me.

– Eu… – pauso. O quê? – Estou a explicar o relatório de projeção. Não era isso?

– Não é disso que estou a falar e tu sabes.

– Como assim?

– Isto é uma armadilha?

– Peço desculpa… – franzo o sobrolho.

– É esse o teu plano?

– Não estou a perceber.

Levanta-se e põe as mãos nos bolsos do fato, como se estivesse zangado.

– É isso… não é?

– O quê? – abano a cabeça, confusa.

– Odeias-me assim tanto para desceres tão baixo?

– Do que é que estás a falar? – franzo novamente o sobrolho.

Ele enruga a cara.

– Para, Landon. Não nasci ontem. Tudo faz sentido agora.

– Bem – arregalo os olhos. – Ainda bem, porque podes explicar-me. Não sei do que estás a falar. O que tem o relatório de errado?

– Já percebo tudo, agora… – abana a cabeça como se estivesse a ter uma epifania. – Claro, é isso – sussurra, baixinho.

– Sr. Miles.

– Elliot – corrige-me. – E não me venhas com as tuas merdas. – Pega num comando da secretária e aponta-o para o canto do teto; olho para cima e vejo a luz verde acender-se. Ele acabou de desligar as câmaras de segurança.

– Então, é este o teu plano? – ironiza.

– Plano?

– Excitar o teu patrão estúpido até ele ceder e te perseguir. Depois, acusá-lo de assédio sexual no local de trabalho.

Abro a boca, horrorizada.

– O quê?

– Oh, por favor. – Ele enruga a cara em sinal de desagrado. – Agora está claro como água: o vestidinho sensual, aparecer naquele evento parecendo um orgasmo ambulante e, depois, ir para casa com outro homem. A sauna, ah. – E atira a cabeça para trás. – A sauna foi boa, que hipóteses tenho eu de te ver quente e suada num biquíni daqueles?

Olho-o enquanto o meu cérebro falha.

Eu excito-o.

– Podes deixar-te de merdas, agora mesmo – rosna-me.

O meu temperamento começa a ferver.

– Liga a câmara para isto, porque quero que vejas mais tarde, quando estiveres num colete de forças. – Levanto-me e ficamos frente a frente. – Só para que saibas… Sr. Miles – escarneço –, acabei de sair de um período traumático da minha vida e comecei agora a reencontrar-me. As minhas roupas novas, amizades masculinas e vestidos não têm nada que ver contigo ou com o teu ego inchado.

Ele estreita os olhos e olhamo-nos fixamente.

– Isto pode ser uma surpresa, mas só te tratei como me trataste, com desprezo. Desculpa-me por não fazer fila para te chupar como o resto da estúpida população feminina.

– Não sabes nada sobre mim.

– Sei que não sou uma cabra. Tu, por outro lado, és *um* idiota… e estupidamente, por alguns momentos, esqueci-me.

Bato com a pasta do relatório na sua secretária.

– Qual foi o trauma na tua vida? – ladra.

– Não é da tua conta. – Viro-me e caminho na direção da porta.

– Kate.

Dou meia-volta, como o próprio diabo, e aponto para ele.

– Não tens o direito de me chamar isso – grunho. – Para ti, sou Kathryn – e saio pela porta, passando diretamente pela receção, carrego no botão do elevador e mordo o lábio para me conter.

Consigo sentir as lágrimas de raiva a chegarem.

Não chores… não chores… não te atrevas a deixá-lo fazer-te chorar.

Armadilha.

Que idiota.

Capítulo Quatro

Entro no elevador tipo o Hulk. Depois do pior dia da História, estou pronta para lutar com alguém… seja quem for.

Venham ter comigo, otários, porque estou preparada para o que der e vier.

Após a minha reunião desta manhã, com o cara de cu do Miles, o dia começou a entrar numa espiral. Antes do chá, tivemos uma falha informática que apareceu sem razão aparente e que não desaparecia. Depois, quando estava na minha pausa, recebi uma chamada urgente a dizer que toda a rede tinha caído. Tive de regressar a correr do almoço, antes mesmo de a minha comida ter chegado, e reparar os danos. Acabei por ter de desligar todo o sistema e reiniciar todo o edifício e, para completar o desastre, recebi uma chamada do cara de cu a dizer-me para me despachar.

A minha fúria borbulha no fundo do meu estômago. «Despacha-te.»

Eu dou-lhe o «Despacha-te».

São agora sete da tarde e estou de saída, cansada, zangada e, pior que tudo, com fome.

Podia comer um cavalo e perseguir o cavaleiro.

Vou diretamente até ao bar mais próximo comer o maior panado de frango com batatas fritas e dez mil vinhos.

As portas do elevador abrem-se, olho para a rua e reviro os olhos. Claro que está a chover.

Este dia é um verdadeiro inferno.

Exalo profundamente, dirijo-me para as portas e ouço o toque do elevador.

– Kathryn. – Uma voz profunda chama atrás de mim. – Espera. – Viro-me para ver o Elliot a sair do elevador.

Uf, a sério?

Quando penso que o dia não podia piorar, os céus abrem-se e voltam a dar frutos.

Apetece-me ignorá-lo e ir-me embora, mas, assim, vou parecer uma criança petulante. Fico parada enquanto espero que o Rei Cara de Cu chegue.

– Olá – diz ao aproximar-se de mim com um sorriso. – Dia mau?

Encaro-o sem expressão. Mas que lata.

– Pode dizer-se que sim. – Viro-me para as portas, e ele avança para caminhar ao meu lado.

– Qual era o problema com o servidor? – pergunta.

– Terás um relatório sobre isso de manhã.

– Porque não podes dizer-me já?

Viro-me para ele.

– Porque não quero.

– Porque não?

– Porque a minha opinião de hoje de manhã mantém-se, és um idiota, e se falo contigo estou aparentemente a tentar – levanto os dedos e cito no ar – excitar-te e a fazer-te ceder.

Ele baixa a cabeça para esconder o seu sorriso.

– Ainda continuas a pensar nisso, não é?

Olho-o e o meu temperamento começa a fervilhar.

– A sério? – sussurro com os dentes cerrados.

– Bem – encolhe os ombros casualmente. – Tinha uma preocupação e expressei-a. – Ele olha para a chuva torrencial. – Devíamos ir beber um copo para discutirmos melhor o assunto.

A minha cara contorce-se.

– Mas que raios? – sussurro, furiosa. – Acusas-me de te tentar incriminar por assédio sexual e, depois, queres ir beber um copo?

– Para mim, já passou – encolhe os ombros casualmente. – E porque não um copo, foi um dia mau. Pode ser bom relaxar um pouco.

– A mim, não me passou, ninguém pode ser assim tão estúpido.

– Tenho a certeza de que ambos precisamos de um vinho.

Expiro profundamente. Este gajo é teimoso como um raio.

– Sr. Miles, como afirmei esta manhã, não tenho qualquer interesse em si. Estou muito ofendida com a sua acusação desta manhã e, para sua informação, estava na porra da sauna primeiro!

O seu rosto está cheio de divertimento.

– Estás muito enervada hoje, Kathryn.

Imagino-me a dar-lhe um murro na cara.

As minhas narinas inflamam-se enquanto luto para me controlar.

– Ainda bem. Adeus. – Viro-me e caminho em direção à porta, e a chuva começa a cair-me em cima, com força. Vejo o *Bentley* preto e o seu motorista à espera na zona de entrega.

Merda… agora tenho de me pirar à chuva enquanto ele fica a ver-me do banco de trás do seu carro idiota.

Matem-me já!

Abro a porta.

– Queres boleia? – chama.

Ignoro-o e tento arrastar-me enquanto me concentro no chão molhado. Escorregar

agora à sua frente seria o meu fim.

Dou a volta à esquina e procuro o abrigo mais próximo. Não me interessa onde ou o que é, mas tirem-me daqui.

Vejo uma farmácia – oh, tenho uma receita. Vou aviá-la agora, já que estou aqui, e assim saio do seu campo de visão. Entro e viro-me para ver o *Bentley* preto a sair lentamente e a entrar no trânsito. Deixo escapar um suspiro de alívio; graças a Deus, foi-se embora.

Tiro a receita e entrego-a ao farmacêutico.

– Queria aviar isto, por favor.

– Certo. – O idoso de aspeto simpático sorri ao tirar-ma. Lê por cima dos óculos e, depois, volta a olhar para cima. – Já tomou esta medicação antes, querida?

– Não, fui a um novo médico esta semana, e é a primeira vez que me foi receitada.

– É muito forte, importa-se que pergunte para que é?

– Tenho endometriose e menstruações muito dolorosas. Aparentemente, deve ajudar no primeiro dia.

Ele acena.

– Faz sentido. Assegure-se de que a toma com comida, e não pode beber álcool, nem utilizar maquinaria pesada.

– Certo – sorrio. – Obrigada.

A trovoada ressoa alto nos céus, e ambos olhamos para fora e vemos a chuva a bater na estrada.

– A situação está mesmo a piorar – diz. – É uma boa noite para estar confortável em casa.

– Sim – sorrio.

Ou isso, ou embebedar-me sozinha num bar. Sinto-me a relaxar um pouco pela primeira vez nesse dia.

Escolho a opção dois.

ELLIOT

É de manhã cedo e a porta abre-se. O Jameson entra.

– Estás pronto?

– Sim. – Fecho o meu computador e dirigimo-nos para o átrio. Esta tarde, temos uma reunião com a administração antes de o Jameson regressar a Nova Iorque de manhã.

Saímos do elevador e deparamos com um rabo sensual numa saia, à nossa frente, com um grupo de pessoas. Pernas longas, gémeos esculpidos, o rabo perfeito.

Os nossos olhares baixam imediatamente, e o Jay levanta uma sobrancelha num silencioso ***Olha-me para aquilo***.

Sorrio e continuamos a andar, e, depois, a saia vira-se enquanto fala com as amigas. É a Kathryn. Fico surpreendido.

Aceno.

– Kathryn.

Ela sorri educadamente.

– Olá. – Ela sorri para o Jay. – Olá.

– Olá. – Ele sorri.

Ficamos parados no local e vemo-la sair do edifício com os colegas.

Os meus olhos cruzam-se com os do meu irmão.

– Devias ver aquilo – diz-me.

Fico a olhá-la e, depois, finalmente, saio do meu transe momentâneo.

– Não faz o meu género.

O Jameson observa-a através das janelas da frente enquanto atravessa a estrada, e eu sinto os meus nervos a subir.

– Ela faz o género de toda a gente – murmura secamente.

O género de toda a gente.

– Podes estar caladinho? – enfio as mãos nos bolsos das calças, irritado. – Vamos ou quê?

Envio o meu último ***e-mail*** e estico os braços no ar. Foi um dia longo… uma semana longa. Levanto-me, vou à casa de banho, agarro na minha pasta e coloco-a na secretária para arrumar as minhas coisas, e, depois, lembro-me de que dia é hoje.

Quinta-feira.

Olho para o meu relógio: 18:40.

Pergunto-me se ela…

Volto a sentar-me ao computador e olho à minha volta com ar culpado. Isto não é novo. Ultimamente, parece que estou sempre a olhar em volta com culpa; com culpa de estar a observar uma certa gestora de informática, sarcástica, enquanto trabalha.

Tenho problemas, eu sei, e detesto admiti-lo, mas, o facto de ela ter decidido odiar-me abertamente esta semana, depois do nosso pequeno episódio no meu gabinete, é uma grande excitação.

Até tenho estado a vaguear pela zona da sauna depois do trabalho, à espera de uma desforra.

Para já, sem sorte.

Nunca vou fazer nada em relação a esta atração doentia que pareço ter por ela, mas, por alguma razão, não consigo parar. Digo a mim próprio que é a última vez que a observo na câmara de segurança e, meia hora depois, dou por mim a fazê-lo novamente.

Como agora, por exemplo.

Exalo de frustração comigo próprio, passo pelas câmaras de segurança e vou para o piso dez, percorro-o até chegar ao gabinete dela… está vazio.

Deixo-me cair na cadeira.

Foda-se.

Olho para o escritório dela no ecrã enquanto penso no que fazer.

Quer dizer, podia convidá-la para sair, mas ambos sabemos como isso vai acabar.

Nem sequer quero ir sair com ela. ***É uma cabra delirante, lembras-te?***

O que raio estou a fazer?

Vou a fechar o meu computador quando vejo um pé a surgir na parte inferior do ecrã. O quê?

Inclino-me para ver melhor.

É um pé com uma sapatilha branca. O que estará ela a fazer no chão? Está a alongar ou assim?

Passo o meu dedo de um lado para o outro nos meus lábios enquanto a observo; está totalmente imóvel.

O que estará a fazer?

Um sentimento de inquietação apodera-se de mim.

– Mexe-te – sussurro.

Percorro os ângulos das câmaras para tentar vê-la melhor.

Nada.

Apoio o queixo na mão e fico a olhar durante cinco minutos enquanto ela se mantém imóvel.

Dez minutos… quinze.

Foda-se.

Passa-se alguma coisa. Dirijo-me ao elevador e carrego no botão para o piso dez. Observo o mostrador a mover-se lentamente enquanto percorre os pisos.

– Despacha-te – murmuro. – Despacha-te, porra.

As portas abrem-se, e saio a correr pelo corredor até ao gabinete dela, abro a porta apressadamente e encontro-a desmaiada no chão. Está com o seu vestido desportivo vermelho e de sapatilhas, completamente apagada.

– Kathryn – suspiro enquanto me ponho de joelhos e lhe dou um abanão. – Kate, acorda, estás bem?

Silêncio.

Volto a sacudi-la, e agarro-lhe a cara com as mãos para tentar abrir-lhe os olhos.

Nada…

– Merda. – Agarro no telemóvel e marco 112.

– Olá, emergência.

– Olá – balbucio. – Preciso de uma ambulância para o edifício Miles Media, piso dez, imediatamente.

– O que aconteceu, senhor?

– Acabei de encontrar uma das minhas funcionárias no chão, inconsciente. Está fria.

– Está a respirar?

– Espere, vou verificar.

– Coloque em alta-voz, senhor, e posso orientá-lo.

Coloco o telemóvel em alta-voz, no chão, ao nosso lado, e seguro-lhe no rosto.

– Kate. Consegues ouvir-me?

– Está a respirar?

Coloco o meu ouvido junto à sua boca.

– Verifique o peito. Está a subir e descer?

Foda-se.

Está morta?

A divisão gira enquanto começo a entrar em pânico.

– Mande duas ambulâncias – ladro. – Estou prestes a ter um ataque cardíaco.

– Verifique o peito, senhor.

Ponho as minhas mãos no seu peito e sinto-o a subir e a descer.

– Está a respirar – suspiro de alívio.

– Consegue sentir o pulso?

Fecho os olhos. Como raio é que faço isso? A minha mente está completamente vazia; é por isso que não sou a porra de um médico, sou inútil numa emergência.

– Ponha as pontas dos dedos no pescoço dela, mesmo por baixo do maxilar – diz-me a telefonista.

– Oh, certo. – Ponho os meus dedos no seu pescoço e sinto uma forte bombada. – Tem pulso.

– Ela caiu? Verifique se ela tem algum ferimento na cabeça.

– Porquê tantas perguntas? Não pode só mandar uma ambulância? – grito. – Ela pode morrer a qualquer instante.

– Preciso de saber o que aconteceu, senhor, não o posso ajudar sem todos os factos.

Olho à volta e vejo se há sangue, mas tudo parece normal. A roupa de trabalho está num saco, mas, depois, reparo numa coisa que está na secretária, uma embalagem branca com comprimidos receitados.

– Há comprimidos – balbucio enquanto os vou buscar. – Com receita.

– Como se chamam?

Mexo na embalagem para tentar lê-la rapidamente, mas deixo-a cair, e atiro-me para o chão, para debaixo da secretária, para a recuperar.

– Foda-se.

– Acalme-se, senhor.

– Mande a porcaria de uma ambulância – grito. – Qual é o seu nome? Quero o seu nome e cargo, já.

Vou tratar desta cabra!

A Kathryn grunhe.

– Kate – sussurro e seguro-lhe na mão. – Acorda.

Ela franze o sobrolho ao tentar fazê-lo.

– Está aí, senhor? Qual é o nome da medicação?

– Hum… Hidrocodona traço acetaminofeno – respondo.

Os olhos da Kate abrem-se, e ela olha para mim.

– Estás bem? – sussurro.

– O quê? – ela franze o sobrolho, tentando sentar-se e apoiar-se no cotovelo.

– Deita-te – ladro.

– Quantos comprimidos tomou? – pergunta a telefonista.

– Quantos comprimidos tomaste? – pergunto à Kate.

Ela franze o sobrolho.

– O quê? – De seguida, cai de novo no chão; parece embriagada.

– Está desorientada – respondo.

– Ela tomou um analgésico forte. Conte os comprimidos, senhor. Preciso de saber quantos é que ela tomou.

– Mande a porcaria de uma ambulância antes que eu passe a mão pelo telemóvel e a estrangule – grito.

Esta idiota não tem remédio… não admira que morram pessoas todos os dias.

– Conte. Os. Comprimidos.

A minha fúria borbulha, e conto os comprimidos.

– Tem trinta e oito comprimidos.

– Quantos vinham?

Leio rapidamente as instruções da caixa enquanto procuro a quantidade.

– Embalagem de quarenta.

– Então, só tomou dois?

Olho para a mulher atordoada à minha frente.

– Acho que tomou mais do que dois.

– Pode vasculhar a mala dela e verificar?

– O quê?

– Faça isso.

– Ouça, sua idiota. Quero uma ambulância para o edifício Miles Media agora. Se esta mulher morrer, vou acusá-la de… – faço uma pausa enquanto tento pensar numa acusação apropriada. – Algo de mau – balbucio. – Homicídio.

– Verifique a mala.

Começo a remexer na mala da Kate, na carteira, nas chaves, na maquilhagem… tampões. Encolho-me e atiro-os por cima do ombro.

– Então? – pergunta a telefonista.

– Estou à procura? Há aqui muita porcaria. – Oh, que se lixe isto, viro a mala de mão ao contrário para o tapete e as coisas voam por todo o lado.

– O que estás a fazer? – a Kate sussurra enquanto se senta, sonolenta. – Larga a minha mala.

Os meus olhos quase saltam das órbitas.

– Largo a tua mala? Estás mesmo a falar a sério, foda-se?

– O que foi? – sussurra.

– O que está a acontecer, senhor?

Ranjo os dentes.

– A doente está prestes a voltar a ser derrubada. É isso que está a acontecer.

– Como se chama, querida?

A Kate franze o sobrolho.

– Kate Landon.

– O que aconteceu?

A Kate franze o sobrolho enquanto olha à volta.

– Não sei.

– Tomou alguma medicação? – pergunta a telefonista.

– Não – sussurra.

Levanto a caixa e arregalo os olhos.

– Parece-te familiar?

– Oh. – Ao lembrar-se, põe a mão na testa. – Sim, tomei alguns analgésicos.

– Para que são os analgésicos, querida?

– Dores menstruais. – Os olhos da Kate cintilam na minha direção.

Reviro os olhos. ***Agora já ouvi de tudo***.

– Quantos tomou? – pergunta a telefonista.

– Apenas dois.

– Tem a certeza?

– Sim.

Aperto a ponta do meu nariz.

– Lembra-me de nunca consumir cocaína contigo – murmuro secamente.

– Consegue sentar-se? – pergunta a telefonista.

A Kate tenta sentar-se, mas tem dificuldades. Seguro-lhe na mão e levanto-a para uma posição sentada.

– Estou tonta.

– Teve uma reação adversa à medicação, está sonolenta e desorientada. Acontece com algumas pessoas.

– Então, ela está bem? – disparo.

– Precisa de dormir.

– Vou levá-la para o hospital, quero que a examinem – respondo.

– Senhor, pode ter de esperar horas nas urgências. Se ela só tomou dois comprimidos, posso garantir-lhe que precisa de dormir e nada mais.

Os meus olhos pousam na Kate.

– Quantos tomaste, a sério?

– Dois.

Encaro-a.

– A sério.

– Prometo.

– Pronto – digo com brusquidão.

– Alguém pode ir buscá-la, querida?

– Eu levo-a a casa.

A Kate tenta levantar-se.

– Estou ótima. – Escorrega e tropeça de novo.

– Muito bem, senhor, fez um ótimo trabalho – diz a telefonista.

Idiota paternalista.

– Sim, bem, gostaria de poder dizer o mesmo de si. É uma sorte ela não estar morta com o seu ritmo de

caracol. Não havia qualquer tipo de urgência. Trabalhe mais rápido da próxima vez. Adeus. – Termino a chamada com força.

A Kate olha para mim e, depois, as suas pálpebras pesadas fecham-se mais uma vez.

– Anda, levo-te a casa – suspiro.

– Estou ótima – murmura com os olhos fechados. – Vou só… dormir aqui hoje.

Começo a arrumar as coisas dela que estão espalhadas pelo chão.

– Precisas de limpar a tua mala, isto está cheio de porcarias – volto a pôr as coisas lá dentro.

– Como tu – sussurra com os olhos ainda fechados.

– Porque é que a mala é tão grande? – disparo. – Isto não é uma mala, é bagagem.

A Kate franze o sobrolho e põe o braço sobre o rosto.

– Cala-te. Só. Por favor – sussurra.

Ponho a mala dela ao ombro, agarro-lhe na mão e levanto-a; ela ainda está desorientada e cambaleia para o lado. Ponho o braço à volta dela.

– Anda, levanta-te. Foca-te.

Ela olha-me toda ensonada, com o cabelo despenteado e desarrumado, e um sorriso indesejável atravessa-me a cara.

– O que foi? – ela franze o sobrolho.

– Sabes quão palerma pareces agora, Landon?

– E estou… no meu vestido de netbol… vermelho – diz, de forma arrastada.

Sorrio enquanto a conduzo para o elevador.

– Que pena.

Capítulo Cinco

Conduzo-a lentamente até ao elevador e carrego no botão. Ela balança-se, e coloco o meu braço à sua volta para a segurar.

– Fica quieta.

Ela olha-me, e eu sorrio-lhe ao olhá-la de volta.

– Não – diz-me, enquanto cai para o lado.

Puxo-a de novo contra o meu corpo.

– Não o quê?

– Não me – abre os olhos – enerves.

Rio-me.

– Impossível. – As portas abrem-se, ajudo-a a entrar e viramo-nos para a frente. Deita a cabeça no meu ombro e fecha os olhos. Vejo-nos no reflexo das portas: isto é algo que nunca pensei ver.

Kathryn Landon, sonolenta e calma, nos meus braços.

As portas abrem-se para o átrio, e acompanho-a lentamente até à saída; ela é tão dócil.

– Está tudo bem, senhor? – O segurança vem a correr.

– Está zonza, teve uma reação a um medicamento.

– Posso fazer alguma coisa? – balbucia enquanto olha para nós.

– Não, obrigado, eu levo-a a casa em segurança.

Ele quase corre para a porta e abre-a para nós.

O meu ***Bentley*** está estacionado lá fora. O Andrew sai e franze o sobrolho quando me vê praticamente a carregar a Kate.

– O que se passa com ela? – pergunta.

– Só está zonza, uma reação à medicação, vamos levá-la para casa. – Ele abre a porta de trás apressadamente.

– Para o carro – digo à Kate.

Ela fecha os olhos e encosta a cabeça ao meu peito.

– Vou… a pé.

Por amor de Deus.

Ponho a minha mão no topo da sua cabeça e empurro-a para baixo, colocando-a na posição correta e, depois, com um forte empurrão, ela cai no banco de trás.

– Au. – E faz uma careta.

Entro para o seu lado e fecho a porta.

– Onde vives? – pergunto enquanto seguimos para o trânsito.

Ela aponta pela janela.

– Por ali.

– Por onde?

– Por. Ali – diz, como que exasperada.

Reviro os olhos; mesmo drogada, esta mulher é irritante.

– Diz-me a tua morada ou vou vasculhar a tua mala novamente.

– Número vinte e quatro… Ela franze o sobrolho e levanta o dedo. – Não, espera, esse é da morada antiga… hum.

– Cristo todo-poderoso. – Arrasto a mão até ao rosto, frustrado.

– Eu sei – continua.

– E?

– É… rua Kent, número 44.

– Tens a certeza?

– Chiu, para de falar – sussurra-me enquanto leva o dedo aos lábios de uma forma exagerada. – Estás a magoar-me os ouvidos. – Aponta com as duas mãos para as orelhas.

Sorrio ao vê-la representar cada palavra.

– Rua Kent, número 44 – digo ao Andrew.

– Claro, chefe – e vira à direita no cruzamento seguinte.

A cabeça da Kate cai, e puxo-a para debaixo do meu braço, abraçando-a. Ela fecha os olhos e encosta-se ao meu peito.

Conduzimos durante dez minutos no meio do trânsito, e, depois, ela adormece mais profundamente, colocando a mão no meu peito e aninhando-se com força.

Franzo-lhe o sobrolho, e uma sensação estranha apodera-se de mim.

Hmm… interessante.

Passado algum tempo, o Andrew encosta o carro num lugar de estacionamento, vira-se e olha para nós.

– É aqui.

Franzo o sobrolho ao olhar para o velho edifício com terraços.

– Aqui?

– Sim.

– Kate – sussurro; ela continua a dormir, e sacudo-a mais um pouco. – Kate – sussurro novamente.

– Se está a tentar acordá-la, não precisa de sussurrar – murmura o Andrew.

– Olhos na estrada – digo, com brusquidão.

Espertalhão.

Ele ri-se ao sair e abre a porta de trás, do meu lado. Saio e, depois, inclino-me para dentro do carro.

– Kate – digo em voz alta. – Acorda, estamos em casa.

O Andrew aproxima-se para ajudar.

– Eu consigo – digo.

Ela franze o sobrolho quando acorda e olha em volta, sonolenta.

– Hum.

Estendo-lhe a mão, e ela agarra-a. Puxo-a para mim, mas a Kate escorrega do banco e cai no chão do carro.

– Oh…

Rio-me enquanto estendo a mão à Kate, que está toda enrolada em pernas e braços.

– Esse vestido vermelho está um pouco escorregadio, não, minha menina?

O Andrew revira os olhos.

– Caramba – murmura entre dentes.

Agarro-lhe na mão, tiro-a do carro e envolvo-a com o meu braço. Subimos lentamente os seis degraus que conduzem ao terraço.

– Sobe os degraus – oriento-a.

Ela segue e senta-se no último degrau.

– Durmo aqui.

– Kate – digo na minha melhor voz autoritária. – Concentra-te e sobe os degraus, por favor.

Ela senta-se de novo, e eu olho de relance para o Andrew, que se está a rir, encostado à lateral do carro, a assistir ao espetáculo.

– Cala-te – digo.

Ele sorri com um piscar de olhos e acende um cigarro.

É o problema de ter o mesmo condutor durante sete anos… Ficam demasiado confortáveis.

– Kate – digo, com brusquidão. – Sobe as escadas e, depois, podes ir dormir.

– Hum – sorri com os olhos fechados, dá um passo.

– Isso mesmo.

Dá mais dois.

– Linda menina.

– Durmo aqui.

Continuo a puxá-la para cima, chegamos à porta da frente e toco à campainha.

A Kate encosta-se a mim e fecha os olhos; envolvo o meu braço à sua volta com força.

Dois comprimidos e fica assim… Detestaria pensar no que aconteceria se ela tivesse tomado de facto alguma coisa pesada.

Toco novamente à campainha… nenhuma resposta.

– Kate, está alguém em casa?

– Sim – e sorri de forma pateta para mim. – Nós.

– Quer dizer, os teus colegas.

Ela encolhe os ombros e volta a apoiar-se em mim.

– Onde estão as tuas chaves? – pergunto.

Ela encolhe os ombros novamente.

– Por amor de Deus. – Reviro a mala e tiro as chaves. – Qual é a chave?

– A vermelha.

Coloco a chave certa e abro a porta.

– Olá – digo.

Nenhuma resposta.

Olho para trás, para o carro, e o Andrew encolhe os ombros.

– Cama contigo – digo, enquanto a acompanho e fecho a porta atrás de nós.

Depois de passarmos a porta de entrada do apartamento, pergunto:

– Onde é o teu quarto?

Ela aponta para as escadas íngremes e estreitas, e eu espreito para cima. Raios.

– Claro que é.

Penso por um momento. O que faço agora? Não posso deixá-la aqui.

– Certo. – Dobro-me e atiro-a por cima do ombro.

– Oh… não – balbucia. – Põe-me no chão.

– Cala-te. – Dou-lhe uma palmada no rabo. Dou um passo, depois dois.

Dou mais alguns passos, e as minhas coxas começam a arder. O meu peito aperta-se.

Tropeço para trás, oh… porra.

Não a deixes cair.

Nada é simples com esta mulher.

Cerro os dentes e começo a subir as escadas o mais depressa que consigo.

– Põe-me no chão – geme ela, e dou-lhe outra palmada no rabo.

– Comporta-te. Partir as costas é a última coisa que queria fazer esta noite.

Chegamos ao cimo, e ponho-a de pé, enquanto me agarro ao peito e respiro. Caramba.

Foi difícil.

Ela balança os pés, e agarro-lhe na mão, arrastando-a para o quarto.

Acompanho-a até à cama, puxo os cobertores para trás e deito-a. Tiro uma sapatilha, e ela dá um pontapé no pé como se quisesse que eu parasse.

– Sabes – desaperto os atacadores da outra sapatilha –, muitas mulheres morreriam para que eu lhes tirasse os sapatos na cama.

– Batatas desesperadas – balbucia.

– Não são desesperadas. – Sorrio quando a outra sapatilha se solta. Está a usar meias rosa-pálido; enfio-lhe as pernas debaixo dos cobertores e puxo-os para cima.

Ela sorri-me e estende-me a mão.

Seguro-a e sento-me ao seu lado; as pálpebras pesam-lhe, e ela esforça-se por mantê-las abertas. Afasto-lhe o cabelo da testa enquanto a olho.

Os seus cabelos loiros estão espalhados pela almofada e os seus grandes lábios são cor-de-rosa. As suas pestanas escuras agitam-se enquanto tenta manter os olhos abertos.

Ela é mesmo…

Observo o quarto, pintado de creme com uma grande cama de madeira branca. Há uma estante de livros e um toucador, maquilhagem em cestos e molduras com fotografias; parece muito habitado. Há luzinhas espalhadas pelo teto e uma grande cadeira de leitura com um pufe no canto. Parece um dormitório que eu teria visitado na juventude.

O meu olhar volta para a Kate, que está a dormir profundamente, com a sua mão ainda a segurar a minha.

Dou por mim a sorrir enquanto a observo. O que faço agora? Quer dizer, não posso deixá-la sozinha. E se acontece alguma coisa?

Isso seria negligente da minha parte.

Acho que tenho de esperar.

Uma hora depois, preciso de ir à casa de banho, mas a Kate continua a segurar-me firmemente na mão. Mexo-a um pouco, mas ela franze o sobrolho e agarra-me com mais força.

– Não – murmura, adormecida.

– Já volto – sussurro.

– Eu disse que não.

Bruxa exigente. Estou a morrer de fome e prestes a mijar-me todo.

Bem, temos pena.

Levanto-me, entro na casa de banho e olho em volta; é pequena.

Um cesto com roupa suja; toalhas cor-de-rosa e um tapete de banho a condizer. Faço o que tenho a fazer, lavo as mãos e volto a entrar no quarto. Vou até à estante e observo todas as fotografias nas molduras – uma de um casal mais velho e outra deles com ela em tenra idade, devem ser os pais. Uma fotografia de um cão, um ***border collie*** preto e branco. Uma fotografia dela e de um homem que aparenta ter a sua idade, tirada há alguns anos. Pergunto-me, seria um namorado?

Ela disse que não tinha namorado.

Continuo a olhar para os seus pertences – alguns cristais colocados de forma estratégica.

Não me digas que é uma daquelas malucas que acreditam na cura pelos cristais.

Hum.

É muito eclético. Tão diferente da minha ***penthouse*** de estilo perfeito.

Olho para as lombadas dos livros – o que é que ela lê?

Uf, leitora de romances.

Nunca teria adivinhado essa.

Há um pequeno prato de cristal e algumas joias de ouro. Sorrio enquanto agarro num dos seus anéis e o coloco na ponta do meu dedo mindinho.

Mãos minúsculas.

Tiro-o, volto a colocá-lo no sítio e continuo a ver as fotografias. É uma exposição da sua vida e estou a aprender tudo sobre a Kate.

E, surpreendentemente, nem um caldeirão à vista.

Tiro o telemóvel da mala e volto a sentar-me ao lado da Kate, que rola para mim e põe a mão sobre as minhas coxas.

O meu estômago revolve-se.

Para.

Tenho mesmo de ir andando, estou aqui há horas. Onde raio está o estúpido do Daniel e os seus doentios dentes brancos?

– Kate. – Acordo-a. – Kate. – Seguro o seu telemóvel à sua frente. – Desbloqueia o teu telemóvel, vou ligar a alguém.

Ela franze o sobrolho e aninha-se mais perto da minha coxa, e eu passo os meus dedos pelo seu cabelo. Ficamos sentados assim durante algum tempo, e estaria a mentir se dissesse que não gosto.

Mas tenho fome; são quase dez da noite.

– Kate. – Seguro o telemóvel junto ao seu rosto. – Desbloqueia o teu telemóvel, por favor.

– Hum.

– Kate.

Ela mexe no telemóvel com os olhos ainda fechados e passa-o de volta para mim.

Aninha-se de novo na minha coxa, e observo-a por um momento.

Pronto, admito.

Gosto dela.

Não é gostar, gostar, só não a odeio como pensava que odiava.

Percorro a lista de contactos e procuro o nome Daniel.

Hum, nenhum Daniel.

Não sei o seu apelido… Merda.

Este gajo é inútil em todas as frentes.

Outra hora depois.

Se calhar, vou lá abaixo comer qualquer coisa? E, depois, talvez… durma com ela aqui?

Quer dizer, não posso deixá-la sozinha.

Sim, vou fazer isso.

A porta do quarto abre-se, e olho para cima, assustado. É o Daniel.

A Kate está a dormir profundamente e a sua mão está na minha.

Ele franze o sobrolho quando me vê, olhando entre mim e a Kate.

– Ela está a dormir – explico.

– Hum… O que se passa? – pergunta-me ao entrar no quarto.

– Teve uma reação a uma medicação e ficou grogue. Encontrei-a desmaiada no escritório e trouxe-a para casa.

Ele arregala os olhos.

– Temos de a levar ao hospital.

– Já liguei para o 112, e ela está bem. Só sonolenta, já verifiquei. Está consciente, só a dormir.

Ele olha-a.

– Uau.

Levanto-me.

– Vou-me embora, agora que estás aqui.

Ele senta-se na beira da cama, ao lado dela.

– Querida? – chama. – Está tudo bem?

Uma sensação estranha revolve-se no meu estômago quando o vejo com ela.

Não lhe chames querida.

Cerro o maxilar e direciono-me para a porta.

– Deixo-vos à vontade.

O Daniel levanta-se e aperta-me a mão.

– Muito obrigado, agradeço imenso o seu cuidado com ela. Eu tomo conta dela a partir daqui.

Olho-o; confirma-se, não gosto deste gajo.

Ele é demasiado… familiar.

– Não tenho a certeza se devo deixá-la contigo – digo.
O seu rosto descai.
– Porque não?
– Quer dizer, como é que sei que não te vais aproveitar dela?
– Porque sou amigo dela… e vivo com ela.
Arranjo a minha gravata e revejo as minhas opções.
– Hum. – Rearranjo os meus botões de punho.
– Olhe, senhor… – diz.
– Elliot Miles – interrompo-o.
Mostra-me um sorriso abafado.
– Sr. Miles, obrigado por ter olhado por ela, mas já estou em casa. Agradeço tudo o que fez.
– Está bem. – Dou uma última olhadela ao quarto. – Vou manter-me em contacto.
Dirijo-me à porta, paro e tiro o bloco dourado de cartões de visita do bolso, entregando o meu cartão.
– Liga-me se houver algo de errado ou se alguma coisa mudar.
Ele franze o sobrolho ao pegar no cartão.
– Combinado, eu ligo.
– Boa noite.
Desço as escadas e saio pela porta da frente, dirijo-me ao ***Bentley*** e entro no banco de trás.
– Para onde, chefe? – pergunta o Andrew enquanto entramos para o trânsito.
– Qualquer lugar com comida.

KATE

Acordo com um profundo latejar no meu estômago e estremeço.

Au, dores menstruais.

Abro os olhos devagar – preciso de ir à casa de banho. Sento-me e franzo o sobrolho ao olhar-me.

O quê?

Porque estou a usar isto?

Saio da cama e piso um cobertor no chão.

– O que é isto?

Acendo o candeeiro e vejo que o Daniel está a dormir em cima das almofadas do sofá, no chão, ao lado da minha cama.

– Mas que raios? – Passo por cima dele e vou à casa de banho.

É urgente.

Raios, a menstruação é um defeito de conceção do corpo feminino.

Sento-me na sanita e relembro a noite passada. Espera… porque estou a usar o meu equipamento de netbol?

Espera, nem sequer me lembro de jogar netbol.

Estava no escritório… e depois… o quê?

E porque é que o Daniel está a dormir no meu chão?

Tomo um duche rápido e ponho-me a pensar nos acontecimentos da noite passada.

Estava a beber…

Não me lembro de nada, meu Deus.

Visto o meu roupão e regresso ao quarto, quando vejo o Daniel acordado e apoiado no cotovelo.

– Como te sentes?

– Porque estava a usar a roupa de netbol?

Ele senta-se, surpreendido.

– Não te lembras?

– Eu… – faço uma pausa enquanto tento lembrar-me. – Não, eu… Não consigo.

– Desmaiaste no trabalho, aparentemente tiveste uma reação a um medicamento ou algo do género.

– A sério? – Tento lembrar-me. – Sim… os analgésicos. Merda.

– Felizmente, o Elliot encontrou-te.

Os meus olhos voltam a fixar-se no Daniel.

– Quem?

– O Elliot Miles trouxe-te a casa.

Arregalo os olhos.

– O quê?

– Mas, como não estava cá ninguém, ficou contigo até eu chegar.

Levo as mãos à cabeça, horrorizada.

– Mas que raios? Ele veio… *aqui*?

Começo a andar de um lado para o outro.

– Também parecia muito confortável, sentado ali, a segurar a tua mão e tudo.

Sorrio de alívio.

– Oh, foda-se, quase me enganaste por um momento. O que aconteceu realmente, embebedámo-nos?

– Estou a falar a sério. – Levanta-se e vai até à minha mesa de cabeceira, agarra num cartão branco e passa-o para mim.

ELLIOT MILES 0423 009 973

– Nãoooooooo – gaguejo. – Oh, não, não, não, não, não. – O meu coração começa a acelerar. Aponto para o chão. – Ele esteve aqui. No meu quarto? – Aponto para o chão novamente. – Aqui.

– Sim.

Com horror, enfio os dedos nas órbitas dos olhos.

– Porque é que o deixaste entrar? – Olho à volta para o meu quarto desastroso. – Isto está uma confusão.

O Daniel encolhe os ombros.

– Ele não pareceu importar-se.

– Porquê? Quer dizer… Porque dizes isso?

– Parecia muito feliz a segurar a tua mão.

Fico de olhos esbugalhados.

– Ele estava mesmo a segurar-me na mão… O que raio estava eu a fazer?

– Estavas aconchegada nele.

– O quê!? – grito. Apoio a cabeça nas mãos. – Oh, meu Deus, vou morrer mil mortes.

– Sabes, devias estar grata. Ele cuidou de ti.

– Estás a gozar comigo? – choro, entro na casa de banho e olho à minha volta: há um cesto com roupa suja e tampões no armário ao lado do lavatório.

Ele viu esta confusão, viu-me a dormir… Aconcheguei-me nele.

– Matem-me já! – grito. – A minha vida está oficialmente acabada.

O Daniel ri-se ao sair do quarto.

– Tenho de dizer que ele é sensual para caraças, não é?

Agarro numa almofada da minha cama e atiro-lha.

– Sai.

– Obrigado por teres dormido no meu chão e teres olhado por mim toda a noite, Daniel – diz-me, docemente.

– Obrigada por me teres estragado a vida e por o teres deixado entrar – grito.

– Não o deixei entrar, tu é que deixaste.

Oh, não.

Outro pensamento horrível entra-me no cérebro.

– O que raio é que eu lhe disse?

Começo a andar de um lado para o outro enquanto passo a mão pelo cabelo em desespero.

– E se lhe disse… – sussurro em voz alta para mim mesma.

– Que achas que ele é jeitoso? – o Daniel interrompe o meu esgotamento nervoso.

Os meus olhos pousam nele.

– Não acho – disparo.

O Daniel sorri.

– Se não o achasses atraente, não importaria que ele tivesse visto as tuas cuecas sujas no cesto da roupa e os teus tampões ao lado.

– Ahhhh – grito e bato com as mãos nos olhos. – Sai! – o Daniel assobia ao descer as escadas.

Sento-me e afundo-me na cama enquanto sinto o sangue escoar-me do rosto.

Isto é demasiado… mortificante.

Humilhação, há alguma emoção pior?

Apanho o elevador para o último andar com o rabo entre as pernas.

Inspiro com uma respiração trémula e não sei se alguma vez estive tão nervosa.

Ou horrorizada.

Já fiz muitas coisas estúpidas na minha vida, mas desmaiar no trabalho com um vestido de netbol está no topo da lista. Porém, deixar o Elliot Miles levar-me a casa enquanto estava pedrada é o melhor de tudo.

Que tipo de idiota convida o sacana do seu patrão para o seu quarto desarrumado, com tampões espalhados pela casa de banho e, depois, se aconchega nele?

Aperto a ponta do meu nariz. É isto, é o fim da minha carreira. Foi bom conhecer-te, Miles Media. Ele não me respeitava antes e de certeza que me vai atirar isto à cara para toda a eternidade.

Vou ter de encontrar outro emprego? Não posso ficar aqui… não agora. As portas do elevador abrem-se no último andar, e saio. A assistente do Elliot olha por cima do seu computador e sorri. Eu murcho um pouco. Será que ela sabe? Será que ele disse a toda a gente?

Serei motivo de chacota?

– Olá, Courtney – sorrio, embaraçada.

– Podes entrar, querida, ele está à tua espera.

Aposto que está.

Finjo um sorriso, caminho pelo corredor e bato-lhe à porta.

– Entre – chama a sua voz profunda.

Faço uma pausa e fecho os olhos, empurro a porta para a abrir.

E lá está ele, sentado em toda a sua arrogante glória.

Fato cinzento, camisa branca, cabelo escuro e um maxilar que cortaria vidro. Mostra-me um sorriso lento e sensual e roda na sua cadeira.

– Olá, Kate.

Cerro o maxilar, com vontade de o corrigir: é Kathryn.

– Olá.

– Como te sentes?

Encolho os ombros.

– Bem. Desculpa por ontem à noite. Não sei o que aconteceu. E só quero que saibas que estou mortificada e horrorizada e lamento imenso que tenhas tido de cuidar de mim e eu não… – olho à minha volta enquanto tento encontrar as palavras. – Estou muito envergonhada.

Ele sorri e os seus olhos estão em mim.

– Não estejas.

Encho as minhas bochechas de ar – ótimo, agora vai ficar todo condescendente.

– Assustaste-me – diz-me enquanto pega na caneta.

– Peço desculpa. – Viro a cabeça e olho pela janela, tudo para evitar o seu olhar.

– Kate.

Foco-me no edifício do outro lado da rua.

– Kate.

Arrasto os olhos até aos dele.

– Tira o resto do dia de folga e vai consultar o teu médico, por favor.

Abro a boca para dizer alguma coisa.

– E não te armes em espertinha – interrompe-me enquanto se levanta. – Isto não é negociável, assustaste-me imenso. Pensei que estavas morta.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas de vergonha.

– O que se passa? – diz. A sua voz está diferente. Suave, persuasiva.

– Não – cuspo.

– Isto foi um acidente. Podia ter acontecido a qualquer um, porque estás tão defensiva? – diz.

– Não estou. Tu é que estás.

– Não estou na defensiva.

– Sim. Estás, desde o segundo dia em que te conheci, tens um problema comigo – balbucio.

Ele enruga a cara em jeito de pergunta.

– O quê?

– De qualquer forma, não vim aqui para discutir isso. Vim agradecer pela noite passada.

Os seus olhos estão em mim.

Torço os dedos à minha frente.

– Então… obrigada – encolho os ombros. – Agradeço-te muito e não sei o que teria acontecido se não me tivesses encontrado.

Senta-se de novo na cadeira e segura na caneta.

– De nada. – Os seus olhos estão em mim.

Encolho os ombros novamente; isto é esquisito. Aponto para a porta com o polegar.

– Vou indo.

– Para o médico.

– Sim.

Viro-me e dirijo-me à porta.

– Kate – chama.

Viro-me para ele.

– O que aconteceu no segundo dia que te conheci?

Olho-o fixamente.

– Perdoa-me a falta de educação, mas não faço ideia.

Faço uma pausa para pensar se devo continuar.

– Disse-te que tinhas os olhos mais azuis que alguma vez vi. Não de uma forma desprezível… De forma… – encolho os ombros. – Tipo observação. – O seu sobrolho franze-se. – E desde então que me desprezas.

Aperta os lábios como se estivesse a pensar.

– Não me lembro de dizeres isso.

– Eu sei. – Forço um sorriso e viro-me para a porta.

– Ei – chama.

Viro-me novamente para ele.

Ele põe as mãos nos bolsos.

– A Kate vulnerável é bastante cativante.

Ficamos a olhar um para o outro enquanto o ar crepita entre nós.

– Sim, bem… ela ainda está pedrada – sussurro.

Ele sorri com suavidade.

Sai.

Sai agora.

Viro-me e saio do seu gabinete enquanto a confusão me rodeia.

O que foi aquilo?

Tal como o Elliot me disse para fazer, tirei o dia de folga e fui ao médico por causa da noite anterior. Afinal, foi apenas uma má reação, por isso, tive de riscar aquele medicamento da minha lista de coisas a repetir.

É tarde, estou cansada e passei o dia a vaguear, embora isso possa ter muito que ver com o meu orgulho ferido.

Não acredito que me tenha visto daquela maneira; ter alguém que me veja assim é um pesadelo, mas tê-lo a ele… é incompreensível.

O meu *Messenger* toca, vejo o nome e sorrio; temos estado a conversar a semana toda, eu e o Edgar Moffatt. Carrego em abrir.

«Olá, Pinkie.»

Sorrio e respondo:

«Olá, Ed.»

A sua resposta chega.

«Que estás a fazer?»

Escrevo:

«Estou na cama, a relaxar do dia, e tu?»

Carrego em enviar.

«O mesmo, estou exausto. Tive a pior noite de sempre, ontem.»

Respondo:

«Oh, não, o que aconteceu?»

Consigo ver os pontos enquanto escreve e, depois, para. Em seguida, vejo novamente os pontos, ele escreve e para de novo. Deve ser uma mensagem longa. Aguardo que acabe.

«Encontrei uma das minhas colegas de trabalho inconsciente no chão do seu gabinete. Liguei para a emergência, mas, felizmente, ela estava bem e acabei por

acompanhá-la a casa.

Fiquei com ela até o seu amigo chegar, mas não consegui dormir toda a noite por estar preocupado com ela.»

Sento-me. *O quê?*

Não pode ser…

Escrevo:

«O que lhe aconteceu?»

Os pontos voltam a saltar, e fico com o coração na garganta enquanto espero.

«Teve uma reação aos analgésicos para as dores menstruais.»

Mas que raios?

Levo as mãos à boca… não pode ser ele. Não é possível que isto tenha acontecido por coincidência.

Merda… sinto o coração a latejar com força no meu peito. O que vou escrever?

Penso por um momento e escrevo:

«Espero que ela esteja bem. É horrível teres passado por isso.»

Oh, meu Deus, oh, meu Deus… Oh, meu Deus! A resposta chega.

«Não é de todo horrível, talvez seja uma bênção disfarçada.»

Salto da cama e começo a andar a passos largos a agitar as mãos, com a adrenalina a subir pela minha corrente sanguínea.

– Que raio se está a passar aqui? – sussurro.

O que escrevo?

Escrevo:

«Como é que isso pode ser uma bênção disfarçada?»

A resposta chega imediatamente.

«Tenho um fraquinho por ela.»

Os meus olhos arregalam-se até ficarem do tamanho de pires e, com as mãos trémulas, respondo:

«Como é que ela se chama?»

Os pontos aparecem novamente.

«Kate… Kate Landon.»

Capítulo Seis

O quê? – salto da cama. – Não pode ser, é impossível. – Ele deve estar a gozar comigo.

Espera, mas ele sabe que sou eu?

Volto a sentar-me ao computador e coloco a mão sobre a boca enquanto penso.

Como é que isto está a acontecer?

Ele orquestrou tudo, sim, é isso.

Mas, depois… como? Nem eu saberia como configurar isto e sou especialista em informática.

– Será que ele sabe?

Penso por um momento; certo, preparo uma armadilha para ter a certeza.

Sim, exatamente.

Sento-me de pernas cruzadas na minha cama, prendo o cabelo num rabo de cavalo alto e preparo-me para a batalha.

Se ele escrever algo agradável… Saberei que sabe que sou eu e que está a tentar ser discreto.

Certo… Mantenho os dedos no teclado. Penso por um momento, depois escrevo:

«Que tipo de fraquinho?»

Espero pela sua resposta… nada.

Hum. Reformulo a frase.

«Estás à espera de um grande caso de amor?»

Os pontos reaparecem.

«Do tipo horizontal.

Sem grande caso de amor, ela não faz o meu género.

Sou um garbologista, lembra-te, tenho coisas perversas na cabeça.»

Sorrio de alívio. Idiota… não és bom o suficiente para mim, de qualquer forma.

Respondo:

«E o que é que esta rapariga faz no teu depósito de lixo?»

Responde.

«Limpa as casas de banho.»

Rio alto. Querias, idiota.

«Uma mulher que limpa sanitas não é suficientemente perversa?»

«Não.»

«O que é que procuras – atraente, inteligente, *sexy*?»

Mordo a unha do polegar e espero pela sua resposta; não faço ideia porque me preocupo com isso.

«Estou à procura de alguém extraordinário.»

Franzo o sobrolho.

«E quando a conhecer, saberei.»

Levanto a sobrancelha e escrevo:

«Como?»

«Acredito no amor à primeira vista, quando os nossos olhos se encontram. Ambos saberemos.

E tudo ficará bem.»

Mordo o meu lábio inferior enquanto as suas palavras rebolam na minha cabeça.

«És um romântico?»

A sua resposta chega.

«Incurável.»

Sorrio ligeiramente.

«E a Kate, a tua funcionária de limpeza… o que vai acontecer com ela?»

«Vou dar-lhe bem. Vou arruiná-la para a vida.»

Rio alto enquanto escrevo:

«O que é que ela pensa sobre isso?»

«Ela ainda não sabe, mas gosta de mim, consigo perceber.»

– Pobre idiota – sorrio pretensiosamente. – Estás tão iludido.

«Como sabes isso?»

Bebo um gole do meu chá.

«Os homens sabem estas coisas.

Além disso, no outro dia, olhou para o meu coiso, no meu escritório.»

Engasgo-me com o chá, que se espalha pelo ecrã do computador.

– O quê? Não olhei, nada – sussurro. – Estás a sonhar. – Chega outra mensagem dele.

«E tu, tens tido sorte com as frases de engate?»

Hum, não quero parecer uma falhada, por isso, minto.

«Sim, tenho um encontro no sábado à noite.»

«Bem, boa sorte. Espero que corra bem.»

Fico a olhar para as suas palavras no ecrã. Isto é tão surreal.

«Eu também.

Vou dormir. Boa noite, Ed.»

Alguns minutos mais tarde, chega uma resposta.

«Boa noite, Pinkie.

Xoxo»

– O quê? – a Rebecca franze o sobrolho. – Como assim?

– É ele – respondo. – Edgar Moffatt é o pseudónimo do Elliot Miles.

– Oh, tretas – o Daniel também franze o sobrolho e tira-me o telemóvel para ler a minha troca de mensagens com o Ed.

– Queres dizer que, de todas as pessoas do mundo, estás a trocar mensagens com o teu patrão, e ele pensa que é outra pessoa?

– Sim.

Estou a jantar fora com a Rebecca e o Daniel enquanto dissecamos os últimos acontecimentos.

O Daniel lê a nossa troca de mensagens.

– Não acredito nisto, porra – sussurra.

– Eu sei – arregalo os olhos para acentuar o meu ponto de vista.

A Rebecca estende a mão para o telemóvel, e tiro-o do Daniel e passo-lho. Lê as mensagens.

– Então – diz o Daniel ao mesmo tempo que levanta o seu vinho na minha direção –, o Elliot Miles tem um fraquinho por ti.

Reviro os olhos.

– Do tipo horizontal – a Rebecca ri-se quando chega a essa parte.

– E ele não está à procura de uma brasa – diz o Daniel.

A Rebecca põe a mão sobre o coração.

– Oh… ele está à procura do extraordinário.

– Oh, oh, por favor? – brinco. – Só quer molhar o pincel.

A Rebecca estremece.

– Credo!

– Bem… é verdade – atiro. – Só me quer levar para a cama.

– E… qual é o problema? – diz o Daniel.

– Não faço sexo casual – endireito as costas para parecer mais convincente.

– Oh, fazes sim – responde a Rebecca. – E o Heath, vocês os dois enrolaram-se como coelhos durante meses, sem se preocuparem com nada.

– Era o Heath, não conta.

– Porque não?

– Porque ele tinha acabado de sair de uma relação, eram quecas de recuperação. – Bebo um gole do meu vinho. – É diferente.

O Daniel enruga a cara de repugnância.

– Preferes mesmo ter sexo de recuperação assim-assim com o Heath do que ter sexo sensual com o deus do sexo Elliot Miles?

– É o meu patrão – ironizo.

– Ainda melhor. Pede um aumento enquanto lhe fazes um bico. É um bónus de

dois em um – todos nos rimos.

Os olhos da Rebecca desviam-se do meu telemóvel enquanto lê.

– Olhaste mesmo para o coiso dele?

– Não – ironizo novamente. – Ele está a sonhar. Tenho coisas melhores para fazer no trabalho do que olhar para a estúpida cobra nas suas calças.

O Daniel e a Rebecca desatam a rir.

– Onde é que arranjas essas analogias, Kate?

– A crescer com o Brad, o meu irmão. – Encolho os ombros. – Conheço todos os nomes para o coiso. Anaconda, badalo, pau de ritmo – murmuro secamente enquanto bebo do meu vinho. – Digam um, já o ouvi de certeza.

– Dá-me com o teu pau de ritmo – canta o Daniel. – Não é uma ótima canção? Precisam de trazer essa merda de volta. Porque é que não há alguém a fazer um *remix* disto? Juro que devia ser produtor discográfico.

– Será que ainda existem produtores discográficos? – diz a Beck. – Quer dizer, não há editoras discográficas, por isso, como é que se chama esse trabalho agora?

– Boa pergunta – concordo.

– Aqui têm – a empregada de mesa sorri quando chega com as nossas refeições e as coloca à nossa frente.

– Obrigada.

Ela dirige-se para a sala das traseiras e começamos todos a comer.

– Ah, e no sábado à noite vamos sair – o Daniel corta o seu bife.

– Onde? – pergunta a Rebecca.

– O Club 55 vai inaugurar o novo espaço. Temos quatro bilhetes VIP.

– Quatro bilhetes? Posso levar o Brett? – pergunta a Beck.

– Sim, claro, porque não – diz o Daniel enquanto mastiga a comida. – Não te esqueças que amanhã vamos comprar roupa de trabalho, Kate.

– Ainda este fim de semana comprámos coisas novas – digo.

– Sim, mas agora a fasquia está mais alta, o teu chefe bonzão quer-te comer. Temos de fazer com que os seus tomates fiquem tão azuis que caiam… até ele implorar.

– Ele não vai implorar.

– Oh, vai sim.

Reviro os olhos e trinco a comida no garfo.

– Ótimo. Da forma como estás a gastar o meu dinheiro, preciso mesmo de ganhar um prémio.

– Pede-o de joelhos – diz o Daniel levantando o copo. – Ganha esse dinheiro sujo, amiga. Diz-lhe que engoles por um carro da empresa.

– Para – rio-me. – Podes-te calar?

– Estou só a dizer – encolhe os ombros.

Tento esconder o meu sorriso enquanto mastigo a comida.

Engoliria gratuitamente.

Sento-me no café e fico a olhar para o outro lado da rua, para o *Bentley* preto estacionado em frente ao edifício da Miles Media. São apenas seis e meia e, pelo facto de o condutor estar fora do carro e encostado à berma, como se estivesse à espera, sei que deve partir em breve.

Bebo do meu café enquanto a minha mente se descontrola. Ele tem sempre um motorista?

– Este lugar está ocupado? – pergunta alguém ao dar uma palmadinha no banco ao meu lado.

– Oh, não – sorrio. – Tudo bem, pode sentar-se.

A minha atenção volta para o edifício – onde será que ele vive? Agarro no meu telemóvel e, pela primeira vez, escrevo «Elliot Miles» no Google.

«Elliot Miles é o terceiro filho do magnata da comunicação social George Miles e da sua mulher Elizabeth.

Incluído, juntamente com os seus três irmãos, na lista dos mais ricos dos Estados Unidos, tem uma fortuna estimada em setecentos milhões de dólares.»

– O quê? – sussurro.

«Não sendo alheio à publicidade, e fiel à tradição familiar, Elliot Miles tem estado ligado a algumas das mulheres mais bonitas do mundo.

Carinhosamente apelidado de "Casanova Miles" pela imprensa, devido à sua aparente capacidade de conseguir que as mulheres façam tudo o que ele quer, esteve anteriormente ligado a Emmaline Howser, a famosa pianista, a Heather Moretti, a aclamada diretora de arte da revista *Vogue* norte-americana, e, mais recentemente, Clarissa Mulholland, advogada dos direitos humanos nas Nações Unidas.

Gosta de mulheres inteligentes e interessantes, e a beleza vem num muito próximo, mas óbvio terceiro lugar.»

Clico nas imagens e surgem filas e filas de fotografias dele com mulheres – eventos de gala, iates, clubes noturnos, noites de estreia.

Ele é uma verdadeira estrela.

Mordo o lábio e levanto uma sobrancelha, nada impressionada. Uf, *Casanova Miles*… por amor da Santa.

Ninguém quer saber. Clico para sair das imagens e volto à página principal. Continuo a ler.

«A sua coleção de arte é uma das melhores do mundo, com um valor estimado em mais de duzentos milhões de dólares, e está alojada numa galeria privada, em Nova Iorque. As suas peças mais íntimas estão guardadas na sua casa, em Londres.»

Franzo o sobrolho.

– Galeria de arte privada, estão a brincar comigo? – murmuro baixinho.

Olho para o *Bentley*, completamente abalada.

Mas que raios?

As palavras do Elliot na outra noite vêm-me à memória. Ele não está à procura de sensualidade.

Está à procura de alguém extraordinário.

Mordo a unha do polegar enquanto penso no que isso significa.

Tendo em conta todas as mulheres bonitas do mundo com quem ele andou.

Extraordinário.

Até a escolha de palavras é estranha.

E quando a conhecer, saberei.

Relembro a nossa conversa.

Acredito no amor à primeira vista, quando os nossos olhos se encontram. Ambos saberemos.

Mordo o meu lábio para abafar o meu sorriso.

As portas abrem-se, e vejo o Elliot sair a passos largos, cada passada com um objetivo.

Pasta na mão. Costas direitas. Não precisa de afirmar o poder, surge-lhe naturalmente. Elliot Miles é um líder nato até aos ossos.

Ele acena com a cabeça e diz qualquer coisa ao motorista enquanto entra no banco de trás. A porta fecha-se.

O carro arranca no meio do trânsito, e observo-o a afastar-se.

Quando os nossos olhos se encontrarem. Ambos saberemos.

Sorrio delicadamente.

Elliot Miles ainda acredita na magia.

E sei que não sou quem ele espera conhecer.

Não sou extraordinária.

Não tivemos aquele momento de olhar de tirar o fôlego e, definitivamente, não nos damos bem.

Isto não é uma grande história de amor.

Sou apenas uma rapariga normal, e a paixoneta dele é horizontal.

Apoio o queixo na mão enquanto olho pela janela.

Mas não faz mal.

Um dia, um homem vai entrar aqui e arrebatar-me, e vamos cavalgar até ao pôr do sol e viver felizes para sempre.

Sorrio melancolicamente. Parece que eu e o Elliot Miles temos algo em comum.

Também acredito em magia.



Saímos do carro enquanto as câmaras disparam, e o Daniel agarra a minha mão,

puxando-me para dentro através das elegantes portas pretas.

– Vês – sorri, orgulhoso. – É por isso que tens de ter sempre uma boa aparência. Os *paps* estão aqui.

Inclino a cabeça para trás e desato a rir da sua ilusão.

– Eles não estão aqui para nos apanhar, seu idiota, estão aqui para fotografar as celebridades. E, por favor, não digas *paps*, soas ridículo.

É sábado à noite e estamos na inauguração de uma discoteca chique.

O Daniel sorri efusivamente enquanto ajusta as alças do meu vestido.

– Ei, *estamos* na lista de convidados.

– *Tu estás* na lista de convidados, eu sou apenas a acompanhante miserável.

– Mas estás maravilhosa.

Sorrio, nervosa, ao passar a mão pelas coxas.

– Tens a certeza de que isto não é de mais?

Ele enlaça o meu braço com o dele, e avançamos na fila.

– Querida, «de mais» não existe.

Solto uma gargalhada enquanto me olho: estou a usar um minivestido cor-de-rosa com mangas curtas e sapatos de salto alto de atar, cor de pele. O meu cabelo está solto e estrategicamente preso atrás de uma orelha e, pela primeira vez, estou a usar batom cor-de-rosa. Parece que acabei de sair de uma revista de alta-costura dos anos sessenta, e detesto admiti-lo, mas tenho bom aspeto.

Chegamos à frente da fila, e o Daniel entrega os nossos bilhetes.

– Pena a Rebecca não ter vindo.

– Pois é. Ultimamente, ela está tão agarrada à rotina. Não sai para lado nenhum – respondo.

O Daniel torce o nariz.

– É por isso que não me vou apaixonar tão cedo – e leva-me para dentro da discoteca.

– Porquê, porque não és aborrecido? – pergunto.

– Precisamente – ri-se.

Arregalo os olhos ao olhar à volta.

– Oh, uau.

Os tetos são tão altos que nem consigo ver o telhado; é escuro e glamoroso, com escadas à volta das extremidades que conduzem aos níveis superiores.

– Isto sim, é uma discoteca – o Daniel sorri. – Vamos dar uma volta e dar uma vista de olhos.

De mãos dadas, percorremos o piso inferior. Há uma pista de dança, mesas e cadeiras. Enormes sofás de couro estão colocados à volta da área da lareira. Subimos ao piso seguinte e encontramos um elegante bar de *cocktails*, onde a música é discreta,

e ficamos maravilhados com as pessoas que lá estão.

– Toda a gente é tão bonita – sussurro, sentindo-me muito deslocada.

– Eu sei – responde o Daniel. – Não sei para quem olhar primeiro, estou a ficar vesgo, é como se fosse um orgasmo ocular.

Rio-me enquanto subimos as escadas para o piso seguinte, com um ambiente completamente diferente. Tem um bar de uísque e um terraço ao ar livre com cadeiras grandes e confortáveis e luzinhas.

– Oh, este é o meu piso preferido – sorrio ao olhar o terraço. – Podemos sentar-nos aqui?

– Sim, vamos ver o piso superior e voltamos cá a baixo para bebermos um *cocktail*.

– Está bem.

Subimos as escadas cheias de gente e, quando chegamos ao topo, fico completamente atónita.

Uma enorme pista de dança, cheia de mulheres bonitas quase sem roupa.

– Este deve ser o piso das modelos – o Daniel sorri ao observá-las.

Puxo a bainha do meu vestido para baixo, sentindo-me subitamente constrangida.

Oh, Deus.

– Pronto, vamos voltar para baixo – digo.

Os olhos do Daniel mantêm-se fixos nas raparigas.

– Não podemos ficar aqui um pouco?

– Não estou bêbeda o suficiente para este piso – agarro-lhe na mão e direciono-o para as escadas.

– Vamos voltar aqui assim que possível.

– Está bem. Mas *cocktails* primeiro.

As escadas estão apinhadas, e há um grupo de homens a subir. Fixo o olhar no Elliot e afasto a mão do Daniel como se fosse uma batata quente.

– Kate. – Ele tenta esconder o seu sorriso e falha miseravelmente. –
O que estás a fazer aqui?

– Aulas de cozinha – respondo, tentando ser espirituosa.

Os seus olhos descem até aos meus dedos dos pés e voltam a subir até ao meu rosto.

– E estou a ver que tens o fogão a ferver.

Oh…

Olho para o Daniel, e ele sorri abertamente.

– Diria em chamas.

Os olhos do Elliot cintilam na direção do Daniel.

– Qual era o teu nome mesmo?

– Daniel.

– Daniel quê?

O Daniel sorri.

– Daniel que vive com a Kate, é tudo o que precisas de saber.

O Elliot olha fixamente para o Daniel; o seu rosto está sem emoção, mas é evidente que não ficou impressionado com a resposta.

Olho de um para o outro. Oh… Jesus, *embaraçoso*.

– Hum, devíamos ir. Foi bom ver-te – sorrio, e continuamos a descer as escadas.

– Adeus – diz o Elliot enquanto continua a subir.

– Oh, meu Deus – sussurro. – O Daniel que vive com a Kate… O que raio foi aquilo?

– Ele queria pesquisar-me no Google.

Franzo o sobrolho, confusa.

– Porque quereria ele fazer isso?

– Para ver se sou uma ameaça.

– O quê?

– Estou-te a dizer, este gajo está caidinho por ti. Na outra noite, quando estavas fora de ti, quase não se foi embora. – Aproximamo-nos do bar do terceiro andar. – Duas *margaritas*, por favor – pede.

– Claro. – A empregada vira-se para as preparar. Olho fixamente para o Daniel.

– Porquê?

– Disse que não sabia se devia ir embora porque eu podia aproveitar-me de ti.

– O Elliot? – franzo o sobrolho.

– Sim.

– Ele disse mesmo isso?

– Hum-hum.

– Ele não queria deixar-te comigo. Porque não?

– Aqui têm. – A empregada entrega-nos as nossas bebidas.

– Obrigada. – Tocamos com os copos um no outro.

– Obviamente, não gosta que toquem nas suas coisas.

Endireito os ombros.

– Bem, isso é ridículo, não sou dele.

O Daniel ri-se.

– Querida, acho que ambos sabemos que ele anda a rondar. Quer dizer… ele mesmo o disse.

– Isso foi o Edgar. Ele não sabia que era eu e, se calhar, nunca vai fazer nada em relação à sua paixão horizontal. Pensar nisso e fazê-lo de facto são duas coisas completamente diferentes.

Os olhos do Daniel fixam-se nos meus.

– Alguma vez viste o Elliot Miles a não ir atrás do que quer?

Os meus olhos prendem-se aos seus.

– Prepara-te para o ataque dele, querida, ambos sabemos que está a chegar.

Consigo senti-lo.

Dou um gole da minha bebida enquanto os nervos se agitam no fundo do meu estômago. Odeio admiti-lo, mas eu também.

Foda-se.

Quatro horas mais tarde, o Daniel inclina a cabeça para trás e ri-se alto, e eu sorrio para a minha bebida: está sentado à minha frente num dos sofás do terraço. Encontra-se no meio de um casal, um rapaz e uma rapariga, e os três estão a falar, e o que se passa é que não faço ideia com qual deles é que ele está realmente a namoriscar.

Mas acho que com os dois.

Estão todos em cima uns dos outros, e a química entre os três é palpável.

O que acontece neste tipo de situações? Ele vai para casa com eles, e o tipo fica a ver enquanto ele fode a mulher, ou ele também fode o tipo?

Deus… Sou tão tradicional.

– Andava à tua procura – diz uma voz profunda.

Viro-me para ver o Elliot sentar-se ao meu lado. Dá-me um *cocktail* vermelho de aspeto elegante.

Ele está aqui.

Tem. Calma.

– Oh, olá – sorrio enquanto lhe tiro o copo da mão. – O que é isto? – aponto para a bebida.

– *Ring My Bell*. Tornou-se um favorito pessoal recentemente.

Sorrio e dou um gole.

– Oh… é forte.

Vê-me a estremecer.

– Gosto de coisas fortes.

Os pelos da minha nuca ficam em pé: a forma como ele disse aquilo foi decididamente sexual. Engulo o nó na garganta.

– Vamos dançar – diz o Daniel, interrompendo os meus pensamentos.

– Força – balbucio.

Merda… não me deixes com ele. Os meus olhos voltam a focar-se no Elliot.

– Diz-me – dá um gole da sua bebida, e, com o dedo, traça um círculo no meu ombro –, como é que estás há sete anos disfarçada de aborrecida especialista em informática?

Sorrio.

– Ainda sou uma aborrecida especialista em informática.

– És como o Clark Kent, caramba.

Rio-me com a sua analogia; a sensação do seu dedo na minha pele está a fazer-me

coisas.

– E tu o que és por detrás do disfarce? – sussurro.

Os seus olhos escuros focam-se nos meus.

– Esfomeado.

O ar crepita entre nós.

Agarra no meu colar e endireita-o à volta do meu pescoço, colocando o pendente à frente.

Prende uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha enquanto me olha.

Não consigo respirar.

Ele inclina-se para baixo e põe os lábios junto à minha orelha.

– Quero-te, Kate – morde-me suavemente a orelha, e sinto arrepios no braço. – Quero-te debaixo de mim.

Capítulo Sete

Elliot

Os meus dentes tocam-lhe na orelha, e todos os meus sentidos se aguçam.

Passo a minha mão pelo braço dela e sinto arrepios. Foda-se.

Ela é excitante.

Está escuro, tomo o seu rosto entre as minhas mãos e beijo-a suavemente; ela sorri contra mim e beija-me de volta.

A excitação começa a bombear com força pelo meu corpo, e o meu pau endurece nas calças.

A sua língua dança com a minha, eu franzo o sobrolho. Caraças…

Ela é excitante para caraças.

Sim.

Sim.

As nossas línguas dançam sedutoramente, e eu começo a perder o controlo. Inclino-me para ela.

Aperto-lhe mais o rosto, e o meu corpo começa a latejar. Ela afasta-se de mim e lambe os lábios enquanto me olha.

Tento tocar-lhe, e ela levanta a mão como que para me impedir.

– O que estás a fazer? – ofego.

– Já tive o suficiente – ela senta-se e tira o batom da carteira, imperturbável.

Levanto as sobrancelhas, surpreendido. ***O quê?***

Abre um espelho compacto e começa a pôr o seu batom cor-de-rosa brilhante.

Inclino-me e mordisco-lhe o pescoço, e os arrepios voltam a subir-lhe pelos braços. Ela sorri.

– Não te incomodes com o batom; vai sair ao esfregar-se no meu pau – respiro-lhe ao ouvido.

Ela vira a cabeça e lambe-me os lábios de forma sedutora; quase que expludo aqui mesmo.

– Vou andando – sussurra.

Sorrio sombriamente ao levantar-me para sair.

– Sim… vamos.

Ela enrola os lábios.

– Senta-te, tu não vens.

– O quê?

– Desculpa – encolhe os ombros. – Acho que não estou assim tão interessada em ti.

Como?

Ela põe a boca junto ao meu ouvido.

– E, para que conste, tu é que ficarias por ***baixo*** de mim.

Sorrio, pretensioso. Gosto deste jogo.

Ela morde-me a orelha com força, e eu agarro-lhe a cabeça e seguro-a contra a minha.

Por um momento, ficamos próximos, banhados pela eletricidade que existe entre nós.

E, foda-se, há muita.

– O que é suposto eu fazer em relação a isto? – agarro na mão dela e coloco-a sobre a minha ereção.

Os seus olhos escurecem, inclina-se para a frente e beija-me novamente.

– Vais lá acima e comes uma modelo – respira para a minha boca.

Afasto-me dela, pouco impressionado com o seu tom.

– Cuidado – aviso-a.

Ela levanta-se, passa por cima de mim e, com as suas longas pernas esticadas de cada lado das minhas, inclina-se para mim novamente.

– Elliot – sussurra.

Passo as mãos pelas suas longas pernas.

– Porra, vamos para casa, agora. – Sento-me para a frente, e ela empurra-me para trás na cadeira. – A minha tesão não desce – sussurro-lhe.

Ela beija-me enquanto procura algo na mesa, e, depois, sinto a sua mão nas minhas virilhas.

Raios… o que é que devemos parecer?

O que é que isso importa?

Beija-me mais uma vez, eu sorrio contra os seus lábios, e ela abre a minha braguilha.

Vai bater-me uma aqui mesmo? Foda-se… que animal.

Sim… sim… sim.

Sinto uma queimadura nos meus tomates, e os meus olhos abrem-se de repente.

Frio, frio como gelo.

– Está melhor, querido? – sussurra-me enquanto se levanta e passa a mão pela minha barba por fazer.

Olho para baixo e vejo que pôs uma mão-cheia de gelo nas minhas cuecas.

– Mas que raios? – grunho.

Ela ri-se, manda-me um beijo, vira-se, e eu fico a ver o seu rabo ***sexy*** e excitante a passar por entre a multidão.

Tiro o gelo das calças e atiro-o para debaixo da mesa. Olho em redor para ver se alguém viu o que aconteceu. Tento recuperar o fôlego e passo a mão pelo rosto.

– O que raio foi aquilo? – murmuro.

Sento-me e estico os braços ao longo das costas da cadeira.

A testosterona está a latejar pelo meu corpo, o desejo primordial de pinar é duro e real.

Lembro-me das suas palavras: ***Acho que não estou assim tão interessada em ti…***

Mentirosa.

Nada é simples com esta mulher. Quero ir a casa dela e arrastá-la para a cama.

Mas, claro, não o vou fazer.

Lição número um: não jogues com um jogador.

Sorrio para o meu copo.

A Kate Landon vai pagá-las.

E bem.

KATE

– Táxi – chamo com o braço no ar.

Há um que encosta, e mergulho para o banco de trás.

– Rápido, conduza – digo ao condutor.

– Certo, senhora, acalme-se – diz enquanto entra para o trânsito. – O que se passa consigo?

– Estou só a fugir de um mau encontro – minto. Viro-me, olho pela janela traseira

e vejo a discoteca desaparecer ao longe.

Viro-me para a frente e o alívio preenche-me. Não acredito que acabei de fazer aquilo.

Imagino o Elliot na discoteca, neste momento, com gelo nas calças, e sorrio de forma pateta.

Uau… *Quem sou eu?*

Acho que este é o meu momento preferido de sempre.

Rio-me sozinha – estás de parabéns.

Três horas depois, o problema de se fazer de difícil é que não se consegue nada.

Estou deitada no escuro e, enquanto penso, torço o anel da minha mãe à volta do meu dedo. É tarde – quatro da manhã.

Não tive notícias do Elliot; pensei que me ia enviar uma mensagem, nem que fosse só para discutir. E, depois de ter estado uma hora ao computador quando cheguei a casa, o Edgar também não respondeu à minha mensagem.

O que me leva a acreditar numa coisa: o Elliot foi, de facto, ao piso de cima e comeu uma modelo.

Tal como eu lhe disse para fazer… Coloco a parte de trás do meu braço em cima da cara, com repugnância.

Uf, que idiota.

Porque disse aquilo?

Relembro, uma e outra vez, a forma como me beijou, a sensação dos seus ombros largos sob as minhas mãos.

E podemos parar um minuto para apreciar aquele pau enorme e duro nas suas calças?

É ridículo, ninguém pode ser assim tão abençoado.

Ele é como uma estrela porno ou algo assim, ou talvez tenha passado tanto tempo, que me esqueci de como são as ereções.

Quente e suave, veias grossas… hummm.

Uma dor profunda lateja entre as minhas pernas, o meu corpo chateado por não ter recebido a mercadoria.

Raios, estou enervada.

Uma boa queca teria sido exatamente o que eu precisava esta noite, mas a realidade é outra história. Estou com o período.

E, se alguma vez for para a cama com o esquivo do Elliot Miles, ele vai ter de se esforçar muito mais do que isto… mesmo que eu seja apenas uma paixoneta horizontal.

Quer dizer, não quero mais do que isso, mas não sou fácil.

Especialmente, não para idiotas dominadores que beijam como o diabo.

A minha ordinária interior reaparece e pergunto-me como seria estar debaixo

dele…

Para.

Viro-me de lado e aninho-me, tentando encontrar uma posição confortável.

Vai dormir.

Sinto a sua respiração no meu pescoço e os seus dentes na minha orelha, e sorrio para a escuridão.

Pela primeira vez em anos, sinto-me viva.

Segunda-feira de manhã, entro no edifício da Miles Media como uma estrela *rock*.

Com um vestido preto justo e o meu cabelo num rabo de cavalo alto, estou pronta para enfrentar o mundo.

Já ultrapassei a minha crise de confiança. Não importa se o Elliot comeu uma modelo.

Não me é nada.

Não, não, não. Não vou cair no seu pequeno jogo de sedução… Bem, agora sei que não é assim tão pequeno, mas não importa.

E o Edgar também está na merda, onde é que esse idiota se meteu no fim de semana?

Não tem desculpa para não responder às minhas mensagens, sou apenas a sua amiga platónica por correspondência.

De qualquer forma, *puf* para os homens.

São todos uma porcaria.

Chego à minha secretária e, meia hora depois, olho para cima através da parede de vidro e vejo o Elliot numa das secretárias a falar com alguém. Está vestido com o seu fato azul-marinho, uma camisa branca e parece ainda mais orgástico hoje, se é que isso é humanamente possível. Desvio o olhar.

Pronto.

Ele vem aí.

Sento-me direita e arrumo as mamas no meu sutiã.

Estou pronta para ti, grandalhão… anda lá.

Durante dez minutos, finjo olhar para o ecrã do meu computador.

O que é que ele está a fazer?

Mantenho a cabeça para a frente, mas movo os olhos na sua direção. Ao estilo perseguidora.

Está a falar e a rir-se com duas raparigas.

Qual é a piada, idiota, e desde quando é que falas com as pessoas?

Levanto as sobrancelhas. Uf… típico.

Continuo a fingir que estou a trabalhar, e, depois, ele passa pelo meu gabinete enquanto fala com o Henry.

Aí vem ele.

Bate casualmente na minha janela como cumprimento e continua a andar, totalmente despreocupado. Continua a conversar, e os dois entram no elevador e desaparecem de vista.

Olho para as portas fechadas e pisco os olhos.

O quê?

Uma batida.

Só isso?

Não era isso que era suposto ele fazer.

Era suposto entrar aqui, armar-se em homem das cavernas e exigir que fizesse sexo com ele, em cima desta secretária, agora mesmo… e, por acaso, talvez tenha usado cuecas sensuais para estar à altura da ocasião.

O meu sangue ferve… agora, ele vai fingir que nada aconteceu.

Quer fazer-me suar… bem, não vai acontecer!

Típico estilo Elliot Miles.

Vai-te lixar, idiota.

Bolas, se calhar não aconteceu nada, e eu só estava pedrada com o *aftershave* dele. Quer dizer, é totalmente possível; ele cheira mesmo bem.

– Como assim, não disse nada? – a Rebecca bufa enquanto caminhamos.

– Foi o que te disse, nada. Nem uma palavra – respondo.

O Daniel dá a volta à frente e vira-se para nós.

– Despachem-se, é suposto isto ser exercício.

A Beck e eu atravessamos a estrada o mais depressa possível para o tentar apanhar.

– Sabem, se vou caminhar convosco, têm de se esforçar mais. Quero elevar o meu ritmo cardíaco – diz.

– O que te impede? – reviro os olhos. – Vai lá, então.

– E depois? – a Beck continua.

– Nada. Vi-o várias vezes de passagem, e ele não se comportou de forma estranha. Nem um bocadinho. – Afasto as mãos. – Completamente normal.

Ela franze o sobrolho enquanto andamos.

– Está a fazer joguinhos – diz o Daniel. – É descaradamente óbvio.

– Duvido – digo, ofegante. – E o que te aconteceu no sábado à noite, não voltaste para casa?

O Daniel encolhe os ombros enquanto caminha.

– Um pouco disto e daquilo.

– O que é que isso significa? – inspira a Rebecca. – Podemos abrandar? Estou prestes a entrar em paragem cardíaca.

– Foste para casa com aquele casal? – pergunto.

Encolhe os ombros.

– Talvez.

– Dormiste com o homem ou com a mulher? – pergunta a Rebecca.

– Um cavalheiro não revela.

A Rebecca e eu trocamos olhares exasperados.

– Precisamos de pormenores – resmungo.

– Bem, não os vão ter – responde o Daniel. – Tive uma noite maravilhosa, é só o que precisam de saber.

– Então, dormiste com os dois – improviso.

– Quem foi melhor? – diz a Rebecca.

– Cala-te, não vou ter esta conversa! – responde à Rebecca. – Fala com a tua amiga sobre agarrar a ereção do chefe dela numa discoteca e molhá-la com gelo.

Ponho as mãos por cima dos olhos. Não acredito que fiz aquilo.

– Para de falar nisso.

– A sério, objetivos de vida – diz a Rebecca, e caminhamos durante algum tempo. – Então, o que vais fazer agora?

– Não sei – encolho os ombros. – Só nos resta uma semana de trabalho antes do encerramento do Natal.

– Que mau momento – responde ele.

– Porquê?

– Bem, a excitação vai abrandar, não vai? De certeza que, até ao Ano Novo, ele já terá dormido com outra pessoa.

– Se ainda não dormiu – suspiro.

– Verdade – concorda a Rebecca.

– Como se eu quisesse saber – continuo a caminhar enquanto a minha mente começa a vaguear… Bem. Foi divertido enquanto durou.

É tarde e ouço o som de notificação; sorrio e levanto-me da cama.

Edgar.

«Olá, Pinkie.

Desculpa, só vi a tua mensagem agora, estive a trabalhar todo o fim de semana.»

Reviro os olhos. Mentiroso.

«Não faz mal, pensei que tivesses tido um fim de semana quente e sensual com a tua paixão. Como estás?»

Vejo os pontos enquanto ele escreve.

«Não foi quente e sensual por aqui. Como foi o teu encontro?»

Franzo o sobrolho. Nada quente e sensual? Ou não foi quente e sensual com a tua paixoneta? Vou mentir sobre o meu encontro.

«O encontro foi ótimo, estou um pouco apaixonada.»

Sorrio e aguardo pela sua resposta.

«Sorte a tua.»
Franzo o sobrolho e escrevo:
«Então, não viste a tua paixoneta?»
«Vi, beijámo-nos.»
Sorrio de forma pateta e respondo:
«E?»
«E nada, ela quer fazer joguinhos, e não estou para aí virado. Perdi o interesse.»
Abro a boca, horrorizada. Mas que raios? Escrevo:
«A capacidade de atenção de um peixe dourado!»
Apago.
«Seu burro…»
Apago.
Expiro pesadamente. Meu Deus, isto é estúpido. Recosto-me, desanimada.
Por fim, respondo.
«Como foi o beijo?»
Vejo os pontos enquanto ele escreve.
«Incrível. Não pensei em mais nada desde aí.»
Sorrio com suavidade. *Eu também*.
«Bem, talvez devesses convidá-la para um encontro ou algo do género.»
«Talvez…»
«Como foi o teu dia?»
«Porreiro. Trabalhei e, depois, fiz uma sessão de PT. Estou ansioso por ir a casa no Natal.»
Franzo o sobrolho. Já sei onde é a casa dele, mas vou fingir que não sei.
«Onde é casa?»
«Onde cresci, perto dos meus pais.»
Sorrio com tristeza; deve ser difícil viver longe de toda a gente.
Chega outra mensagem.
«Vais a casa no Natal?»
Os meus ombros descaem. Escrevo:
«Sou só eu, o meu irmão e a minha irmã. O Natal é uma altura do ano triste para mim.»
«Lamento.»
«Eu também.»
«Bem, se te faz sentir melhor, a minha mãe obriga-me a mim e aos meus irmãos a usar camisolas de malha com renas.»
Dou uma gargalhada ao imaginar os grandes e poderosos irmãos Miles com camisolas de Natal tricotadas para agradar à mãe. Respondo com uma cara

sorridente.

😀

Exalo enquanto espero pela sua próxima mensagem.

«Porque estás apaixonada?»

«Talvez esteja apaixonada pela ideia de estar apaixonada.»

«Não estamos todos?»

É tão fofo nas mensagens. É pena que seja um mulherengo idiota que perde o interesse muito rapidamente na vida real. Escrevo:

«Talvez conheças a tua extraordinária rapariga no Natal.»

«Talvez. Ou talvez passe a minha vida a ter sexo sem sentido com as pessoas.»

Franzo o sobrolho e escrevo:

«Isso é uma coisa má?»

«Não.»

«Então?»

«Quero mais.»

«Mais de quê?»

«Se eu soubesse, tê-lo-ia encontrado.»

Deito-me na cama – devia dizer-lhe que sou eu. Está a começar a contar-me coisas pessoais e vai ficar chateado se descobrir que está a confiar em mim. Mas, por alguma razão, sinto que ele está mal e quero confortá-lo.

«Saberás quando a conheceres.»

«Será?»

Sorrio de tristeza.

«Claro que sim.»

«E tu?»

«Acho que nem sequer quero amar alguém. Dói demasiado quando os perdemos.»

Silêncio durante alguns minutos. Por fim, chega uma resposta.

«Quem é que te magoou?»

«Os meus pais.»

«Como?»

«Morreram.»

Inesperadamente, fico com lágrimas nos olhos e desligo-me rapidamente para ficar *offline* antes que ele responda. Não quero entrar neste assunto; nem sei porque é que o mencionei.

«Estou cansada.

Boa noite, Ed.

Xoxo»

Encosto a cabeça à parede, e o suor escorre-me entre os seios.

Estou na sauna do ginásio do trabalho, são oito da noite de quarta-feira.

Esta semana tem sido longa, e já só quero que seja sexta-feira. Nem sequer vou à estúpida festa de Natal de amanhã à noite – não me sinto muito festiva.

Esta altura do ano é sempre merdosa. O Natal é o ponto culminante que me recorda do que não tenho. Mas consola-me saber que vou acordar no dia seguinte ao Natal, que o peso do mundo terá desaparecido e que me sentirei de novo eu mesma; sinto-me sempre assim. Só gostava de poder piscar os olhos e estar nesse dia.

A porta abre-se, e o Elliot entra envergando apenas uma toalha.

– Olá – e senta-se do lado oposto ao meu.

Merda.

– Olá.

Fica em silêncio, e sinto o ar à minha volta a começar a circular com energia.

Há uma química sexual entre nós que não posso negar.

Ele inala e encosta a cabeça à parede e, na minha visão periférica, os seus músculos começam a provocar-me.

Merda.

Durante quinze minutos, sentamo-nos em silêncio.

Está a agir de forma completamente calma e normal, como se não tivéssemos dado aqueles beijos na discoteca.

Como se se tivesse esquecido das coisas que me disse. Será que aconteceu mesmo ou sonhei tudo?

A cada minuto que passa, a minha raiva cresce dentro de mim, até que não consigo aguentar mais. O meu elástico interior rebenta de forma espetacular.

– Qual é o teu problema? – atiro.

Sorri de forma lenta e sensual… Raios.

Ele ganhou.

– Sabes, não me interessa se ganhas este jogo estúpido – sussurro.

Observa-me com atenção.

– E não me interessa se dormiste com dez modelos no sábado à noite.

O seu rosto enche-se de satisfação.

– Porque, definitivamente, não quero dormir contigo.

Ele eleva a sobrancelha.

– Que olhar é esse? Não olhes assim para mim, Elliot, porque sei o que estás a fazer.

Ele sorri e encosta a cabeça à parede enquanto fecha os olhos. Está completamente imperturbável, e eu pontapeio-me internamente.

– O que estou a fazer, Kathryn? – pergunta.

Kathryn… Sou Kathryn, outra vez.

– Estás a tentar lixar-me a cabeça – disparo.

– A tua cabeça não tem nada que ver com o assunto. É o teu corpo que quero foder.

Abro a boca, horrorizada.

– Tens de ser tão grosseiro? – sussurro, furiosa.

Ele encolhe os ombros casualmente.

– Sou assim. Se estás à procura de romance, segue em frente.

Fico a olhá-lo – onde está o gajo de sonho da Internet? Será a mesma pessoa?

Gosto muito mais do Ed.

– Vou *seguir* em frente – digo ao ajustar a toalha.

– Porquê?

– Porquê? – atiro. – Como é que isso é uma pergunta?

– Tenho algo que tu queres, tu tens algo que eu quero. Podíamos ajudar-nos um ao outro.

– Queres dizer, ser o engate um do outro.

Ele sorri enquanto fecha os olhos novamente.

– Não.

– Não o quê?

– Bem, um engate é vires-te rápido depois de uma noite fora.

– Oh, por favor – reviro os olhos.

Ele senta-se para a frente, põe as mãos nas minhas coxas e abre-me as pernas.

– Estou a falar em abrir-te bem e comer-te.

Engulo o nó na garganta.

– E cavalgar-te com tanta força durante horas que não te lembrarás de ninguém antes de mim.

Os nossos olhos fixam-se.

– E vais ficar molhada e a pingar de mim – agarra num punhado do meu cabelo e arrasta a minha cara para junto dele. Põe a boca junto ao meu ouvido. – E eu vou ficar a pingar de ti – sussurra enquanto a sua língua se lança para lamber a minha cara. Os meus olhos fecham-se ao sentir a sua língua grossa.

Oh, Deus amado.

Arrepios espalham-se pelos meus braços.

Ele solta-me e senta-se como se estivesse completamente desligado.

– Leva o teu tempo e pensa nisso. Sei que não é do agrado de toda a gente e que muitas mulheres não conseguem lidar com isto.

– Penso em quê? – pergunto.

– Não faço as coisas pela metade, não tenho relações e, definitivamente, não partilho.

– Então, *o que* fazes? – sussurro.

– Posso tratar-te como nunca ninguém o fez – o ar crepita entre nós.

– Decide-te, porque se o fizermos, fazemo-lo a sério. – Ajoelha-se entre as minhas pernas e lambe a parte interna da minha coxa. Fico a olhá-lo, paralisada.

Caraças…

Passa a língua pela minha coxa enquanto os seus olhos se fixam nos meus, e eu olho para a porta. E se alguém entra e o vê de joelhos a fazer isto?

– Queres sexo sem compromisso? – sussurro.

– Sim. – Com um último beijo de boca aberta na parte de baixo do biquíni, sobre o meu sexo, ele levanta-se. – Quero um acordo consensual.

As minhas entranhas começam a derreter.

– Podemos estar com outras pessoas? – pergunto.

– Não.

– Porque faria isso?

Os seus olhos estão em mim.

– Porque é a única forma de me teres.

Raios, como é que ele sabe?

Inclina-se, segura o meu rosto com a sua mão e beija-me suavemente, com a quantidade certa de sucção.

– Sabes como me contactar.

Levanta-se em direção à porta, sem olhar para trás, e a porta fecha-se à sua saída.

Fecho os olhos enquanto tento controlar a respiração.

Foda-se.

Capítulo Oito

Empurro a comida à volta do meu prato com o garfo.

– Eu disse, não gostas? – diz a Rebecca, como se estivesse a repetir-se.

– O quê? – olho para cima, atordoada. – Desculpa, não te ouvi. – Engulo rapidamente um pedaço. – Claro que gosto. É o meu prato favorito.

O Daniel observa-me.

– O que se passa contigo hoje?

– Nada, porquê?

– Porque mal disseste duas palavras desde que chegaste a casa.

– Estou cansada, acho eu. – Encolho os ombros, sem querer contar-lhes a notícia de que o Elliot Miles me lambeu a coxa na sauna, e quer sexo sem compromisso, e eu não posso ver mais ninguém, e ele tem um pau grande, e todo este mês está a tornar-se num desastre do caraças.

– Tens falado com o Elliot? – pergunta a Rebecca.

Abano a cabeça.

– Não – minto. Sinto-me envergonhada com a sua proposta indecente. Não quero ter de explicar a situação, porque, muito francamente, eu própria não a compreendo.

– E com a tua paixoneta *online*, o Edgar? – pergunta o Daniel.

– Não – mastigo a comida. – Também não falei com ele.

Esta noite, estou a provocar uma tempestade de mentiras.

Porque não o faria? Quando o Edgar me disse que não se tratava de um grande caso de amor e que era apenas uma paixoneta horizontal, ele não estava a mentir. Nem é um caso tórrido… é uma transação comercial de fluido seminal.

– Ele é um idiota – responde o Daniel. – É por isso que estás em baixo.

– Não estou em baixo – resmungo. – O Elliot Miles não me diz nada.

Pronto, talvez um pouco cá em baixo.

Quando o Elliot me disse que me queria, por um momento, foi excitante e uma novidade, bem como uma forma de sair desta rotina. Raios, ter-lhe colocado gelo nas calças foi o ponto alto do meu ano. Mas agora que sei que ele me vê como uma vagina ambulante… a sua paixoneta perdeu o brilho.

E o pior é que estou mesmo a considerar. Sei que é estúpido, sei que ele vai acabar por ser um idiota e que, provavelmente, vou ser despedida ou magoada.

Ou pior, ambos.

Lembro-me da sauna, com ele ajoelhado entre as minhas pernas, e fico com um aperto no estômago, mas ele é tão…

Faz-me sentir algo, e mesmo que seja mau, não deixa de ser um sentimento.

Agora, percebo que estive entorpecida durante anos e que, se quero voltar a ser eu própria, talvez o Elliot seja um bom ponto de partida para lá chegar.

Continuo a comer em silêncio enquanto o Daniel e a Beck falam de uma nova aplicação de Pilates que descarregaram.

A minha mente está novamente a divagar… Gosto do Edgar. É doce, inteligente e entusiasmante, mas, depois, lembro-me de quem ele é realmente.

Não preciso de uma complicação como o Elliot Miles na minha vida. Longe disso, não sou uma jovem rapariga cega pela luxúria com olhos mansos. Não preciso que o meu chefe me faça um minete na sauna do trabalho para me sentir viva.

Sou melhor do que isso.

Mas… *o meu chefe a fazer-me um minete na sauna do trabalho*… só a frase já me excita.

Tenho problemas graves.

Finalmente, estou a organizar-me… Estarei a regredir ao deitar-me na cama com alguém tão lindo e dominante como ele.

É um desastre à espera de acontecer.

– Gostas dele, não gostas? – diz a Rebecca enquanto dirige a conversa de volta para mim.

– De quem? – finjo-me de burra.

Ambos reviram os olhos.

– Do Elliot Miles.

– Não o conheço; e porque é que vocês os dois estão a falar disto a noite toda?

– Desculpa – a Rebecca arregala os olhos.

Continuamos a comer.

– Tens a festa de Natal do teu trabalho amanhã à noite, não tens? – pergunta a Beck para mudar de assunto.

– São só umas bebidas no escritório. Quais são os vossos planos?

– Eu durmo na casa do Brett – responde a Rebecca.

– Eu vou a casa ver os meus pais por uns dias – diz o Daniel. – A minha mãe está um pouco em baixo.

– Ela está bem? – pergunto.

– Teve um cancro este ano, e isso afetou-a. Vou para casa ajudá-la a embrulhar presentes e a preparar-se para o dia de Natal. O meu pai é um inútil.

Sorrio enquanto ponho a minha mão sobre a do Daniel na mesa.

– És um bom homem, sabias?

– Bem, este ano só estou eu – a minha irmã foi destacada e só volta para casa em fevereiro.

– Ela está na marinha, certo? – pergunto.

Ele acena, orgulhoso.

– Ela é incrível. Conseguiria dar cabo de mim – rimo-nos.

– Vais fazer o almoço de Natal aqui, para o teu irmão e a tua irmã, certo?

Aceno.

– Parecia uma boa ideia na altura.

– Agora, já nem tanto? – pergunta o Daniel.

– Uf, ainda nem sequer pensei no que vou cozinhar. É tudo muito difícil.

– Bem, apenas vou estar fora dois dias e, depois, volto para te ajudar a preparar a comida. Só vou para casa na véspera de Natal, e conseguimos ter a maior parte do trabalho feito antes de arrancar.

– Não tens de fazer isso – sorrio.

– Querida, que mais vou fazer? Estar em casa durante mais de dois dias dá comigo em doido, e amanhã é o meu último dia de trabalho. Podemos elaborar algumas receitas com um bom vinho.

Sorrio, grata pelo meu novo amigo, e volto a minha atenção para a Rebecca.

– O que é que vais fazer no dia de Natal, Beck?

– Vou estar a arbitrar lutas com a minha família disfuncional – suspira.

Sorrimos enquanto ela continua.

– Sabes, seria de pensar que quando os teus pais se divorciam, o espetáculo de merda acaba. Mas não… arranjam novos parceiros idiotas, e tu podes ter um duplo espetáculo de merda com *chantilly* e cobertura extra.

Todos rimos.

O Daniel levanta o seu copo, e ambas lhe tocamos com o nosso.

– Ao Natal, o derradeiro espetáculo de merda.

– Ao Natal.

Pouco passa das onze da manhã quando me sento na minha secretária com uma caneca de café. O meu *e-mail* dá sinal.

Elliot Miles.

«Olá, Kathryn.

Gostaria de ter uma reunião com a equipa de informática, por favor. Quero-vos a todos no meu gabinete dentro de trinta minutos.

Elliot.»

– Porra – levanto-me e caminho para o gabinete ao lado do meu. – Bob, recebeste o *e-mail* do Elliot?

O Bob desvia o olhar do computador.

– Não vi, deixa-me verificar. Abre o seu *e-mail* e torce o nariz. – Sim. – Os seus olhos voltam para mim. – Achas que tem que ver com a falha da Internet na semana

passada?

– Claro que sim – reviro os olhos. – Hoje, não estou no humor certo para isto.

O Bob exala profundamente e, depois, a cabeça do Joel aparece à ombreira da porta.

– Vocês receberam o *e-mail*?

– Sim.

Olhamo-nos todos fixamente durante um momento. Quando se recebe um convite privado por *e-mail* para o gabinete do Elliot Miles, não é para uma festa de chá e bolos.

Estamos prestes a meter-nos em sarilhos.

– Se ele começar a meter-se comigo hoje, digo-lhe para ir às favas – diz o Bob.

– Quais favas, pá – provoca o Joel.

– Este estúpido trabalho – responde o Bob.

– Sim, sim, grandalhão – responde o Joel. – Já sabes, deixa a Kate falar.

O Bob assente em concordância.

Fracos.

Ótimo… era mesmo o que precisava.

Meia hora depois, chegamos ao último andar.

– Olá – a Courtney sorri. – Podem entrar, ele está à vossa espera.

O Bob, o Joel e eu trocamos olhares.

– Ótimo. – Finjo um sorriso, passamos, e deixo cair os meus ombros, preparando-me para o seu ataque.

Elliot Miles é muitas coisas; fraco não é uma delas.

O Bob bate à porta.

– Entre – chama a voz profunda.

– Merda para isto – sussurra o Joel.

Eu sorrio – é realmente hilariante o medo que os rapazes têm dele.

Entramos e encontramos o Elliot sentado atrás da sua secretária. Recosta-se e levanta o queixo para o céu; reconheço imediatamente essa postura.

Ele não está zangado, está furioso.

– Querias falar connosco – pergunto.

Ele aponta para a mesa de conferências com a caneta.

– Vamos sentar-nos ali.

Exalo.

Odeio a merda daquela mesa.

Levanta-se e desabotoa o casaco com uma mão – está a usar um fato azul-marinho e uma camisa branca bem ajustada –, tira o casaco e atira-o para as costas da cadeira, com o rabo apertado à mostra. Quando se levanta, consigo ver os músculos a fletir no seu ombro enquanto puxa a cadeira para fora.

Ótimo, era mesmo disto que eu precisava de ver – pornografia de fatos.

Os seus cabelos escuros pendem-lhe sobre a testa e os seus olhos são de um azul brilhante. Ajudaria muito a minha causa se ele fosse um pouco mais feio.

– Quero falar-vos sobre a falha da Internet na semana passada. – E bate com o relatório impresso na mesa à nossa frente. Sou imediatamente sugada do meu devaneio.

Foca-te.

– Foi o que pensei – resmungo baixinho.

– Expliquem-me – diz ele.

Abro a boca para falar.

– Tu não. O Joel – interrompe.

O Joel e o Bob trocam olhares nervosos.

– Bem, tivemos de carregar um novo sistema no nosso *site* de administração e, para isso, precisámos de adicionar um novo código WAP.

O Elliot agarra na caneta e segura-a na mão enquanto ouve.

– O que não nos apercebemos foi que, quando adicionámos o novo código WAP, este iria anular completamente o sistema de todo o edifício.

– Porque não se aperceberam disso? – o Elliot olha-o fixamente.

O Joel encolhe os ombros.

– Não é para isso que vos pago? Um perito informático para impedir uma catástrofe iminente antes que esta se concretize.

O Joel abre a boca, mas fecha-a de novo; os seus olhos dirigem-se a mim à procura de segurança, e eu mostro-lhe um sorriso abafado.

– Não olhes para a Kathryn, olha para mim. Quem é que, de entre vocês os três, carregou o sistema?

– Eu aprovei-o – respondo.

– Não foi isso que perguntei – o Elliot responde bruscamente. – Quem carregou este sistema?

Por amor de Deus.

– Fui eu – sussurra o Bob.

O Elliot senta-se para trás na sua cadeira e olha para o Bob.

– Diz-me… Bob – ironiza. – Quantos funcionários da Miles Media estão neste edifício?

O Bob engole o nó na garganta.

– Por volta de dois mil, senhor.

– Dois mil, cento e setenta e um – ladra o Elliot. – E quanto é que estimas que seja o salário por hora para essa quantidade de pessoas, Bob?

O Bob começa a transpirar.

– Sr. Miles, com todo o respeito… – digo.

– Não. Me. Interrompas. Kathryn – grita. Todos nós murchamos nos nossos lugares.

– O salário por hora só para este edifício é de setenta e quatro mil e novecentas libras.

Todos ficamos quietos. Foda-se… tirem-me daqui.

– Multipliquemos isso pelas três horas em que não tive Internet – rosna.

O Bob baixa a cabeça.

– São duzentas e vinte e quatro mil e setecentas libras que a tua incompetência me custou.

Exalo. Raios.

– Gostariam que descontasse esse valor do vosso salário? – E olha para nós os três.

Ficamos em silêncio.

– Respondam-me – grita.

– Não, senhor – respondemos todos.

Levanta-se e apoia-se na secretária com as duas mãos enquanto nos olha fixamente.

– E, no entanto, deduziste-o do meu – rosna. – Digam-me porque não devo rescindir os vossos contratos imediatamente.

É tão idiota.

Recosto-me, enfurecida.

– Por mim tudo bem, rescinde o meu contrato.

O Elliot estreita os olhos, o seu temperamento a segundos de uma explosão iminente.

– Oh, gostavas, não era? Fugires da tua incompetência em vez de enfrentares os problemas. Não sei porque esperaria melhor.

Reviro os olhos.

– Não me revires os olhos – grita, fazendo-nos saltar a todos.

A porta abre-se. O Christopher mete a cabeça para dentro, olha para nós e finge um sorriso.

– Elliot, posso falar contigo por um momento, por favor?

– Estou ocupado – diz.

– Agora – e arregala os olhos.

O Elliot sai da sala, e a porta fecha-se com um estalido. O Bob e o Joel afundam-se nos seus lugares.

– Não te atrevas a demitir-te – sussurra o Joel.

– Concordo – diz o Bob.

– Que se lixe isto – sussurro de volta. – Estou farta disto, ele é um verdadeiro idiota. Estou fora.

– Acalma-te, ele é assim há anos. Porque te incomoda agora? – sussurra o Joel.

Porque, antes, não queria dormir com ele.

– Não sei porque está a insistir – sussurra o Bob. – Ele ganha duzentas mil libras a cada dez minutos.

A porta volta a abrir-se, o Elliot entra e senta-se, com a compostura completamente restabelecida.

Christopher «Xanax» Miles: é o único que consegue acalmar o Elliot e o seu temperamento.

Já o vi várias vezes.

O Elliot agarra na sua caneta e senta-se enquanto nos olha.

– Isto não pode voltar a acontecer, faço-me entender?

– Sim – respondemos os três.

– Estou desiludido. Quando pago pelo melhor, espero o melhor. – Exala pesadamente, olha entre nós e atira a caneta para a secretária como se desistisse. – Podem voltar para os vossos gabinetes.

Todos nos levantamos.

– Kathryn, tu ficas. Preciso de falar contigo em relação ao prospeto que me enviaste.

A minha raiva borbulha, e volto a sentar-me, mordendo a parte interna da bochecha para me impedir de dizer algo sarcástico como «Vai-te lixar».

A porta fecha-se atrás do Joel e do Bob, e os seus olhos vêm para mim. Ficamos a olhar um para o outro durante um momento, até que não aguento mais e levanto uma sobrancelha.

– O que queres discutir sobre o prospeto?

Levanta-se, dá a volta à secretária e encosta o rabo às costas da mesma. Cruza uma perna à frente do tornozelo e agarra a secretária atrás de si com as duas mãos.

– Não me ameaces. Não gosto – diz, calmamente.

– Não foi uma ameaça.

– Mantenho a minha vida profissional e privada separadas, pensei que também o conseguisses.

– Consigo – endireito as costas. – É o que faço.

Os seus olhos estão em mim.

– Isso é mentira. Nunca ameaçaste ir-te embora. Na verdade, ficaste para me irritar. Subitamente, hoje, queres despedir-te?

– Ninguém fala comigo assim, quer esteja a dormir com as pessoas ou não.

– Nós não dormimos juntos… *ainda*. – Acentua o ainda. – No entanto, vou retificar essa situação muito em breve.

Isso querias tu.

Fico em silêncio, sem saber o que dizer que não soe melodramático. Ele tem razão, nunca tinha pensado em despedir-me antes de hoje; talvez não consiga separar as duas coisas.

– Parto para Nova Iorque de manhã – diz.

Aceno.

Os seus olhos fixam-se nos meus e, depois, levanta uma sobrancelha impaciente.

– E?

– E o quê? – respondo.

– Vou ver-te hoje à noite?

– Vou estar na festa de Natal como toda a gente no edifício. – Encolho os ombros casualmente.

– Então, parece que isso significa que sim. – Ele estreita os olhos. – Porquê tanta atitude?

Levanto-me.

– Sabes, para um homem inteligente, és bastante estúpido. Se achas que o facto de me chateares a mim e aos meus colegas de trabalho por causa de um erro honesto é excitante, pensa outra vez.

Ele volta a vestir o casaco e coloca as mãos nos bolsos.

– Sou um profissional, Kathryn. Não seria quem sou se não o fosse. Os incompetentes não serão tolerados, independentemente da minha relação com eles.

Contorço-me e olho pela janela para fugir ao seu olhar.

– Queres um tratamento preferencial, é isso que estás a dizer?

– Não, claro que não – disparo.

– Então, vê a questão do meu ponto de vista: queres ser tratada da mesma forma no trabalho ou não?

Cerro o maxilar… O idiota apanhou-me.

– Consigo separar as duas coisas – continua. – A Kathryn com quem trabalho e a Kate que desejo.

Ele põe o dedo debaixo do meu queixo e traz-me o rosto para perto do seu; os seus olhos focam-se nos meus lábios.

– Agora, vamos falar da Kate – murmura. – Gosto dela.

Os olhos dele são tão azuis… e sinto-me inclinar na sua direção.

Só um beijo…

Acordo do meu transe.

– Não. – Viro-me e avanço para fora do gabinete. Bato no botão do elevador com tanta força que fico surpreendida por não o partir. Entro de rompante no elevador e vou até ao rés do chão. Preciso de ir dar um passeio ao ar livre para tentar desanuviar a cabeça.

Neste momento, está tudo tão confuso. A minha vida está fodida… e não de uma boa forma.

A música toca no ginásio, e o som de risos pode ser ouvido em todo o espaço. Os empregados andam de um lado para o outro com bandejas de champanhe e cerveja, e

há balões e decorações de Natal.

Estou na festa de Natal do meu trabalho e não era assim que se esperava que fosse. A Miles Media ia passar uma noite nos arredores de Londres, mas o clube de campo onde íamos fazer a festa ardeu no mês passado.

Estou de pé, ao fundo da multidão, com a minha equipa, e bebo do meu champanhe enquanto observo as pessoas.

As festas de Natal trazem sempre ao de cima o pior das pessoas; vemos os nossos colegas de uma forma completamente diferente. No ano passado, a Miss Inocente, Empertigada e Correta do piso dois passou a noite no quarto de um dos gerentes casados. Durante semanas, foi o assunto do escritório. Marcus e Neil, ambos casados, foram apanhados a beijarem-se na cabina fotográfica, e Mandy, do piso nove, tirou a blusa e dançou de sutiã, porque estava com calor. Sorrio ao lembrar-me disso – foi realmente uma noite divertida.

A minha mente regressa ao presente e à proposta indecente do Elliot.

Por muito que me sinta atraída por ele, e sinto, não o posso negar – e, depois de hoje, nem sei porquê –, não quero ser a tola do local de trabalho.

Ele disse-me diretamente: sem compromissos, sem relações ou sentimentos, e sem outras pessoas.

Então, porque consideraria eu sequer fazê-lo?

Quer dizer, o objetivo de sair com alguém não é divertirmo-nos, ir a sítios e conhecermo-nos? Se não vou sair com mais ninguém, não quererei estar com alguém que se orgulhe de estar comigo?

Agora, gostava mesmo de nunca ter enviado uma mensagem ao Edgar Moffatt. Deu-me uma visão interna do Elliot Miles que eu não deveria ter visto e sinto-me mais próxima dele do que sou na realidade… e não devia.

Sei que ele é um sacana insensível e que nunca ficaria satisfeito só comigo… Eu nunca poderia ser a mulher incrível que ele procura, por mais que tentasse.

Na verdade, deixem-me reformular a frase: gostava de ter conhecido o Edgar em vez do Elliot. Ele tem tudo o que eu procuro.

O Elliot Miles e ele não podiam ser mais diferentes, o que é ridículo, porque sei que são a mesma pessoa.

Mas, depois, lembro-me que ele anda à procura de alguém extraordinário e que ainda acredita em contos de fadas, e sei que há mais nele do que parece.

Uf… Ando às voltas com isto.

Num minuto estou entusiasmada, porque isto é novo, interessante, excitante e podíamos ter sexo desenfreado fantástico.

No momento seguinte, imagino o Bob e o Joel a descobrirem que ando a dormir com ele, e o que eles e o resto do escritório iriam pensar de mim, e fico mortificada.

Sei o que tenho de fazer, por muito tentador que seja sentir-me despreocupada e

viva.

Vou recusar.

E já não gosto de pensar nisso… então, o que é que isso quer dizer sobre o poder que ele já tem sobre mim?

Raios… só nos beijámos.

Tenho uma visão de nós, na outra noite, no clube e da forma como ele me beijou.

A forma como segurava o meu rosto com as mãos, a forma como tinha os olhos fechados.

Ele é tão… *ahh*.

Olho para o outro lado da sala e vejo-o chegar com o Christopher, a falar com o resto do pessoal da direção do último piso.

Está vestido com o seu fato de corte perfeito e tem uma cerveja *Corona* na mão, e consigo ver os seus olhos a analisarem o local enquanto fala.

Está à minha procura.

Já chega.

Isto não vai acontecer.

Tiro o telemóvel da mala e finjo que atendo.

– Oh, a sério, vou já para aí. – Desligo e viro-me para o Joel. – Tenho de ir. O carro da minha irmã avariou, e ela ficou retida na autoestrada.

– Oh. – O seu rosto descai. – Está bem. Ele dá-me um beijo na bochecha. – Tem uma ótima pausa de Natal.

– Igualmente. – Viro-me e dou um beijo na bochecha do Bob. – Vemo--nos para o ano, Bob. Feliz Natal.

– Para ti também, querida.

– Não digas a ninguém que fugi – sussurro.

– Claro.

Olho para o outro lado da sala e fixo os olhos no Elliot. Ele mostra-me um sorriso lento e sensual e beberica a sua cerveja. Os seus olhos estão escuros e famintos e sinto-os até aos dedos dos pés.

Foda-se.

Esvazio o copo e dirijo-me à casa de banho. Preciso de o afastar.

Entro, olho-me e viro-me, volto a sair e dirijo-me de imediato para o corredor e até ao elevador.

Com o coração a martelar no peito, desço de elevador até ao rés do chão.

Não deixes que ele te siga… por favor, não me sigas.

Preciso de espaço.

A partir de amanhã, vai estar fora durante duas semanas, o que me dará algum espaço para respirar.

As portas abrem-se, saio pelo átrio e vou para a rua, até uma praça de táxis, e meto-me na parte de trás de um.

– Olá.

O condutor sorri e olha para mim.

– Para onde, querida?

– Casa, leve-me para casa…

O floco de neve desliza de um lado para o outro até encontrar o seu lugar no chão. Tão insignificante por si só, mas, juntamente com os seus amigos, cria um cobertor de gelo mágico.

O luar reflete-se na rua lá em baixo, e, de pijama, sento-me de pernas cruzadas no banco da janela do meu quarto, a olhar para o mundo… Parece tão calmo e tranquilo.

São onze e meia da noite e nem sequer consigo pensar em ir para a cama. Ainda estou acelerada.

A minha mente está a funcionar a um milhão de quilómetros por minuto.

Vejo um carro surgir ao virar da esquina, dois faróis iluminam a estrada e param em frente à minha casa. Olho para baixo: é um *Bentley* preto.

A porta das traseiras abre-se, e o Elliot sai e caminha até à minha porta da frente.

Merda… ele está aqui.

Capítulo Nove

Um *truz-truz* ecoa lá de baixo.

Não é um toque gentil de «Estás em casa?», é um toque de «Estou aqui e estou chateado!».

O *truz-truz* ecoa novamente.

O que é que ele está a fazer? São onze e meia da noite, e se os outros estivessem em casa? Desço as escadas e abro a porta à pressa.

E lá está ele, de pé, em toda a sua beleza excessiva.

– Sim? – digo.

– Porque vieste embora?

– Estava cansada.

Ele levanta uma sobrancelha enquanto os seus olhos se fixam nos meus; sabe que é mentira.

– O que queres, Elliot?

– Não me vais convidar a entrar?

– Não.

– Porque não?

Sinceramente, este homem é irritante.

– Porque é tarde e, como te disse, estou cansada.

– Temos coisas para falar.

– Não, não temos. Já disse o que queria.

– Nem penses – passa por mim e sobe as escadas até ao meu quarto. Exalo e deixo-me ficar no corredor.

– Por favor, entra – fecho a porta e subo as escadas para o encontrar a andar de um lado para o outro no meu quarto, preparando-se para a batalha.

– O que queres, Elliot? – pergunto e fecho a porta.

Os seus olhos encontram os meus.

– Sabes o que eu quero.

– Não, na verdade não sei. – Vou até à janela e fico a olhar para a rua.

Não sei o que dizer sem parecer carente ou choramingas, ou, talvez, simplesmente uma cabra… raios, nem sei quem sou.

– É assim… – diz ele.

Viro-me e afundo-me para me sentar no chão, encostada à parede.

Ele para o que está a dizer a meio da frase, ficamos a olhar um para o outro e, passado um bocado, vem e senta-se no chão ao meu lado, com as costas encostadas à parede como as minhas.

Sentamo-nos em silêncio e olhamos fixamente em frente. É como se ele também não soubesse o que dizer.

Uma estreia para o Elliot Miles.

– O que é que eu disse? – pergunta ele, suavemente.

– Quando?

– No segundo dia em que nos conhecemos e me disseste que eu tinha olhos azuis, o que é que eu disse?

– Não me lembro – minto.

– Tenho pensado sobre isto. Há uma razão para me teres odiado durante todos estes anos.

Fico em silêncio.

– Diz-me.

– Disseste-me que não gostavas que as mulheres fossem inapropriadas no local de trabalho.

Ele franze o sobrolho.

– E eu… – a minha voz descarrila enquanto paro.

– Tu, o quê?

Encolho os ombros.

Ele continua a olhar fixamente para a frente, e ficamos sentados em silêncio durante algum tempo.

– Kate… correndo o risco de parecer convencido…

– *Tu*… convencido?

Sorri.

– Continua – sorrio.

– As mulheres atiram-se a mim muitas vezes… e não é porque gostam de mim.

Escuto.

– É o meu apelido e o meu saldo bancário que as mulheres acham atraente.

O meu coração cai.

– Desvio-me de namoricos todo o dia, nem sequer me apercebo que o faço. Os meus irmãos são iguais.

Franzo o sobrolho.

– Então, quando me disseste que eu tinha uns grandes olhos azuis, há tantos anos, não que me lembre de o teres feito, já agora, é óbvio que entendi que te estavas a atirar a mim… e pus-lhe um travão antes que continuasse.

Mordo o lábio e ouço atentamente.

– É por isso que tens sido uma cabra para mim durante todos estes anos? Para me

mostrar que não estavas a namoriscar?

– Tenho sido uma cabra para ti porque és um idiota.

Ele baixa a cabeça e ri-se.

Dou por mim a sorrir também.

– Bem, é verdade.

Ele agarra na minha mão e entrelaça os seus dedos com os meus.

– Quais são as tuas reservas quanto a fazeres isto comigo?

– Bem – olho para ele. – Não achas estranho que, de repente, te sintas atraído por mim?

– Sim – ele acena. – Acho; não consigo explicar.

Franzo o sobrolho outra vez; não era isso de que eu estava à espera que ele dissesse.

– Não sei porque isto aconteceu, mas foi instantâneo. Vi-te a dançar com o teu vestido vermelho de netbol e fiquei com tesão.

– O quê?

– Tenho uma confissão a fazer.

– Qual?

– Posso ter – faz uma pausa, como se estivesse a escolher bem as palavras – visto as tuas imagens a dançar na sala de fotocópias, há cerca de um mês… repetidamente.

– O quê?

Agarra-me na mão e beija-me as costas desta.

– Digamos que fizeste tocar o alarme.

Abro a boca, surpreendida, quando junto as peças do *puzzle*.

– A sério?

Ele morde o lábio para abafar o seu sorriso.

– Elliot – arfo de surpresa.

– Não consegui evitar, és sensual para caraças – sorrio tolamente.

– Sabes quantas vezes me masturbei com aquelas imagens?

Desato-me a rir.

– O quê?

Ele fica sério novamente.

– Que mais, quais são as outras questões?

– Bem – penso por um momento. – Porque é que não tens relações?

– Porque aprendi a não querer mais.

– Porquê?

– Porque assim que namoro abertamente com alguém, está em todos os tabloides, e a pessoa com quem estou a namorar é perseguida pela imprensa por causa das núpcias iminentes. Tudo o que fazemos é escrutinado e surge em todas as manchetes.

Escuto.

– Sabes quanta pressão isso coloca numa relação? – pergunta.

– Não consigo imaginar.

– Se pareço frio e distante… é porque sou.

– Elliot – sussurro, triste.

Encolhe os ombros casualmente, como se estivesse totalmente em paz com o ser frio e distante.

– Há cerca de seis anos, decidi que só iria sair em privado e que não iria namorar abertamente com ninguém. Dessa forma, não há mexericos, não há histórias de *paparazzi*, é mais fácil para mim. E sei que é egoísta, mas é o que é.

– O que acontece quando conheceres a mulher certa?

– Acho que vou resolver isso com ela quando chegar a altura.

Sorrio com suavidade e toco-lhe com o meu ombro.

– É uma boa resposta.

– Eu sei. – Ele toca-me de volta. – Já podemos fazer sexo?

Rio-me, surpreendida.

– Não.

Ele sorri e encosta a cabeça à parede.

– Sabes, vinha aqui seduzir-te… ter uma conversa séria não estava nos meus planos.

– Eu precisava de ter esta conversa. – A sua resposta faz sentido e talvez consiga lidar com isso. – Podemos só… não sei, ir com calma?

Ele vira a cabeça para me olhar e expira profundamente.

– Não é exatamente o meu ponto forte.

– Por favor. – Inclino-me e beijo-o com suavidade. – Por mim?

Os nossos beijos intensificam-se, e ele toma o meu rosto nas suas mãos. A sua língua percorre os meus lábios abertos. Beijamo-nos uma e outra vez e oh… Adoro a forma como me beija.

Agarra-me e puxa-me para cima dele. Tenho as mãos no seu cabelo enquanto nos beijamos, é suave e atencioso, e, com cada passagem da sua língua, a minha temperatura sobe.

Sinto a sua ereção enquanto me balanço nele.

Oh…

Afasto-me para o olhar.

– Devagar… lembras-te?

Ele enrola o lábio.

– Deves estar a brincar comigo.

Sorrio e estremeço.

– Por favor.

– Mas vou estar fora duas semanas.

Tenho de parar agora se quero conseguir fazê-lo, por isso, levanto-me e puxo-o pela

mão.

– Eu sei.

Toma-me nos seus braços e beija-me suavemente.

– Lembra-te do nosso acordo.

Sorrio-lhe.

– Relembra-me.

– Sem mais ninguém.

– Isso também se aplica a ti, sabes?

– Sei.

– O que vais fazer em Nova Iorque?

– Masturbar-me com o filme do teu vestido de netbol, sem dúvida.

Rio-me e afasto-lhe o cabelo da testa enquanto o olho.

– Obrigada por passares cá.

Abraça-me e ficamos nos braços um do outro por um momento, e ele é tão diferente do que pensei.

– Estou muito excitado, porra – murmura para o meu cabelo.

– Duas semanas – rio-me.

Agarro-lhe na mão, conduzo-o pelas escadas e abro a porta da frente. Ele vira-se para me beijar.

– Duas semanas – relembro-lhe. Ele perde o controlo, espalma-me contra a parede e beija-me.

O nosso beijo torna-se desesperado. As suas mãos estão no meu rabo, e a sua ereção enterra-se na minha anca; as minhas entranhas começam a derreter.

– Devagar – ofego contra os seus lábios.

Afasta-se e inclinamo-nos um para o outro, as nossas testas a tocarem-se.

A energia rodopia entre nós; estou quase a ceder e a arrastá-lo de volta para o meu quarto.

– Tens duas semanas. – Beija-me suavemente. – E depois és minha.

Aceno com a cabeça, enquanto controlo a minha respiração irregular.

Um último olhar.

– Adeus – diz-me.

A porta fecha-se, e apoio-me nela enquanto tento recompor-me.

Isto acabou mesmo de acontecer?

A excitação borbulha no fundo do meu estômago.

Duas semanas para perder peso, depilar tudo e, de alguma forma, ficar sensual. Sorrio de forma pateta. Fácil.

«Olá, Pinkie.

O que se faz por aí?

Como foi o teu dia?»

Sorrio e escrevo a minha resposta. Passaram três dias desde que vi o Elliot, mas o Edgar tem-me enviado mensagens sem parar.

Com cada mensagem que recebo do Edgar, a minha culpa em relação ao Elliot aumenta; está a confiar em mim, mas estou a mentir-lhe descaradamente. Quero dizer-lhe que sou eu, mas nunca me parece ser o momento certo. Adoro falar com o Edgar e adoro esta visão que tenho do Elliot. É como se eu tivesse uma identidade secreta, uma que revela os seus segredos mais profundos e obscuros.

Vou-lhe contar, tenho de o fazer. Estou apenas à espera do momento certo, e será em breve – isto não pode continuar.

É tão estranho. Sei que são a mesma pessoa, mas não me parece que sejam a mesma pessoa. O Elliot é forte, teimoso e *sexy*, e, no outro extremo do espectro, o Edgar é profundo, emocional e doce. O Elliot não me contactou de todo.

E não se trata de mensagens de namorico, estamos mesmo só a conversar.

«Olá, Ed.

O meu dia foi bom. Fui ao ginásio e, depois, fiz algumas compras de Natal, e consegui terminar quase tudo. Só falta comprar para o meu irmão. E tu, que fizeste?

«Pensei na Kate durante todo o dia.»

Sorrio enquanto o meu coração dá uma cambalhota no peito.

«Estás apanhadinho por essa mulher.»

«Parece que sim…»

Mordo o lábio e penso no que escrever. Escrevo:

«O que gostas nela?»

«Não sei, mas mal posso esperar para descobrir.»

Apoio-me na minha mão e sorrio sonhadoramente para o meu computador.

Também estou ansiosa por descobrir.

Faltam onze dias.

A voz doce de Michael Bublé ecoa pela casa enquanto o som das canções de Natal nos envolve.

– Acho que está quase, querida – diz o Daniel ao encher o seu copo. – Os presentes estão embrulhados, a comida está pronta e não te esqueças que tens de preparar o bolo de manhã.

Ergo o meu copo, e ele bate-lhe com o seu.

– Obrigada – sorrio. – Não teria conseguido fazer tudo isto sem ti.

– Foi um prazer. Tens a certeza de que não queres ir a casa dos meus pais hoje à noite?

– Não, estou bem aqui, a sério.

– Não me agrada a ideia de passares a véspera de Natal sozinha.

– Vou ao ginásio e, depois, deito-me cedo. Ser a anfitriã no dia de Natal é um inferno.

A campainha toca, e os olhos de Daniel encontram-se com os meus.

– Estás à espera de alguém?

– Não.

Abro a porta da frente e encontro um estafeta com o maior cesto de lindas flores cor-de-rosa que alguma vez vi.

– Kate Landon? – sim.

– Tenho uma entrega para si.

– Oh.

– Assine aqui, por favor. – E indica-me onde assinar, e eu agarro no enorme cesto.

– Obrigada. – Fecho a porta enquanto me debato com o cesto e o coloco em cima da mesa de jantar. – Mas que raio? – Deve haver aqui umas trezentas flores, rosas e brancas, em todos os tons. Toco nas preciosas pétalas.

– Tão lindo – sussurro.

– São de quem? – dispara o Daniel.

– Não faço ideia – agarro no pequeno envelope branco e abro-o.

«Kate,

Feliz Natal,

Elliot x»

– Oh – abro a boca, surpreendida. – Um beijo no fim. – Aproximo o cartão do coração.

– São de quem? – incita o Daniel.

Passo-lhe o cartão, ele lê-o e, depois, os seus olhos encontram-se com os meus.

– Elliot… Miles?

Sorrio.

Ele arregala os olhos.

– O Elliot Miles mandou-te flores?

Tiro-lhe o cartão.

– Está apenas a ser simpático, só isso.

– Estás a gozar comigo? – suspira. – O que se passa?

– Nada. – Carrego as flores escadas acima com o Daniel nos meus calcanhares.

– Aconteceu alguma coisa entre vocês? – pergunta.

– Não.

– Tretas, tem de ter acontecido alguma coisa.

– Ele disse-me que gostava de mim, só isso.

– E não te lembraste de o mencionar?

– Não sabia se ele estava a falar a sério. – Coloco as flores no meu toucador e sorrio enquanto as reposiciono.

– Bem… Acho que estava a falar a sério, Kate. Telefona-lhe, vai lá agora mesmo e agradece-lhe em carne e osso.

Desato-me a rir.

– Ele está em Nova Iorque, idiota.

– Ele está em Nova Iorque e manda-te flores para casa? – grita. – Oh… Está apanhadinho. – Tira-me o cartão e lê-o em voz alta.

«Kate,

Feliz Natal,

Elliot x»

– Oh, feliz Natal para ti também, coisa boa – diz ele. – Ele podia, pelo menos, ter escrito «com amor» no cartão, não achas? É tão genérico.

Volto a tirar-lhe o cartão. A excitação borbulha-me no estômago enquanto olho as flores. Imagino o Elliot a ordenar o que escrever no cartão.

– Tenho de lhe ligar a agradecer.

– Sim. – O Daniel sorri ao agarrar nos meus ombros e me vira para a porta. – Sim, faz isso agora. Vem lá para baixo para eu poder ouvir.

– Não – rio-me. – Vou fazê-lo em privado, esta noite, depois de saíres.

O Daniel abraça-me enquanto nos dirigimos para as escadas e beija-me a têmpora.

– Afinal, parece que o Elliot Miles tem algum gosto.

Ando de um lado para o outro com o telemóvel na mão. São oito da noite na véspera de Natal e tenho de lhe ligar.

Estou muito nervosa, e o meu coração está a bater forte e rapidamente no meu peito.

Ele telefonou-me há anos, durante uma conferência, à procura de um relatório, e guardei o número para não atender se voltasse a telefonar. Nem num milhão de anos pensei que lhe ia ligar para lhe agradecer flores.

O que lhe digo?

Obrigada pelas flores, são lindas… E depois? Esperemos que ele conduza a conversa a partir daí.

Fecho os olhos para me preparar.

Tenho de ligar, é rude não agradecer.

Pronto.

Vá lá.

Raios. Coloco a mão sobre o estômago para tentar acalmar-me. Sinto que estou prestes a vomitar.

O meu dedo passa por cima do seu nome… Merda. Fecho os olhos e primo o botão de chamada.

Ando de um lado para o outro enquanto chama. Talvez esteja ocupado. Quer dizer,

é véspera de Natal, claro que está ocupado.

– Olá – atende a sua voz profunda.

Oh, foda-se.

– Elliot, olá. É a Kate.

– Olá, Kate. – Há conversa de fundo. – Deixa-me ir até a um sítio sossegado para te poder ouvir. – Ouço-o a andar e, depois, uma porta fecha-se. – Está melhor.

Franzo o sobrolho.

– Obrigada pelas flores, são lindas.

– Como tu.

Sorrio de forma pateta.

– És sempre tão meloso?

Ri-se.

– Faço o meu melhor.

Ficamos em silêncio.

– O que estás a fazer? – pergunta.

– Nada de mais, a embrulhar presentes. E tu?

– Estou numa festa de *cocktails* em casa dos meus pais.

Imagino as pessoas ricas e famosas com quem ele se mistura; a sua vida e a minha são completamente opostas.

– Não te retenho, vou deixar-te voltar para a festa – sussurro.

– Sem pressa, prefiro falar contigo. Estas pessoas são aborrecidas.

Sorrio enquanto ando para trás e para a frente, tão nervosa que não consigo estar parada.

– O que vais fazer no dia de Natal, amanhã? – pergunta.

– O meu irmão e a minha irmã vêm cá a casa, e tu?

– Vou estar na casa dos meus pais, nos Hamptons. O Tristan cozinha.

– A sério?

– Sim, tem a mania que é uma espécie de *chef*. Cozinha desde os dezoito anos, mais ou menos; felizmente, as refeições melhoraram muito desde então.

Sorrio ao imaginar o lindo Tristan Miles num avental.

– Dez dias até te ver – sussurra ele.

O quê?

O meu coração dá cambalhotas no meu peito.

– Mal posso esperar – respondo em sussurro.

Ficamos novamente em silêncio.

– Volta para a tua festa – sorrio.

– Não quero.

Oh… ele é tão…

– Fizeste o meu dia – sussurro. – Obrigada.

– De nada.

– Vejo-te em breve.

– Não breve o suficiente.

Fecho os olhos enquanto a excitação percorre o meu corpo.

Isto está mesmo a acontecer?

– Feliz Natal, Kate Landon – sussurra com a sua voz profunda e sensual.

Sorrio abertamente.

– Feliz Natal, Sr. Miles.

Ficamos em linha durante mais tempo do que devíamos, sem que nenhum de nós queira desligar.

Por fim, o telemóvel faz um clique quando ele termina a chamada, e eu atiro-o para cima da cama e rodopio em alegria.

Caramba.

Sentamo-nos à volta da mesa de Natal e comemos em silêncio.

A comida está deliciosa, os cânticos de Natal tocam ao fundo. Mas é difícil – há duas pessoas que deviam estar aqui.

Todos os anos espero que este seja o último ano mau; todos os anos fico tristemente desiludida.

É tudo o que posso fazer para não correr para o meu quarto e chorar na minha cama. Não quero celebrar o Natal se isso me fizer sentir assim tão vazia.

Não é justo.

A Elanor, a minha irmã, e o Brad, o meu irmão, também comem em silêncio – sei que todos partilhamos os mesmos sentimentos em relação a este assunto.

Somos todos tão diferentes. Elanor tem uma beleza clássica, é sofisticada e inteligente e só usa roupas de marca. Mistura-se com a elite e tem um emprego de luxo na área da importação, viajando sempre pelo mundo com um novo namorado exótico. Os meus olhos vagueiam pela Elanor: todos os homens que alguma vez a olharam apaixonaram-se perdidamente por ela.

O meu pai costumava dizer que Elanor era abençoada pelos deuses. Até a sua marca de nascença é perfeita, um pequeno coração de amor cor-de-rosa mesmo por baixo da orelha, no alto do pescoço. Como é que é possível que uma marca de nascença seja *sexy*?

O Brad é mais como eu e aprecia as coisas simples da vida. É fisioterapeuta e acaba de abrir o seu próprio consultório aqui em Londres. Teve uma namorada durante seis anos, mas separaram-se recentemente. Disse que se tornaram os melhores amigos e que o fogo se apagou entre eles. Pensava que iam ficar juntos para sempre; a ideia de que o fogo se pode apagar entre duas pessoas tão apaixonadas assusta-me imenso. Se lhes pode acontecer a eles, pode acontecer a qualquer pessoa.

– Isto está maravilhoso, Kate. – O Brad aponta para a comida. – Está mesmo.

– Obrigada. – Tento fazer conversa. – As batatas são a receita da avó.

O Brad acena com a cabeça, demasiado emocionado para responder.

Normalmente, passamos o Natal com a nossa família alargada, tias, tios e primos. Mas, há três anos, decidimos ficar sozinhos, para que, se quiséssemos ficar tristes, pudéssemos. Não há nada pior do que fingir que se está feliz quando se está a morrer um pouco por dentro.

– Encontrei um comprador para a casa da mãe e do pai – anuncia Elanor.

Franzo o sobrolho.

– Não estamos nem perto de vender, vamos precisar de seis meses para limpar tudo.

– Já tratei disso.

– Do quê? – responde o Brad.

– Da limpeza da casa dos pais.

– O quê? – franzo novamente o sobrolho. – Como assim?

– Já passaram seis anos, alguém tinha de o fazer.

– Dissemos-te que o queríamos fazer juntos.

– Bem, vocês andam a adiar há imenso tempo.

– Porque não estamos prontos – balbucio. – Onde estão as coisas deles?

– Dei a maioria para a caridade.

Caio para trás em choque, e os meus olhos enchem-se de lágrimas. Teria doído menos se me tivesse acertado com um machado.

– Diz-me que estás a mentir.

– Para que queremos aquilo? Doei tudo.

– O quê? – choro enquanto salto da mesa. – Como foste capaz?

– É bom que estejas a mentir, foda-se – grunhe o Brad. – Dissemos-te para não tocares na casa.

– Alguém tinha de o fazer. Estou farta de esperar por vocês os dois.

– Onde estão as coisas deles? – grito.

– Já te disse, doei a maior parte.

Tenho uma visão de todos os pertences preciosos da mãe e do pai numa loja de caridade.

– Para onde? – começo a chorar descontroladamente.

– Acalma-te – diz ela. – Fiquei com as fotos.

– E as minhas coisas no sótão? – pergunto.

– Foram-se – ela encolhe os ombros casualmente, sem se preocupar com nada.

Penso em todos os pontos-cruz e loiça da minha mãe, nas suas roupas e em todas as coisas que queria passar aos meus filhos, um dia, e choro com mais força.

Como é que ela foi capaz?

– Não acredito que nos fizeste isto… Na verdade, até acredito – grita o Brad. – Só pensas em ti. És a pessoa mais egoísta que já conheci. Sabes muito bem que a Kate queria essas coisas.

O meu peito está cheio de lágrimas e só preciso de me afastar dela.

Subo as escadas para o meu quarto e bato com a porta.

Consigo ouvir a Elanor e o Brad a gritarem como nunca e ponho a almofada por cima da cabeça para tentar bloquear o som da discussão.

Não é suposto ser assim.

Feliz Natal de merda.

«Olá, Pinkie.

Feliz Natal,

Como foi o teu dia?»

Mal consigo ler a sua mensagem através dos meus olhos inchados. Não vou puxá-lo para baixo.

«Foi ótimo.

Como foi o teu?»

Franzo o sobrolho, em lágrimas, enquanto espero pela sua resposta.

Quando falo com ele, sinto-me melhor.

Edgar Moffatt, a minha doce distração.

O único problema é que a nossa amizade nem sequer é real.

O Elliot só me quer para sexo, e eu tenho de mentir ao Edgar para ele falar comigo.

Limpo as lágrimas com raiva para conseguir ler as suas mensagens. Sei que é errado; a minha vida está uma confusão.

O meu telemóvel toca, o nome «Elliot» aparece no ecrã e o meu coração dá cambalhotas no peito.

– Olá – sorrio ao atender. Não falo com ele desde que lhe telefonei a agradecer as flores, há uns dias.

– Olá – responde a sua voz profunda e sensual.

– Como estás? – pergunto. Sabe bem ouvir a sua voz. Quer dizer, troco mensagens com o Edgar todos os dias, mas ele não sabe que sou eu.

– Estou de volta a Londres.

Franzo o sobrolho.

– Pensei que só voltavas para a semana.

– Não podia esperar para te ver.

Abro a boca, surpreendida.

– A sério?

– Sim, a sério. Vou-te buscar às sete, hoje?

Sorrio.

– Está bem.

– Vejo-te logo.

Ele desliga, e ponho as mãos por cima da boca.

Merda… *ele não podia esperar para me ver*.

Olho para mim no espelho de corpo inteiro com admiração. Estou toda aperaltada e gosto do que vejo.

O Daniel teve um dia em cheio a escolher a minha roupa para esta noite – hoje, fizemos compras a torto e a direito. Estou a usar um vestido preto justo com alças finas e sapatos de salto alto cor de pele; o meu cabelo loiro está solto e volumoso e tenho maquilhagem natural.

Também posso ter feito um pouco de bronzeamento artificial e espero que ele não note. Não quero parecer que estou a esforçar-me demasiado.

Batem as sete quando os faróis se aproximam pela frente, e eu visto o meu longo casaco preto e desço as escadas.

A porta do Daniel abre-se, e eu aponto para ele em sinal de aviso.

– Não venhas cá fora.

– Diverte-te.

Envio-lhe um beijo, e ele acena antes de voltar a fechar a porta do quarto. Pedi-lhes para ficarem nos seus quartos enquanto o Elliot me vinha buscar, só por esta noite. Já é suficientemente incómodo sem acrescentar outras pessoas à mistura.

Ele bate à porta e eu fecho os olhos – *aqui vamos nós*.

Abro a porta à pressa, e lá está ele: calças de ganga pretas, camisa cinzenta e um *blazer*.

Os seus cabelos escuros estão perfeitamente despenteados, e os seus grandes olhos azuis sorriem quando me veem.

– Olá – expiro.

Dá um passo em frente, toma-me firmemente nos seus braços e beija-me, sem cumprimentos, sem avisos.

Só lábios e sucção e… Raios… Já tive uma boa noite.

Capítulo Dez

Ele afasta-se, e, com a minha mão na sua, segura-a enquanto o seu olhar desce para os meus dedos dos pés e volta a subir para o meu rosto.

– Estás linda – sussurra.

Sorrio com suavidade.

Ele beija-me novamente.

– Vamos, antes que coma a minha sobremesa antes do jantar.

Leva-me até ao *Bentley*, abre a porta de trás, e eu deslizo lá para dentro.

O motorista acena com a cabeça em sinal de saudação, e o Elliot desliza para o banco ao meu lado.

– Andrew, esta é a Kate.

– Olá.

– Olá.

O Andrew arranca para o trânsito, e o Elliot segura a minha mão no seu colo; o seu polegar passa para trás e para a frente sobre ela, como se estivesse a pensar profundamente.

– Como foi Nova Iorque? – sussurro. O Andrew consegue ouvir o que estamos a dizer? É estranho ter alguém a ouvir a nossa conversa.

O Elliot mostra-me um sorriso lento e sensual, inclina-se para baixo e toma os meus lábios nos seus.

– Não me prendeu, digamos assim – murmura contra os meus lábios; o seu polegar roça de um lado para o outro na minha maçã do rosto enquanto me olha fixamente.

Oh…

Meu Deus, este homem escreveu o livro sobre sedução.

Também já quero a minha sobremesa.

Sorrio timidamente enquanto sinto as minhas bochechas a aquecer.

É tão intenso.

Ele afasta-se e lambe os lábios, saboreando o meu batom.

– Daqui a pouco, o Andrew vai deixar-te no restaurante. Vamos dar a volta ao quarteirão, vais entrar e dizer que és convidada do Sr. Miles, e eles levam-te para uma sala de jantar privada.

O meu rosto descai.

– Vou ter contigo daqui a dois minutos. Desta forma, temos privacidade. – Levanta

a minha mão e beija as costas, como que para suavizar o golpe; sente a minha desilusão. – Vais habituar-te, querida – diz, suavemente. – É assim que eu sou.

Finjo um sorriso e desvio a minha atenção para a janela; ele não quer ser fotografado comigo.

Para.

– Talvez seja melhor fugir antes de lá chegares – murmuro.

Ri-se.

– Experimenta e vê o que te acontece. – Leva a minha mão aos seus lábios mais uma vez. – Ia atrás de ti.

– Eu corro rápido – provoco.

– Eu corro mais rápido.

Ficamos a olhar um para o outro, e tenho a sensação de que, a um certo nível, acabei de ser avisada.

Ele gosta de controlar.

– Não temos de ir a um restaurante se não quiseres – proponho. – Parece ser um incómodo.

– Não, já marquei. É o meu favorito, a comida e os *cocktails* são de chorar por mais. Vais gostar, prometo.

Aceno com a cabeça, e ele segura-me a mão no colo.

Momentos depois, o carro estaciona à porta de um restaurante italiano. Vejo alguns fotógrafos sentados em caixotes ao cimo da estrada.

– Deixo-a sair ao virar da esquina, Kate – diz o Andrew descontraidamente.

– Está bem.

O carro vira a esquina e encosta.

– Entra na receção do Bella Donna e diz-lhes que és convidada do Sr. Miles, estão à tua espera – lembra-me o Elliot.

Aceno.

– Está bem. – Vou a sair do carro, mas ele puxa-me de volta para o banco e beija-me mais uma vez. Os meus olhos nervosos passam para o Andrew, no banco da frente, enquanto ele olha fixamente para a frente: quantas vezes é que ele já viu esta cena?

Isto é estranho.

Afasto-me do seu beijo e abro a porta do carro à pressa.

Viro a esquina e entro no restaurante.

A funcionária sorri.

– Olá.

– Olá, sou convidada do Sr. Miles.

A mulher finge um sorriso e olha-me de cima a baixo.

– Claro, por aqui, por favor.

Sigo-a através do restaurante, ela abre uma porta grande e percorremos um corredor; abre outra porta dupla e há uma sala com lareira e uma mesa para dois. Está iluminada com velas; a sala é ultrarromântica.

A mulher puxa uma cadeira e agarra no meu casaco.

– Posso oferecer-lhe uma bebida enquanto espera pelo Sr. Miles?

Fico a olhá-la, ela sabe o que fazer; quantas mulheres é que ele já trouxe para esta sala?

– Sim, quero uma *margarita* e um *shot* de tequila, por favor.

Ela sorri de forma pretensiosa.

– Na verdade, traga dois *shots*.

– Está bem – e afasta-se.

– Pode despachar-se com os *shots*, por favor? – Estou quase a implorar.

Ela sorri abertamente.

– É uma daquelas noites?

– Pode dizer-se que sim.

– Claro. – A funcionária desaparece, e olho à volta da sala. Uau. É realmente de outro mundo, parece que estou numa estância de esqui de luxo, na Suíça, ou algo do género… não que alguma vez tenha estado numa estância de esqui de luxo na Suíça, mas é assim que imagino que seria.

A porta abre-se, e o Elliot aparece, sorri, inclina-se e beija-me antes de se sentar.

– Olá.

Está muito beijoqueiro.

Forço um sorriso nervoso, e a empregada chega com um tabuleiro de prata.

Oh, não, era suposto trazeres isso antes de ele chegar, tonta.

– Aqui está, uma *margarita* e dois *shots* de tequila – coloca-os à minha frente; olho para o Elliot, e ele sorri, claramente divertido.

– Obrigada.

– Com sede? – pergunta.

Aceno com a cabeça, agarro na minha *margarita* e dou um gole, desejando poder beber o raio do copo todo.

– Quero um Barbaresco 1996 – diz o Elliot à empregada de mesa.

– Claro, senhor – e volta a desaparecer.

Com uma mão trémula, bebo a minha *margarita*, e o Elliot apoia o rosto na mão enquanto me observa. O seu dedo indicador percorre-lhe a têmpora, e ele parece completamente relaxado.

– Estás nervosa?

– Um pouco – dou um grande gole da minha bebida.

– Há alguma coisa que possa fazer para ajudar?

– Podes passar-me a tequila.

Ele levanta uma sobrancelha e passa-me um copo de *shot*.

Oh, raios, pareço a maior falhada do mundo, mas ou é isto ou agir como uma maluca nervosa toda a noite. Inclino a cabeça para trás e esvazio o copo.

– És boa a engolir.

Olho para cima.

Os seus olhos estão escuros, e ambos sabemos que ele não está a falar da tequila.

Pronto, é oficial, o Elliot Miles planeia dar-me cabo da vagina esta noite.

Já percebi.

– Hum… – estendo a mão para o outro copo, não estou suficientemente bêbeda para esta conversa.

Passa-me o outro copo de *shot*, e bebo-o, no exato momento em que a empregada chega com a elegante garrafa de vinho.

– Aqui tem – serve um pouco num copo para o Elliot provar.

Ele passa-o pela boca.

– Ótimo, obrigado. Gostaríamos de ter privacidade, por favor. Eu chamo-a quando quiser alguma coisa.

Consigo ver o seu sorriso pretensioso sob a sua fachada séria.

– Sim, senhor – e desaparece de novo para a cozinha, e sei que ela sabe exatamente porque estou a beber tequila como um marinheiro. Quero voltar para a cozinha, discutir esta situação complicada e beber com ela.

O Elliot passa a mão por baixo da mesa e, com um movimento brusco, puxa a minha cadeira para junto da dele.

– Está melhor – coloca a sua mão grande sobre a minha coxa. – Quero tocar-te.

O calor da tequila começa a aquecer-me o sangue.

– Estás muito tátil – sussurro.

– És boa de se tocar – os seus olhos descem até aos meus lábios, e ele estende a mão para me cobrir o rosto. – O que fizeste enquanto estive fora?

– Nada de mais… – a minha voz descarrila; como é suposto conseguir dizer uma frase quando ele está a olhar para mim daquela forma?

Coloca a boca junto ao meu ouvido.

– Tocaste-te? – sussurra. O seu hálito faz-me cócegas na pele e arrepios nos braços.

– Tu tocaste-te? – pergunto.

Os seus lábios tocam os meus.

– Todos os dias. Vir-me é o meu passatempo preferido.

Imagino-o a satisfazer-se, e as minhas entranhas começam a transformar-se numa poça.

Como é possível que seja tão excitante?

– Vens-te todos os dias? – sussurro.

– Sim – recosta-se. – Tu não?

Abano a cabeça.

– Bem. – Agarra na minha mão e coloca-a sobre a virilha; está duro como uma rocha por baixo das calças de ganga. – Temos de fazer algo em relação a isso. – Flexiona o seu pau sob a minha mão. – Não temos?

Fico a olhá-lo enquanto o meu cérebro começa a derreter.

Não há meias-palavras, ele é totalmente sexual. Conheço o Elliot, sei que é um homem agressivo e quando vê algo que quer, consegue-o.

Não sei porque estou surpreendida por ele ser assim… mas, por um lado, estou.

– Vais-me fazer vir… todos os dias? – sussurro.

Ele ri-se, agarra num punhado do meu cabelo e arrasta-me para junto dele.

– Querida, vou fazer com que te venhas até desmaiares.

Foda-se, foda-se, foda-se.

Nem é preciso despir-me, estou quase a desmaiar. Sorrio enquanto a minha coragem de tequila começa a fazer efeito.

– Veremos.

– Sim – e bate no seu colo. – Aqui.

– O quê?

– Abre essas coxas lindas e senta-te em cima de mim.

– Aqui? – guincho.

Aperta-me o cabelo e beija-me, longa, profunda e lentamente, e eu começo a perder o controlo.

– Kate – exige. – Quando te peço para fazeres alguma coisa, tu fazes. Sem questionar.

O meu coração começa a latejar no meu peito.

– Agora – repete.

Pisco os olhos, surpreendida. O que tenho eu a perder, já vou direitinha para o inferno por andar às escondidas com um homem mau. Levanto-me, e ele ergue uma das minhas pernas, colocando-a sobre si, e, depois, puxa o meu vestido para cima no intuito de que eu possa abrir as pernas enquanto me puxa para baixo até que me sente no seu colo.

Ficamos frente a frente, os nossos corpos encostados um ao outro.

– Está melhor – beija-me o peito e morde-me o seio.

Estamos num restaurante.

Isto não é como nada que eu tenha feito antes – tão inesperado. Errado, mas caramba, tão excitante.

Ele olha-me.

– Vem-te, querida.

– O quê? – sussurro.

– Esfrega-te no meu pau, quero que te venhas antes do jantar.

– Elliot – expiro –, estás louco?

Sorri para mim enquanto os seus lábios tomam os meus.

– O meu prazer vem de ver o teu prazer.

Ele agarra as minhas ancas enquanto me beija, o meu clitóris estrategicamente colocado sobre a sua ereção. Provocando-me a querer mais.

E quero.

Está tão duro debaixo de mim, e o seu membro está a roçar em todos os sítios certos.

– Elliot – expiro para a sua boca.

– É isso, querida, estás a sentir-me? Sentes o que tenho para ti? – beija-me profundamente. – Estou a transbordar – murmura na minha boca. – Preciso de me vir, é teu. Toma.

Oh… merda.

O som da sua voz familiar e profunda a dizer coisas tão ordinárias frita-me o cérebro, e eu tremo enquanto começo a perder o controlo.

– Também te queres vir? – e intensifica os movimentos. – Consigo sentir o quanto precisas. – Os seus lábios vão até ao meu ouvido. – Estás inchada e molhada para mim?

Fecho os olhos enquanto o meu corpo começa a balançar por si próprio; agora, tem um objetivo, e eu não o conseguiria parar, nem que tentasse.

– Talvez devesse estender-te sobre esta mesa e chupar-te… aqui mesmo. – Morde-me a orelha. – Não sabes o quanto preciso de te provar. É a única coisa em que consigo pensar. – E morde-me o pescoço com força, e salto, à beira da dor.

Mas que raios – o Elliot Miles é o rei da conversa ordinária… e ainda nem chegamos a casa.

Volto a tremer, e o seu aperto no meu rabo torna-se quase doloroso.

Os seus olhos estão escuros, os seus grandes e belos lábios estão esfomeados.

– Faz-me vir, querida, e monta-te neste pau.

Convulsiono-me quando me deixo levar, o orgasmo é tão forte que gemo na sua boca; ele sorri triunfante enquanto me beija e eu volto à terra.

Ele inclina-se para trás e observa-me; coloca ternamente um pedaço do meu cabelo atrás da minha orelha.

– Agora… já podemos comer.

Capítulo Onze

Olho para o meu reflexo no espelho da casa de banho do restaurante. O meu rosto está corado com um brilho de satisfação.

Quem és tu e o que fizeste com a Kate?

O que raio acabou de acontecer?

Num minuto, estava nervosa, no outro, estava a saltar-lhe em cima da cadeira antes mesmo de comermos… Uf, o que me deu?

Agi como uma adolescente carente de sexo.

Que embaraçoso. Bela forma de te portares bem, idiota.

As palavras cruéis da minha pesquisa no Google voltam para me provocar: *Carinhosamente apelidado de «Casanova Miles» pela imprensa, devido à sua aparente capacidade de conseguir que as mulheres façam tudo o que ele quer.*

Consegue mesmo.

Raios, agora, sou uma dessas mulheres… matem-me já!

Demoro-me a lavar as mãos, arranjo um pouco o cabelo e, para ser sincera, só me apetece fugir, este homem dá-me vontade de fazer coisas que nunca imaginei.

Volto a entrar na sala de jantar privada e sento-me.

O Elliot está recostado na sua cadeira, com o copo de vinho na mão, e os seus olhos avaliam-me.

– Está tudo bem? – pergunta.

– Sim – agarro na minha *margarita*.

– Estás calada.

– Oh – encolho os ombros, tímida. – Estou um pouco envergonhada.

Franze o sobrolho.

– Sobre quê?

– Esquece, não é nada – dou um gole na minha bebida… porque disse aquilo?

– Kate – avisa.

– É só que… não acredito que acabei de fazer aquilo.

– O quê?

Fico a olhá-lo: está completamente sem noção; para ele, isto deve ser um comportamento normal.

– Dois minutos depois de me sentar, estava a saltar-te para a cadeira.

Ele olha-me.

– Porque estás envergonhada?

– Esquece – pouso a minha bebida com brusquidão. – Estás pronto para ir?

– Não. – Os seus olhos estão em mim. – Explica-me o que acabaste de dizer.

– Elliot.

– Não me venhas com o *Elliot*, o que querias dizer? – dispara.

Fico em silêncio, sem saber bem o que dizer.

Ele inclina-se para a frente.

– Só estamos aqui nós, Kate. E o que acontece entre nós… não é da conta de ninguém – diz, suavemente. – E se agradar-me sexualmente te deixa envergonhada, então… – encolhe os ombros.

– Então o quê?

– Então, o que estamos a fazer aqui?

Franzo o sobrolho.

– Porque insistes em fazer-me sentir como uma adolescente errante?

– Porque estás a agir como uma? – agarra no copo e agita-o. – Sou aventureiro, Kate. Gosto de sexo, gosto de o fazer com força e gosto que as minhas mulheres se venham… com frequência. – Leva o copo aos lábios e dá um gole; vejo como a sua língua sai e passa pelo lábio inferior.

– Se queres algo tradicional, não sou o homem certo.

– Nunca disse isso…

– Vais ficar envergonhada de cada vez que te fizer vir? – interrompe-me.

– Fala baixo – sussurro, furiosa, enquanto olho à volta.

– Estamos sozinhos numa sala, só os dois.

Olho-o fixamente.

– E vamos sempre estar sozinhos, só os dois. Não está mais ninguém na nossa cama. – Inclina-se, segura o meu rosto com a mão e passa o polegar no meu lábio. – Não te castigues por sentir algo novo, meu anjo – sussurra, depois inclina-se e beija-me com ternura, e eu derreto-me contra ele.

– Vou pressionar-te… mas será sempre apenas aquilo de que precisas. – A sua língua dança gentilmente contra a minha, e eu sorrio com suavidade ao envolver os meus braços à volta dos seus ombros largos.

Oh… este homem.

– Para de te julgar – murmura contra os meus lábios –, ou isto nunca vai resultar entre nós.

Assinto e afasto-me. Ele é… demasiado. Inclinamo-nos um para o outro com as nossas testas a tocarem-se. Beija-me suavemente a face enquanto nos mantemos próximos.

Há uma intimidade entre nós que não devia existir.

Cada palavra saída da sua boca é sagrada, é como se estivesse a treinar-me para um

papel que concebeu. A treinar-me para ser o que ele precisa.

Seja o que for.

Contudo, este brinquedo tem um coração, mas receio que esteja em perigo, porque ainda nem sequer arranhámos a superfície e, se esta noite me ensinou alguma coisa, é que não me posso esconder do Elliot Miles.

Se ele quisesse, podia pôr-me de joelhos. Já consigo sentir as minhas defesas a ceder e, no entanto, não quero sair da carruagem.

Ele levanta-se, estende-me o casaco e eu visto-o. Depois, vira-me para os seus braços e beija-me como se tivéssemos todo o tempo do mundo. É lento, erótico e terno, e sorrio suavemente contra os seus lábios.

O beijo dele é como uma droga.

Ouço as sirenes de aviso a gritar ao longe…

Que comecem os jogos.

As portas de metal preto da garagem sobem lentamente. A minha mão está no colo do Elliot, no banco de trás do *Bentley*, o Andrew está ao volante. Entramos devagar e passamos por uma série de carros de luxo alinhados nos seus compartimentos; há seguranças a circular, e este lugar parece mais um *stand* de automóveis topo de gama do que um parque de estacionamento subterrâneo. O Andrew encosta o carro às portas de vidro que dão para um elevador. Ele sai, abre-me a porta do carro e eu saio.

– Obrigada.

O Elliot coloca o braço à minha volta e leva-me para o elevador, carrega no botão e começamos a subir. Olha em frente com um traço de divertimento no rosto.

– Que cara é essa? – sorrio pretensiosamente.

– Nenhuma – e beija-me a têmpora. – Não é todos os dias que levo a Kate Landon para casa – responde, descontraidamente.

– Vamos tomar café, Elliot – digo. – Não te precipites.

– Não me atreveria.

– Ótimo. – Endireito os ombros e tento conter o meu sorriso; gosto deste jogo.

Ele dá um passo em frente, e eu dou um passo atrás, com as suas mãos por cima da minha cabeça, na parede atrás de mim.

– Sabes, podia carregar no *Stop*… e servir-te o café aqui mesmo.

Arregalo os olhos.

– Não te atreverias.

Ri-se e os seus lábios tomam os meus.

– Oh, atreveria.

– Elliot – sussurro.

O elevador toca quando chegamos ao nosso andar.

Ele sorri contra os meus lábios enquanto a porta se abre.

– Salva pelo gongo. – Morde-me o lábio inferior e, depois, agarra-me na mão.

Chegámos ao que parece ser uma área de receção privada. No centro, uma grande mesa redonda com um arranjo floral; na parede, um enorme quadro abstrato em tons de vermelho e preto. O Elliot coloca a mão sobre um *scanner*, e a porta emite um clique quando a fechadura se abre.

Entramos, e o meu fôlego é imediatamente roubado. Vidro do teto ao chão, com uma vista mágica sobre a cidade, as luzes brilhantes da cidade a cintilar à distância. O teto é muito alto e olho para cima com admiração; vejo uma grande escadaria no meio.

– O teu apartamento tem dois andares.

– Sim – responde descontraidamente enquanto me leva para a cozinha, agarra no meu casaco e me senta na bancada, ficando depois entre as minhas pernas.

A cozinha é branca e moderna, e olho à volta.

– Uau… É linda.

– Quem é que quer saber da minha casa, vamos falar do café – e inclina-se, mordendo-me o ombro nu.

Rio-me.

– Certo… podemos fazer isso.

Os seus olhos erguem-se para os meus.

– Como gostas de o tomar? – Tem o cabelo desarrumado e os olhos selvagens.

– O café?

– Sim – sorri, pousa os seus lábios no meu peito e morde-me através do vestido.

– Au… – rio-me.

– *Cappuccino*, pingado, curto… – sussurra enquanto percorre as opções.

– Direto parece-me bem.

Arrasta as minhas ancas na sua direção num movimento brusco, abre um pouco mais as minhas pernas e desliza as mãos pelas minhas coxas nuas.

– Arriscado – murmura, com os seus olhos a seguirem as suas mãos.

– Arriscado? – sussurro, enquanto os seus polegares me tocam no sexo através das cuecas.

Os seus olhos escurecem.

– É fácil magoares-te com um direto.

Ficamos a olhar um para o outro enquanto o ar crepita à nossa volta.

– Bem, o que sugeres… para amenizar o risco?

Os seus dedos fazem movimentos circulares.

– Açúcar.

– Açúcar – sussurro, e os seus dedos deslizam para baixo das minhas cuecas; passa-os pelos meus lábios molhados, e as minhas entranhas começam a tremer.

– O açúcar ajuda sempre com um direto. – Enfia um dedo bem fundo, e ambos inalamos bruscamente e olhamos um para o outro, o maxilar dele a tremer ao cerrá-

lo.

– Especialmente se a chávena for apertada e pequena – e enfia outro dedo, e soltamos um suspiro coletivo.

Os seus lábios tomam os meus enquanto me beija. As minhas pernas estão abertas, e os seus dedos fortes começam a trabalhar-me.

A cada passagem da sua língua, os seus dedos ficam mais fortes, e mal consigo manter os olhos abertos. O som da minha excitação a sugá-lo ecoa por toda a divisão.

– Que café excelente – sussurro, com as mãos no seu cabelo.

Ele sorri.

– É café… com açúcar… – os seus olhos fecham-se, e ele perde temporariamente o controlo. – Foda-se. O café fechou.

– Filtrado – expiro.

– Êmbolo – sibila. Acrescenta mais um dedo forte em ritmo acelerado com uma torção no fim, e eu começo a tremer.

Simmm… isto é bom.

É embaraçosa a rapidez com que este homem me consegue fazer vir.

Agarro a cabeça dele com as minhas mãos e beijo-o com tudo o que tenho.

– É bom que sirvas esse café agora mesmo, antes que eu o entorne no chão.

– Aguenta, porra – sussurra contra os meus lábios. – Esta chávena, vou bebê-la.

Luto para controlar a minha respiração, a minha excitação está ao rubro. Ele tira-me da bancada e leva-me escadas acima; é tão forte, e agarro-me a ele como se fosse a minha vida. Caminha pelo corredor, abre a porta com um pontapé e, num movimento brusco, tira-me o vestido por cima da cabeça.

Estou à sua frente com o meu sutiã sem alças e as minhas cuecas pretas, e ele sorri enquanto os seus olhos descem até aos meus dedos dos pés. Quando se elevam para se encontrarem com os meus, estão a arder de desejo.

Desaperta-me o sutiã e atira-o para o lado, depois, passa-me as cuecas pelas pernas e beija-me o sexo antes de se levantar.

– Deita-te na cama e abre as pernas para mim – sussurra-me sombriamente, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

Nunca estive com uma criatura tão sexual. Nunca quis tanto agradar a alguém.

Deito-me na cama e, sentindo-me corajosa, abro as pernas.

Os seus olhos percorrem-me, e eu sinto o calor do seu olhar a queimar-me a pele. Depois, tira a camisa por cima da cabeça e, em câmara lenta, desaperta as calças de ganga e puxa-as para o chão.

O ar sai-me dos pulmões. Foda-se.

A sua pele é cor de azeitona, o seu peito é largo, com alguns pelos escuros, o seu estômago é magro e musculado. Os meus olhos descem mais.

É grande… muito grande.

Este é o melhor café que já vi.

Engulo o nó na garganta, e os meus nervos começam a bater. Os nossos olhares cruzam-se, e o seu rosto abre um sorriso de uma beleza estonteante.

– Olá – sussurra com suavidade.

O meu coração rebola no meu peito.

– Olá.

– Estou nu com a Kate Landon.

Rio-me alto, isto é uma loucura.

– O que se passa?

Ele sorri sombriamente e baixa a cabeça para o meio das minhas pernas, enquanto se deita e se põe à vontade.

– Não sei, mas gosto. – A sua língua grossa passa pelo meu sexo, e eu quase salto da cama. Mantém as minhas coxas abertas enquanto me lambe e os seus olhos fecham-se de prazer. – Tão bom – murmura para si próprio.

Observo-o, num estado de distanciamento, algures entre o céu e o inferno. As minhas mãos vão até ao seu cabelo e passo-lhe os dedos: é espesso e encaracolado ao toque.

Ele torna-se mais bruto, e a sua barba de dois dias começa a formigar a minha pele; lambe cada vez mais fundo e, depois, está todo dentro, toda a sua cara a roçar-se em mim.

As minhas costas começam a arquear-se na cama.

– Ell… Oh, Deus. – Atiro a cabeça para trás com prazer. – Vem cá. Vem cá. Vem cá – começo a entoar. – Agora. – Sento-me e puxo-lhe o rosto pelos cabelos para que se aproxime de mim. – Elliot, agora!

Ficamos a olhar um para o outro, a minha excitação a brilhar nos seus lábios grandes e bonitos.

Tal como costumava imaginar.

Sem uma palavra, empurra-me de volta para o colchão, abre-me as pernas, coloca um preservativo e ajoelha-se sobre mim. Levanta o meu pé e beija-o, e, em seguida, coloca-o por cima do ombro. Beija-me o outro pé e coloca-o sobre o outro ombro.

Nesta posição, estou completamente à sua mercê.

Ficamos a olhar um para o outro e, depois, ele arrasta a sua ponta pelos lábios do meu sexo, para trás e para a frente, para trás e para a frente.

Não consigo respirar enquanto espero por ele.

Passa as mãos por mim, as minhas pernas ainda levantadas, e empurra um pouco.

Agarro-me a ele, e ele beija-me suavemente. Empurra-me para a frente outra vez, e eu fico tensa.

Au.

Isso é inteligente.

Ele aperta-me os músculos da barriga da perna, e eu ponho as mãos nos seus ombros.

– Ell, cuidado – sussurro.

A sua testa enruga-se.

– Nunca ninguém me tinha chamado isso.

– Isso é mentira – sussurro. – Acabei de o fazer.

– Espertinha – sorri e empurra mais.

– Au – gemo. Agarro-me a ele, os meus dedos cravam-se nas suas costas.

– Quase lá, querida. Quase lá – sussurra suavemente.

Franzo o sobrolho, oh, Deus… ele…

– Para, para, para – gemo. – Dá-me um minuto.

Ele baixa-se e beija-me, a sua língua dança com a minha, e eu aperto-o nos meus braços. Beijamo-nos durante muito tempo, e é então, com ternura entre nós, que o meu corpo se abre e o deixa entrar completamente.

Faz círculos com as ancas, primeiro, para um lado e, depois, para o outro, enquanto me estica.

O desespero aumenta entre nós, e o nosso beijo torna-se mais bruto.

Abre os joelhos e retira, volta a meter, repete-o uma e outra vez, até que, finalmente, estou larga, e ele vai com tudo.

Com as suas bombadas duras e intensas, a cama começa a bater na parede com força. O seu maxilar está solto e, com o cabelo escuro a cair sobre o rosto coberto de suor, acho que nunca vi algo tão perfeito.

O Elliot Miles faz sexo como faz negócios, com poder e sem desculpas.

Eu sabia que ele ia ser especial, só não sabia que ia ser tudo.

Os seus dentes estão no meu pescoço, as suas mãos no meu rabo, o seu pau preenche cada centímetro do meu corpo. Mas são os gemidos que saem dele, os gemidos de puro prazer…

Os meus olhos reviram-se na minha cabeça.

A posse, o fogo…

Oh…

Sem dúvida, o melhor sexo da minha vida.

Os meus dedos dos pés começam a enrolar-se, e eu tremo com força enquanto me agarro a ele.

– Foda-se, foda-se, foda-se – grunhe quando atinge o ponto certo. – Simmm.

Ele mantém-se no fundo, e eu grito ao vir-me. Sinto o jato revelador quando inclina a cabeça para trás e sorrio-lhe, admirada.

Os nossos olhos prendem-se e, depois, com uma ternura inesperada, ele inclina-se e beija-me.

É suave, cru e íntimo e tudo o que isto não é suposto ser. Sinto as minhas últimas

defesas a escaparem-me.

– És incrível, Kate Landon – sussurra.

– Sou, não sou? – provoco enquanto o seguro bem.

Ele sorri para o meu pescoço.

– É melhor verificar novamente, só para ter a certeza. – Vira-me ao contrário. – Desta vez, vou ser minucioso.

ELLIOT

Deito-me de lado, apoiado no cotovelo, e observo-a enquanto dorme. O sol espreita pelas laterais das cortinas e, à medida que o tempo passa, com mais luz, consigo vê-la melhor. O seu cabelo cor de mel está espalhado pela almofada, os seus grandes lábios estão franzidos e as suas pestanas tremem esporadicamente como se estivesse a sonhar.

Ela vira-se de barriga para cima e, pela primeira vez, vejo o seu pescoço exposto.

Foda-se.

Chupões por todo o lado. As nódoas negras são ténues, mas estão lá. Com apreensão, puxo os cobertores para baixo e olho para o resto do corpo.

Os seus seios fartos sobem e descem à medida que respira, e controlo-me ao máximo para não me inclinar e os chupar. Ela é definitivamente mestre nesse departamento.

Quem estou a enganar? É mestre em todos os departamentos.

Os meus olhos percorrem a sua barriga, e franzo o sobrolho quando chego às suas ancas: quatro nódoas negras distintas. Sento-me para poder ver a outra anca e fico chocado por encontrar o mesmo.

Marcas de dedos.

Tenho uma visão de nós no final da noite passada, ela de joelhos na cama, e eu atrás dela. O aperto que eu tinha nas suas ancas, a forma como ela cavalgava o meu pau… Sinto a lenta batida tântrica do sangue a percorrer-me o corpo ao enrijecer-me de novo.

Ela estica-se enquanto dorme, as suas pernas abrem-se e o ar deixa os meus pulmões.

Foda-se.

Irritação da barba nos seus lindos lábios. Vermelhos e irritados, têm um aspeto sensível e dorido.

Deito-me com repugnância de mim mesmo. Perdi completamente a cabeça. Está coberta de nódoas negras.

Há muito tempo que não tinha uma noite como esta… se é que alguma vez tive. Para alguém tão apertada, ela sabe mesmo como montar um pau – nunca fiz sexo tão bom.

Cada centímetro de mim estava em brasa.

O meu membro começa a latejar; só a recordação da noite passada incita à excitação.

Para, não há sexo para ti.

Ela mexe-se, os seus olhos abrem-se e mostra-me um grande e belo sorriso.

– Olá – sussurra.

Sorrio, inclino-me e beijo-a com suavidade.

– Olá – afasto-lhe o cabelo da testa enquanto olho a sua linda cara.

Porque estou tão beijoqueiro?

Ela abraça-me e aperta-me com força, eu sorrio com o seu abraço, que não me parece estranho, nem esquisito. Pelo contrário – é bom. Familiar.

Ela afasta-se e tira o cabelo da minha testa.

– A noite passada foi incrível – sussurra, com a voz rouca.

– Tu és incrível – puxo-a para mais perto.

Sorri enquanto fecha os olhos.

– Essa coisa alguma vez vai para baixo?

– Oh – afasto-me, apercebendo-me de que ela pensa que quero sexo outra vez. – Desculpa.

Agarra a minha anca e puxa-me de volta para ela.

– Não peças desculpa, não me estou a queixar.

– Vais queixar quando vires o teu pescoço – arregalo os olhos em tom de brincadeira.

Ela leva os dedos ao pescoço.

– O que tem de mal o meu pescoço?

– Tem umas cinquenta marcas de dentadas – murmuro.

Ela sorri tolamente.

– És um animal, porra, tenho o corpo inteiro a latejar. Sinto que fui atropelada por um camião.

Sem conseguir evitar, inclino-me e mordo-lhe o peito, ela salta.

– Desculpa, fui duro contigo ontem à noite – lamento.

– Estás a gozar? Foi o melhor sexo da minha vida.

Olho-a enquanto o meu cérebro falha. ***O melhor sexo da vida dela***.

– És tão diferente do que eu pensava que serias.

– Porquê? – ela sorri-me com uma honestidade que não sei se alguma vez vi.

O meu estômago revolve-se.

– Pensava que te irias fazer de difícil.

Ela inclina-se e beija-me; os seus lábios demoram-se nos meus.

– E eu pensava que ias ser frio, mas és o oposto. Doce e terno… delicioso.

Pisco os olhos, surpreendido. ***Terno***… quando é que alguma vez fui descrito como terno?

Pronto, isto está a ficar estranho.

Endireito as costas e afasto-me um pouco dela.

– Não – sussurra e puxa-me de volta para si sem perder tempo. Coloca a cabeça no meu peito. – Fica perto de mim.

Ponho o braço à volta dela. Sinto o seu coração a bater contra o meu, e franzo o sobrolho ao abraçá-la.

Isto. É. Muito. Estranho.

Demasiado confortável, como se já nos conhecêssemos.

Ela inclina-se sobre o cotovelo e sorri enquanto me observa.

– Então, se vieste para casa seis dias mais cedo só para me veres – e beija-me o peito –, isso significa que te tenho só para mim durante a próxima semana, porque tecnicamente mais ninguém sabe que voltaste?

Sorrio e seguro o seu rosto com a minha mão, passando o polegar sobre o seu lábio inferior.

– E o que fazias comigo durante uma semana se me tivesses só para ti?

Ela beija-me a barriga, e eu inspiro profundamente ao abrir as pernas.

A mulher é insaciável.

Lambe-o a todo o comprimento.

– Fugia contigo.

Enfia-o completamente na boca, deito-me para trás e coloco as minhas mãos no seu cabelo.

– Porque não vamos para fora?

Ela olha para cima, surpreendida.

– O quê?

Empurro-lhe a cabeça para baixo.

– Não pares. Várias tarefas. Lambe e ouve.

Ri-se e volta para a sua tarefa.

Sim… porque não vamos a algum lado?

É uma boa ideia.

Se ficarmos em Londres durante a semana, só podemos estar em minha casa ou na dela. Mas, se formos para fora… o jato está cá. Podia organizar alguma coisa… Quer dizer, seria em cima da hora, mas…

– Vou levar-te para fora esta semana – anuncio.

Ela olha para cima e franze o sobrolho.

– O quê? – diz, com a boca à minha volta.

Sorrio. Foda-se, ela é adorável.

– Não fales de boca cheia.

Ela afasta-se.

– Não podemos ir para fora. Tenho de me preparar e, depois, há…

– Kate – puxo-a e deito-a em cima de mim. – Se ficarmos aqui, não podemos sair do apartamento.

Ela fita-me, e consigo ver o seu cérebro a processar.

– É uma semana.

– Bem, onde é que vamos?

– Para algum sítio com sol e ***cocktails***. – Vejo um traço de sorriso atravessar-lhe o rosto. – Um presente meu. – Tento adoçar a proposta.

Ela vai descendo e beijando o meu corpo.

– É o prémio da empresa, senhor? – provoca.

Rio e afasto novamente as pernas.

– Sim, dependendo de quão bem me chupares, isso determinará para onde vamos.

– Não tens dinheiro para um ***resort*** tão bom. – Ela chupa-me profundamente com uma longa passagem da sua mão, e os meus olhos reviram-se na minha cabeça.

Estremeço quando os meus tomates se contraem.

– É possível que tenhas razão.

Viro na rua da Kate e encosto do outro lado da estrada.

– Venho-te buscar daqui a algumas horas.

– Tens a certeza? – ela franze o sobrolho.

Inclino-me e beijo-a.

– Absoluta.

É uma semana, não te entusiasmes.

– Está bem. – Ela sorri.

– O que levo?

– Nada, não vamos usar roupa.

Ela ri-se, olhamos para o lado e vemos o tipo com quem ela vive a sair pela porta da frente. Está bem-vestido, desce as escadas e entra no ***Audi*** que está estacionado à frente – é bonito e veste-se bem. Vemos o carro arrancar e ir-se embora.

– Como é que ele se chama? – pergunto.

– O Daniel?

– Sabes de quem estou a falar, não finjas.

– Qual é o teu problema com ele? – franze o sobrolho. – Ele é adorável.

– Aposto que sim.

Ele quer tê-la.

– O que é que isso significa?

– Nada, ele está sempre a tocar-te, só isso.

– É da sua personalidade.

– Não gosto.

A Kate revira os olhos.

– É só um amigo, Elliot. – Ela abre a porta do carro. – Vejo-te daqui a algumas horas.

– Está bem. – Aceno com a cabeça e não digo nada sobre o seu colega de casa sensível e idiota.

Lido com ele mais tarde.

O meu telemóvel toca, e o nome «Tristan» aparece.

– Até já – ela beija-me rapidamente e sai do carro.

– Olá – atendo o telemóvel em alta-voz.

A Kate vira-se e acena, e eu fico sentado a vê-la entrar.

– Podes falar? – pergunta o Tristan.

– Posso.

A porta da frente fecha-se atrás da Kate, e eu saio para a rua.

– Como foi a noite passada? – pergunta o Tristan.

– Ótima – sorrio dengosamente.

Incrível.

– E?

– E o quê?

– Bem, deve ter sido muito boa para te fazer sair de Nova Iorque uma semana mais cedo. Alguém que eu conheça?

Sorrio novamente. Pode dizer-se que sim.

– Não.

– Vais vê-la outra vez?

– Vou para fora com ela esta semana, por acaso.

– O quê? Não disseste que ontem foi o primeiro encontro?

– Foi.

– O vosso segundo encontro é uma semana fora? – suspira. – Caramba, deve ter sido um encontro daqueles.

Sorrio ao virar na esquina.

– Não te entusiasmes, não é a Sra. Miles.

Ele ri-se.

– Famosas últimas palavras.

– É só uma semana, assim não tenho de me preocupar com ***paparazzi***.

– É justo. Onde a vais levar?

– Não faço ideia, alguma sugestão?

– O que procuras?

– Um sítio privado, quente e com praia. ***Cocktails*** e restaurantes.

– Hum, St. Barts?

– Não. Nesta altura do ano, vou encontrar lá alguém que conheço. Discreto, se possível.

– Vou procurar.

– Certo. Obrigado. – O meu telemóvel emite um sinal sonoro quando chega outra chamada. – Tenho outra chamada, já te ligo. Elliot Miles – atendo.

– Olá, Sr. Miles. É o Peter, da Investigações Strathborn.

– Ah. – Tenho estado à espera desta chamada. – Como está?

– Tudo bem. Tenho boas notícias.

– Ótimo.

– Temos finalmente uma pista sobre a sua artista, a Harriet Boucher.

– O que é?

– Achamos que encontrámos a sua localização.

Ouço com atenção. Estou à procura desta mulher há mais de um ano.

– E?

– Se for a mulher certa, e pensamos que é, está atualmente no sul de França.

Franzo o sobrolho enquanto ouço.

– Tem a certeza de que é ela?

– Vou ter uma confirmação esta semana. Ela é extremamente discreta.

– Quando tiver confirmação, marco um voo. Quero conhecê-la pessoalmente.

– Sr. Miles, importa-se que lhe pergunte qual é o seu assunto com esta mulher? – pergunta.

– É um assunto pessoal – respondo, de forma curta.

– Certo, entro em contacto.

– Obrigado. – Desligo e contorno a esquina. Não sei qual é o meu fascínio pela Harriet Boucher… mas preciso de descobrir.

Ela chama-me através dos seus quadros… e não sei porquê.

Mas continuo a voltar a ela, não consigo esquecer isto. Uma palavra descreve-a.

Extraordinária.

Capítulo Doze

KATE

Subo as escadas e viro-me para acenar ao Elliot; ele sorri e faz uma saudação brincalhona.

Sorrio e empurro a porta para a abrir.

– Olá – chamo a Rebecca.

Ela sai a correr do quarto.

– Oh, meu Deus, o que aconteceu? – ela olha para o relógio. – Só estás a chegar a casa agora? Caraças, quero os detalhes todos.

– Bem… – mostro um sorriso pateta e encolho os ombros. – Correu bem… Acho eu.

– O que aconteceu? – e deita-se nas costas do sofá.

– Fomos jantar e comemos numa sala de jantar privada.

– Sala de jantar privada?

– Depois, fomos para casa dele, e é um milagre eu conseguir andar.

Ela arregala os olhos.

– Houve sexo? Nunca vais para a cama no primeiro encontro.

– Eu sei, mas raios, devia. Porque tive a melhor noite de sempre.

Ela sorri de forma sonhadora.

– Vais voltar a vê-lo?

– Sim.

– Quando?

– Vem-me buscar daqui a três horas, na verdade.

– Oh, encontro no dia seguinte, ele está interessado.

– Vamos para fora uma semana.

– O quê? – levanta-se tão depressa que se desequilibra e cai sobre as costas do sofá, aterra de forma espetacular no chão e magoa o cotovelo. – Au.

– Oh, meu Deus, estás bem? – apresso-me a ir para o seu lado e ajudo-a. Ela esfrega o cotovelo. – Isto doeu para caraças.

Rio-me enquanto a ajudo a levantar.

– Mas foi engraçado.

– Vais para fora com ele? – pergunta, horrorizada.

– Sim, que cara é essa?

– Nem o conheces.

– E então?

– Vão ficar no mesmo quarto? O que acontece quando precisares de cagar?

Abro a boca para falar, mas não me sai qualquer palavra.

– O que acontece se te peidares ou ressonares… ou… – levanta as mãos em sinal de desalento. – Te babares a dormir? É um pesadelo logístico, Kate. Não consegues impressionar um homem com um encontro de uma semana.

Fico a olhá-la enquanto os cenários horríveis passam em câmara lenta na minha mente.

– Não pensei nisso.

– O que aconteceu a fazeres-te de difícil?

– Oh, o que é que isso importa? – lanço as mãos para o ar em rendição. – Ele fez-me vir ao jantar, tenho quase a certeza que é impossível fazer-me de difícil.

Ela arregala os olhos.

– Tiveste um orgasmo ao jantar?

Estremeço.

– Mais ou menos.

– Como assim, mais ou menos?

Encho as bochechas de ar quando me apercebo de como isto vai soar.

– Rocei-me nele sentado na cadeira.

Os olhos da Rebecca saltam-lhe das órbitas, bate com a mão na boca, e eu desato a rir.

– Olha, eu sei como isto soa.

– Sabes? Mas sabes mesmo? Vais-te apaixonar por ele, e ele vai perder o interesse porque não teve de te perseguir… *nem um bocadinho*. E, depois, vais ficar de coração partido.

Rio-me. Ela é tão dramática.

– Ou… podemos estar apenas a divertir-nos e a usar-nos um ao outro para sexo, enquanto passamos algum tempo numa praia, ao sol, com alguns *cocktails*.

Ela eleva as sobrancelhas.

– Olha, já tivemos a conversa, sei exatamente qual é a minha posição em relação a ele. Ele não está à procura de uma relação, e eu também não – respondo. – É só que… Quero divertir-me durante algum tempo sem me preocupar com o futuro.

– Desde quando? Da última vez que verifiquei, estavas à procura do Sr. Certo para ser o pai dos teus filhos.

– Podes parar?? – digo, exasperada. – Não dês muito importância a isto, eu não dou. É uma semana ao sol. – Dirijo-me para a porta e abro-a à pressa, fazendo um gesto para a frente, perante o nevão. – Londres com neve não é assim tão apelativa

durante as férias de Natal, Rebecca. Ainda tenho uma semana de férias e olha – aponto para a neve. – O que raio vou fazer aqui com isto?

Ela olha-me.

– É uma semana, e não sou estúpida. – Subo as escadas. – É o Elliot Miles, por amor da Santa, como se ele conseguisse partir-me o coração.

– Estás iludida – diz.

– E tu és a rainha do drama – respondo a revirar os olhos.

Deito-me na cama. Por amor de Deus.

Fico deitada por um momento a sentir pena de mim mesma – odeio que ela não esteja entusiasmada por mim.

Um sorriso largo cruza-me o rosto… Que vá para o inferno, porque eu estou.

Bem. Olho para a mala aberta na minha cama: de que mais preciso para uma escapadela romântica com um deus do sexo?

Hum. Passo os olhos pela lista.

Passaporte confirmado.
Biquínis confirmado.
Protetor solar confirmado.
Vestidos para encontros confirmado.
Lingerie confirmado.
Sapatos confirmado.
Livros confirmado.
Portátil confirmado.
Camisola confirmado.
Saco de higiene pessoal confirmado.
Carregador de telemóvel confirmado.
Pílula confirmado.
Lubrificante confirmado, confirmado
e duplamente confirmado.
É ridículo o quanto estou dorida.

O homem é um animal. Sorrio – não que me esteja a queixar. É definitivamente uma dor boa.

Fico a olhar para a mala durante um momento enquanto penso no que mais poderia precisar.

Sorrio e vou ao armário.

Vestido vermelho de netbol, touché.

Uma hora mais tarde, o meu *e-mail* soa, e eu sorrio. É o Ed – tenho as suas notificações com um som diferente.

«Olá, Pinkie,

Como estás?

Novidades?»

Sorrio e respondo:

«Estou ótima, como foi o teu encontro com a limpadora de sanitas?»

Os nervos revolvem-se no meu estômago quando vejo os pontos. Está a escrever.

«Incrível.»

Arregalo os olhos e ponho as mãos por cima da boca, surpreendida.

O quê?

Sorrio abertamente e mal consigo conter a minha excitação para escrever de volta.

«Incrível é uma palavra forte. O que foi tão bom assim?»

Vejo os pontos e faço uma pequena dança no local. Sabia que ele também tinha sentido.

Não fui só eu.

«Ela, ela é…

Não há palavras para descrever quão excitante é esta mulher.

Apenas digo que foi uma noite maravilhosa.

Vou levá-la hoje para fora durante uma semana, por isso, posso não ter acesso à Internet para te enviar um *e-mail*.»

Rio-me alto de excitação. Oh, uau, pela primeira vez, sinto-me otimista em relação a nós. Talvez esta viagem faça sobressair mais do meu Edgar no Elliot.

Deus, espero que sim.

«Levá-la para fora?

Uau.

Como é que isso aconteceu?»

Sustenho a respiração, aguardando pela sua resposta.

«Quero-a para mim durante uns tempos.»

Sorrio enquanto fecho os olhos. *Também te quero para mim*.

Ando de um lado para o outro e penso. O que vou escrever?

Hum…

«É uma rapariga de sorte.

Diverte-te, diz alguma coisa se conseguires.

oxo»

«Está bem, falamos em breve.

Xoxoxo»

Recebo uma mensagem no telemóvel.

«Estou em frente.

x»

Sorrio pela janela do meu quarto e vejo o *Bentley* preto a encostar à berma.

Um beijo no final da sua mensagem não me devia entusiasmar tanto como me entusiasma.

Dou uma última vista de olhos pelo meu quarto e tenho a nítida sensação de que me estou a esquecer de alguma coisa, mas não sei o que é.

Desço.

– Beck, vou embora – digo.

Ela aparece do seu quarto e sorri enquanto estende os braços.

– Tem cuidado.

Abraço-a.

– Vou ter.

– Diverte-te muito.

– Está bem.

– E vem para casa quando quiseres. Se não estiveres bem, vem embora imediatamente.

Arregalo os olhos.

– Sim, mãe. Gostava que o Daniel estivesse em casa, queria vê-lo antes de ir.

– Vai estar fora o dia todo.

– Diz-lhe que disse adeus.

– Está bem. – Abre a porta, e passo por ela à pressa. Sinto-me como se fosse a Scarlett O'Hara a fugir de Alcatraz ou algo do género. Sei que não devia estar tão entusiasmada, mas, caramba, estou. O Andrew está à porta e leva a minha mala.

– Obrigada – sorrio.

Tento caminhar calmamente até ao carro, e o Elliot sai e abre-me a porta.

– Olá – diz ele.

É tão alto e está acima de mim; ponho-me em bicos de pés e beijo-o.

– Olá.

A sua mão vai até ao meu rabo e ele sorri-me.

– Olá – repete.

– Há quanto tempo – sussurro-lhe.

Ele ri-se e sai do caminho para que possa entrar no carro. Olho para cima e vejo a Rebecca parada, com a porta aberta, a observar a nossa interação.

Sim, eu sei que sou beijoqueira… mas ele acha, secretamente, que sou incrível e tu tens de te meter na tua vida.

Entro no carro, e o Elliot desliza para o meu lado.

O Andrew entra para o banco da frente depois de colocar a minha mala na bagageira.

– Obrigada, Andrew – sorrio.

Ele mergulha a cabeça no banco da frente quando arranca para a estrada.

– Olá, Kate, que bom ver-te novamente.

O Elliot recosta-se no seu lugar enquanto me observa, vestindo umas calças de ganga azuis, uma *T-shirt* branca e uns ténis, com um blusão azul-marinho no assento. Os seus grandes olhos azuis parecem especialmente penetrantes hoje… ou pode ser apenas dos meus *incríveis* óculos que veem tudo rosa.

Aproximo-me, ponho a mão na sua coxa e agarro na sua mão. Os seus quadris são grossos e musculados, e sinto-me excitada por poder tocar-lhe assim.

Agarra-me na mão e beija-me as pontas dos dedos; sorrio-lhe de forma pateta.

– Que cara é essa, Kathryn? – sorri.

Olho para o Andrew no banco da frente – não posso dizê-lo em voz alta, por amor de Deus.

Ele eleva a sobrancelha em jeito de pergunta.

– Estou só entusiasmada – sussurro.

Ele sorri de forma lenta e sensual.

– Bem, somos dois.

Olho para o Andrew pelo espelho retrovisor. Ele consegue ouvir-nos?

Inclino-me para o Elliot.

– Onde vamos? – sussurro.

Sorri ao colocar o braço à minha volta e ao puxar-me para mais perto.

– É uma surpresa.

– Isso significa que ainda não sabes?

Ri-se e beija-me a têmpora.

– Sim.

Olho de relance para cima e vejo os olhos do Andrew a voltarem para a estrada – ele acabou de ver isto.

Aconchego-me; o peito do Elliot é largo e o seu braço forte rodeia-me. O seu *aftershave* é de outro mundo, como é que ele cheira tão bem?

– Sinto que me esqueci de alguma coisa – sussurro.

– Tudo o que precisas é da pílula – sorri.

Arregalo os olhos e dirijo-os para o Andrew.

– Para – diz o Elliot.

– Ele consegue ouvir-nos? – respondo.

– E então? – o Elliot eleva a sobrancelha. – Esquece que ele está aqui.

Jesus, isto é estranho. Como é que se esquece que há alguém a ouvir tudo o que digo?

Pergunto-me o que ele terá ouvido antes… o que eu não daria para o pôr no detetor de mentiras durante uma hora. Aposto que seria interessante de ouvir.

O meu telemóvel toca na minha mala e tiro-o de lá. O nome «Daniel» aparece no ecrã. Olho para cima e vejo que o Elliot já viu o nome, e volto a pô-lo na mala.

– Atende – diz.

– Não, ligo-lhe mais tarde.

– Atende – repete com mais veemência, enquanto tira o braço dos meus ombros.

Oh, foda-se, vai parecer óbvio se não atender agora.

– Olá – atendo com um sorriso desconfortável.

– O que estás a fazer? – dispara o Daniel.

– Ah, ah, oh, olá, Daniel. – Finjo uma risada. Raios, o Elliot consegue ouvir esta conversa. – Estou a caminho do aeroporto.

– Vais para fora com ele? – ladra.

Empurro o telemóvel quase até meio do meu crânio para tentar bloqueá-lo, de modo que o Elliot não consiga ouvir.

– Sim, só por alguns dias.

– És louca? – diz o Daniel. – Isso é uma estupidez. – Os olhos do Elliot estreitam-se enquanto fixam os meus.

Engulo o nó na garganta.

– Sim, estupidamente entusiasmante. Tenho de ir, agora não é uma boa altura. – Finjo novamente uma risada; oh, caramba. Porque é que os meus colegas de casa são tão chatos?

– Não vás, isto é uma má ideia – dispara o Daniel.

Vejo a maçã de Adão no pescoço do Elliot a tremer, como se estivesse a cerrar o maxilar.

– Uma noite com ele e já estás a fazer o que ele diz. Nenhuma pila é assim tão boa, Kate.

Raios, sinto o sangue escoar-me do rosto.

Lá se vai a simpatia.

O Elliot olha-me fixamente, e consigo sentir o seu desprezo daqui.

– Adeus, Daniel.

– Podes ligar-me…

Desligo, cortando-lhe a palavra.

Sentindo-me desconfortável, enfio o telemóvel na mala. Porque é que não tinha o telemóvel em silêncio?

Bem, que merda.

– Ah – encolho os ombros, envergonhada. – O Daniel é um pouco protetor.

– E tem vontade de morrer – murmura o Elliot, secamente. Foca a sua atenção na janela.

Ficamos sentados em silêncio durante algum tempo. O Elliot está a pensar em sabe Deus o quê, e eu estou a planear formas de cortar a língua do Daniel.

Deus… o que se segue?

O Elliot já me tinha dito esta manhã que não gostava que o Daniel me tocasse.

Imagino o que vai acontecer da próxima vez que se virem… E é óbvio que vão,

pois vivo com um e durmo com o outro.

E de onde é que vem isto, raios? O Daniel estava entusiasmado enquanto o Elliot andava atrás de mim. Agora, de repente, é má ideia?

Uf, isto é a porra de um desastre.

Chegamos ao Aeroporto de Heathrow, mas, em vez de irmos para a entrada principal, continuamos por uma rua lateral e somos parados numa barreira de controlo.

O Andrew passa uma espécie de papelada ao segurança através da janela, e o guarda leva-a para o seu pequeno posto e verifica-a.

O Elliot está silencioso e taciturno, e sei que o Daniel o irritou.

Não tenho culpa.

Se serve de consolo, o Daniel também me irritou.

Não quero dizer nada que o Andrew possa ouvir, por isso, fico em silêncio. Somos levados através da barreira e, momentos depois, estamos a conduzir ao longo de uma estrada que parece ligar a uma pista.

Quero perguntar o que estamos a fazer, mas não quero parecer estúpida. O carro anda durante o que parecem ser quilómetros e, depois, paramos ao lado de um avião de aspeto elegante.

O carro para, e o Andrew sai.

Os meus olhos arregalam-se quando olho para o avião: é grande e exuberante e parece um jato.

– Este avião é teu?

– É um avião Miles, sim.

– Quantos aviões tens?

– Três.

– Oh… – sinto o meu estômago a revirar de nervosismo; o que se diz a isto?

É fácil esquecer que o meu doce garbologista Ed é um Miles.

Quer dizer, sei que é… mas… ele não parece de todo a mesma pessoa.

O medo percorre-me – e se não for?

Os meus pensamentos são interrompidos quando o Elliot abre a porta do carro e me estende a mão.

– Anda.

Agarro na sua mão e saio do carro; está vento e o meu cabelo esvoaça.

O motor do avião é barulhento. O Elliot leva-me até às escadas, e uma hospedeira de aspeto elegante e um piloto de uniforme completo estão lá em cima.

– É bom vê-lo, Sr. Miles – diz o piloto.

O Elliot aperta as mãos de ambos.

– Obrigado.

A hospedeira sorri e os seus olhos prendem os de Elliot um pouco mais do que o

necessário… Ele coloca o braço à volta da minha cintura, num sinal claro.

Hum… Quem é ela?

Ele conduz-me através e além deles… Então, não tenho direito a apresentações?

Murcho um pouco, sentindo-me insignificante.

É uma configuração estranha, sem corredor. Bancos de pele creme, em conjuntos de dois, e uma grande sala nas traseiras – as portas estão fechadas, pelo que não consigo ver o que lá está.

Há uma televisão enorme exposta numa área de estar.

Ele abre a porta do compartimento superior.

– Podes pôr a tua mala de mão aqui.

– Está bem – levanto-me para a colocar lá, e as suas mãos descem para as minhas ancas, tirando-ma e colocando-a por cima.

– Obrigada – sussurro.

Aponta para um lugar junto à janela, e afundo-me ali; ele senta-se no lugar ao meu lado.

Sinto-me estranha; acabei de entrar num avião em que o piloto e a hospedeira se dirigiram a ele pelo nome e, no entanto, ele não me apresentou.

Estranho… *e irritante*.

Fico a olhar pela janela para não dizer nada.

Relembro-me que ninguém deve saber de nós e que ele está apenas a proteger a sua privacidade.

Então, porque não lhes deu um nome falso para mim… raios, chama-me Pussy Galore, quero lá saber.

Uf, isto não me devia incomodar; estou a irritar-me a mim mesma.

– Posso trazer-lhes alguma coisa? – pergunta a bela hospedeira enquanto os seus olhos se demoram no rosto do Elliot.

– Sim – e sorri ao inclinar-se para a frente no assento. – Dois copos de champanhe, por favor. – Os seus olhos passam por mim. – Queres mais alguma coisa?

– Não, obrigada – finjo um sorriso: não fales comigo, não estou com disposição para falar com pessoas mal-educadas.

– É tudo, obrigado – diz.

Ela sorri e desaparece na pequena sala à frente.

O Elliot desliza a mão pela minha coxa, e eu torço os lábios – não digas… não digas.

Ele passa os dedos entre as minhas pernas enquanto se inclina e olha pela janela.

Afasto-lhe a mão.

– Para – murmuro.

– O que se passa contigo?

– Nada, mas visto que não tenho nome, não importa, pois não?

O seu rosto está repleto de satisfação.

– Estás irritada porque não te apresentei?

– Não. – Cruzo os braços e volto a olhar pela janela.

Podes apostar, estou muito irritada.

– Tenho as minhas razões – sussurra.

– Claramente – sorrio com doçura. – Adoro estar ao sabor das tuas razões.

Ele ri-se e encosta a cabeça ao assento enquanto me olha.

– O que foi? – pergunto, secamente.

– Estava a pensar quanto tempo faltava para a Kathryn aparecer.

Inclino o queixo para cima e olho pela janela.

– A Kathryn não atura as tuas merdas, Elliot.

– Não, mas chupa-me tão bem… que posso perdoá-la.

– Chiu – sussurro, furiosa, enquanto olho à volta, à procura da hospedeira. – Podes-te calar?

Ele inclina-se e acaricia-me o pescoço.

– Para – digo. Ele morde-me, encostando a minha cabeça à sua, e eu sorrio ao tentar afastar-me subtilmente.

– Promete-me uma coisa – sussurra.

– O quê?

– Promete-me que, em breve, podemos fazer sexo chateados. Preciso de te comer quando estiveres furiosa comigo.

Rio-me alto, surpreendida; o homem é um idiota.

– Com a tua personalidade irritante, acho que isso não será um problema, Elliot. – Tiro o casaco de malha.

– Onde está a minha alcunha fofinha de ontem à noite? – sussurra.

Torço os lábios, tentando manter-me séria.

– Qual?

– Ell – sussurra.

– Não faço ideia do que estás a falar.

– No entanto, acho que foi mais… oh, Elllllllllllll – geme, simulando-me a ter sexo. – Dá-me com mais força, Ell, oh, Deus, sim… assim. – Os seus olhos reviram-se na cabeça, e bato-lhe com o meu casaco.

– Cala-te – sussurro ao tentar esconder o sorriso. – Não podes falar, pareces uma vaca a gemer.

Ri-se alto, puxa-me a cabeça para si e beija-me.

– Na verdade, é um touro premiado… vê se aprendes, Landon. – Sorrio contra os seus lábios, e o nosso beijo aprofunda-se, mas, depois, lembro-me do ponto de discussão e solto-me do seu aperto.

– Para de me beijar para te safares.

– Não me atreveria. – Ele inclina-se para trás novamente. – No entanto, para que conste, ganhei a discussão.

Abro a boca.

– Não ganhaste nada.

– Aqui têm, dois copos de champanhe. – A hospedeira passa-os para nós; ambos nos afastamos um do outro, culpados. Ela coloca um tabuleiro com morangos cobertos de chocolate na mesa à nossa frente.

– Obrigado – ambos sorrimos.

– Posso trazer-vos mais alguma coisa? – pergunta.

– Para já, não. Talvez uma nova rodada depois de levantarmos voo – responde o Elliot enquanto me agarra na mão do colo.

A hospedeira sorri e volta para a sua pequena sala na frente.

O Elliot segura o seu champanhe no ar.

– A que vamos brindar? – sorrio.

– Às Ilhas Canárias.

Arregalo os olhos.

– Vamos para as Ilhas Canárias?

Sorri e bebe do seu champanhe.

– Para onde? – sussurro com admiração e bebo da minha bebida.

– Há lá um clube de sexo – responde, descontraidamente.

Franzo o sobrolho… *O quê?* Oh, caramba… Não pensei bem nisto.

– Continua – murmuro, secamente.

– Homens mascarados amarram-te e tu vês-me a fazer sexo com muitas outras mulheres sensuais.

Engasgo-me com a minha bebida e tusso em voz alta.

– O quê?

Bate-me nas costas.

– Mas não te preocupes, se te portares bem, deixo-te limpar-me quando acabar com elas.

– A sério? – rio-me. Ainda bem que está a brincar. – E como é que te vou limpar?

– Com a língua, claro. – Sorve a sua bebida com um sorriso maroto.

Inclino-me para mais perto dele.

– Mas o que não leste no folheto, querido Ell, foi que, enquanto estavas a ter sexo aborrecido com mulheres medíocres – bebo do meu champanhe –, eu estava a ser alvo dos enormes homens mascarados, que, devo acrescentar, estão autorizados a… – faço uma pausa enquanto penso na palavra certa – fazer o que quiserem dentro de mim… e és tu que tens de limpar a confusão que fizeram… com a língua. – Sorrio e bato o meu copo no dele.

Ele estremece como se estivesse a ter uma visão vívida e, depois, o seu lábio enrola-

se de nojo.

O avião começa a percorrer a pista, agarro-me aos apoios dos braços e fecho os olhos.

– És uma ordinária, Landon – sussurra quando o avião descola.

– Faço o meu melhor – respondo enquanto me agarro à vida.

– Como é que eles se podem vir dentro de ti e eu não?

– Porque são uma fantasia – sussurro de olhos fechados. – E tu és um mulherengo da vida real que, provavelmente, já teve sexo com dez milhões de mulheres.

– São nove milhões e meio, não te entusiasmes.

Rio-me alto, e ele também. Os nossos olhos fixam-se um no outro, e ele agarra na minha mão e beija-a com um afeto não dito. Não é forçado e não parece errado.

O Elliot Miles é divertido.

Gosto deste jogo… embora não faça ideia de como se chama ou se tem regras.

Tudo o que sei é que o recinto do jogo é nas Ilhas Canárias e que vou ter uma boa semana. A melhor de sempre, provavelmente.

Sorrio enquanto olho pela janela, mas, infelizmente, tenho a sensação de que o Elliot me vai dar a ressaca de todas as ressacas.

A subida justificará a queda… Acho eu.

– Gostaria de outra rodada, senhor? – pergunta a hospedeira. Nunca percebi o nome dela. Embora deva admitir que, a cada copo de champanhe, os seus olhares de desejo pelo Elliot se tornam um pouco mais irritantes.

Está fora do mercado, cabra.

Pronto, não está. Mas hoje está e… durante a próxima semana, por isso, afasta-te.

– Não, obrigado, Clarise. Vamo-nos retirar – responde descontraidamente.

– Oh. – Ela acena com a cabeça como se estivesse surpreendida. – Sim, claro. – Vira-se. – Se puder ser útil, é só chamar. – Ela entra na sua sala e fecha a porta.

– Assim farei. – Os seus olhos voltam-se para mim e o seu rosto irradia diversão.

– Não tem piada – respondo, sem graça. Ela nunca será útil; como é que ele se atreve a brincar com isso?

Ele levanta-se e estende-me a mão.

Franzo o sobrolho.

– O que estás a fazer?

– A retirar-me.

– De onde?

– Daqui – e levanta-me, puxa-me para a parte de trás do avião e abre a porta dupla que revela um quarto luxuoso com uma cama enorme.

Uma cama… uma cama… o que faz aqui o raio de uma cama? Os meus olhos encontram os seus, e ele pisca-me o olho.

O terror desponta.

– Não – sussurro.

Empurra-me para dentro e fecha a porta, e, depois, impele-me para a cama e rasteja por cima de mim. Tira a *T-shirt* pela cabeça e atira-a para o lado.

O seu sorriso brincalhão prende-me e, por um momento, esqueço-me de onde estou.

Depois, lembro-me.

– O que estás a fazer? – sussurro em pânico enquanto tento fugir. – Para, sai de cima de mim – disparo. – Eles estão mesmo ali.

Os seus lábios descem até ao meu pescoço e sinto a sua ereção endurecer contra a minha barriga.

– És louco? – sussurro. – Elliot. – Abano-me para tentar tirá-lo de cima de mim. – És um verdadeiro tarado sexual – balbucio.

Ele sorri de forma sensual, levanta-se e tira as calças de ganga. Atira-as e batem na parte de trás da porta; o botão faz um barulho, e eu bato com as mãos nos olhos.

– Oh. Meu. Deus… O que raio estás a fazer? – sussurro.

– A dar-te um cartão de membro. – Sorri ao desapertar as minhas calças de ganga, esforçando-se para as tirar.

– De quê?

– Do Miles High Club. – Tira-me as calças completamente.

Rio-me alto e, depois, ponho a mão na boca. Levo o dedo à boca num sinal de «chiu».

– Tu é que estás a fazer barulho. – E tira-me a camisa por cima da cabeça, roda-a por cima da sua cabeça como se fosse um laço e abana a cama como se estivesse a montar um touro.

Desato a rir enquanto salto por baixo dele.

– O que raio estás a fazer?

– Estou a preparar-me para gemer como um touro. – Sorri quando se baixa, beija-me e tira-me as cuecas. Inala-as profundamente e atira-as contra a parede. Batem na parte de trás da porta e caem no chão, e os seus lábios voltam a encontrar os meus.

Imagino a hospedeira arrogante a entrar e a encontrar-nos numa posição comprometedora.

– Elliot. – Os meus olhos arregalam-se de horror. – Não podemos fazer sexo, eles estão mesmo ali – sussurro em pânico. – Conseguem ouvir-nos, e tu fazes muito barulho, sabias?

Coloca a mão sobre a minha boca, a sua boca desce e chupa-me o mamilo.

– Cala-te e come-me, Landon.

Rio-me por entre os seus dedos; os meus olhos estão arregalados.

– Elliot. – Morde-me o mamilo, e arquejo com toda a força que consigo à medida

que a excitação começa a atravessar-me. Sinto o calor a aquecer-me o sangue. A sua língua estremece ao ritmo certo. O meu medo de ser apanhada misturado com o fator «não quero saber» é uma combinação inebriante.

O malandro encontra a boazinha.

Ele afasta as minhas pernas com os joelhos e, depois, como se se lembrasse de alguma coisa, salta de cima de mim e vai até às calças de ganga, remexe no bolso e tira um pequeno frasco de lubrificante e dois preservativos. Levanta-os e mexe as sobrancelhas como se tivesse acabado de ganhar a lotaria.

Rio-me, não consigo evitar. Ele é adorável assim.

– Quem és tu e o que fizeste com o Elliot Miles maldisposto? – sussurro.

Deita-se de costas sobre mim e, depois, numa espécie de movimento praticado, vira-nos de modo que eu fique em cima dele. As minhas pernas estão bem abertas sobre as suas ancas, e ele deita um pouco de lubrificante nos seus dedos, deslizando-os entre as minhas pernas.

As minhas mãos estão no seu peito largo para me segurar, os seus dedos exploram enquanto ele olha para mim.

– Está aqui – sussurra.

E é lindo.

Ao olharmos um para o outro, a sensação dos seus dedos em mim, a excitação partilhada entre nós, algo muda. Não sei o que é, mas dá-me um arrepio no peito.

– Não – sussurra. Ele agarra as minhas ancas e faz-me descer sobre o seu corpo duro, desliza os meus lábios abertos pelo comprimento do seu pau.

– Não o quê? – estremeço. Oh… isto é bom.

– Olhes para mim assim.

– Assim como?

– Como… – desliza de novo para dentro de mim e os seus olhos reviram-se na cabeça.

Quero cortar-lhe a palavra; não quero ouvir o que ele tem para dizer. Sei muito bem como estava a olhar para ele.

Com posse.

– Como se estivesse prestes a montar-te até te explodir os miolos? – pergunto-lhe e afasto-me do seu pau, introduzindo-o profundamente como distração.

Os seus joelhos erguem-se enquanto ele me agarra, dominado pela sensação dos nossos corpos a unirem-se.

– Não abras a boca para dizer outra coisa que não seja o quanto me vais penetrar – sussurro.

Ele ri-se e agarra os meus ossos da anca.

– Sim, senhora.

Sorrio-lhe.

– O que foi? – diz.

– Soas tão americano quando dizes «sim, senhora».

– É engraçado, visto que sou americano. – Ele levanta-me e atira-me de novo para baixo, e eu franzo o sobrolho para me impedir de gritar.

Oh, Deus… *é tão bom*… tão bom.

– Não – inclino-me e mordo-lhe o lábio. – Eu é que estou a comer um americano.

Ele ri-se e dá-me uma palmada no rabo, que faz estalido quando a sua mão me atinge.

– Fá-lo com mais força.

Entramos num ritmo e, de vez em quando, ele levanta-me demasiado alto e a nossa pele bate com força.

– Chiu – sussurro e olho para a porta. Volto a balançar a anca com força, assim é mais silencioso.

O sentimento aumenta até atingir o pico da febre, e fecho os olhos para o bloquear. Não o posso olhar quando me sinto assim.

– Abre – sussurra.

Ignoro-o.

Ele agarra num punhado do meu cabelo e puxa-me para junto do seu rosto.

– Abre a porra dos olhos e olha para mim enquanto te vens.

Abro os olhos, a poucos milímetros do seu rosto, e ficamos a olhar um para o outro.

Frenético, animalesco, depravado.

Move-se a ritmo acelerado, o meu corpo está molhado e aberto para ele. Aproxima-se e morde-me o lábio enquanto se sacode violentamente dentro de mim.

– Uau – gemo.

As suas mãos agarram-me, e estremeço quando me venho com força.

Afasta-se de mim e lambe os lábios como se ainda tivesse fome, o seu olhar é sombrio e perigoso.

Tão diferente do homem despreocupado que me trouxe para este quarto.

A inquietação apodera-se de mim. Deus amado, com quem é que estou a dormir?

Há duas versões do Elliot Miles.

Capítulo Treze

O meu peito sobe e desce enquanto tento respirar, e caio sobre o peito do Elliot. Enfia-me bem debaixo do braço e beija-me a têmpora, e ficamos num silêncio confortável durante algum tempo.

Olho para ele.

– Com quantas pessoas já dormiste?

– Não sei. – Arrasta a mão até ao rosto. – Muitas.

Os seus olhos encontram os meus.

– Porquê? Com quantas pessoas já dormiste? – pergunta.

Faço um círculo com o meu dedo no seu peito; porque é que perguntei? Provavelmente, isto vai fazer-me parecer uma idiota.

– Sete.

Ele franze o sobrolho.

– Sete?

Aceno.

– Comigo incluído?

Aceno.

– Oh… – ele puxa-me para perto de si, e sinto o seu sorriso quando me beija a testa.

– O que é que esse «Oh» significa? – pergunto.

– Nada. – Encolhe os ombros. – É surpreendente, só isso.

– Porquê?

– Acho que cheguei às sete na minha adolescência.

– Mas tu és um mulherengo.

Ri-se.

– Pode ter algo que ver com isso.

Apoio-me no cotovelo para conseguir ver a sua cara.

– Que idade tens?

– Trinta e quatro. – Mostra-me um sorriso de cortar a respiração enquanto se aproxima e enrola uma mecha do meu cabelo.

– Que idade tens?

– Vinte e sete.

Ele franze o sobrolho.

– O que foi? – pergunto.

– Então… és sete anos mais nova do que eu, eu sou a sétima pessoa com quem dormiste e tens vinte e sete anos?

Sorrio de forma pateta enquanto ele faz as contas.

– Quando é o teu aniversário? – pergunta.

– Dezassete de julho.

– O quê? – e encosta-se à cabeceira. – Tretas.

– Juro.

– Dezassete do mês sete?

Rio-me.

– Aha.

Olha-me fixamente, e vejo como o seu cenho se transforma num sorriso lento e sensual.

– O que foi?

– O teu número é o sete.

– O que é que isso significa?

– Sete é o número dos deuses, é mágico.

– O quê, desde quando? – sorrio. – Como sabes isso?

– Numerologia. Pesquisei.

Deito-me de costas.

– Bem, não me sinto muito mágica.

Põe-se em cima de mim e segura-me as mãos sobre a cabeça.

– Eu decido isso. – Os seus lábios descem até ao meu pescoço e começa a mordiscar o meu corpo.

– A numerologia não se refere à minha vagina, Elliot – rio-me com suavidade.

Ele aperta-me o mamilo entre os dentes.

– Refere, sim.

O carro alugado irrompe pela entrada da garagem, e olho pela janela para a casa à nossa frente. É branca e tradicional, com uma grande varanda envolvente e belos jardins bem cuidados. O condutor estaciona o carro e sai para descarregar as malas da bagageira.

O Elliot inclina a cabeça para olhar o interior.

– Parece-me bem.

– Nunca estiveste aqui? – pergunto.

– Não, mas um amigo do Tristan já e disse que era bonito.

Sorrio e arqueio os ombros de entusiasmo.

– Qualquer sítio serve. Não me interessa se vamos acampar. Talvez possamos ir da próxima vez?

– Sim, está bem. – Ri-se ao abrir a porta. – O meu irmão contou-me tudo sobre

acampar, encontramo-nos lá.

Sorrio: isso é código para «Nunca fui acampar».

Saímos do carro, e o Elliot dá uma gorjeta ao condutor, que leva as nossas duas malas pelo caminho até à casa.

A porta da frente abre-se, e aparece um homem. Está a usar um uniforme branco que parece uma bata. É mais velho, talvez nos seus sessenta anos.

– Olá, Sr. Miles. – Fala com um sotaque cerrado. O seu cabelo é escuro e é bastante bonito para a sua idade.

– Olá. – O Elliot aperta-lhe a mão. – Prazer em conhecê-lo.

– O meu nome é Henley e sou o zelador da Brogana. Bem-vindos.

O Elliot aponta para mim.

– Esta é a Kathryn.

– Olá – sorrio e aperto-lhe a mão.

– Entrem, entrem – e faz um gesto na direção da casa ao entrar; seguimo-lo para o interior e fico sem fôlego.

– Uau – sussurro de admiração.

O Elliot mostra um largo sorriso enquanto olha à volta. Tudo é branco, e os móveis são de madeira escura, ao estilo antigo. Há tapetes enormes em cores fortes e arte abstrata pendurada. Toda a parede das traseiras é constituída por portas de vidro com uma vista deslumbrante sobre a praia e o mar. Uma enorme piscina de beiral infinito azul profundo encontra-se junto ao terraço. Este lugar é de outro mundo.

– Há um caminho privado através desse portão que leva à praia – diz o Henley enquanto aponta para um portão de aspeto antigo, à esquerda. – Os quartos, as casas de banho e o ginásio ficam ao fundo do corredor, e há serviço de quartos vinte e quatro horas por dia, há pessoal na propriedade à vossa disposição. Se precisarem de alguma coisa, basta tocar à campainha. – E entrega um comando ao Elliot. – Espero que a propriedade esteja ao seu nível, senhor.

O Elliot assente.

– É ótima, obrigado.

O Henley sorri e acena a cabeça com uma vénia.

– Vou deixá-los sozinhos, senhor.

– Obrigada – sorrio à medida que o entusiasmo me invade.

– Henley – diz o Elliot –, pode indicar-me um bom restaurante para esta noite?

Ele sorri com gentileza.

– Claro, senhor, o que lhe apetece comer?

Os olhos do Elliot focam-se em mim.

– O que queres, querida? – O meu estômago dá voltas; adoro quando me chama isso.

– Escolha você, Henley, surpreenda-nos – sorrio. – Gosto de tudo.

O Henley assente.

– Muito bem, Kathryn, a que horas?

– Hum… – Olho para os dois.

O Elliot espreita o relógio.

– Talvez daqui a uma hora e meia.

– Claro, senhor. Notificá-lo-ei da reserva assim que estiver efetuada. – O Henley sai e fecha a porta.

O Elliot toma-me nos braços.

– Sete dias aqui – sorri para mim.

– Eu sei. – Ponho-me em bicos de pés para beijar os seus grandes e belos lábios. – Não sei se consigo lidar com tal tortura.

– Bem – responde o Elliot. – Espero que gostes de testículos de bode para o jantar.

O meu rosto descai, horrorizado.

– Ele não faria isso.

– Regra número um em viagem, Kate. – Ele beija-me novamente. – Nunca digas que gostas de tudo – e dá-me um toque no nariz. – Porque, confia em mim, não gostas. – Ele vira-se e leva as nossas malas pelo corredor em direção ao nosso quarto, e eu sorrio atrás dele.

– Gosto dos teus testículos – digo. – E és uma espécie de bode.

Ele ri-se alto, e é profundo e feliz, ressoando profundamente na minha psique. Sorrio de forma pateta, quando ele reaparece e vê a minha cara.

– Que cara é essa?

– Tens um sorriso lindo.

Ele eleva a sobrancelha.

– Para um bode, queres dizer?

– Sim. – Rio-me. – Para um bode.

As luzinhas cintilam por cima, e eu sorrio para o meu par de sonho do outro lado da mesa.

Felizmente, estamos a comer marisco, sem um testículo de bode à vista.

A conversa é fluida e espirituosa e parece nunca se esgotar; é tão estranho, o Elliot e eu damo-nos mesmo muito bem. Rimo-nos, falamos e tudo parece muito orgânico entre nós. Há muito mais do que sexo escaldante… Embora pareça haver muito disso.

Não que me esteja a queixar.

Está uma noite de céu limpo num belo restaurante com esplanada ao ar livre.

– Sabes, acho que este seria um dos trabalhos mais difíceis do mundo – digo, enquanto abro uma pata de caranguejo.

– O quê? – diz o Elliot, concentrado na tarefa que tem em mãos.

– Ser pescador. Ao ar livre, ao sol e ao vento. Sem nunca saber que tipo de pescaria

ou dia vai ser. – Coloco algumas cascas no prato fornecido para esse propósito.

– Só podes estar a brincar, parece-me o melhor emprego do mundo. Sem fato, sem pressão. – Põe um pouco de caranguejo na boca. – Sem idiotas do escritório.

Paro de comer enquanto o olho.

– Sabes, és mesmo uma surpresa. Não és nada como eu achava que serias.

Tem diversão cravada no rosto enquanto bebe do seu vinho.

– Não te iludas, Kate, sou tudo o que achavas.

– Não, não és.

– Estou em modo de férias e são sete dias. – Os seus olhos estão em mim.

– O que é que isso significa?

– Significa que não te posso dar mais do que sete dias.

Por que raio é que ele diria isso?

Fico a olhá-lo por um momento e, depois, continuo a partir a minha pata de caranguejo com o alicate. Sinto que me está a avisar.

– Quando é que tiveste a tua última namorada?

– Há anos.

– Como assim?

Encolhe os ombros.

– Não sei, eu e as relações não nos misturamos.

Fico em silêncio, sem saber bem o que dizer a isso.

– Quando é que foi a tua última relação? – pergunta.

– Relação séria, há seis anos. – Bebo um gole do meu vinho. – Pensava que ele era o homem certo.

– E não era? – Mantém os olhos na sua tarefa.

– Obviamente que não.

– O que aconteceu?

– Muitas coisas, podemos mudar de assunto?

Os seus olhos erguem-se para os meus, e ele levanta uma sobrancelha, pouco impressionado com a minha curta resposta.

– Olha, percebo. Não queres nada por mais de uma semana, e por mim tudo bem.

Ele agarra no seu vinho e bebe-o, claramente irritado.

– Tenho a certeza de que tens todas as mulheres do mundo ocidental apaixonadas por ti, Elliot, mas posso garantir-te que não serei uma delas. Não és o tipo de homem por quem eu me apaixonaria a longo prazo.

– Ótimo.

– Ótimo – digo com brusquidão.

Comemos em silêncio durante algum tempo.

– Devia-te ter dado testículos de bode – murmura secamente.

– Já deste – digo. – No avião.

Ele sorri e, depois, incapaz de o conter, mostra-me um largo sorriso.

– E adoraste.

Corto a minha comida, tentando manter uma cara séria.

– Eram toleráveis… acho.

Ficamos a olhar um para o outro enquanto o ar crepita entre nós.

– Talvez tos dê a comer outra vez esta noite – sussurra sombriamente.

– Não. – Como a comida do garfo.

– Não?

– Podes mostrar-me as tuas habilidades culinárias hoje à noite… visto que só tens seis dias para me impressionar – respondo sem rodeios, fingindo-me aborrecida. – Estás a ficar sem dias, Miles.

Sorri, claramente divertido.

– Sete, incluindo hoje, e vou impressionar-te, Sra. Landon… Não te preocupes com isso.

Tento manter-me séria; gosto deste jogo.

– Veremos.

As minhas costas arqueiam-se para fora da cama, e aperto os lençóis com as mãos por baixo de mim, molhados de suor.

Chupou-me, penetrou-me, vim-me e, depois, voltou lá com a língua. Uma e outra vez.

Vira-me como se fosse uma boneca de trapos e caraças… *Estou impressionada*.

Já me vim três vezes, e ele não para.

Está a provar, sem qualquer dúvida, que detém o poder sexual entre nós, e eu não posso discutir, não há contestação. Quando estamos nus, *ele é o meu dono*.

Estremeço com força e agarro-lhe um punhado de cabelo para tentar afastá-lo do meu sexo.

– Já chega – gemo. – Por favor, El – imploro.

Sorri para mim, os seus olhos brilham de satisfação.

– Eu é que digo quando é que chega. – Num só movimento, levanta-se e vira-me de barriga para baixo e puxa-me pelas ancas até aos joelhos; depois, introduz-se lentamente em mim, e fecho os olhos ao som do seu gemido profundo e gutural.

Foda-se…

O homem é um deus.

Retira-o lentamente e, depois, volta a enfiá-lo, e o som do meu corpo molhado ecoa pelo quarto.

– Sabes como isso é sensual? – sussurra. – O teu corpo a sugar-me.

Tira-o e mete-o com força.

– Ele quer – diz, sombriamente. – Quer ser lidado com força. – E bate-

-me no rabo, e o som ecoa à nossa volta.

Entro numa espécie de experiência extracorporal, num subespaço.

Tão perdida numa excitação profunda que nem sequer consigo falar.

Depois, cavalga-me, com bombadas profundas e punitivas, e não posso fazer nada a não ser tentar manter-me de joelhos.

– Olha – grunhe.

Agarra numa mão cheia do meu cabelo e puxa-me a cara para trás, para que eu fique de frente para o espelho na parede.

Os seus olhos escuros encontram os meus no nosso reflexo, e ele começa a bombear-me lentamente; consigo ver todos os músculos do seu tronco, todas as gotas de transpiração na sua pele polida.

Os meus seios balançam à medida que ele me dá, e ele inclina a cabeça para trás, para o céu, enquanto lida com o prazer.

Não há dúvida de que os nossos corpos estão em chamas – isto é luxúria pura e sem adulteração.

Algo de que só tinha ouvido falar, pensei que não existisse na vida real, mas que diabo… Andei a perder muita coisa… à séria.

Ele levanta o pé para o apoiar na cama enquanto me cavalga, e a mudança de posição leva-me ao limite. Grito para o colchão, e ele empurra o meu corpo para baixo, de modo que o meu rabo fique sentado. Comple-tamente aberto para o seu ataque.

Os nossos corpos começam a bater-se, e sinto cada centímetro do seu lindo falo.

Tão profundamente… tão bom…

Os seus gemidos tornam-se mais profundos, mais altos, o seu aperto nos ossos das minhas ancas é quase doloroso, e eu sorrio ao sentir que o orgasmo que se aproxima o ultrapassa.

É assim que eu gosto dele, sem filtros e, só por enquanto, meu.

Ele segura-se e grita quando se vem profundamente, e ambos suspiramos por ar. As bombadas abrandam à medida que ele se esvazia completamente e, depois, inclina-se, agarra no meu rosto e dá-me um beijo.

É doce e terno, tão diferente do amor que acabámos de fazer.

Deita-se ao meu lado e demoramos a beijar-nos; ambos sabemos que isto não vai a lado nenhum, mas raios, ele faz-me desejar que fosse.

Afasta o meu cabelo da testa enquanto me olha fixamente, e o meu coração aperta-se.

Será que ele também sente?

– És muito boa nisto – sussurra, suavemente.

Sorrio timidamente, tomada pela emoção.

Como se sentisse a minha fragilidade, puxa-me para perto de si e abraça-me com

força, beija-me a testa.

– Dorme, querida – sussurra.

Fecho os olhos e deito a cabeça no seu peito. É quente e seguro. Se eu pudesse escolher qualquer coisa no mundo para fazer esta noite, seria estar aqui com ele, a fazer isto.

Sei que seis dias com este homem não são suficientes… Já quero mais.

Ele traça um círculo com o dedo sobre o meu ombro nu.

– Sabes o quanto te acho bonita, Kate Landon? – sussurra.

Fecho os olhos com arrependimento.

O Elliot Miles é um desgosto à espera de acontecer.

Capítulo Catorze

Fecho a torneira, saio do duche e enrolo a toalha à minha volta.

Observo o Elliot a puxar lentamente a lâmina de barbear pela bochecha enquanto se olha ao espelho.

– Isso dói? – pergunto.

– Não. – Passa a lâmina de barbear por água quente; tem uma toalha branca à volta da cintura e parece completamente comestível.

– Detesto o som do rangido – fascinada, encosto-me ao móvel da casa de banho enquanto o observo.

– Acabas por te habituar, já faço a barba há… – pausa enquanto pensa. – Vinte e um anos.

Sento-me no armário à sua frente.

– És tão velho.

– Obrigado – bate com a lâmina no lavatório. – No entanto, só se é tão velho quanto a mulher que se come. – E eleva as sobrancelhas. – Isso faz com que tenha… vinte e sete.

Tiro-lhe a lâmina.

– Posso experimentar?

– Não sou um carrossel, Kathryn.

Rio-me enquanto seguro na lâmina junto ao seu rosto.

– Quase me enganaste. – Concentro-me. – Fartei-me de te montar ontem à noite.

Ele ri-se e puxa as minhas ancas para si, no balcão.

– E adorei.

Seguro a lâmina de barbear e mordo o lábio inferior enquanto me concentro. Ele fecha os olhos.

– Isto não é boa ideia.

Deslizo lentamente a lâmina de barbear pela sua bochecha.

– O quê?

– Uma mulher com uma lâmina de barbear perto da minha garganta não pode acabar bem.

Rio-me.

– Na verdade, sou boa nisto.

– Eu decido isso.

– Porque te estás a barbear nas férias, de qualquer forma?

– Porque quero beijar-te, e a minha barba por fazer é muito afiada.

– Oh… o teu primeiro sacrifício por mim – pauso e sorrio enquanto passo a mão pelo seu cabelo despenteado. – És tão querido… Urso de peluche – digo em voz de bebé.

Ele revira os olhos.

– Despacha-te. – Estica o rosto. – E não me chames urso de peluche, é castrador.

– Oh, por favor, Sr. Miles. Sabes bem que te vais tornar no meu lacaio antes do fim da semana… certo? – provoco.

Ele sorri e tira-me a lâmina.

– Não contaria com isso.

– O que vamos fazer hoje? – pergunto.

– O que quiseres.

– Oh… o que devemos fazer? As possibilidades são infinitas. – Sorrio de forma sonhadora.

Lava a lâmina de barbear na torneira e agarra no meu saco de higiene; tira a minha embalagem de pílulas e estuda-a. Retira o comprimido do dia e segura-o na ponta do dedo para mim. Aceito-o e engulo-o.

– Quando foi o teu último teste de DST? – pergunta.

– Porquê?

– Para saber.

– Porquê?

– Não quero usar preservativos enquanto estivermos a viajar.

Franzo o sobrolho.

– Porquê?

Encolhe os ombros e inclina-se para me beijar.

– Só não quero.

– Não. – Afasto-me dele.

– Porque não? – parece surpreendido. – Nunca fiz sexo sem preservativo.

Olho-o ao mesmo tempo que o meu cérebro deixa de funcionar.

– Nunca?

– Não.

– Então, porque haverias de querer fazê-lo comigo?

– Não sei, mas quero.

– Bem, vais ter de esperar mais um pouco. – Desço do armário e entro no quarto, vou até ao *closet* e começo a procurar algo para vestir.

Ele segue-me.

– Porquê?

– Porque é demasiado íntimo para mim, é algo que se partilha com um parceiro.

– Nós somos parceiros.

– Por uma semana, Elliot. Não conta.

– Não, vamo-nos ver quando formos para casa. Fizemos um acordo, lembras-te? Casual exclusivo.

Tento esconder o meu sorriso; é a primeira vez que menciona algo a longo prazo.

– Bem… – ele põe as mãos nas ancas, como se estivesse indignado. – Já o fizeste com alguém?

– Sim, claro que sim. É para isso que servem os namorados.

– Bem, sou teu namorado… durante esta semana.

Reviro os olhos enquanto agarro nas minhas roupas e as espalho na cama.

– Isso conta para alguma coisa – diz.

– Nem por isso. – Deixo cair a toalha e visto as cuecas do biquíni.

Ele toma-me nos braços e tenta adoçar o acordo.

– Eu faço valer a pena. – Os seus lábios descem até ao meu pescoço.

– Não. Acabou a discussão. – Solto-me dos seus braços e visto a parte de cima do biquíni. – Veste-te, vamos sair.

– Para onde?

– Qualquer sítio longe de uma cama. – Sorrio enquanto ele me morde o pescoço.

– Isso não te vai salvar, não preciso de uma cama. – Empurra-me contra a parede. – Sou homem para qualquer superfície.

Rio-me alto.

– Cala-te, seu tolo. Não vai acontecer.

As Ilhas Canárias são tudo aquilo com que sempre sonhei. Sol, areia e mar, tudo num cenário muito bonito. Comemos em restaurantes lindos, deitámo-nos na praia durante horas e bebemos *cocktails* em pequenos bares à beira-mar até altas horas da noite.

Este lugar é o paraíso, com edifícios antigos e coloridos no alto das falésias e vista para o oceano; nunca estive num lugar tão perfeito.

Três dias.

Bastaram três dias mágicos para me transformar numa discípula de Elliot Miles.

Falámos durante horas, rimos, comemos toda a comida maravilhosa e fizemos amor de todas as formas possíveis.

Não é estranho, é orgânico e bonito… o tipo de sentimento que sempre procurei.

As suas pestanas escuras estremecem, os seus lábios estão ligeiramente entreabertos, e vejo o seu peito subir e descer enquanto dorme, o lençol branco enrolado nas suas ancas.

O Elliot Miles é uma força a ter em conta. Não é quem ele é.

É o que ele é.

Pela primeira vez na minha vida, sinto-me ouvida.

E sei que isto parece ridículo, mesmo para mim… porque, de todas as coisas que o Elliot Miles é, ser um bom ouvinte não é uma delas.

Deito-me de lado, apoiada no cotovelo, enquanto o observo – estou a fazer isto há mais de uma hora. Preciso de ir à casa de banho, mas não me quero levantar e perturbar a minha vista ininterrupta.

Os meus olhos percorrem o seu peito largo, descem até ao umbigo e ao pequeno rasto de pelos escuros que desaparece sob o lençol. A sua pele é cor de azeitona, o seu cabelo é escuro.

Fisicamente, é um homem bonito.

Mas sei um segredo sobre o Elliot Miles: pode começar guerras, acabar com sonhos e iluminar uma cidade a partir do espaço.

O seu coração é a sua força, e talvez não seja meu para guardar.

Mas vou guardar para sempre esta semana em que o tive nas minhas mãos.

Os seus olhos abrem-se, e ele franze o sobrolho quando se concentra na minha cara, depois esboça um sorriso lento e sensual. Aquele em que me tornei viciada.

– Para onde estás a olhar? – sussurra ao puxar-me para o seu peito, apertando-me e beijando-me a testa.

– Para a tua cara de bode.

Ele ri-se, e é profundo e rouco e envolve os meus sentidos.

– Bahahaha – diz.

Rio-me alto.

– Os bodes não fazem bahahaha.

– Que som é que fazem os bodes? – e sorri.

– Não sei, mas sei que não fazem bahahaha.

Ele deita-me de costas e vem para cima de mim, e os seus lábios tomam os meus com suavidade.

– Bem, se não posso fazer bahahaha, é bom que me faças gemer. – E põe o joelho entre as minhas pernas para as abrir.

Sorrio para ele.

Oh, este homem.

– Queres dizer, como uma vaca?

Ri-se.

– Sou um touro, Kate. Já te disse.

ELLIOT

Sigo o rabinho jeitoso pelo trilho – ***leggings*** pretas, um ***top*** branco curto e um rabo de cavalo loiro a balançar enquanto caminha.

Que bela vista para contemplar.

A Kate e eu estamos a escalar uma montanha, e é íngreme. Ela vira-se e olha para trás, na minha direção.

– Oh, El, olha para isto.

Viramo-nos e apreciamos a vista.

Ela sorri melancolicamente para o vento, e eu fico a olhá-la.

– É tão linda – sussurra.

– Pois és – sorrio.

Os seus olhos encontram os meus, e ela mostra-me um sorriso tímido.

– Estou a falar da vista.

Agarro na sua mão e beijo-lhe as pontas dos dedos.

– Eu sei.

Ela sorri com suavidade.

– Posso tirar-nos uma foto?

– Se quiseres.

Ela agarra no telemóvel, encosta a cara à minha e, com o pano de fundo, tira uma fotografia. Olha para a foto com um enorme sorriso.

– Quero ver como ficas na câmara antes de me levares às cavalitas até ao topo.

Rio-me.

– Meu anjo, se queres cair espetacularmente desta montanha e morrer, deixa-me levar-te ao colo.

Ela vira-se e continua a caminhar pelo trilho.

– Eu conseguia carregar-te – responde descontraidamente.

– Não tenho dúvidas – resmungo enquanto escalo. – Os cavalos conseguem.

Ela ri-se.

– Sabes, há muito tempo que não faço caminhadas… desde que os meus pais morreram, na verdade.

Franzo o sobrolho; é a primeira vez que ela me diz isto.

– Morreram os dois?

Ela continua a caminhar à minha frente.

– Sim, morreram num acidente de carro, há seis anos.

Merda.

– Lamento.

– Eu também.

Continuamos a andar.

– Como eram eles? – pergunto.

Vira-se.

– A minha mãe era como eu.

– Uma louca por sexo, então.

Ela ri-se alto.

– E o meu pai era o homem mais querido do mundo.

Continuo a andar enquanto ouço.

– Costumávamos ter uma coisa que fazíamos juntos em ocasiões especiais.

Exalo ao subir. Foda-se, esta montanha é íngreme.

– O quê?

– Comer ***Cornettos***.

Sorrio enquanto ouço.

– Víamos um filme, ***Cornetto***. Celebrávamos algo, um ***Cornetto***. Quando arranjei o meu primeiro emprego, ele foi-me buscar com um ***Cornetto***.

– Não como um gelado desses há anos – digo.

– Nem eu… desde que o meu pai morreu.

Andamos por algum tempo.

– Como são os teus pais? – pergunta-me.

Penso por um momento.

– Ocupados.

Ela vira-se e franze o sobrolho, como que surpreendida pela minha resposta.

– E isso incomoda-te?

– Não necessariamente. – Caminho por um bocado. – Em miúdo, nunca tive tempo para andar por aí e aborrecer-me.

Ela ouve.

– Andei num colégio interno desde os sete anos. As férias eram sempre uma correria, de uma estância exótica para outra. – Encolho os ombros. – Não sei… – a minha voz descarrila.

– Vais mandar os teus filhos para um colégio interno?

– Nunca na vida.

Ela vira-se, como se surpreendida.

– O que farias de diferente, quer dizer, da forma como foste educado.

– Dava-lhes o meu tempo.

Ela para e vira-se.

– Não tiveste tempo com os teus pais?

– Continuo a não ter.

Ela olha-me fixamente durante um momento.

– E os teus irmãos?

– Os meus irmãos – sorrio. – Tomam-me demasiado tempo, adoro aqueles idiotas.

Ela ri-se e continua a andar.

– Só nos tivemos uns aos outros enquanto crescíamos. São tudo para mim.

Caminhamos mais algum tempo.

– Os nossos anos formativos foram passados a preparar-nos para assumir o controlo da Miles Media. Por vezes, todos nos ressentimos do facto de nunca termos podido escolher o nosso próprio caminho.

Ela continua a andar à frente, e não sei porque tenho vontade de lhe contar tudo isto.

– Provavelmente, devia calar-me agora – ofego. – Esta montanha está a ficar mais íngreme.

– Sim, está na altura de me levares às cavalitas, Miles. Impressiona-me com o teu poder.

Rio-me e continuamos a caminhar.

– Sabes, gostava que fosses canalizador – diz, descontraidamente.

Franzo o sobrolho.

– Porquê?

Vira-se.

– Porque, assim, não tinha de te partilhar.

Olhamos um para o outro.

– E podias ser um homem normal, aborrecido e apaixonares-te por mim.

Isso seria a coisa mais fácil de fazer no mundo.

Sorrio suavemente.

– É a coisa mais simpática que já me disseram.

– Se esta é a coisa mais simpática que já ouviste – ri-se e continua a caminhada –, deves conhecer verdadeiros idiotas.

– É verdade, conheço… Mas sou muito bom a limpar canos. Por isso, sou uma espécie de… canalizador.

Ela ri-se alto.

– Eu sei. Um muito bom.

Estou deitado na espreguiçadeira a beber o meu ***cocktail***.

O sol da tarde está a pôr-se sobre a água, e o som das ondas suaves a baterem na costa enche-me os sentidos.

A Kate está a jogar voleibol com alguns miúdos à beira da água. Vejo-a a rir e a falar com eles como se fossem amigos há muito desaparecidos.

Está animada e ri-se muito alto, tão despreocupada e feliz. Tem um biquíni branco, e acho que nunca vi algo tão bonito e perfeito.

Calmo.

Ela é assim… traz-me uma sensação de calma que não me lembro de ter sentido antes.

Não tenho de tentar ser algo que não sou, posso simplesmente ser eu próprio.

Ela não se importa com o meu nome ou com o meu dinheiro, ou com o seu aspeto.

Não usou maquilhagem nem arranjou o cabelo durante toda a nossa viagem e acho que nenhum de nós se olhou ao espelho uma única vez.

É libertador não tentarmos impressionar-nos um ao outro. Ela já me viu no meu pior… e eu vi o dela; e, no entanto, de alguma forma, funcionamos.

Agarro no meu telemóvel e abro as mensagens, sorrio quando vejo o nome da Pinkie.

Tive saudades dela.

«Olá, Ed.

Espero que as tuas férias estejam a correr bem.

Comigo, as coisas correm lindamente, o meu novo namorado está a revelar-se adorável.

Por aqui, está frio, quem me dera estar ao sol, algures… no próximo ano, espero ir para fora.

Desfruta da tua viagem, em pouco tempo voltarás a ser um garbologista.

Pinkie

Xoxo»

Sorrio. O riso da Kate ecoa, e os meus olhos levantam-se para ver o jogo de voleibol.

Esta é a amizade mais estranha que já tive. A Pinkie Leroo é o oposto absoluto do tipo de mulheres com quem saio, mas ela percebe-me, e eu, de alguma forma, percebo-a.

Gosto da nossa amizade.

O que vou responder?

Caminhamos para casa ao longo da margem da água, de mãos dadas.

– Tenho uma coisa para ti.

– O quê? – sorri para mim.

Deus, isto pode correr de várias formas…

Meto a mão no bolso e tiro dois ***Cornettos***.

A Kate vê-os na minha mão, e os seus olhos enchem-se imediatamente de lágrimas.

Foda-se.

– Quer dizer… Só pensei… – balbucio. – É a nossa última noite e tudo mais…

Os seus olhos procuram os meus, sorri-me suavemente e põe-se em bicos de pés para me beijar.

– Obrigada – sussurra e tira um. – És tão atencioso.

Já me chamaram muitas coisas nesta vida, mas nunca isso. Ela cai para se sentar na areia e bate no chão ao seu lado, e ambos abrimos os nossos gelados.

Ela olha para o seu. Vejo uma única lágrima a rolar-lhe pela face e não sei se foi a atitude certa.

Ponho o meu braço à sua volta, e comemos os nossos gelados, eu em silêncio, ela entre lágrimas.

Consigo sentir as memórias e o amor a nadar na sua psique, à medida que a vão dominando.

Ela também me faz desejar ser canalizador.

O luar entra pela janela, e tiro lentamente o vestido da Kate.

Algo está diferente nela; algo mudou entre nós desde que lhe comprei aquele gelado.

Os seus muros caíram, e vejo nela uma nova vulnerabilidade.

É avassalador, inebriante, e quero-a mais do que nunca, se é que isso é humanamente possível.

Os nossos lábios estão colados enquanto nos beijamos com ternura, as nossas mãos despem-nos um ao outro o mais depressa possível.

Nu… Quero estar nu.

Ela puxa-me os calções para baixo, o meu pau fica disponível, e eu deito-a na cama.

– Fazes ideia de como te acho bonita? – sussurro.

Ela sorri-me, e o meu coração aperta-se.

– Espera. Vou buscar os preservativos.

– El… não – sussurra.

– Não o quê?

– Não ponhas um preservativo. Quero-te completo esta noite.

Ficamos a olhar um para o outro e… Foda-se.

Esta mulher…

Deito-me sobre ela, a vontade de estar perto dela é tão forte que não a conseguiria controlar mesmo que quisesse.

Beijamo-nos, abraçamo-nos e, com uma intimidade que nunca tinha conhecido, ela apodera-se de mim.

E segura-me.

E arruína-me para sempre.

KATE

O avião estaciona na pista, e apetece-me atirar-me para o chão, a espernear e a gritar.

Não vou sair deste avião, não me podem obrigar.

O Elliot solta um suspiro profundo e olha em frente. Observa-me enquanto se encosta ao banco.

– Estamos em casa – diz.

– Sim. – Finjo um grande sorriso. – Iupi.

Ele ri-se, inclina-se e beija-me.

– Eu sei.

A hospedeira – como é que ela se chama, afinal? Ainda não percebi – sai da sua pequena sala, vai buscar a nossa bagagem e leva-a até à porta; depois, os dois capitães saem e abrem a porta.

– Foi ótimo voar convosco. – O Elliot sorri e aperta-lhes as mãos. – Obrigado.

– Obrigado, tenham uma boa noite – responde um deles.

Um assistente entra no avião e leva as nossas malas.

– São só estas três? – pergunta.

– Sim, por favor – responde o Elliot.

Ele desaparece pelas escadas.

– Obrigada. – Sorrio e saio pela porta, quando sou atingida por uma parede de neve gelada. Está tudo branco e miserável.

Londres gelada como o caraças… uf… porque é que sou daqui?

O Elliot sai atrás de mim e estremece.

– Porra – murmura entre dentes.

– Porque não sou espanhola? – digo.

– Porque és inglesa – diz o Elliot ao agarrar na minha mão. – Cuidado – avisa. – As escadas estão escorregadias. – Conduz-me lentamente para baixo, até ao carro que nos aguarda, um *Audi* preto, não o *Bentley*.

A condutora é do sexo feminino, sorri e abre a porta de trás. Hum… quem é ela?

– Olá – diz o Elliot enquanto faz um gesto para que eu entre primeiro no carro.

Ele entra atrás de mim e fecha a porta.

A condutora entra e vira-se.

– Estacionamento VIP no piso 1A?

– Sim, obrigado – diz o Elliot ao agarrar na minha mão, levando-a para o seu colo.

Franzo o sobrolho, confusa, e ele beija-me as pontas dos dedos.

– Pedi ao Andrew para trazer o meu carro. Queria levar-te a casa.

– Oh. – Talvez passe lá a noite?

Esvazio-me por dentro. Provavelmente é para que o Andrew não tenha de ver a minha cara triste quando sair do carro.

– Ótimo – minto.

Cinco minutos mais tarde, a condutora para num parque subterrâneo e, sem dúvida, lá está, estacionado numa posição de liderança, o *Mercedes* desportivo preto do Elliot.

Pergunto-me quem terá levado o Andrew a casa depois de ter deixado o carro aqui – terá apanhado um autocarro ou alguém o veio buscar? O que acontece nestas situações, há um condutor para o condutor?

O Elliot coloca as minhas coisas na bagageira e, dez minutos depois, estamos a caminho de minha casa.

Está calado e pensativo, com as duas mãos firmes no volante, e eu estou a olhar através do para-brisas, pensando internamente se posso amarrá-lo e atirá-lo para a bagageira, talvez desviar o seu avião e forçar, sob a mira de uma arma, a levarem-nos de volta.

Já sinto alguma distância entre nós: aqui em Londres, ele não é o meu El brincalhão, é o Elliot Miles… o diretor-executivo durão da Miles Media.

E a realidade é que não nos conhecemos verdadeiramente.

O que é uma porcaria; se ele queria algo casual e não queria nada da nossa relação, porque tinha de ser tão doce e carinhoso? Será que tem consciência de que o fez?

Isto é que são mensagens contraditórias.

Não importava nas Ilhas Canárias, porque ambos sabíamos que o pouco tempo que tínhamos juntos era finito. Atada com um belo laço, uma semana de fuga à realidade.

Sem compromissos.

Mas, agora que estamos de volta, já me sinto insegura.

Já sei que ainda não estou pronta para o deixar ir, e talvez haja esperança para nós, porque, raios, somos tão bons juntos. Só espero que ele sinta o mesmo.

O carro para à frente de minha casa, e o Elliot desliga o motor, apoia o braço no volante e olha para mim.

– Obrigada – sussurro.

Ele assente, e os seus olhos estão em mim.

– Diverti-me muito.

Mostra um sorriso de cortar a respiração.

– Eu também.

– Queres… – encolho os ombros. Não devia estar a dizer isto, mas não consigo evitar que as palavras saiam da minha boca. – Queres entrar?

– Não posso. – O seu olhar dirige-se para o para-brisas da frente. – Tenho um milhão de *e-mails* para ler antes de ir trabalhar amanhã. Há uma semana que não abro o meu computador e, amanhã, não posso trabalhar até tarde porque tenho um evento. Se não os resolver esta noite, toda a semana será um fracasso.

– Ah… – aceno com a cabeça à medida que o quadro ocupado é pintado.

A sua mão percorre a minha coxa.

– És uma má influência, Landon. Sempre trabalhei em férias.

Sorrio.

– Bem… é muito divertido distrairmo-nos.

Os seus olhos fixam os meus e há algo que paira no ar entre nós.

Parece-se muito com… arrependimento.

– Está bem – finjo um sorriso.

– Está bem… – responde-me.

Olhamo-nos fixamente durante um momento, e não sei se ele está à espera de que eu diga alguma coisa ou… se vai dizer alguma coisa.

Quando é que nos vamos voltar a ver?

Não perguntes, *finge que está tudo bem*.

Abro a porta do carro.

– Vou deixar-te ir.

– Certo. – Sai do carro e abre a bagageira.

Ele tem de pedir para me *ver*, não vou pressionar. Foi ele que me disse que são só umas quecas, apesar de eu saber que não é só isso. Portanto, se ele mudou de ideias, tem de andar atrás de mim.

– Queres que te leve a mala até à porta da frente? – pergunta.

– Não. – Tiro-lha. – Eu consigo. Obrigada, de qualquer forma.

Ficamos a olhar um para o outro, e lá está outra vez o remoinho no ar de palavras não ditas.

– Adeus, Kate. – Ele inclina-se, beija-me suavemente, e o meu coração aperta-se.

Não há paixão, não há elemento proibido, não há promessa de me empurrar contra o carro e de me possuir aqui; o seu beijo parece triste e cheio de arrependimento. Ou sou só eu a sentir-me apegada?

Seja o que for, é uma seca.

Afasto-me dele, a mudança no seu comportamento é algo que não me agrada.

– Adeus. – Viro-me e subo os degraus da frente, volto a virar-me e aceno-lhe; ele acena-me de volta e, depois, sem hesitar, entra no carro e vai-se embora antes mesmo de eu ter posto a chave na porta.

O vazio preenche-me. Ele foi-se embora.

Observo o carro enquanto ele desaparece na rua, abro a porta e entro.

Por amor de Deus.

– Estou em casa – digo.

O Daniel vem a correr do quarto.

– Olá, querida – ri-se e puxa-me para um abraço, segura-me pelos braços e olha-me de cima a baixo. – Estás fabulosa, querida, esse bronzeado. Como foi?

– Ótimo – sorrio. – Diverti-me muito.

O seu rosto descai.

– O que é que isso significa?

– Nada, foi ótimo – respondo. – Como é que podia não me divertir em férias?

– E? – ele eleva a sobrancelha.

– O Elliot foi… – pauso enquanto penso na palavra certa. – Maravilhoso. – Olho em volta e caio no sofá, e ele cai ao meu lado.

– Pensei que ias voltar toda apaixonada, que ele te ia partir o coração e que eu ia ter de contratar um assassino.

– Não – sorrio de tristeza. – No entanto, seria muito fácil apaixonar-me por ele.

– O que aconteceu?

– Nada, o Elliot é simplesmente fantástico e, como ele disse, foi só uma semana. Não me fez falsas promessas, e eu não estou a pensar de mais, mas gostaria muito de ver onde isto vai dar.

Ele assente enquanto processa as minhas palavras.

– Bem, se ele tiver meio cérebro, virá bater à porta e nunca mais te deixará ir.

Sorrio, sentindo-me grata pelas suas palavras amáveis. Não é assim tão mau estar de volta ao meu lugar seguro.

– Sim… foi isso que pensei.

– Já comeste? – pergunta.

– Comi no avião. E tu?

– Não, não queria cozinhar.

– Eu acompanho-te se quiseres ir a algum lado.

– Ai, é? – sorri e põe o braço à minha volta.

Encosto a cabeça no seu ombro.

– Apetece-te ir a um restaurante tailandês para me veres comer? – pergunta.

Sorrio.

– Claro.

Segunda-feira de manhã, entro no elevador como uma estrela *rock* e carrego convictamente no botão para o meu andar.

Eu trato disto; aconteça o que acontecer.

Ontem, o Elliot não me ligou a dizer boa noite. Não sei porque pensei que o faria. O Ed também não me enviou nenhuma mensagem *online*, mas não tem importância nenhuma. Mal reparei nisso.

Estou ótima, bem, maravilhosa.

Tive as melhores férias de sempre… vamos deixar assim.

Vou fingir até conseguir, não importa. Faz-me sentir melhor.

Pelo menos, sei que o meu coração ainda bate.

Ainda estou algures lá, embora um pouco danificada e quebrada, mas, afinal, não morri com os meus pais, e há felicidade no meu futuro, sei que há.

Sorrio ao entrar no escritório; foi divertido enquanto durou.

Estou à espera de mais, mas, pela primeira vez desde há muito tempo, sei que ficarei bem se não houver.

É o que é.

Onze da manhã.

Batem à porta do meu escritório.

– Kathryn – diz a voz familiar.

Olho para cima, é o Elliot. Um sorriso apodera-se do meu rosto.

– Olá – irradio. Tive saudades dele ontem à noite.

– Tens aquele relatório sobre a utilização dos motores de busca que pedi? – dispara.

Franzo o sobrolho, surpreendida pela sua saudação, ou melhor, pela sua falta.

– Não, mas posso gerá-lo agora, se quiseres.

– Obrigado. Com urgência, por favor, preciso disso daqui a uma hora.

É frio e distante – o Elliot Miles de que me lembro. Os meus olhos procuram os seus.

– Por amor de Deus, não olhes para mim assim, não estou com paciência – dispara antes de sair.

Olho-o fixamente… *O quê?*

Estou sentada na cafetaria, e o mundo é um borrão.

Como é que eu estava a olhar para ele?

Como um carneirinho? O meu coração pulava no meu peito – será que ele conseguia ver?

Provavelmente… Deus.

De volta à realidade com um baque.

– Viste o Elliot Miles esta manhã? – diz uma das raparigas da mesa.

– Caraças, sim, com aquele bronzeado é ainda mais letal.

Os pelos das minhas costas eriçam-se enquanto escuto.

– Provavelmente, passou as férias num iate em Ibiza, com uma supermodelo ou algo do género. Quem sabe, provavelmente casou-se – responde outra rapariga.

– Ele não se casaria com uma supermodelo – comenta uma mulher mais velha. – O Elliot Miles não se contentaria com isso.

Os meus olhos piscam.

– Como assim?

– O Elliot vai casar com uma artista, ou uma autora, ou alguém filantrópico.

– Porque dizes isso?

– Ele é muito profundo. Não reparaste nos interesses dele?

– Não, quais são?

– O mundo da arte. Ele vai casar com alguém único. É por isso que ele guarda a sua vida privada tão ferozmente, para que todos os pequenos namoros que tem com bimbas pelo caminho não prejudiquem as suas hipóteses quando encontrar a mulher que deseja.

Sinto o coração a latejar.

– Suponho que sim.

Dou um gole do meu chá… Agora, sou uma das tais bimbas? As suas palavras de há pouco vêm-me à cabeça e sinto-me mal.

Por amor de Deus, não olhes para mim assim, não estou com paciência.

– Kate, acorda – diz o Daniel enquanto se senta na cama.

Tento abrir os olhos. Quase não dormi ontem à noite, preocupada com o Elliot durante toda a noite.

Não me telefonou, não tive notícias dele e não faço a mínima ideia do que se está a passar entre nós, mas a forma como me falou ontem não é correta.

– Olha para isto – dispara o Daniel.

Ele segura um jornal dobrado em frente da minha cara.

– O que foi? – franzo o sobrolho.

– Olha para isto, foda-se.

Franzo o sobrolho, concentro o olhar e leio a manchete.

«Elliot Miles deixa noite de gala com Varuscka Vermont.»

O quê?

Sento-me e tiro-lhe o jornal.

Os meus olhos voltam a ler a manchete, e observo a fotografia.

O Elliot está de traje formal, e ele e uma bela mulher de cabelo escuro estão no banco de trás do seu *Bentley*… O Andrew está a conduzir.

– Quando é que esta fotografia foi tirada? – pergunto.
– Ontem à noite.
Os meus olhos horrorizados encontram os do Daniel.
– Mas que raio?

Capítulo Quinze

Subo a estrada como um monstro, com a minha raiva interior no auge.

Como é que ele se atreve?

Como raio é que ele se atreve?

Está bem, não queria mais nada… cresce e diz-me, seu merdas sem espinha dorsal.

Da última vez que verifiquei, quando passamos a maior parte de uma semana dentro do corpo de alguém, devemos-lhe, pelo menos, uma simples conversa.

Uf, estou furiosa. Consigo sentir o meu sangue a ferver sob a pele. Acho que cumpri a missão, visto que saí com o Elliot para tentar sentir alguma coisa.

E sinto, com certeza, alguma coisa: fúria atómica termonuclear.

Entro a marchar no meu edifício.

– Bom dia. – O porteiro sorri.

É mesmo?

Finjo um sorriso e continuo a andar. Nem sequer me consigo obrigar a mentir e a concordar com ele.

Sai da frente, mundo, quero sangue.

À uma da tarde, o meu *e-mail* soa.

«Kate,

Gostaria de te ver no meu gabinete imediatamente.

Elliot.»

Aha, aposto que gostarias… *seu idiota estúpido*.

Respondo:

«Elliot,

Desculpa, estou demasiado ocupada.

Envia-me o teu pedido por *e-mail* e tratarei disso o mais rapidamente possível.

Kate.»

A resposta chega imediatamente.

«Kate,

Seja o que for que estás a fazer, pode esperar. Vem já aqui!»

Já… ponto de exclamação… O quê?

Como é que ele se atreve?

Os meus olhos quase saltam das órbitas.

Bato no teclado com tanta força que quase o parto.

«Elliot Miles.

Vai-te foder!»

Não, pareço uma criança. Apago a mensagem e tento novamente.

«Elliot.

És assim tão estúpido que não consegues ver

além do teu…»

Não, apago.

Não lhe dês a satisfação de desceres ao seu nível. Fecho os olhos e inspiro profundamente, tentando acalmar-me. Não deixes que ele te afete…

Ignora a porcaria do *e-mail*.

Volto ao trabalho e, meia hora mais tarde, o meu *e-mail* soa novamente.

«Kate.

Estás a caminho? Estou à espera.»

A minha panela de pressão ferve até ao ponto de rutura. Respondo de volta.

«Não estou a ir.

Como te disse, estou ocupada. Por favor, envia o teu pedido por *e-mail*.

Para de me fazer perder tempo com exigências despropositadas.»

Carrego em enviar.

Quem é que este gajo pensa que é?

Quão burro pode ser um ser humano?

Levanto-me, dirijo-me ao meu armário de arquivo e abro-o com força, coloco o ficheiro lá dentro e fecho-o com força.

– Estúpido idiota cabeça de galinha – murmuro baixinho. Sento-me novamente e bato nas teclas do computador. – Para de te desligar, cabrão.

Expiro pesadamente, acalma-te… acalma-te… acalma-te. Mantém-te calma.

Tenho o estômago às voltas e, sinceramente, há muito tempo que não me sentia tão descontrolada e instável. Não posso fazer isto a mim própria, já sei que esta não é uma relação saudável para mim. Não posso deixar-me arrastar de novo para a escuridão por um homem tóxico.

A porta do meu escritório abre-se e fecha-se com um estalido, e olho para cima: o Elliot está de pé, à minha frente. Fato cinzento perfeitamente ajustado, maxilar quadrado e cabelo escuro. A sua presença toma instantaneamente conta do pequeno espaço. Raios o partam por ser tão atraente.

É, de facto, irritante. Arrasto os olhos de volta para o ecrã do computador.

– O que estás a fazer? – pergunta.

Não lhe dês a satisfação de reagires.

– A trabalhar – respondo, calmamente, enquanto mantenho o olhar direcionado para a frente.

– Pedi-te para ires lá acima. – Na minha visão periférica, vejo as suas mãos nos bolsos das calças enquanto espera pela minha resposta.

– E eu disse para me enviares o pedido por *e-mail*. Agora, se não te importas, estou muito ocupada, Elliot. Por favor, fecha a porta quando saíres.

– Dei-lhe boleia, mais nada.

Levanto os olhos para ele.

– Ela discutiu com a pessoa com quem veio e estava à espera de um táxi, só lhe ofereci boleia.

Olho-o fixamente… *Será verdade?*

Viro-me novamente para o computador.

– Não faço ideia do que estás a falar.

Ele fica em silêncio, como se a avaliar a situação.

– Porquê tanta atitude?

A fúria borbulha perigosamente perto da superfície, e eu viro-me para ele.

– Chama-se ética de trabalho, Elliot, *não há* atitude nenhuma.

– Ótimo. – Inclina o queixo para o céu, aprovando. – Vou pedir ao Andrew para te ir buscar hoje à noite, por volta das sete.

Faço uma careta. *Dai-me forças*. Viro-me para o computador e imprimo uma folha.

– Não posso hoje à noite, desculpa. Tenho um compromisso.

– Tipo o quê?

Ignorando-o, levanto-me e abro a gaveta de cima do meu armário de arquivo, e ele rapidamente coloca a mão sobre a minha e fecha-a, fazendo-a bater.

– Tipo o quê? – grunhe.

– Lavar o cabelo – disparo, perdendo o resto da paciência.

– Então, *estás* zangada.

Sento-me à pressa e viro-me para o ecrã do meu computador.

– O que era suposto fazer, deixá-la na rua? – responde.

– Não sei do que estás a falar.

– É por isto que eu e as relações não funcionamos. Há sempre drama, caramba. Foi uma boleia.

– Não estamos numa relação. Já deixaste isso bem claro e não me interessa se queres levar a Varuscka Vermont no teu estúpido jato Miles. Isto não tem nada que ver com dar boleia a alguém para casa. Sai.

– Então? – O seu rosto irradia divertimento. – Viste a notícia.

– Elliot, não estou interessada neste jogo. Já estou cansada.

Ele põe as mãos nas ancas.

– O que é que isso significa?

– Significa… – a minha voz descarrila.

– Tínhamos um acordo.

Reviro os olhos.

– Estás a referir-te ao acordo de não seres visto ou fotografado comigo, mas não há problema nenhum em seres visto a sair com outra mulher, ou estás a referir-te ao acordo de ninguém saber de nós e de me falares como se fosse uma merda sempre que te apetece? Notícia de última hora, não és assim tão apelativo, Elliot, desculpa se quero passar.

– Tive um dia stressante na segunda-feira – ladra.

– Eu estou a ter um agora – grunho de volta.

Os seus olhos estão em mim.

– O que estás a dizer?

– Estou a dizer que mais vale saíres com a Varuscka. Este acordo não vai funcionar entre nós.

– O quê? – explode.

A minha porta abre-se sem aviso.

– Queres um café? – pergunta a Kellie.

– Bate antes de entrares num gabinete – dispara o Elliot.

A Kellie arregala os olhos quando olha para nós.

– Desculpem – sussurra ela ao fechar rapidamente a porta.

O Elliot encara-me, com as narinas a arder enquanto tenta controlar a situação.

– Já acabámos? – ironiza. Consigo sentir a raiva que irradia dele.

– Para de ser a rainha do drama. – Continuo a olhar para o meu computador; não quero olhar para ele.

– Kathryn – grita.

– Não me falas assim e, depois, entras aqui com exigências. Não tenho a certeza de como as coisas funcionam para ti com outras mulheres, mas posso garantir-te que comigo não funciona assim.

Quase consigo sentir a bomba atómica a explodir. Uma fúria tangível irradia dele.

Sem mais uma palavra, sai do meu gabinete e bate com a porta. As janelas abanam com o estrondo.

Bip, bip.

A buzina soa na rua. Olho pela janela do meu quarto, sorrio e aceno quando vejo a pequena carrinha.

O entusiasmo preenche-me: tenho o meu irmão só para mim durante vinte e quatro horas. Tirei folga. Vamos voltar a casa dos pais para ir buscar o que resta das nossas coisas – a Elanor guardou-as num armazém para nós. O Brad contratou um camião de mudanças, e eu reservei um hotel para passarmos a noite.

Vamos jantar fora, relaxar e conviver. Passar algum tempo em família, tão necessário, juntos.

Depois da semana de caca que tive, este fim de semana é uma distração bem-vinda. O Elliot Miles é o epítome da frieza. Desde aquele dia no meu escritório, nunca mais olhou para mim, muito menos estabeleceu contacto visual, nem uma única vez.

E não é que ele não tenha tido oportunidade; passou por mim no corredor sem qualquer reconhecimento e até apanhou o mesmo elevador que eu esta manhã, e ainda assim não disse uma palavra.

É como se eu tivesse imaginado tudo, será que imaginei?

Não sei, mas estou farta de analisar demasiado o assunto. Se ele consegue seguir em frente tão facilmente, fiz mesmo a coisa certa.

Não que isso magoe menos os meus sentimentos ou o meu ego.

Agarro nas minhas coisas e desço as escadas.

– Adeus, vou embora – digo.

O Daniel sai do quarto.

– Diverte-te, querida – beija-me a face. – E esquece o idiota do Miles.

Sorrio-lhe enquanto afasto o cabelo dos seus olhos.

– Quem?

Toca-me no nariz.

– É esse o espírito.

– Onde está a Beck? – pergunto.

– No banho.

– Está bem – dirijo-me para a porta. – Diz-lhe adeus por mim.

– Digo… oh, e estarei aqui para te ajudar a descarregar amanhã se precisares de mim.

– Não deve ser preciso, o Brad vai ajudar. Tem uma boa noite – digo enquanto saio pela porta. Sou atingida pelo gelo e aperto mais o casaco à minha volta. – Vai-te lixar, neve – resmungo baixinho.

Atravesso a estrada a correr e entro na carrinha. O Brad está a usar um boné de camionista e flete o músculo do braço.

– Um gângster do caraças, na carrinha.

Rio-me enquanto ponho o cinto.

– Estás ridículo.

Ele ri-se e entra para o trânsito.

– Vamos buscar as nossas tralhas.

– Estou aqui para recolher os pertences da unidade de armazenamento 405, por favor – sorrio para a rececionista.

– Claro, estivemos à sua espera. – Ela vira-se, vai até ao armário das chaves e tira um conjunto de chaves com uma pequena etiqueta amarela. – Desça o corredor 5 e vire na última à direita. A sua unidade é a última à esquerda.

– Está bem, obrigada.

Volto a sair, e o Brad une o seu braço ao meu. É um dia difícil, um dia que nunca pensei estar a passar nem num milhão de anos. Com receio, seguimos as indicações da rapariga e chegamos ao armazém. O Brad mete a chave na fechadura e abre lentamente a porta da garagem.

Há dez caixas solitárias no fundo da unidade praticamente vazia.

Ambos pestanejamos de surpresa; estávamos à espera de muito mais.

– E o resto? – sussurro.

O Brad encolhe os ombros.

O pânico instala-se – a vida inteira dos meus pais não cabe em dez caixas.

– E o resto? – balbucio. – Ela disse que guardou tudo o que era importante.

O Brad agarra no telemóvel e liga à Elanor.

– Ei. Estamos na unidade certa? Só há aqui dez caixas.

Ouço-a falar depressa em resposta, e o meu coração começa a bater com força no peito. Ela faz isso quando se sente culpada.

Os olhos assombrados do Brad encontram os meus, e eu sei que se perdeu tudo.

– Estás a gozar comigo? – grunhe o Brad. – Sabias que queríamos tudo, como te atreves a fazer isto à Kate? Eu, pessoalmente, tinha mais de dez caixas de coisas guardadas em casa da mãe e a Kate também. – Vai-se embora a gritar com ela, e eu franzo o sobrolho em lágrimas enquanto olho à volta da unidade praticamente vazia, com o meu coração a bater forte nos ouvidos. Perder todos os seus bens queridos e todas as nossas memórias de infância é como perdê-los de novo.

Não… ela não faria isto.

Não faria.

Ninguém é assim tão insensível.

– Diz-me. – Ele ouve por um momento. – Que raio de loja de caridade, Elanor? – Ouço-o a gritar do outro lado do corredor.

Ajoelho-me em desespero; ela doou quase tudo. Até os meus objetos pessoais e os do Brad. Tínhamos tanta coisa lá, o sótão estava cheio de recordações.

As decorações de Natal da mãe… As loiças da avó, as tapeçarias. As ferramentas do pai. Todos os meus passatempos… foram-se?

Oh, isto dói.

Coloco a mão sobre o estômago enquanto o ar me sai dos pulmões.

Os braços grandes do Brad circundam-me, e ele puxa-me para um abraço enquanto choro.

– Lamento muito, Kate. Lamento muito.

Sentamo-nos ao jantar, ambos a olhar para o vazio, num ambiente sombrio e triste.

Estamos a sentir de novo um profundo sentimento de perda.

– Não entendo – diz o Brad com suavidade. – Como raio é que ela é geneticamente do nosso sangue?

Fico a olhar para a sua cara triste, está tão abalado com isto como eu.

– A Elanor cuida da Elanor. – O Brad suspira. – Ela precisava do dinheiro da venda e não estava preparada para esperar que nós nos decidíssemos.

– Se ela ia fazer isto, porque não nos disse?

– Porque sabia que íamos dizer não.

Ficamos sentados em silêncio durante algum tempo.

– Ela disse onde estava?

– Estava numa viagem de negócios.

– Onde?

– Não sei, provavelmente em Ibiza, a festejar com um tipo rico. Sabes como ela funciona, caem-lhe aos pés, não sei como os consegue.

– É bonita, é assim – suspiro.

– Ninguém é assim tão bonita.

– O que se passa com ela e o dinheiro? Porque é que ela gosta tanto disso? Nós não somos assim e fomos educados na mesma casa.

O Brad encolhe os ombros.

– Sabes, ela anda atrás do teu patrão.

Franzo o sobrolho.

– O quê?

– Sim, tomámos o pequeno-almoço juntos há alguns meses, e ela estava a ler a lista dos ricos que tinha acabado de ser publicada no jornal. Disse-me que ia apanhar aquele Miles.

O ar sai-me dos pulmões.

– Qual deles?

– O chefe.

– O Jameson, em Nova Iorque?

– Não, o britânico.

– O Elliot. – O meu coração começa a bater rápido no meu peito.

– Sim, esse mesmo. Procurou-o no telemóvel e mostrou-me uma fotografia dele e tudo.

Os meus olhos arregalam-se de horror.

– Deves estar a brincar. – Procuro freneticamente uma fotografia do Elliot e estendo o telemóvel ao Brad. – É este?

– Sim, é esse. Penso que ela já tinha as coisas em andamento. – Revira os olhos com repugnância. – Bruxa estúpida.

O meu estômago cai; a Elanor é muito mais adequada para o Elliot do que eu.

Sei como ela atua, conheço o seu apelo aos homens, eles não lhe resistem.

Se ela o quisesse mesmo, podia tê-lo.

A Elanor é extraordinária. O medo preenche-me todas as células.

Imagino-a a aparecer num evento familiar com ele e sinto o meu peito apertar. Sei que, um dia, vou ter de o ver com outra pessoa.

Mas, por favor… ela não. Qualquer uma, exceto ela.

São onze da noite de quinta-feira, e estou sentada sozinha, na escuridão.

Escrevo:

«Querido Ed,

Como estás? Peço desculpa, só agora vi a tua mensagem da semana passada.

Estive muito ocupada.

Não falamos há muito tempo, era só para ver se estás bem.

Pinkie.

ox»

Não falo com o Ed desde que eu e o Elliot discutimos na terça-feira passada. Enviou-me uma mensagem nessa noite, mas não lhe respondi.

Para quê? Só me iria fazer sentir pior do que já me sinto.

Quer dizer, posso eu significar alguma coisa para ele se conversa com a Pinkie, mas é um idiota para mim, a mulher com quem anda a dormir?

É evidente que estou em último lugar na lista do Elliot Miles, e não posso fingir que não dói, porque dói. Mais do que devia. Sabia as regras deste jogo antes de começar a jogar e, no entanto, estupidamente, atirei-me na mesma.

Em retrospetiva, foi uma verdadeira burrice.

Esta semana tem sido muito dura. Estou stressada e a ser assombrada pela perspetiva de receber um convite para o casamento da minha irmã malvada com o meu homem de sonho.

Quer dizer, ele não é realmente o meu homem de sonho, mas… foi meu primeiro e esta é a minha fantasia, cabra.

Afasta-te.

A Elanor disse ao Brad que tinha as coisas em andamento com o Elliot – o que é que isso quer dizer? Será código para dizer que já andou com ele no passado?

Fico com o estômago às voltas ao pensar nisso.

Por favor, não.

Vejo os pontos, e o meu coração salta uma palpitação. Está a responder.

«Olá, Pinkie.

Tive saudades tuas.

Tudo bem por aqui, nada de novo. Como está tudo por aí?

Como vai o teu romance?

Ed.»

Expiro pesadamente. Nem sequer lhe posso dizer a verdade, nem sequer lhe posso dizer quem sou. Já estou demasiado envolvida nesta mentira, mas acho que não há

razão para confessar agora, ele não vai ver a Kate no futuro de qualquer das formas. Mas isto não é bom para mim e preciso de me afastar dele completamente, isto não pode continuar. Não quero ouvir falar das suas futuras conquistas… ou do raio da Elanor.

Uf, matem-me já… Imagina?

Minto.

«O romance está ótimo, ele é perfeito.»

Vou para carregar em enviar, mas, depois, paro… e acrescento:

«Como está a Kate?»

Sustenho a respiração enquanto espero pela sua resposta. Sei que vai ser doloroso.

Que pergunta estúpida.

«A Kate e eu acabámos.»

Fecho os olhos com arrependimento e escrevo:

«Porquê, o que aconteceu?»

«Estava demasiado afeiçoado a ela.»

Sento-me em choque. O quê?

O meu coração bate com força no meu peito.

«O que te faz dizer isso?

«No primeiro dia no regresso ao trabalho, não a via há vinte e quatro horas e senti a sua falta. Não gostei.»

Arregalo os olhos… mas que raios?

«Disseste-lhe?»

«Não, estava zangado por ela me ter deixado assim ao fim de uma semana, por isso, passei-me com ela… passaram dois dias seguidos e, desde então, não tive mais notícias dela.»

Salto da cadeira. Mas que raios?

Foi assim que ele viu a situação? O que vou escrever?

Começo a andar de um lado para o outro, agitando as mãos enquanto tento pensar.

Hum…

«Talvez ela gostasse demasiado de ti. Talvez ela tivesse medo de se magoar?»

«Não, tenho a certeza de que não é isso. Não vou perder o meu tempo com alguém que se vai embora por causa de uma coisa tão trivial. Nem sequer quis conversar sobre o assunto.

É óbvio que significava muito pouco para ela, não tenho tempo para dramas estúpidos.

Estou farto.»

O meu coração cai e recosto-me na cadeira… Foda-se.

Raios… que idiota, Kate.

Ele tem razão, porque não falei com ele?

Por amor da Santa…

Que raio escrevo agora? Porra, odeio não poder dizer-lhe quem sou.

Esta grande cagada tem de acabar.

Escrevo:

«É uma pena, o que é que tens planeado para o fim de semana?»

«Fim de semana atarefado. Mudo-me para a minha nova casa amanhã e, à noite, vou a um leilão de arte. Depois, desempacotar o fim de semana todo.

E tu?»

Encho as bochechas com ar. Quero escrever… «Pensar em ti durante todo o fim de semana», mas não o faço.

«Nada de especial, vai ser calmo por aqui.»

«Está bem, vou para a cama, é ótimo estar finalmente em contacto.

Tive saudades tuas.

Boa noite.

Ed

Ox»

Leio as nossas mensagens novamente.

Estava demasiado afeiçoado a ela.

Deito-me na cama.

Ele estava demasiado afeiçoado a mim… Li bem?

Levanto-me e leio-o uma e outra vez. Não, não sonhei.

Está aqui escrito, preto no branco.

Ficou com medo… e talvez eu também.

Um sorriso pateta cruza-me o rosto.

Ainda há esperança para nós.

ELLIOT

Sorrio enquanto conduzo pela estrada rural ladeada de árvores. É verde e tranquila, com colinas onduladas.

– É linda, não é?

O Christopher assente.

– É, sim. – Franze o sobrolho enquanto olha à volta. – O que raio vais fazer aqui?

Encolho os ombros, feliz.

– Criar os meus filhos. Sabes que não quero que os meus filhos cresçam numa cidade.

– Nem sequer tens namorada – murmura secamente.

– Ela está perto – sorrio. – Consigo senti-la.

O Christopher leva a mão até ao rosto, com repugnância.

– Sabes, ela não é um navio na noite que está por perto. Basta decidires que estás pronto para assentar e escolheres alguém para o fazer.

Franzo o sobrolho.

– Não é assim que funciona.

– É, sim.

– Bem, para mim não é. – Conduzo em silêncio durante algum tempo. – Não basta escolher alguém e esperar pelo melhor. Tens de seguir os sinais.

O Christopher revira os olhos.

– Oh, por favor, tu e os teus estúpidos sinais. O que achas que vai acontecer? Conheces uma rapariga, e vai aparecer um letreiro de néon por cima da cabeça dela a dizer: «Sou eu, sou a tal.»

Rio-me.

– Basicamente.

– E se já a conheceres? – pergunta descontraidamente enquanto olha pela janela do carro.

– Não acho que já a conheça.

– Ah, é verdade, porque vais ter um grande momento romântico quando a vires… vais saber – abana a cabeça. – Como é que somos irmãos?

– Vou ter esse momento, processa-me por acreditar no destino. Quando a conhecer, saberei a cem por cento.

– O que aconteceu àquela rapariga com quem foste para fora?

Kate.

Agarro o volante com mais força, enquanto a raiva me revolve o estômago; irrita-me desejá-la. Ela tem-me pelos tomates, não que eu alguma vez o admita.

– Não funcionou.

– É por isso que tens sido um idiota mal-humorado desde que voltaste?

– Não tenho nada – disparo.

– Oh, tretas, tem sido um pesadelo estar ao pé de ti. Um urso com a cabeça dorida.

– Cala-te.

Conduzo em silêncio durante algum tempo.

– O Julian Masters não vive algures por aqui? – diz ele.

– Sim, a dez minutos. Foi assim que encontrei esta zona pela primeira vez, fui a casa dele para o batizado do filho. Demorei dezoito meses a encontrar, finalmente, a casa que queria. Bem, o terreno que eu queria, a casa talvez vá completamente abaixo. Mas a propriedade é linda, trezentos hectares.

– Qual é o plano?

– Vou mudar-me para aqui, tal como está, durante cerca de três meses, descobrir o que gosto e o que não gosto na casa atual. Depois, remodelar ou reconstruir.

É enorme, tem dez quartos e cinco salas de estar, bem como o que costumavam ser os aposentos dos empregados; antigamente, era uma grande propriedade rural. A casa tem uns duzentos anos, pelo que precisa de muitas obras.

Os olhos do Christopher cintilam na minha direção.

– É provável que esteja assombrada.

– Cala-te.

Olho-o, e ele levanta as mãos num gesto assustador.

– Uhhhhhhhhh – imita o som de um fantasma. – Não vais ter medo aqui sozinho, nesta grande e velha casa assombrada… onde ninguém te consegue ouvir a gritar?

– Cala-te, foda-se – digo, ao imaginar o terror de ficar sozinho.

– Pergunto-me quantas pessoas morreram aqui.

– Chega – paro o carro. – Sai.

Ele desata-se a rir.

– Estou a falar a sério, sai. Trouxe-te aqui para veres a minha nova casa, não para me assustares.

– Então, admites que estás com medo? Pelo menos, agora já sei o que te vou dar como prenda de boas-vindas.

– O quê?

– Um vale para os Caça-Fantasmas.

– Vou-te dar um murro.

Continuo a conduzir, e chegamos a uma entrada. A placa de pedra junto ao portão diz:

ENCANTADA

– O que é que isso significa? – o Christopher franze o sobrolho.

– É o nome da casa – arregalo os olhos. – Não podes ser assim tão burro.

Ele eleva as sobrancelhas.

– Mas vais mudar isto, certo?

– Não.

– Oh, Deus, fica cada vez pior. Queres viver no castelo encantado com a tua princesa? – ele enrola o lábio.

– Algo desse género – sorrio e continuo a subir o longo caminho ladeado de árvores durante cerca de três quilómetros.

– Este terreno é todo teu? – pergunta o Christopher enquanto olha para as colinas verdejantes; é uma imagem perfeita.

Sorrio, orgulhoso.

– Sim.

– Uau, impressionante.

– Como eu, muito impressionante.

Ele ri-se, conduzimos à volta do lago e chegamos à casa. A agente imobiliária está estacionada e sai do carro. Aceno-lhe e encosto.

O Christopher espreita pelo para-brisas a velha casa de arenito.

– Sim. Está assombrada, de certeza. Até tem um fosso.

– É um lago, idiota – sussurro ao sair do carro.

– Elliot. – A Brianna sorri e aperta-me a mão. – Bem-vindo à sua nova casa.

– Obrigado. – Sinto o Christopher a aproximar-se atrás de nós. – Este é o meu irmão Christopher – apresento-o. – Esta é a Brianna.

– Olá. – Ela sorri timidamente, com os olhos fixos na cara dele, e eu tenho de tentar impedir que os meus olhos se arregalem. Não percebo como é que esta mulher vende casas com a quantidade de namoricos que usa, embora isso explique a quantidade de anúncios que tem.

– Bem-vindo à sua nova casa – entrega-me as chaves; um laço vermelho está atado no porta-chaves. – Quando chegam as suas coisas? – pergunta.

Um veículo soa ao longe, e todos nos viramos para ver o camião em movimento que se aproxima lentamente da entrada da casa.

– Acabam de chegar.

– Há um envelope na gaveta de cima da cozinha com todas as instruções para tudo.

– Obrigada.

– Deixo-vos à vontade, então. Parabéns, tenho a certeza de que vai ser muito feliz aqui.

Aperto-lhe a mão.

– Obrigado.

– E lembre-se, se houver alguma coisa que eu possa fazer. ***Qualquer coisa*** – acentua. – Tem o meu número.

Finjo um sorriso.

– Tenho, obrigado. Foi muito prestável.

Ela sorri como se estivesse à espera de que eu dissesse mais alguma coisa.

Olho para o Christopher, e ele eleva as sobrancelhas. Não sinto qualquer atração por esta mulher.

Que embaraçoso.

– Está bem, adeus. – Dirijo-me à porta da frente e, com um aceno triste, ela entra no carro.

Introduzo a chave na fechadura, mas não gira.

– Comeste-a? – pergunta o Christopher ao ver o carro dela a afastar-se.

– Não – estremeço enquanto me debato com outra chave. – Nem pensar.

– Ela é muito…

– Estranha – corto-lhe a palavra e tento outra chave.

– Sim, de qualquer forma. Abre a porta.

– O que achas que estou a tentar fazer aqui? – abano a fechadura.

O camião para, e saem quatro pessoas.

– Olá.

– Olá – digo. – Só um momento. – Debato-me com outra chave. – Porra – sussurro. – Porque é que ela não me disse qual era a chave?

– Talvez seja suposto passar pela porta?

Inspiro profundamente.

– Christopher… que Deus me dê paciência. – A chave gira finalmente, e a porta abre-se com um rangido profundo e longo.

O Christopher e eu espreitamos, olhamos um para o outro e, depois, voltamos a espreitar.

É gigantesca e grandiosa, com tetos incrivelmente altos e cornijas extravagantes. Antiquada e de outro mundo.

É como recuar no tempo.

É absolutamente linda.

– Uau – o Christopher sussurra de admiração.

Sorrio largamente ao imaginar quão incrível posso tornar este lugar.

– Já percebi de onde veio o nome – sussurra de novo.

– Eu também. Já estou encantado.

KATE

Estou deitada no sofá a comer *Nutella* do frasco com uma colher.

– Sabes que essa porcaria faz o rabo gordo, certo? – diz o Daniel enquanto arruma a roupa.

– Ninguém vai ver o meu rabo de qualquer forma – suspiro.

– Oh, exceto o Elliot Miles. O que se passa aí? Não falaste dele toda a semana. É isso que se passa contigo?

– Isto não tem nada que ver com o Elliot Miles – minto.

Talvez um pouco.

– Então?

– Tem que ver com a minha irmã ser uma cabra. Só quero uma irmã querida que se preocupe, sabes? É suposto as irmãs serem as melhores amigas.

Ele sorri e senta-se aos meus pés, agarra neles e coloca-os no colo.

– É isso, vou arrastar-te para sair esta noite.

– Não vou a lado nenhum – suspiro.

– Vá lá, vai ser divertido.

Levanto a sobrancelha.

– Dizes sempre isso.

– E é sempre verdade.

– Onde é que vais?

– A um leilão de arte.

– O quê? – sento-me. – Onde?

– Aqui em Londres? Queres vir? – sorri com doçura.

– Na verdade – mordo o meu lábio enquanto uma ideia se desenrola na minha cabeça. – Talvez queira. – Levanto-me com um objetivo. – Mas, primeiro, tens me pôr insanamente sensual.

O Daniel ri-se.

– Aceito a missão.

São nove da noite quando entramos na sala de eventos Halifax, um salão de baile no Conservatório de Música. O local do leilão de arte.

Estou a usar um vestido azul-escuro justo, com mangas compridas e costas decotadas, sapatos de salto alto e o meu cabelo está solto e cheio. Estou completamente vestida com amostras de estilistas e tenho bom aspeto.

Pelo menos, espero que sim.

À esquerda da sala há um bar, onde todos se misturam; há canapés e champanhe a circular em bandejas de prata. À direita da sala, decorre um leilão e ouve-se o leiloeiro a falar. O público é eclético, e o som da conversa jovial é elevado, ecoando no teto alto.

Olho à volta: onde é que ele está? Será o leilão de arte certo?

– Vamos ver o leilão – sussurro.

O Daniel coloca o braço à minha volta e dirigimo-nos para essa parte da sala. Há um enorme quadro num cavalete, e cerca de quinze pessoas estão reunidas à sua volta.

– Um vírgula um – ouço a voz familiar a dizer. O Elliot está à frente, ao centro, a licitar.

Puxo o Daniel para trás com a intenção de podermos ver sem obstáculos.

– Espero que o pau dele seja tão grande como a sua carteira – sussurra o Daniel.

É.

Rio-me.

– Porta-te bem – sussurro de volta.

Fico a ver o Elliot a licitar o quadro, completamente concentrado na sua tarefa. Veste umas calças de ganga pretas e uma camisola de malha preta; o seu cabelo escuro está perfeitamente desarrumado. Lembro-me das suas palavras.

Estava demasiado afeiçoado.

Sorrio para mim própria enquanto a guerra de licitações continua. Ficamos ao fundo e observamos o processo; não sei se fico chocada ou impressionada com a sua vontade em ter o quadro. É óbvio para todos que ele não vai recuar, que o quadro já é

dele.

É inquietante vê-lo assim, frio e desapegado para alcançar o resultado desejado. Lembro-me das suas palavras: *Estou à procura de alguém extraordinário*. É assim que ele seria para atingir esse objetivo? Sem emoções e duro; foi por isso que me empurrou para o lado… para abrir espaço à sua mulher extraordinária?

– Vendido – grita o leiloeiro ao bater o martelo. – Sr. Miles, parabéns.

A multidão aplaude com admiração.

– Sinceramente, tem mais dinheiro do que juízo, o quadro nem sequer é assim tão bom – digo eu.

– Estás a ver aquela mala? – o Daniel inclina-se e sussurra. Aponta para uma mulher.

– Sim.

– Quinze mil libras.

Os meus olhos quase saltam das órbitas.

– Mas que raios? – sussurro.

O Daniel ri-se e puxa-me para mais perto com o seu braço à minha volta enquanto conversamos.

Olho para cima e vejo o olhar do Elliot, a fúria que emana dele é termonuclear.

O quê?

Ele vem até nós.

– Tira as putas das mãos de cima dela – grunhe.

Os meus olhos arregalam-se de horror.

O quê?

O Daniel aperta-me mais a cintura.

– Vai para o inferno.

Capítulo Dezasseis

Elliot – balbucio. – O que estás a fazer?

– Disse. Para tirares. As putas das mãos. De cima. Dela – o Elliot faz uma careta com os dentes cerrados.

O Daniel sorri sarcasticamente, totalmente despreocupado; levanta uma sobrancelha.

– Qual é o teu problema?

– És tu.

Caramba. Solto-me do aperto de Daniel, isto é um pesadelo. Olho em volta e vejo que as pessoas estão a reparar na agitação.

O Elliot dá um passo até ficarem frente a frente.

Meto-me entre eles, de costas para o Daniel.

– Podes parar? – sussurro.

– Sai da frente, Kathryn – sussurra o Elliot, zangado.

– Vai para casa, lindinho, ela veio comigo – sussurra o Daniel.

As narinas do Elliot dilatam-se à medida que ele oscila à beira de um colapso total.

– Podem parar os dois? – sussurro. – Elliot, quero falar contigo… lá fora.

Os seus olhos permanecem fixos no Daniel, como uma cobra pronta a atacar.

Mas que raios?

– Agora, Elliot – agarro-lhe na mão e afasto-o do Daniel. – Precisamos de falar.

Ele ignora-me.

– Agora. – Arrasto-o por entre a multidão, saio pelas portas de trás e vou até ao terraço. Puxo-o para o canto. As suas mãos estão cerradas ao lado do corpo. A fúria escorre-lhe como num vulcão.

– O que raio estás a fazer? – sussurro, furiosa.

– O que raio estás tu a fazer? – grunhe. – Acabaste comigo… por ele?

– Não. Quem disse que acabámos?

– Não sou estúpido, Kate, ele está em cima de ti como uma erupção cutânea. Passa-te a mão pelo cabelo enquanto tenta controlar a situação.

– Somos só amigos – sussurro.

– Com benefícios.

– Não – lanço as mãos para o ar com repugnância. – Eu e tu somos amigos com benefícios.

– Esqueceste-te da parte do drama.

– O quê? Falaste horrivelmente comigo – disparo. – E, para tua informação, foste tu que quiseste casual.

– Mas sem mais ninguém – interrompe.

– Oh, tu podes ir para casa com a Varuscka, mas eu não posso viver com ele?

– Foi só uma boleia, mais nada.

Reviro os olhos.

– O júri ainda não se pronunciou sobre essa questão.

– Ele esgueira-se lá para cima sempre que está excitado? – acena com a cabeça como se estivesse a imaginar algo. – Estou a imaginar tudo. Claro, é isso.

– Ouve – bato-lhe com força no peito. – Se queres passar tempo comigo, age como um adulto e não como uma criança petulante.

– Como? – explode em voz alta; todas as pessoas à nossa volta se viram para ver o que se passa.

– Fala baixo – sussurro, furiosa. – Onde está o tipo querido que me levou a sair?

Tem os braços abertos.

– Estou aqui, Kate, porra.

– Não, não estás. Estás a ser o Elliot Miles, o maníaco do controlo, sedento de poder, e eu não gosto dele. Nunca gostei dele.

– Não posso mudar quem sou.

– Não estou a exigir um pedido de casamento, Elliot. Nem sequer estou a pedir uma relação a sério.

– O que estás a pedir?

Olho-o fixamente durante um momento enquanto organizo os pensamentos. Sei que me posso magoar aqui, é uma possibilidade real, mas estou farta de ter medo de sentir alguma coisa… seja o que for. E mesmo que isto acabe mal, não terei os arrependimentos que já tenho.

Que se lixe, vou tentar.

Tenho de tentar.

– Quero que nos dês uma oportunidade e que não sejas um idiota sempre que te assustas – sussurro baixinho. Preciso de acalmar esta situação.

– Não estou assustado – atira.

– Tretas. – Agarro-lhe na mão. – Para de te tentares esconder de mim, Elliot. Consigo ver através de ti.

Desvia os olhos de mim, furioso.

– Não quero que ele te toque.

– Está bem.

Os seus olhos encontram os meus.

– Elliot… Não quero acabar isto… seja lá *o que isto* for – sussurro. – Gostava de ver

onde isto vai dar, mas não quero que me faças sentir mal sempre que tens um dia mau.

Franze o sobrolho.

– Podemos ver como corre e não te armares em parvo por dois minutos? – pergunto.

– Já te disse, não posso mudar quem sou.

Acho que ele pode bem ser o pior comunicador do mundo. A empatia enche-me, e levanto-me nas pontas dos pés e beijo-o suavemente; ele franze o sobrolho contra mim como que surpreendido.

– Não sou canalizador, Kate – murmura enquanto põe as mãos nas minhas ancas.

– Mas és muito bom com os meus canos.

– Bem… – e sorri de forma lenta e sensual, e sei que, por agora, o meu tigre foi domado. – São ótimos canos para trabalhar.

– Podemos ir para casa? – sussurro.

– E o teu amigo? – responde, sem expressão.

– O Daniel? – encolho os ombros. – Eu trato dele. – Ele só precisa de alguém com quem entrar num local e arranja uma mulher linda em dez minutos. Não precisas de te preocupar com o Daniel, Elliot, ele é a última das tuas preocupações comigo. Já o vi a engatar mulheres um milhão de vezes. Juro, somos apenas amigos.

Um ligeiro sorriso atravessa-lhe o rosto e sei que gostou da resposta.

– Se me provocar outra vez, dou cabo dele.

– Está bem – sorrio para o homem volúvel à minha frente. – Eu falo com ele.

– Mudei de casa hoje – encolhe os ombros. – Ainda não me organizei; a minha casa está cheia de caixas.

– Tudo bem – sorrio. – Não me importo de dormir no chão.

– Quem é que falou em dormir? – diz enquanto levanta uma sobrancelha.

Sorrio-lhe, e ele toma-me nos braços; e é um abraço apertado, terno e cheio de emoções inesperadas.

Talvez isto seja mesmo alguma coisa.

– Vens ter comigo à frente daqui a dez minutos? – pergunto. – Só preciso de me ir despedir.

Ele afasta-se e mantém a minha mão firmemente agarrada na sua.

– Saio daqui a dez minutos, no máximo – asseguro-lhe.

Ele exala profundamente, e sei que ele não quer que eu volte lá dentro, para junto do Daniel.

– Elliot.

– Está bem. Tens cinco minutos.

Beijo-o rapidamente e volto a entrar na sala de leilões. O Daniel mudou de sítio e olho à volta. Onde é que ele está?

Encontro-o a falar com um grupo de mulheres num canto e sorrio. Não estava a mentir ao Elliot, ele realmente sai-se muito bem no departamento do engate. Ele olha para cima, vê-me e desculpa-se.

– Olá.

– Graças a Deus que te livraste daquele idiota – sussurra.

– Hum… – franzo o sobrolho. – Em relação a isso.

Ele revira os olhos.

– Não me digas.

– Só precisamos de falar.

– Com fluido corporal? Vá lá, Kate.

– Para, quero ver onde isto vai dar.

– Porquê?

– Porque ele faz-me esquecer quem eu sou, Daniel, e quando estou com ele, já não sou a Kathryn triste. Pela primeira vez em anos, sinto-me como era antes. Preciso que sejas meu amigo e me apoies nisto.

– Por amor de Deus – murmura baixinho. – Ele é maluco.

– Talvez – encolho os ombros. – Ficas bem se eu for embora?

– Sim – diz com brusquidão. – Pisga-te, então.

Sorrio.

Ele dá-me um beijo na bochecha.

– Adeus.

– Tens a certeza?

Ele arregala os olhos.

– Absoluta.

– Vemo-nos em casa?

– Sim. – O Daniel volta à sua conversa com as raparigas, completamente distraído. Solto um suspiro de alívio e, com os nervos à flor da pele, viro-me para a porta.

Saio pela porta da frente e olho em volta, vejo o *Mercedes* preto estacionado em fila dupla. Atravesso a estrada e vou para o lado do passageiro, a fechadura abre-se, entro e, devido à sua proximidade, o meu humor muda instantaneamente de ansioso para excitado em dois segundos.

– Olá – sussurro.

Ele olha para mim, e o ar crepita entre nós.

– Enervaste-me – diz.

Sorrio com suavidade. Aqui está o mandão que eu conheço.

– Não vou aturar as tuas merdas, Elliot, não me peças que o faça. Comigo não cola.

Ele vai para dizer alguma coisa, e eu corto-lhe a palavra.

– Cala-te e beija-me.

Agarra-me na cara e puxa-me para ele; a sua língua não faz prisioneiros quando

passa pelos meus lábios abertos. O seu aperto é dominante e quente e… oh…

– Enervaste-me – repete.

– O que vais fazer quanto a isso? – murmuro contra os seus lábios.

Aperta-me mais o rosto, os seus dentes roçam o meu lábio inferior.

– Vais ver. – Entra para o trânsito, acelera e arranca a toda a velocidade. Olho entre ele e a estrada enquanto engulo o nó na garganta.

Foda-se.

Acho que vai ser uma noite daquelas.

O que parece ser muito tempo depois, estamos algures no campo.

– É aqui a tua nova casa? – franzo o sobrolho.

– Sim – e acena com a cabeça, os olhos colados à estrada.

– Quando te mudaste para aqui? – Ele falou-me em comprar uma casa, mas nunca perguntei onde era.

– Hoje.

– Então, esta é a tua primeira noite aqui?

– Sim.

– Oh. – Tento esconder o meu sorriso pateta; gosto do facto de poder passar a sua primeira noite aqui com ele. Ele sai da estrada principal e vemos uma placa de pedra, embora não consiga perceber o que diz.

– Esta é a estrada para a tua casa?

– Esta é a entrada para a minha casa.

– A tua entrada? – suspiro. – Este terreno é todo teu? Caramba, Elliot.

Um ligeiro sorriso atravessa-lhe o rosto enquanto subimos a colina pela pequena estrada. Não consigo ver muito porque está escuro, mas vejo imensas árvores com a luz dos faróis.

– Isto é apenas temporário – diz ele, com os olhos ainda na estrada.

– Como assim?

– Vou viver na casa durante alguns meses tal como está, ver o que funciona e o que não funciona, e, depois, renovar ou reconstruir. Atualmente, está muito – pausa enquanto procura as palavras certas – conforme o original.

– Eu gosto do original.

– E eu gosto de ti – responde, enquanto os seus olhos se cruzam com os meus.

Sorrio.

– Também gosto de ti.

Ele aproxima-se e passa a mão pela minha coxa.

– Podes mostrar-me o quanto daqui a um minuto. – Passa a mão por baixo do meu vestido e esfrega as costas dos seus dedos no meu sexo.

E aqui está ele, o tarado sexual que eu conheço tão bem.

– Se te portares bem – sussurro.

Ele solta uma gargalhada profunda, eu olho pelo para-brisas e os meus olhos arregalam-se de choque.

– Esta é a tua nova casa?

– Sim – encosta o carro num grande parque de estacionamento circular e desliga-o.

– Caramba, Elliot.

Ele inclina-se e beija-me.

– Anda. – Sai e abre a minha porta, agarra na minha mão e leva-me até ao alpendre da grande casa.

É enorme e parece saída de um filme, e o interior está escuro como breu.

– Liga a lanterna do teu telemóvel.

Agarro no meu telemóvel, ligo a lanterna e aponto-a para a porta.

Ele tira um molho de chaves do bolso e, ao longe, ouço o som dos animais nos campos que nos rodeiam. Olho para a escuridão deserta. Isto é um pouco assustador, para ser sincera.

Coloca uma chave, mas não gira, então, tenta outra.

– Porcaria das chaves – sussurra.

Sorrio enquanto o vejo a debater-se; não é normal ele não saber como fazer uma coisa.

– Queres que tente? – pergunto.

– Não – diz. – Sou perfeitamente capaz de lidar com uma fechadura, Kathryn.

– És mesmo?

Ele olha para cima, pouco impressionado.

Dou uma risadinha e levanto as mãos a brincar.

– Pronto. Desculpe, chefe.

Ele debate-se com a chave, e eu passo a minha mão pelas suas costas e pelo seu rabo apertado.

– Assim está melhor – murmura enquanto continua a tentar. – Continua a fazer isso. – Atrapalha-se mais um pouco. – Porque é que há tantas chaves nesta anilha? – Abana a porta enorme com força.

– Deves ter muitas portas.

– Que estão prestes a ser abertas ao pontapé – diz, frustrado. A porta cede finalmente, e ele empurra-a para a abrir. O rangido é longo e lento, e eu ilumino o interior com a luz do telemóvel.

– Onde estão os interruptores? – pergunto.

– Quem sabe? – Segura-me pela mão e leva-me para dentro. – Aponta a lanterna para as paredes.

Rio-me enquanto faço o que me disse. Isto é tão inesperado.

– Ali estão eles. Ao lado da porta, imagine-se.

Elliot liga-os e a divisão é iluminada. Olho em redor para a grandiosidade e fico boquiaberta.

– Elliot – suspiro.

– Gostas? – sorri com suavidade enquanto observo em redor.

– Oh, meu Deus, adoro. – Olho à volta, admirada. – É incrível. – Viro-me para trás e vejo o Elliot a olhar para mim com atenção, e o meu coração aperta-se. Não estava a mentir antes, não sei o que se passa entre nós.

Mas faz-me sentir *tudo*.

O bom, o mau e o feio… mas, principalmente, viva.

Torço os dedos à minha frente.

– Obrigada por me teres convidado a ficar aqui na tua primeira noite… significa muito.

– Bem – encolhe os ombros descontraidamente. – Preciso de alguém para usar como escudo, por causa dos fantasmas.

Dou uma gargalhada e um passo na sua direção; ele abraça-me, e beijamo-nos.

Muito gentilmente, derrete-se para mim. A emoção salta entre nós como um eco.

E sei que não devia, mas *isto parece-me real*.

Ele franze o sobrolho e afasta o cabelo da minha testa enquanto me olha. Aperta os lábios como se estivesse a impedir-se de dizer algo em voz alta.

Porque faz isto?

– Precisas de comer… ou?

– Já não sei do que preciso – sussurra enquanto olha para mim.

– Sei eu. – Agarro-lhe na mão e direciono-o para as escadas. – Onde é o teu quarto? – pergunto.

– Lá em cima, algures, não faço a mínima ideia.

Dou uma gargalhada, ele puxa-me para trás pela mão, eu bato no seu corpo, e ele beija-me.

É intenso e urgente, e a emoção por detrás da ação rasga-me o coração.

Leva-me pela grande escadaria de largura dupla e, quando chegamos ao topo, caímos novamente na escuridão total.

– Há mesmo fantasmas aqui? – sussurro.

– Relaxa, nenhum tão assustador como tu.

Eu assusto-o… *Eu sabia*.

Não estou a imaginar, há algo entre nós.

– Acho que o meu quarto é por aqui.

– Não sabes mesmo onde é o teu quarto? – rio-me.

– Os transportadores montaram-me a cama enquanto fui ao leilão de arte. Só estive aqui meia hora antes de ter de ir embora.

Dou uma risadinha, viramos à direita e vamos até ao fim do corredor. Acende a luz e vê-se um quarto enorme. Tem tetos ornamentados e belos candelabros originais, janelas de sacada com assentos à janela e tanta personalidade que perco a respiração. Há uma grande cama de madeira com dossel no meio. Este lugar parece saído diretamente de um filme romântico.

– É um pouco antiquado – murmura, e é evidente que não se sente à vontade pela forma como está. Está habituado a ter o melhor de tudo que está ao seu alcance.

Suspiro.

– Estás a brincar, está incrível.

Ele leva-me de costas para a cama, levanta-me o vestido por cima dos ombros e atira-o para o lado. O silêncio instala-se entre nós enquanto os seus olhos percorrem o meu corpo. Consigo sentir o calor do seu olhar a marcar-me a pele.

Estou diante dele em roupa interior, vulnerável e à sua disposição, e quando os seus olhos se erguem para os meus, estão a arder de desejo.

– Tiveste saudades minhas? – pergunto.

Ele toma o meu rosto nas mãos e beija-me profundamente, desinibido e selvagem.

Beijamo-nos uma e outra vez, e sinto o seu comprimento duro contra a barriga.

Pode esconder as suas emoções de mim o quanto quiser… mas o seu corpo não mente.

Não consegue, não tem onde se esconder.

Literalmente.

Enquanto nos beijamos, tira-me o sutiã e, depois, desce-me as cuecas, as suas mãos percorrem-me na íntegra enquanto o seu beijo se aprofunda. Agarra-me o rabo e levanta-me para me esfregar a sua tesão.

A sua respiração torna-se difícil e, *caramba*… a forma como este homem me faz sentir.

Não sei se alguma vez estive com um homem que me afetasse fisicamente desta forma.

Tiro-lhe a camisa por cima da cabeça e, depois, desaperto-lhe as calças de ganga, e as nossas línguas dançam juntas.

A excitação entre nós está ao rubro.

Deslizo as suas calças para baixo, e o seu pau fica disponível. Sorri contra os meus lábios, e eu dou um risinho excitado quando ele me pega ao colo e as minhas pernas ficam à volta da sua cintura.

Caímos na cama enquanto continuamos a beijar-nos, o seu corpo entre as minhas pernas, e ele desliza o seu membro pela minha carne molhada.

Ele olha para mim, e eu sorrio-lhe com admiração.

A sua ponta desliza lentamente para dentro, e a minha respiração fica presa quando levanto as pernas.

Ele fecha os olhos e retira-o.

– O que estás a fazer? – balbucio.

– Preservativo.

– Não, El.

– Para – diz enquanto sai de cima de mim. Perdeu a confiança em mim.

De volta à estaca zero, *foda-se*.

Remexe na carteira e tira dois preservativos, vejo-o a colocar um e, quando se vira para mim, o seu comportamento mudou. O meu El doce já não está cá.

Elliot Miles, a impiedosa máquina de foder, chegou.

Não que me esteja a queixar, também o adoro.

Deita-se sobre mim e, em vez da intimidade que partilhámos há momentos, levanta-me as pernas para que os meus joelhos fiquem junto aos seus ombros. Com olhos escuros, esfrega a ponta do pénis nos meus lábios molhados.

– Queres isto? – sussurra.

Assinto, incapaz de responder.

– Responde-me – ladra.

– Sim – gemo.

A satisfação brilha nos seus olhos, e ele empurra-o para dentro. Com força e sem desculpas, o meu corpo esforça-se por o suportar. Ele empurra-o com mais força. Pregando-me ao colchão.

Volto a gemer, ele vira-se e beija-me o joelho, com a sua língua a lamber-me suavemente.

– Abre-te – ordena num sussurro contra a minha pele.

– Estou a tentar. – Estremeço.

Ele empurra-o para a frente outra vez e roda as ancas.

– Tenta com mais força.

Uma onda de excitação surge através da picada e sorrio suavemente.

– Isso mesmo.

Ele roda as ancas outra vez, e as minhas costas arqueiam-se na cama em sinal de aprovação.

– Sim… – ofego. Ele tira-o e volta a metê-lo, e eu gemo. – Oh, Deus.

O meu corpo inunda-se de humidade, permitindo-lhe ir até ao fundo, e ele sorri sombriamente.

– É isso, querida, abre-te. Deixa-me entrar. – E coloca as minhas pernas sobre os seus ombros, vira-se e beija-me suavemente o pé.

Ver este ato íntimo faz-me vibrar o coração. Ele está aqui comigo, sei que está.

Ele retira-o e volta a introduzi-lo profundamente, o meu corpo suga-o, ela está pronta para a ação.

Roda as ancas, e estremeço profundamente.

Ninguém faz amor como o Elliot Miles, ele nasceu para isto.

O mestre.

Começa a cavalgar-me de forma intensa e profunda, e fecho os olhos enquanto faço correr as minhas mãos para cima e para baixo nas suas costas musculadas; consigo sentir cada ondulação no seu tronco.

Os seus lábios estão no meu pescoço, na minha orelha. A sua respiração faz-me sentir arrepios na espinha. A chama da sua posse está a enviar ondas de choque pelo meu sangue, e ele retira-se e desce pelo meu corpo, a sua língua grossa a passar pela minha carne molhada.

Oh, foda-se.

Nunca tinha estado com um homem que fizesse isto: faz-me sexo oral a meio do ato sexual e adora.

Eu adoro.

Deixa-me louca.

Ele segura-me e lambe-me como se eu fosse a sua última refeição, e o olhar de puro êxtase na sua cara traz-me um sorriso ao rosto.

O Elliot Miles não faz sexo oral às mulheres para prazer delas.

Fá-lo pelo dele, e nunca vi ou senti algo tão sensual para caraças na minha vida.

Ele levanta-me as pernas e começa realmente a comer-me, o meu corpo convulsiona-se com o ardor da sua barba.

As minhas costas arqueiam-se para fora da cama, e caio com estrondo num comboio orgástico, o meu corpo inteiro a convulsionar, e, num movimento brusco, vira-me de barriga para baixo e arrasta-me para cima, de joelhos.

Desliza-o para o fundo e, depois… dá-me com tudo.

Bombadas fortes e intensas, o som da nossa pele a bater uma na outra é alto e ecoa por todo o quarto. O seu aperto nos ossos das minhas ancas é quase doloroso, o ardor do seu membro a trabalhar ao ritmo de um pistão é de outro mundo.

Foda-se… é assim que o sexo deve ser.

Quente, intenso e suado.

Onde as regras são: não há regras.

Empurra-me os ombros para o colchão, mudando-me de posição e, depois, começa a gemer. Profundo, baixo e gutural.

Perdeu o controlo, o seu corpo assumiu vida própria para se alimentar.

Tirando o que precisa do meu corpo.

Espesso e duro… O Elliot Miles tem muito que se lhe diga.

– Dá-me – grunhe. – Dá-me mais.

Aperto com toda a força que consigo, e os seus joelhos quase lhe saem debaixo do corpo, e grita enquanto se segura bem fundo. Sinto o jato do seu pénis bem dentro de mim.

Planto-me de cara no colchão quando me venho outra vez, e ele move-se lentamente para esvaziar completamente o seu corpo no meu.

Voltamos à terra, e ele cai sobre mim, os nossos corpos molhados de suor. Consigo sentir o seu coração a martelar ao lado do meu.

– A cama aguenta – ofega.

Sorrio, sonolenta, completamente esgotada.

– Sem dúvida.

Quando o Elliot se levanta, acordo com a sensação da cama a baixar e sorrio enquanto me espreguiço.

Uau, que noite.

Ouço o Elliot a ir à casa de banho e adormeço durante alguns minutos. Ouço-o a mexer numa mala e apoio-me nos cotovelos.

– O que estás a fazer?

– Estou a morrer de fome – murmura enquanto remexe na mala. – Não comemos ontem à noite.

– Bem. Comemos.

– Estou a falar de comida, Kate.

Sento-me.

– Eu faço o pequeno-almoço.

– Não há nada para cozinhar.

– Merda.

Ele agarra na minha mão e puxa-me para fora da cama.

– Anda, vamos arranjar alguma coisa.

– Está bem. – Vou à casa de banho e volto a sair para descobrir que já foi para baixo. Visto a sua camisa e desço.

– O que é isto? – ouço-o murmurar enquanto abre as cortinas da sala de estar.

Consigo ouvir um som estranho, como granizo a bater numa janela ou algo do género.

Franzo o sobrolho, ao tentar focar-me.

– Que barulho é esse?

Ele olha à volta.

– Não sei.

Percorremos a casa, abrindo as cortinas à medida que passamos de divisão em divisão.

– É algo nas paredes?

Os seus olhos arregalam-se de horror.

– Tipo o quê?

– Não sei, ratos?

– O quê? – ladra. – De certeza que não.

À medida que nos dirigimos para as traseiras da casa, o som torna-se cada vez mais alto.

O Elliot tem as mãos a postos, como se estivesse a preparar um ataque qualquer, e sorrio ao aproximarmo-nos de uma enorme cortina, que deve estar a cobrir uma porta de correr.

– Que raio está lá fora? – sussurra, de olhos arregalados.

– Não sei.

Espreita pela fresta da cortina e afasta-se, como que enojado.

– O que é?

– Patos.

– O quê?

Ele abre a cortina, e vejo um grupo de patos a debicar o vidro como maníacos. Parecem frenéticos e estão a saltar por cima uns dos outros para chegar até nós.

– O que estão a fazer? – franzo o sobrolho.

O Elliot abre a porta à pressa.

– Desapareçam, patos – dispara.

Saltam sobre os seus pés e correm para dentro de casa.

– Mas que raios? – grita.

Correm pela casa com as asas no ar, grasnando alto.

– O que estão a fazer? – grita o Elliot.

Desato a rir.

– Saiam da minha casa! – grita, enquanto todos lhe saltam para cima. – O que raio estão a fazer?

São tão barulhentos e fazem tanta confusão.

É a ele que querem, estão todos a saltar-lhe para cima, ele sai a correr e todos correm atrás dele.

– Desapareçam – grita ao tentar afastar-se dos patos. – Liga a alguém.

Inclino a cabeça para trás e rio-me alto.

– Ligo a quem?

A visão do Elliot Miles a correr pelo caminho com um bando de patos a persegui-lo é simplesmente incrível e quase caio de tanto me rir.

– Isto não tem piada nenhuma, Kathryn – grita, e dá pontapés para tentar movê-los, e os patos grasnam mais alto. – Vão-se embora, patos!

Capítulo Dezassete

Olá, Brianna – diz o Elliot enquanto anda de um lado para o outro. – Temos um problema.

Ouço, sentada num banco na bancada da cozinha.

– Patos. Isso mesmo. – Ele ouve. – Bem, atacaram-me. – Ele ouve por um momento. – Patos selvagens.

O meu rosto abre-se num largo sorriso. Após quinze minutos a correr como um louco, o Elliot fechou as portas e os patos voltaram para o seu lago.

O Elliot franze o sobrolho e ouve.

– Não. Que cláusula, nunca concordei com nenhuma cláusula desse género. – Os seus olhos horrorizados encontram os meus.

– O que foi? – digo.

Abana a cabeça.

– Bem… Não os quero.

Ouve novamente.

– Desde quando é que a venda de uma casa tem animais no contrato? Isso é absurdo. – Caminha até à janela e espreita para os campos. – Um bode? – diz. Os seus olhos encontram-se com os meus, e mordo o lábio inferior para me impedir de sorrir. – Um quê? – explode. – Um pónei e um porco? Nem pensar. Nunca na vida. Venha cá buscá-los. Agora. Imediatamente.

Abana a cabeça com repugnância.

– A quem é que os vendo? – responde. – Isto não é o João e o Pé de Feijão, Brianna, não se vai ao mercado para vender um porco.

Desato a rir, o Elliot olha para mim, e ponho a mão na boca.

– Como assim? – Ele volta a andar, olha pela janela e para o cercado, depois os seus olhos encontram os meus. – Bem… é melhor que descubra. – Ouve com atenção. – Está bem. – Desliga.

– O que aconteceu? – pergunto.

– Aparentemente, a mulher a quem comprei a casa tinha oitenta e oito anos e uma coleção de animais. Foi condição de venda que o novo comprador os mantivesse, porque a senhora foi para uma comunidade de reformados.

Arregalo os olhos.

– Oh.

– Ela vai descobrir o que posso fazer com eles.

O meu rosto descai.

– Porquê?

– Não quero animais de quinta, Kathryn, não sou o Tio Manel.

– É um período de adaptação, eles vão acalmar-se.

– Nem pensar.

Dirijo-me à porta das traseiras e olho para os cercados. Os patos estão a debicar o chão junto ao lago.

– Provavelmente, só têm fome.

– De sangue humano? – Agarra nas chaves. – Estou-te a dizer, não fico com eles. Temos de ir procurar pequeno-almoço antes que eu desmaie. – Segura na minha mão. – Vamos.

Duas horas depois, paramos em frente à minha casa.

– Obrigada – sorrio.

O Elliot revira os lábios enquanto olha para a minha casa, e sei que ele não está contente por eu ter de entrar e falar com o Daniel.

– O que vais fazer no fim de semana? – pergunto.

– Desempacotar um milhão de caixas.

Posso ajudar… Não, respira.

– Está bem, diverte-te com isso – sorrio.

– O que vais fazer? – pergunta ao deslizar a mão pela minha coxa; inclino-me e beijo-lhe o ombro.

– Esta tarde, vou limpar a casa e, à noite, vou jantar com o meu irmão.

– Muito bem. Diverte-te.

Ficamos a olhar um para o outro, e eu sorrio, envergonhada. O Elliot Miles faz-me sentir como uma menina de escola; a terra gira rapidamente, e fico tonta.

– Posso ligar-te? – diz.

– Está bem. – Inclino-me e beijo-o, e os seus lábios demoram-se nos meus.

Odeio despedir-me deste homem.

O nosso beijo aprofunda-se, e ele sorri contra os meus lábios.

– Para com isso ou arrasto-te para minha casa e finjo que sou o Tio Manel.

Dou uma risadinha e abro a porta do carro, saio e inclino-me para a janela aberta.

– Boa sorte com os teus patos.

Ele revira os olhos.

– Não me lembres.

– O que vais fazer?

Encolhe os ombros.

– Esperar que o raio da agente imobiliária me ligue de volta.

– Está bem, boa sorte. – Aceno-lhe. – Adeus.

Com um sorriso e um aceno, arranca e vai-se embora.

ELLIOT

Estaciono no parque subterrâneo e saio do carro.

– Que bom vê-lo, Sr. Miles.

– Olá, Raymond – sorrio. – O meu irmão está?

– Penso que sim.

Entrego-lhe as chaves do carro e apanho o elevador até ao seu andar, saio na receção privada e toco à campainha. Ouço-a emitir um zumbido interno e espero, reparando numa nova pintura que inspeciono atentamente.

– Hum, mediana – murmuro baixinho.

A porta abre-se, e aparece um Christopher de aspeto desalinhado, vestindo apenas boxers. Ele franze o sobrolho.

– Olá.

Sorrio e ponho-me em bicos de pés.

– Olá.

– O que fazes aqui?

– Venho buscar-te, veste-te.

– Agora não é boa altura…

Corto-lhe a palavra ao passar por ele e ao entrar no seu apartamento, e dou de caras com uma bela morena deitada no sofá apenas com uma ***T-shirt***.

– Oh. – Estremeço e viro-me para Christopher. – Peço desculpa… por interromper.

O Christopher arregala os olhos num gesto subtil de «Vai-te lixar».

– Tudo bem. Elliot, é a Siena.

Aceno.

– Olá.

– Olá – ela sorri.

Ouço um barulho vindo do corredor e vejo uma ruiva linda de morrer… também com uma das ***T-shirts*** do Christopher.

– Ah… – sorrio. São duas… Estou mesmo a interromper. – Olá.

– Esta é a Chantel – o Christopher interrompe-me.

– Olá – ronrona ela, enquanto me olha, com fome, de cima a baixo.

É-me familiar, já a vi no circuito. Com um aspeto daqueles, é fácil lembrarmo-nos dela.

Os meus olhos voltam a fixar-se nos do meu irmão, e ele torce os lábios num gesto de «Desaparece já».

– Desculpem a interrupção, meninas, mas preciso de roubar o meu irmão por umas horas.

– Oh, não… – a Siena franze o sobrolho.

– Ah, o dever chama-me – responde o Christopher descontraidamente enquanto entra na cozinha. – A festa acabou, meninas. Até à próxima.

– Oh – ambas reclamam.

Sorrio e sigo o meu irmão. Lembro-me bem destes dias. Tantas mulheres, tão pouco tempo.

O Christopher liga a sua máquina de café e tira duas chávenas.

– Que raio estás a fazer aqui tão cedo?

Olho para o meu relógio.

– São dez e meia e temos um problema enorme.

– O quê? – murmura secamente enquanto bebe do seu café.

– Há patos assassinos a rondar a minha nova casa.

– O quê? – ele franze o sobrolho.

– Patos, pelo menos uma dúzia. Atacaram-me esta manhã, perseguiram-me, queriam o meu sangue.

Ele arregala os olhos.

– Tipo, patos a sério?

– Sim, Christopher – disparo. – Há mais algum tipo de patos?

– Bem, o que queres que faça? Não sei nada sobre patos.

– Veste-te.

– Porquê?

– Vais-me ajudar a apanhá-los.

– Não podemos fazer isso – balbucia. – Liga a alguém.

– Não.

– Porque não?

– Não vou telefonar a alguém sempre que algo corre mal nesta casa. Quero fazê-lo eu mesmo.

– Ouve – murmura para o seu café. – Se tens de fazer esta experiência de homem-contra-o-selvagem na terra encantada, podes, ao menos, deixar-me de fora? Sou um homem da cidade, castelos assombrados com animais selvagens estão completamente fora do meu domínio.

– Não – levanto-me. – Despacha-te.

– Por amor de Deus.

As raparigas aparecem na cozinha.

– Vamos embora.

O Christopher levanta-se.

– O Frederick leva-vos a casa. – Beija a Siena e, depois, vira-se para a ruiva; a sua mão desce para o seu rabo enquanto a beija, e eu sei, pela sua linguagem corporal, que é a sua favorita.

Viram-se para mim.

– Prazer em conhecer-te.

– Igualmente. – Finjo um sorriso. Vão-se embora. Quero sair daqui. O Christopher acompanha-as até à porta, e ouço os risinhos suaves das raparigas enquanto se despedem.

Ainda não há muito tempo, eu era assim: como é que esta vida me cativou durante tanto tempo?

Já ultrapassei as mulheres estúpidas; ser mulherengo já não me excita.

Sei que, na altura, foi divertido, mas, olhando para trás, é tudo um borrão.

Nenhuma delas se destacou.

Não como ela.

Tenho uma visão da Kate ontem à noite em cima de mim, a forma como ela me olhou enquanto me montava… o brilho na sua pele, a excitação nos seus olhos… um arrepio percorre-me o corpo só de pensar nisso.

– Que cara é essa? – o Christopher murmura ao entrar na divisão.

Olho para cima, a minha fantasia foi interrompida.

– O quê?

– No que estavas a pensar?

– Estava a pensar que estás a demorar muito tempo. Despacha-te, caramba.

Estaciono o carro em frente à minha casa. O Christopher e eu espreitamos pela janela.

– Não vejo patos nenhuns – diz.

Tudo parece silencioso.

– Hum. – Abro a porta do carro devagar.

– Tem cuidado para que não piquem o teu «companheiro» – diz o Christopher ao sair do carro.

Olho à volta, a costa parece estar livre.

– O meu «companheiro» ganhava uma luta com um pato, sem dúvida.

O Christopher e eu estamos à beira do caminho de cascalho. Damos a volta pelo lado da casa e olhamos para baixo, para o lago.

– Então, onde é que eles estão? – pergunta.

Os meus olhos vagueiam à volta do lago e por cima dos cercados.

– Não sei… – Ambos damos uma volta completa enquanto procuramos.

Completamente pacífico.

– Não vejo patos nenhuns – repete.

Com as mãos nas ancas, olha para o vale.

– Hum… EJ? – chama.

– Sim – respondo.

– Aquele terreno ali também é teu?

Olho para trás e vejo que está a olhar para os cercados à direita da casa.

– Sim.

Ele estreita os olhos enquanto se concentra em algo à distância.

– O que está a acontecer?

Aproximo-me e olho para onde está o seu olhar.

– Que raio? – fico em silêncio.

Há uma ovelha enorme e preta, mas é um tipo diferente de ovelha, com chifres encaracolados e redondos. Vemos como caminha para trás, lança-se numa corrida forte e, depois, dá uma cabeçada no poste da vedação com toda a sua força.

Ouvimos o estrondo; o som ecoa por quilómetros.

– Que raio é aquilo? – sussurro.

– Não sei. – O Christopher franze o sobrolho enquanto a vê correr para trás e a bater a cabeça com toda a força. – Uma espécie de ovelha psicótica.

Os nossos olhos encontram-se.

– Que sítio é este? – sussurro.

De repente, ouvimos grasnar atrás de nós e viramo-nos para ver os patos a correr na nossa direção, subindo a colina, a toda a velocidade. Têm as asas no ar, os bicos abertos e estão prontos a atacar.

– Corre – grito enquanto me ponho a andar na direção da casa.

– Ahh, foda-se – grita o Christopher.

Tiro as chaves do bolso, com o som de patos zangados a aproximar-se.

Olho para as chaves no porta-chaves superlotado.

– Oh, não.

– O que foi? – grita o Christopher enquanto corre ao meu lado.

– Não sei qual é a chave.

– Como não sabes qual é o raio da chave? – grita.

– O carro. Corre para o carro.

Mergulhamos no carro, saltamos lá para dentro e batemos as portas. Os patos grasnam enquanto nos rodeiam.

– Não estavas a brincar. – O Christopher ofega enquanto segura no peito, olhando para os nossos agressores. – O que fazemos agora?

Ligo o carro.

– Saímos daqui.

Almoçamos, bebemos cerveja e elaboramos um plano. Duas horas depois, voltamos a subir a entrada. Olho de relance para ver a fiel pá que comprámos perfeitamente pousada no banco de trás.

Estaciono o carro e entrego as chaves da casa ao Chris. Ele franze o sobrolho ao olhar para as chaves.

– Sabes qual é?

– Penso que é uma das mais pequenas de cobre, mas não tenho a certeza.

Ele acena.

– A costa parece estar livre.

– Espero que se tenham afogado no lago – murmuro enquanto olho à minha volta.

– Qual é o plano? – pergunta.

– Eu protejo-te com a pá, e tu abres a porta.

– Está bem. – Ele vai a sair do carro e volta para trás. – Não feches a porta com força.

– Bem pensado – sussurro.

Chegamos ao alpendre em bicos de pés, e o Christopher começa a experimentar as chaves, enquanto eu estou de costas para ele, com a pá na mão. À espera do ataque.

– Despacha-te.

– O que vais fazer se eles vierem? – sussurra ao mexer na fechadura.

Agarro na minha pá com força.

– Vou mostrar-lhes quem manda aqui.

Ri-se.

– Sim, pareces mesmo ser o mestre deste domínio.

– Vai-te lixar.

A fechadura cede finalmente, e ele abre a porta. Entramos, e fecho a porta com força.

– Isto é ridículo – digo ao dirigir-me para a cozinha. – Não me inscrevi para esta treta. – Começo a abrir as gavetas à pressa. – Onde está o envelope? – Abro e fecho todas as gavetas e, finalmente, encontro-o. Leio rapidamente a carta e chego ao ponto três:

«Os patos terão de ser alimentados com ração todas as manhãs; tornar-se-ão agressivos se tiverem fome.

A ração encontra-se guardada nos estábulos.»

O quê?

– O que diz?

Olho para o Christopher, chocado.

– Têm fome.

Ele franze o sobrolho.

– Era suposto darmos-lhes de comer.

– Bem, o que é que eles comem?

– Diz aqui, ração.

– Onde está?

– Nos estábulos.

Ele arregala os olhos e aponta para mim.

– Se pensas que me vou aproximar daquela ovelha psicótica, pensa outra vez.

Agarro nas chaves.

– Anda, vamos voltar à cidade.

– Para quê?

– Para comprar comida de pato, o que é que achas?

Sento-me junto à lareira e bebo do meu uísque; sombras vermelhas dançam na parede. Está escuro, a sala é iluminada apenas pelos candeeiros e pelas brasas, e uma sensação de realização corre-me nas veias. Hoje, não só desempacotei muitas das minhas coisas, como também tratei dos patos.

Os pobres idiotas estavam esfomeados… Na verdade, são patas, por isso…

Sorrio enquanto o líquido dourado me aquece a garganta. Seja como for, ficaram felizes por receberem a sua estúpida ração.

Olho à minha volta para o que me rodeia e o orgulho preenche-me. Adoro esta casa; há muito para fazer e ainda não me sinto em casa, mas sei que me sentirei assim que pendurar os quadros da Harriet nas paredes.

Há anos que tenho a arte dela perto de mim, é estranho não a ver.

Agarro no telemóvel e vejo as horas: 21h30.

Deveria ligar à Kate?

Não.

Ela saiu com o irmão, deixa-a estar.

Quero ouvir a voz dela.

Acabei de a ver ontem à noite, acalma-te.

Levanto-me e encho o copo, passeio pela casa e olho para o que me rodeia. Adoro esta casa, adoro tudo nela… talvez não adore as patas, mas tudo o resto é perfeito.

Talvez, em vez da Kate, mande mensagem à Pinkie… Não, quero falar com a minha miúda.

Só uma chamada rápida para dizer boa noite.

O meu dedo passa por cima do nome «Kate». Não devia, mas vou fazê-lo.

Ligo e ouço enquanto toca.

– Olá – ronrona.

O som da sua voz cria um sorriso no meu rosto.

– Olá.

– Olá – repete, e percebo que também está a sorrir.

– Liguei para dizer boa noite.

– Ai foi?

A excitação dá-me voltas ao estômago.

– O que estás a fazer? – pergunta.

– A pensar como é que vou aguentar a noite sem ti.

– Não precisas, anda buscar-me.

Sorrio.

– Bebi alguns copos de vinho, não posso conduzir.

– Oh.

– Posso pedir ao Andrew para te ir buscar.

– A sério?

– Onde estás?

– Estou a sair agora do restaurante; ele pode ir buscar-me a casa daqui a meia hora?

– Está bem.

Ela fica em linha, à espera.

– Oh, e Kate.

– Sim.

– Faz a mala, assim podes ficar para o fim de semana.

Hesito; ***acalma-te***.

– Ainda preciso de um escudo humano, estás a ver – acrescento.

Ela ri-se.

– Como estão os teus patos?

– Todos em linha.

– Eu decido isso.

Rio-me.

– Está bem, até breve.

– Adeus. – Bebo do meu copo e subo as escadas. Preciso de tomar um duche e preciso de…

Preciso de durar mais tempo esta noite. Ela transforma-me num menino de escola; basta olhar para mim e o meu pau começa a pingar.

Ligo o chuveiro e tiro o lubrificante do meu armário da casa de banho, esguicho-o na minha mão e passo-o no meu pau já duro.

Passo a mão por todo o meu comprimento e volto à base… hum, isto é bom.

A divisão começa a encher-se de vapor enquanto me exercito, deslizando os dedos por baixo dos meus tomates e apertando-os com força ao imaginar que é a mão dela a tocar-me… Satisfazendo-me agora para que lhe possa dar mais depois.

Não sei se alguma vez me masturbei tanto como desde que fiquei enfeitiçado pela Kate Landon.

Ela é o derradeiro tabu.

A funcionária com a qual não posso namorar, aquela que não devo querer.

A mulher que não consigo tirar da cabeça.

Neste momento, o meu pau vive e respira para estar dentro dela.

Nada mais importa.

O meu peito sobe e desce à medida que começo a transpirar, as passagens da mão tornam-se cada vez mais fortes. A minha necessidade aumenta a cada segundo que passa.

Fecho os olhos e imagino-a nua na minha cama, com as pernas abertas, a sua carne rosada e húmida aberta para mim. Ela desliza lentamente o dedo para dentro do seu sexo, aquecendo-o para mim. Ela abre os seus lábios rosa num sinal de «vem cá».

– Elliot – sussurra.

Grunho enquanto a minha mão trabalha ao ritmo de um pistão. Porra. Já… mas que raios?

Inclino a cabeça para trás e aponto para cima, e o meu pau sacode-se com força. O sémen branco e espesso brilha no meu peito.

Ofego quando desço do meu ponto alto e entro no chuveiro quente, apontando a cara para a água. Escorre sobre a minha cabeça e ponho a mão nos azulejos para me segurar.

Ela nem precisa de estar aqui para me fazer vir com força.

A sua memória é suficiente.

Preciso de me controlar. Só durei um minuto.

Foda-se.

Uma hora depois, sento-me no sofá junto à lareira. Deixei a porta ligeiramente entreaberta.

O carro acabou de chegar, e sei que a Kate não está longe.

Já levo algumas rodadas, o que for preciso para manter o monstro à distância.

Preciso de aguentar mais… porra.

A porta abre-se, e a Kate aparece. Demora alguns momentos até me ver sentado numa quase escuridão.

– Olá – ela sorri.

Dou um gole do meu uísque.

– Olá.

Está vestida com um casaco comprido preto e sapatos de salto alto. Aproxima-se para ficar à minha frente e, lentamente, desaperta o casaco e deixa-o cair no chão.

A minha respiração fica presa: está a usar um espartilho de seda preto e um cinto de ligas, com umas minúsculas cuecas de renda preta.

A luz cintila enquanto dança na sua pele.

Inspiro bruscamente, e ela ajoelha-se entre as minhas pernas e abre-as com força.

Sim.

Com olhos sombrios, leva-o à boca, com a língua a deslizar sobre a extremidade, e ponho as minhas mãos no seu cabelo enquanto a observo.

Porra.

Esta mulher vai ser o meu fim.

Durante dez minutos, observo-a, sinto-a. Desejo-a com todas as fibras do meu ser. Até que não aguento mais e arrasto-a para junto de mim. Beijamo-nos violentamente, os nossos dentes chocam com o desejo, e ela monta-se no meu colo. Puxo-lhe as cuecas para o lado e deslizo até ao fundo num movimento profundo.

Ficamos imóveis e olhamos um para o outro, o ar é elétrico e move-se entre nós.

Uma força tântrica sobre a qual não tenho controlo.

– Consegues sentir o quanto estás dentro de mim? – murmura.

Engulo o nó na garganta e fito-a. Aceno. Incapaz de falar.

Coloca-se numa posição de cócoras, e eu consigo sentir todos os músculos do seu corpo perfeito.

– Come-me… Sr. Miles – sussurra-me sombriamente, com as pestanas encapuzadas, a voz rouca e cheia de desejo.

O meu apertar dos ossos das suas ancas intensifica-se, o meu controlo está perto do fim.

Ela põe os lábios junto ao meu ouvido e lambe-o.

– Passei o dia à espera do teu belo pau – sussurra-me antes de me beijar profundamente.

Fecho os olhos e as nossas línguas dançam. Não consigo…

Agarro-lhe nos ossos das ancas e dou-lhe com força.

– E aí o tens.

Capítulo Dezoito

KATE

Sorrio delicadamente, com os olhos ainda fechados, enquanto sinto as suaves pontas dos seus dedos subirem pelo meu braço e passarem pelo meu ombro. O meu cabelo é cuidadosamente afastado do meu rosto, e um beijo suave cobre-me o pescoço, depois outro e outro.

Abraça-me com força e segura na minha mão, o seu corpo aconchegado atrás do meu.

Acordar nos braços do Elliot Miles nunca deixará de ser bom.

É como se a raiva do seu mundo desaparecesse enquanto dorme, e ele acordasse uma versão recatada e mais terna de si próprio.

– Bom dia – sussurro.

Beija-me a face.

– Bom dia, querida.

Sorrio; adoro quando me chama assim. Fico de costas a olhá-lo.

– Como dormiste?

– Como um bebé.

Aconchego-me nele.

– E que belo bebé adormecido que és.

Beija-me suavemente.

– Claro que pode ter que ver com o facto de me estares a comer até à exaustão.

Dou uma gargalhada e, depois, lembro-me de uma coisa e olho para ele.

– O que aconteceu aos patos?

– Ah – sorri e sai da cama. – Aparentemente… só tinham fome.

– O quê? – sorrio ao olhá-lo.

– Diria até que estavam esfomeados, na verdade. – Levanta-se, completamente confortável com a sua nudez. Os meus olhos percorrem o seu corpo, o seu peito largo e grosso e a sua pele cor de azeitona. Não tem praticamente nenhuma gordura corporal, revelando todos os seus tendões. Musculado e em forma, com músculos grossos nos quadris e um abdómen definido. Os seus braços são fortes, com veias que se assemelham a cordas a correr pelos antebraços.

Os meus olhos descem até aos bem tratados pelos púbicos escuros e às grandes joias

de família.

Não há como negar que o Elliot Miles é o epítome da perfeição masculina, mas há muito mais nele do que aparenta. O quê é que ainda não descobri.

Mas, ao contrário da maioria dos homens que conheci no passado, quanto mais o conheço, mais gosto dele. É como uma cebola, que está a ser lentamente descascada, camada por camada, diante dos meus olhos.

Acaricia-se lentamente, os meus olhos vão ao encontro dos dele, e ele encolhe os ombros.

– Se vais olhar para mim dessa forma, mais vale dar-te algo para onde olhar.

– Que forma? – sorrio.

– Como se me fosses comer.

Desato a rir.

– Não estava.

Agarra na *T-shirt* e bate-me com ela.

– Não negues. – Enfia a *T-shirt* por cima da cabeça e veste os boxers.

– O que estás a fazer?

– Tenho de dar de comer aos patos antes que se passem.

– O quê? – Apoio-me nos cotovelos.

– É verdade.

– Estás mesmo a negar sexo… para alimentares os patos? – rio-me.

Vem para cima de mim e segura-me as mãos por cima da cabeça.

– Aguenta, já volto – e beija-me; sorrio contra os seus lábios.

– Se te voltarem a perseguir, vou filmar.

– Vá lá – e puxa-me pela mão. – Cuidar faz bem.

– O quê?

– Cuidar faz bem – diz enquanto vasculha o seu armário e me atira o seu roupão.

– É isso que fazes todos os dias? – pergunto. – Cuidar?

– Não. – Os seus olhos dançam com malícia ao olharem-me. – Só nos dias em que estás cá.

– Ah, safaste-te bem.

Agarra-me nos braços com força e morde-me o pescoço, depois, descemos as escadas e vamos até à cozinha, e observo como deita cuidadosamente a ração para um recipiente.

– Como é que descobriste que tinham fome?

– Havia uma carta – aponta para a carta que está em cima da bancada, e eu agarro nela.

«Caro Sr. Miles,

Parabéns pela sua nova casa.

Espero que a nossa querida Quinta Encantada lhe traga muitas alegrias.
O meu falecido marido e eu tivemos a sorte de passar aqui os últimos sessenta anos e foram os dias mais felizes das nossas vidas.
Como sabe, com a tenra idade de oitenta e oito anos e com problemas de saúde prementes, chegou a altura de me mudar para um lar de idosos.
Muito obrigada por aceitar os nossos queridos animais.
Todos são a quarta ou quinta geração nascida na propriedade e não conhecem outra vida.
A ideia de serem despejados parte-me o coração. Fiquei muito feliz quando soube que podia deixá-los ao seu cuidado.
Apresento, de seguida, algumas instruções simples de cuidados a ter com eles. Se precisar de ajuda, contacte-me.
O meu número é o 0434358922
O veterinário local: Max Manalo 99952132
Rosie, a pónei Shetland, encontra-se no cercado inferior. Tem um temperamento adorável e adora a companhia humana. A sua palha está guardada no estábulo ao fundo da propriedade e é maioritariamente autossuficiente.
O bode Billy é mantido no cercado mais distante. É um pouco rebelde, mas é um bom bode. Alimenta-se, sobretudo, da natureza, mas tem um saco de ração, também no estábulo. Está claramente marcado com o seu nome.
As patas. As nossas encantadoras senhoras são uma fonte de muitas horas de prazer. No entanto, ficam ansiosas quando não são alimentadas. Não têm comida suficiente no lago e terá de lhes dar ração todas as manhãs. Respeite o horário regular de alimentação e, com elas, tudo será fácil.
Humphrey, o carneiro. Bem, o Humphrey era do meu marido e é um gosto adquirido. Não gosta de pessoas e tornar-se-á violento se for confrontado. É completamente autossuficiente e é melhor não brincar com ele. Chame o veterinário se precisar de assistência para cuidar dele, não tente tratar do assunto sozinho. A única pessoa de quem sempre gostou foi do meu querido marido e receio que não tenha sido o mesmo desde que ele morreu.
Muito obrigado, Sr. Miles.
Não faz ideia do alívio que é saber que eles vão ser tratados.
Atenciosamente, Frances Melania»
Olho para o Elliot, surpreendida.
– Dá para acreditar nisso? – pergunta.
Os meus olhos percorrem novamente a carta.

– Então… Agora, és um agricultor de pleno direito?

– Não. – Leva o contentor de ração para a porta das traseiras e espreita pelo lado da cortina. – É apenas temporário, até arranjar uma solução.

– Não, Elliot. Deste-lhe a tua palavra ou, pelo menos, o teu advogado deu. Têm de ficar.

Abana a cabeça com repulsa e abre a porta à pressa. As patas avistam-no e começam a correr na sua direção com as asas no ar, grasnando alto.

Corre pelo relvado e atira a ração para o ar na direção das patas, e depois foge para dentro de casa. Entra a correr e bate com a porta, como se um animal selvagem o tivesse perseguido.

– Já está – anuncia, orgulhoso. – Vês… Sei o que estou a fazer. – Sacode as mãos como se tivesse acabado de lutar contra um dragão e tivesse vencido.

Sorrio largamente; o pobre coitado está cheio de medo.

– Estou muito impressionada, Sr. Miles.

O Elliot agarra na minha mão.

– Anda, temos de voltar. Vai ficar escuro em breve.

De mãos dadas, começamos a subir a colina em direção à casa. Foi um dia maravilhoso. Passámos o dia a passear pela propriedade e a ver as coisas. É realmente muito bonita e há muito para ver.

– Quando é que compraste esta casa?

– No ano passado, em junho.

– Há mais de seis meses? – pergunto, surpreendida.

– Sim. Ela queria ficar o máximo de tempo possível depois de eu ter comprado a propriedade. Por isso, esperei.

Sorrio enquanto subimos a colina.

– Valeu a pena cada segundo, é de cortar a respiração.

Os olhos do Elliot percorrem as colinas ondulantes à nossa frente.

– Desde o momento em que a vi, soube que seria minha.

Sorrio perante a sua postura sonhadora.

– Sempre quiseste viver aqui?

– Não. Durante muito tempo, ressenti-me de ter de viver no Reino Unido. Só queria voltar para Nova Iorque.

Franzo o sobrolho enquanto ouço.

– Não podias voltar?

– Podia, mas não se quisesse o emprego que tenho atualmente. Só podia ser aqui. O Jameson é o diretor-executivo nos Estados Unidos.

Aceno com a cabeça à medida que a imagem se torna mais clara.

– O que mudou? – pergunto. – Para te fazer querer…

– Não sei – diz enquanto andamos. – Há alguns anos, fui a Nova Iorque e estava

sentado num bar com um grande grupo de amigos dos quais sempre tive saudades no passado.

Ouço com atenção.

– E nenhum deles tinha algo a dizer que me interessasse.

Franzo o sobrolho.

– Foi como se uma lâmpada se tivesse acendido, e eu tivesse tido uma epifania; uma epifania que, por alguma razão, me escapara anteriormente. Apercebi-me de que a minha única ligação aos Estados Unidos e a Nova Iorque era a minha família, e vejo-a muitas vezes onde quer que esteja. Decidi, naquele dia, ali mesmo, que faria a minha vida aqui.

Sorrio.

– E, além disso – segura na minha mão e beija-lhe as costas –, tenho um fraquinho por inglesas.

Sorrio pretensiosamente.

– Plural, Elliot – relembro-lhe.

– Inglesa – responde.

Caminhamos por algum tempo.

– E a questão da arte? – pergunto.

– Ah – sorri, como se estivesse à espera que eu perguntasse. – Coleciono arte desde que tenho idade suficiente para ganhar mesada.

– Porquê?

Ergue as sobrancelhas, como se estivesse à procura da resposta.

– Chama-me.

– Como?

– Não sei. – O seu olhar dirige-se para os cercados enquanto contempla a sua resposta. – É como se sentisse as emoções dos artistas enquanto pintavam. – Dobra-se, apanha uma flor e dá-ma.

Sinto o meu coração a apertar-se.

– Há uma artista, por exemplo. Harriet Boucher. Estou total e completamente fascinado por ela.

Rio-me.

– Devo preocupar-me?

Segura-me na mão e beija-me a ponta dos dedos.

– É velha.

– Quão velha?

– Não sei, acho que tem noventa. Tenho andado à sua procura porque sei que o meu tempo para a encontrar está a acabar.

– Como assim?

– Tenho todos os seus quadros conhecidos publicamente, exceto três. Mas há mais

que não tenho e, provavelmente, estão todos guardados algures. Quero encontrá-la antes que morra para lhe fazer uma oferta e garantir que não se perdem.

Franzo o sobrolho.

– O que há de tão bom nestas pinturas?

– Tudo – e sorri. – Sei que parece ridículo, mas tenho um afeto por elas que não consigo explicar. Fico a observá-las durante horas e continuo a precisar de mais. É como se falassem comigo de uma forma diferente.

Sorrio enquanto ouço.

– Tenho uma ligação à artista – encolhe os ombros como se estivesse envergonhado, dobra-se e apanha outra pequena flor do campo cor-de-rosa e passa-ma.

– Obrigada. – Tiro-lha da mão.

– Não sei o que é. Talvez nos conhecêssemos noutra vida.

Sinto arrepios nos braços ao olhá-lo e, inesperadamente, começo a chorar e pestanejo para tentar esconder as lágrimas.

– O que se passa? – franze o sobrolho.

Encolho os ombros, envergonhada.

– Nada. – Abano subtilmente a cabeça. – É só… provavelmente, a coisa mais bonita que já ouvi alguém dizer. Tens de encontrar esta idosa para lhe dizeres isso pessoalmente – sorrio de forma sonhadora. – Não consigo imaginar como a vais fazer feliz.

– A maioria das pessoas acha que sou maluco.

– Acho que é… – pauso enquanto procuro a palavra certa. – Mágico.

Ele sorri, timidamente.

– Não sei, pode ser uma grande caça aos gambozinos.

– Bem, foste perseguido por patos. – Arregalo os olhos para acentuar o meu ponto de vista. – Quase a mesma coisa…

Ele tenta agarrar-me, mas solto-me e subo a colina. Ele solta um rugido, persegue-me e rio-me alto.

Foi um dia ótimo, o melhor.

Quem deu o nome a esta propriedade acertou em cheio. Estou totalmente encantada.

Manhã de segunda-feira, onze horas.

Estou sentada na sala de reuniões com os meus colegas, à espera do Elliot para a nossa reunião mensal. Depois do fim de semana mais incrível da História, estou a flutuar nas nuvens.

Elliot entra, com as costas direitas e um fato azul perfeitamente ajustado. O seu cabelo escuro está desalinhado, com um ar perfeito de acabado de pinar, e os seus olhos encontram os meus do outro lado da sala.

– Bom dia – diz enquanto fecha a porta.

A sua presença toma instantaneamente conta da sala, a personificação do poder.

O meu estômago revolve-se. Meu Deus, estou a babar-me por este homem.

Em minha defesa, porém, há muita coisa nele para fazer alguém babar. Nunca conheci ninguém assim.

– Bom dia. – Concentro-me em manter uma cara séria e agir normalmente.

Ele pousa o computador na grande mesa da sala de reuniões.

– Como foi o vosso fim de semana? – pergunta enquanto olha em volta.

– Bom, obrigado. – Começam todos a responder e a conversar.

– Como foi o teu? – pergunto.

Os seus olhos encontram os meus, e ele faz-me o melhor olhar de «Vem-me trincar» que alguma vez vi.

– Excecional.

O meu coração salta uma palpitação.

Mordo o interior do meu lábio para me impedir de desmaiar abertamente aos seus pés.

Controla-te, Kate, *calma*.

Ele começa a ler as notas da reunião do mês passado, e a minha barriga contrai-se com uma dor aguda.

Oh, não.

O meu período.

Fecho os olhos. Raios. Agora não.

A reunião prossegue enquanto a dor me invade e a transpiração me molha a pele.

O Elliot está junto a um quadro branco a falar com um marcador na mão.

O meu estômago revira-se, e deixo cair a cabeça.

Oh… isto dói.

Os seus olhos focam-se em mim, e um traço de sobrolho franzido atravessa o seu rosto enquanto fala.

Ele continua, mas sinto o líquido quente a libertar-se, e levanto-me num ímpeto.

– Peço desculpa, tenho de sair – sussurro por entre a dor.

– Está tudo bem? – ele franze o sobrolho.

– Não me sinto bem – apresso-me para a porta. – Peço desculpa, eu depois leio as notas.

Desço ao meu andar, agarro na minha mala e corro praticamente para a casa de banho.

Não tenho tempo para esta merda.

ELLIOT

Ligo para o escritório da Kate; toca e ninguém atende. Onde é que ela está?

Exalo profundamente e volto ao meu relatório, mas algo está errado. Ligo para o diretor do andar dela.

– Olá, Peter, podes passar-me à Kathryn, por favor?

– Ela foi para casa, doente, senhor.

Franzo o sobrolho.

– Ah, está bem. – Fico em linha enquanto rolo a caneta debaixo dos dedos, na minha secretária. – Ela disse o que tinha?

– Problemas na barriga.

– Obrigado – desligo.

Ligo para o seu telemóvel.

– Olá, El – atende, suavemente.

– Estás bem?

– Sim, desculpa ter saído mais cedo.

– O que se passa?

– É só o meu período, vou ficar bem.

– Há algo que possas tomar?

– Eu fico bem, Elliot, não te preocupes – sussurra-me, e é óbvio que quer desligar o telemóvel. – Vejo-te amanhã, está bem?

Franzo o sobrolho. Amanhã… Oh.

– Já estás em casa?

– Sim, apanhei um táxi – sussurra.

– Está bem.

– Adeus.

– Liga-me se…

Desliga antes de eu conseguir acabar a frase.

Oh.

Inclino-me para trás na cadeira… Hum. Inspiro e volto ao trabalho.

Dois minutos mais tarde…

E se ela voltar a tomar um daqueles comprimidos e cair das escadas?

Não, ela disse que já não os estava a tomar.

Lembro-me de como ficou descontrolada da última vez e imagino o seu corpo sem vida ao fundo das escadas. Ela não seria assim tão estúpida.

Seria?

Continuo a tentar trabalhar, mas, vinte minutos depois, carrego no meu intercomunicador.

– Courtney.

– Sim, senhor.

– Não volto mais hoje.

– Mas… tem reuniões durante toda a tarde, senhor.

– Remarca-as.

– Está tudo bem, senhor?

– Está tudo ótimo – digo. Levanto-me e visto o casaco do fato. – Só tenho de sair.

Caminho até ao gabinete do Christopher.

– Preciso do teu carro.

Ele desvia o olhar do computador.

– Para quê?

– Tenho de ir verificar uma coisa.

– Tipo o quê?

Fico a olhar para ele enquanto tento pensar em algo.

– Há uma emergência com as patas.

Porra… Não sou bom a mentir.

Os olhos do Christopher aumentam.

– O que aconteceu?

Encolho os ombros.

– Hum, atacaram o carteiro.

Ele suspira.

– O quê?

– Atacaram o carteiro, e ele caiu da mota. É uma confusão horrível.

Inclina a cabeça para trás e desata-se a rir. Alto e profundamente.

– Oh, caraças, espera até os rapazes ouvirem isto.

Carrega na marcação rápida do seu telefone de secretária.

– Olá – ouço a voz do Jameson.

Ótimo, uma chamada em conferência, mesmo o que eu precisava.

– O que se passa? – ouço a voz do Tristan.

Estendo a mão.

– Dá-me o raio das chaves.

– Isto está cada vez melhor – o Christopher ri-se. – As patas dele atacaram o carteiro, que caiu da mota.

O Tristan ri-se às gargalhadas, e eu dou um murro no peito do Christopher.

– Dá-me as chaves, idiota.

– Raios – ouço o Jameson suspirar. – Dá-lhe uma arma, já.

Estendo a mão.

– Chaves.

– Preciso do meu carro hoje à noite, tenho um encontro – diz o Christopher.

– Tens quatro carros.

– Não.

– Vou pedir ao Andrew para te ir buscar depois do trabalho.

– Porque não pedes ao Andrew para vir agora?

– Porque vai demorar demasiado tempo. Chaves – exijo enquanto chego ao fim da minha paciência.

– Está bem. – Ele passa-mas. – Vai-te lixar, espero que o carteiro te processe.

– Já estou a ver a manchete – diz o Tristan. – Morte por patas.

Todos se riem, e saio a correr do escritório.

Idiotas.

Vinte minutos depois, bato à porta da Kate.

Nenhuma resposta.

Bato com mais força.

Nenhuma resposta.

Ligo-lhe para o telemóvel, ninguém atende.

– Por amor de Deus – murmuro. Ligo-lhe novamente.

– Olá – diz, ensonada.

– Abre a porta.

– O quê?

– Estou à porta de tua casa, consegues descer as escadas?

– Como te disse, estou bem.

– Não estás bem, Kate. Abre o raio da porta.

– Uf – desliga e, momentos depois, a porta abre-se e ela aparece. – O que fazes aqui?

Aliviado, tomo-a nos braços.

– Vim ver se estavas bem.

– Estou ótima. – Vira-se para subir as escadas, e sigo-a como um cachorrinho. Sobe para a cama e puxa os cobertores sobre si.

Sento-me na ponta da cama, sem saber o que dizer.

– Só preciso de dormir.

– Bem – olho à volta para o seu quarto. – Não te vou deixar aqui sozinha.

– Cuidado, Elliot – sorri com os olhos fechados. – Isso soa muito a um namorado.

Que ridículo. Franzo o sobrolho e levanto-me; ela fica quieta, e eu volto a sentar-me.

Foda-se.

O que faço agora?

Durante dez minutos, sento-me na lateral da cama enquanto ela dorme.

Que se lixe.

– Kate – abano-a. – De que precisas? Vou fazer-te uma mala.

– Porquê?

– Vou levar-te para casa.

– Estou bem.

– Não estás bem, Kathryn. Agora, cala-te e diz-me o que precisas – disparo.

Puxa os cobertores para cima da cabeça.

– Vai-te. Embora.

– Tudo bem, eu faço a mala sozinho.

Vou à casa de banho e agarro no saco de higiene pessoal dela, ponho lá dentro a escova e a pasta de dentes. Pego nos pensos higiénicos, nos tampões e numa embalagem de comprimidos. Observo a casa de banho para perceber de que mais preciso. Há dois livros na mesa de cabeceira. Estará a lê-los? Agarro no livro de cima e vejo a flor que lhe apanhei ontem, apertada contra outro livro.

Ela guardou-a.

Pego-lhe e olho-a na minha mão. Tantas emoções reveladoras enroladas numa flor cor-de-rosa achatada.

– O que estás a fazer aí? – pergunta.

– A sentir os pelos da tua lâmina de barbear.

O som do riso dela faz-me sorrir.

Coloco cuidadosamente a flor no sítio onde estava e saio. Está deitada de costas, a olhar para mim.

– Estou a fazer-te uma mala e vou levar-te para casa.

– Esta ***é*** a minha casa.

É mesmo?

Sentes-te mais em casa na minha casa… Ou talvez seja eu que me sinto em casa quando tu lá estás. Engulo o nó na garganta, incapaz de lhe responder.

Vou à cómoda dela e abro a gaveta de cima.

– Devo levar todas estas cuecas de avó?

Ela desata a rir.

– Olha para ti… a fingir que és inglês e tal.

Sorrio.

– Ainda o vou converter, governador – diz-me com um forte sotaque ***cockney***.

Rio-me.

– Estás mocada?

Ela junta os dedos.

– Um pouco.

Sorrio enquanto lhe seguro na mão.

– Vá, vamos para casa.

Capítulo Dezanove

KATE

Acordo com o som do grito de um pássaro ao longe e, a julgar pelas sombras na parede, está apenas a anoitecer. Pelo canto do olho, vejo o Elliot sentado numa pequena mesa perto da janela, com o portátil aberto, totalmente absorvido pelo trabalho. Escreve a uma velocidade furiosa e, depois, carrega em enviar.

Posso ver pela forma como bate com raiva nas teclas que está a enviar um *e-mail* a alguém que o irritou e está a dizer-lhe o quanto. Sorrio; algumas coisas nunca mudam. Apoio-me nos cotovelos.

– Olá.

Ele olha para cima e o seu rosto suaviza-se de imediato.

– Olá.

Bato na cama, ele aproxima-se e senta-se ao meu lado.

– Como te sentes?

– Bem.

Afasta o cabelo da minha testa.

– Também tens o dia de amanhã de folga, já o comuniquei.

– Não…

– Não é negociável – interrompe-me.

Olha para mim e é óbvio que tem algo em mente.

– Marquei-te uma consulta com um médico decente.

Franzo o sobrolho.

– Com decente, queres dizer caro?

Ele revira os olhos.

– Porquê?

– Porque isto não é normal.

– Para mim, é.

Ele exala e levanta-se.

– Não vou ter esta discussão, Kathryn. Já marquei a consulta, vais ter com o especialista amanhã às duas. Eu também vou.

– Não vens, não – digo e atiro os cobertores para trás, sem disposição para esta

merda.

Inclina o queixo para o céu.

– Porque não?

– Porque não – pauso enquanto penso na coisa certa a dizer. – Nem somos…

– O quê?

– Oficialmente namorados. – Entro na casa de banho.

– O quê? – Ele segue-me.

Agarro num penso higiénico.

– Se não estamos juntos, o que estás a fazer aqui? – ladra.

– Tu trouxeste-me para aqui quando eu estava meio-morta.

– Para cuidar de ti.

A culpa preenche-me; ele tem razão, estou a ser uma cabra. Forço um sorriso desigual.

– E eu agradeço, obrigada.

– E nós *estamos* juntos. O facto de ninguém saber sobre nós não faz com que a nossa relação seja menos importante. – Cruza os braços com raiva. – Tenho todo o direito de saber o que se passa com o teu corpo.

Reviro os olhos.

– Olha, obrigada pela tua preocupação, mas preciso de tratar disto sozinha… Está bem?

Ele olha-me categoricamente.

Seguro o penso no ar.

– Importas-te?

Ele continua a olhar para mim.

– Elliot, dá-me um minuto.

Ele volta para o quarto com estrondo.

Arranjo-me e lavo as mãos enquanto olho para o meu reflexo no espelho.

O que se passa aqui?

Disse-me que não gosta de relações e, no entanto, aqui está ele, a agir como um namorado possessivo.

Talvez tenha mudado de ideias e queira mais? Nem uma vez, neste fim de semana, agiu como se isto fosse uma coisa casual, só de sexo.

O entusiamo preenche-me. *Não te entusiasmes*, relembro-me.

O único problema é que já passou tanto tempo desde que tive um namorado que acho que me esqueci do que fazer… ou do que o deixar fazer.

Sei que, se quero que isto resulte entre nós, tenho de me esforçar mais para o deixar entrar.

Saio da casa de banho e vejo-o sentado à sua mesinha, com o portátil aberto à sua frente. Não olha para cima e é evidente que está aborrecido.

– Obrigada por teres marcado a consulta – digo-lhe, suavemente. – Eu vou.

Os seus olhos erguem-se para os meus.

– Isto é novo para mim, ter alguém… – interrompo-me, sem saber o que dizer a seguir.

Ele acena, mas fica em silêncio.

– Só não quero que ouças falar de todos os meus defeitos.

O seu rosto suaviza-se e aperta os lábios como se estivesse a impedir-se de falar.

Torço os dedos à minha frente, nervosamente.

– Não quero estragar isto, sabes.

Ele levanta-se e vem ter comigo, a sua mão cobre-me a cara e olha-me fixamente.

– E aqui está ela – sussurra.

Os meus olhos procuram os seus.

– A Kate vulnerável que eu adoro.

Inspiro profundamente e sinto a emoção a dominar-me.

– Se eu fosse a ti, não seria simpático comigo esta semana, a não ser que queiras que eu chore como um bebé. Estou totalmente instável.

– Certo. – Um ligeiro sorriso atravessa-lhe o rosto. – Queres chupar-me antes ou depois de jantares, sua ordinária?

Solto uma gargalhada, agradecendo-lhe o facto de estar a fazer pouco caso da situação.

– Cuidado, o meu humor pode ir para qualquer lado, é uma linha muito ténue. Quem sabe o que vai sair da minha boca?

Ele inclina-se e beija-me, a sua língua desliza ternamente contra a minha. Sorri-me como se estivesse a pensar.

– O que me interessa é o que entra.

Desço as escadas rolantes até à secção de senhora da Harrods. Após a minha consulta médica desta tarde, decidi fazer um pouco de terapia de compras antes de ir para casa.

O meu telemóvel toca, o nome «Elliot» aparece no ecrã, e eu sorrio abertamente.

– Olá.

– Como correu a consulta da minha menina? – felizmente, ele não veio.

– Bem.

– O que te disse?

– Não muito que já não soubesse. – Começo a percorrer as prateleiras de roupa de senhora enquanto falo.

– Como por exemplo?

– Queres mesmo todos os pormenores sangrentos, Sr. Miles?

– Não, obrigaram-me a perguntar, o que achas?

Sorrio, adoro que se preocupe.

– Basicamente, tenho de ser operada em breve para uma limpeza da endometriose, mas, tirando isso, estou a fazer tudo bem.

– Certo… E que tipo de cirurgia, é perigosa?

– Não, já a fiz algumas vezes. É laparoscópica.

– Oh, está bem. – Consigo ouvir o alívio na sua voz. – E as dores?

– São normais. Estou bem, El, não tens de te preocupar.

– Pronto… Mas preocupo.

Sorrio e olho para cima. No departamento de *lingerie*, vejo uma figura familiar e paro de imediato. Fato azul-marinho, costas direitas, telemóvel no ouvido. Agarra num conjunto de duas peças de sutiã de renda preta e fio dental e observa-o, depois volta a pô-lo no sítio e procura os tamanhos, atirando, em seguida, um por cima do braço.

– Onde estás? – pergunto.

– A tratar de pendências.

Escondo-me atrás de uma coluna e sorrio enquanto o observo. Completamente concentrado na sua tarefa, vê as camisas de noite brancas de seda e passa a mão pela prateleira.

– Que tipo de pendências?

– Estou nos correios – mente.

– Não tens uma secretária pessoal para isso?

– Esta encomenda é de natureza pessoal – responde descontraidamente, enquanto percorre as filas de *lingerie* cara.

– Encomendaste um *dildo* grande para mim?

O seu rosto abre-se num sorriso de cortar a respiração, e eu sinto-o até aos dedos dos pés.

– Claro que não.

– Porque não? – provoco.

Ele agarra numa bonita camisola cor-de-rosa.

– Se achas que vou partilhar os teus orgasmos com um aparelho a pilhas, estás iludida, Kathryn.

– Talvez eu precise de mais – provoco.

Para a meio do passo e um sorriso lento e sensual cruza-lhe o rosto; ele gosta deste jogo.

– Ainda nem sequer começámos o teu treino, meu anjo – sussurra sombriamente.

– Treino?

– Podemos começar esta noite, se quiseres – atira uma camisola para o braço.

Mordo o lábio para abafar o sorriso; também gosto deste jogo.

– Porque é que ainda não começámos?

– Até agora, tenho-me portado bem; os meus gostos depravados não são para todos

e preciso da tua confiança antes de começarmos. Não te queria assustar antes de lá chegarmos.

Franzo o sobrolho, de que estará ele a falar? Procuro no meu cérebro uma resposta lógica.

Anal… oh, foda-se.

– Se ainda não fugi, El… – sussurro enquanto finjo ser corajosa. Nunca fiz nada anal, e ele sabe disso. – Quanto mais te conheço, mais te quero.

O seu rosto suaviza-se, e sinto borboletas no estômago. Ver o seu rosto iluminar-se quando fala comigo é realmente algo de extraordinário, como se o meu coração não estivesse já a cair para fora do meu peito.

– Bem, Senhora Landon. – Para de andar. – O sentimento é totalmente mútuo. – A sua voz é suave, persuasiva. Tão diferente da voz que costumava gritar comigo.

Sorrio ao observá-lo.

– Devia deixar-te ir.

– Está bem, querida, vou buscar-te por volta das sete?

– Mal posso esperar. Até lá.

Ele encosta o telemóvel ao ouvido e faz uma pausa, como se estivesse à espera de ouvir alguma coisa, e eu faço o mesmo enquanto o observo.

Há palavras não ditas entre nós.

Sei que ainda não chegámos lá, mas isto… *seja o que for*, parece-se muito com – ou pelo menos com o início de – amor.

– Adeus, El – sussurro.

– Adeus. – Vejo-o desligar e enfiar o telemóvel no bolso do seu fato caro. Continua a fazer compras e, durante muito tempo, fico a observá-lo.

Elliot Miles, a passear por uma secção de *lingerie*, a fazer compras… para mim.

Sorrio – talvez seja para ele.

Seja como for, é perfeito.

Às sete da tarde em ponto, vejo os faróis do *Bentley* preto a dobrar a esquina. *Ele está aqui*.

Agarro na minha mala e desço as escadas. A Rebecca e o Daniel não estão em casa; parece que quase não os tenho visto nas últimas semanas.

Tenho passado quase todas as noites com o Elliot desde que começámos a sair juntos, e sei que devia estar a fazer-me de difícil ou algo do género, mas qual seria o objetivo? Quero vê-lo e estou farta de jogos.

E ele também parece bastante decidido a ver-me.

Saio pela porta da frente, e o Elliot sai da parte de trás do carro, olha para cima, vê-me e mostra-me um sorriso de cortar a respiração.

Oh… Aquele sorriso.

Sinto-me a desmaiar ao atravessar a estrada na sua direção.

– Olá – diz enquanto se inclina e me beija suavemente.

– Olá – irradio.

Olha-me com um sorriso pateta, e sorrio-lhe de volta; é como um olá há muito perdido depois de não nos vermos há muito tempo, mas a verdade é que nos vimos há apenas dez horas.

Pronto… somos um pouco patéticos… não que me esteja a queixar.

Ele afasta-se para que eu possa entrar no carro, e eu mergulho.

– Olá, Andrew – sorrio ao esgueirar-me pelo banco.

– Olá, Kate – e mostra-me um sorriso simpático pelo espelho retrovisor.

O Elliot entra a seguir e agarra na minha mão no colo, e eu inclino-me e beijo-lhe a face quando o carro arranca em direção ao trânsito.

Certo… Tenho de me acalmar. Vê-lo comprar aquela *lingerie* hoje desencadeou uma espécie de irresistível bichinho do amor, e eu estou a esquecer-me completamente de como é ser-se difícil de conquistar.

– Como foi o teu dia? – pergunta-me.

– Bom. Como foi o teu?

Mostra-me um sorriso.

– Comprei-te um presente, hoje.

– Compraste? – finjo-me surpreendida. – O quê?

– Mostro-te quando chegarmos a casa.

Casa.

O meu estômago revolve-se.

– É o que estou a pensar? – provoco.

– O que estás a pensar?

– Tu sabes. – Arregalo os olhos, o Andrew consegue ouvir.

Ele franze o sobrolho, curioso.

Ponho a boca junto ao seu ouvido.

– O *dildo* grande.

– Andrew, para o carro, por favor. A Kathryn vai sair, pode ir a pé para casa a partir daqui – diz, enquanto finge estar zangado.

– Não, Andrew – e rio-me.

Os olhos divertidos do Andrew olham-me pelo espelho, e continua a conduzir.

Ele ouviu o que eu disse?

Meia hora depois, chegamos à entrada da Quinta Encantada. Está escuro como breu quando subimos a estrada ventosa.

– Já te disse que adoro a tua casa? – pergunto.

Ele pisca os olhos de forma sensual enquanto prende uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

– Uma vez ou duas.

Ficamos a olhar um para o outro, e o ar crepita entre nós.

O estacionar do carro em frente à casa interrompe o nosso momento, e o Andrew sai e abre-me a porta.

– Tem uma boa noite, Kathryn – diz.

– Obrigada, tu também.

O Elliot sai e vai até à bagageira. Tira uns dez sacos de compras, e eu mal consigo conter o meu entusiasmo.

– Oh… andaste ocupado – digo enquanto finjo pouco interesse.

– Não tão ocupado como tu vais estar a usá-los – murmura ao subir os degraus. – Obrigado, Andrew, vejo-te de manhã.

– Boa noite, Sr. Miles – e volta para o carro, ligando o motor.

O Elliot abre a porta, entramos e acendemos as luzes. Olho para o corredor e sorrio.

– Oh, Elliot, este sítio é tão bonito que me deixa sem fôlego.

– Eu sei – concorda. – A mim também. Decidi que não vou deitar a casa abaixo, vou renová-la. A casa tem demasiado caráter para a destruir completamente.

– De acordo – sorrio.

Passa-me os sacos de compras.

– Agora, estive à espera disto o dia todo. Vou fazer o jantar… e tu – beija-me suavemente – vais-me presentear com um desfile de moda.

Mordo o lábio inferior ao espreitar para dentro dos sacos: papel de seda caro, rendas e seda é tudo o que vejo.

– Hummmm – franzo o sobrolho.

Ele eleva a sobrancelha.

– Hum, o quê?

– Lembras-te que, para mim, é aquela altura do mês… certo?

Ele olha-me categoricamente.

– O que é que isso significa?

– Bem – encolho os ombros. Tenho de o dizer em voz alta? – Hoje, não posso fazer sexo.

– E… então?

Olho-o fixamente.

– Se só te quisesse para sexo, Kathryn, tenho a certeza de que não teríamos passado do primeiro encontro.

Abro a boca.

– O quê?

– Quer dizer… – abana subtilmente a cabeça enquanto se corrige. – Isto saiu mal.

Mostro-lhe um sorriso e apalpo-o através das calças. Esfrego o meu polegar para trás e para a frente sobre a sua ponta, e sinto-a alargar-se ao meu toque.

– Para que estou aqui?

– Para que eu possa comer esse rabinho gostoso. Desato-me a rir, e ele vira-me para as escadas e dá-me uma palmada forte no rabo.

– Vai. Antes que te metas em sarilhos.

Com os sacos nas mãos, subo as escadas, duas de cada vez, entusiasmada.

Caramba, esta noite está a ser fantástica.

Ele é fantástico, sempre o soube. Ainda há esperança para nós.

O Elliot toma um duche e entra no quarto só com uma toalha; deixa-a cair à minha frente, e eu sinto-me a tremer. Independentemente do que se passa entre nós, o seu sexo, ou a reação do meu corpo a ele, nunca é posto em causa.

Ele apaga a luz e arrasta-se para trás de mim, abraça-me e beija-me a face.

Sorrio suavemente perante o seu toque.

Põe a sua mão grande e quente sobre a minha barriga tenra e fundimo-nos nos corpos um do outro. O ar entre nós está vivo de intimidade e conforto. Ficamos os dois deitados em silêncio, e eu sei que ele não vai dormir; quase consigo ouvir o seu cérebro a fazer tiquetaque na escuridão.

– Não estamos só a foder, Elliot – sussurro.

– Eu sei.

– O que estamos a fazer? – sussurro novamente.

– Estou demasiado cansado para esta conversa.

Franzo o sobrolho.

– Vai dormir, querida – murmura, depois beija-me a face e abraça-me.

As perguntas andam à roda na minha mente e, no entanto, aqui, nos seus braços, sinto-me segura.

Estou demasiado cansado para esta conversa… O que é que isso significa?

É como se estivesse a nadar para o mar sem ver terra. Eu sei que é perigoso, mas não consigo sair da maré e sou arrastada. Talvez não o fizesse, mesmo que conseguisse.

A água é turva, mas é demasiado tarde. Estou demasiado longe da costa para voltar para trás.

«Minha querida Pinkie,

Conta-me algo interessante, o meu dia está a ser aborrecido.

Ed

X»

Sorrio e olho com ar culpado para o meu escritório. Não devia mesmo estar a falar com o Ed enquanto estou a trabalhar, mas o meu dia também está a ser bastante aborrecido. Adquirimos o hábito de falar várias vezes por dia. É completamente platónico, claro, mas divertido na mesma. Se não fosse o sentido de humor sarcástico,

não conseguiria conciliar o facto de ele e o Elliot serem a mesma pessoa.

«Querido Ed,

Há duas partes do corpo humano que nunca param de crescer.

O nariz e as orelhas.

Pinkie

X»

A resposta chega imediatamente.

«Pinkie,

Devo dizer que estou desiludido com o teu suposto facto interessante. Mais uma informação banal que eu não precisava de saber.

Felizmente, fui abençoado com a perfeição. Infelizmente, sei que não posso dizer o mesmo de ti.

Talvez devesses atualizar a tua fotografia de perfil de um gato para um elefante, para evitares enganar mais pobres pretendentes insuspeitos.»

Rio-me.

– Idiota.

Escrevo:

«Meu querido Pinóquio,

Sou uma mulher muito ocupada, a fazer um trabalho muito importante.

Para de me chatear e vai tratar do teu lixo.»

Sorrio e saio do meu *e-mail*. Edgar Moffatt, a minha doce distração.

Sábado à noite, o Andrew conduz por Londres; o Elliot e eu estamos no banco de trás.

– Temos mesmo de ir? – suspiro. – Detesto a ideia de entrar nesta coisa sozinha. – Tenho um vestido de noite comprido, preto e justo, o meu cabelo está encaracolado e a minha maquilhagem é natural. O Elliot aprova: tive de o afastar de mim antes mesmo de sairmos de casa.

– Já te disse – o Elliot segura na minha mão e beija-lhe as costas –, a Miles Media fez um donativo muito generoso, e preciso de estar na apresentação.

– Pronto – exalo profundamente enquanto olho pela janela.

– Arranjei forma de nos sentarmos na mesma mesa, e podemos sair assim que os discursos acabarem. – Inclina-se e beija-me mesmo por baixo da orelha para tentar adoçar o golpe. – Depois, podemos ir ao teu restaurante preferido.

– Queres dizer, o teu restaurante favorito – sussurro. Já estivemos duas vezes na sala de jantar privada e acabei sempre por dar ao Casanova Miles uma *lap dance* com final feliz. Há qualquer coisa naquele sítio que me faz ficar nas suas mãos.

O Elliot sorri de forma lenta e sensual.

– Bem, tu pareces divertir-te lá.

Olho para o Andrew – será que ele nos consegue ouvir?

Deslizo a minha mão pelo quadril grosso do Elliot e passo os meus dedos pelas suas virilhas. Os seus olhos prendem os meus, e sinto uma pontada sob o meu toque quando flete o seu pau.

– Porque não podemos entrar juntos? – sussurro.

– Tu sabes porquê – beija-me suavemente.

– Quanto tempo é que isto vai durar? – murmuro para a sua boca.

– Não queres a atenção que advém de sair comigo, Kathryn. Confia em mim nisto. – Prende uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. – Quando somos só eu e tu, mais ninguém pode estragar isto – sussurra.

Sorrio; ele tem razão. Aceno, sentindo-me um pouco melhor.

– Deixa-me sair aqui, Andrew, e deixa a Kathryn à porta, por favor.

– Sim, senhor. – O carro encosta à berma.

O Elliot tira um bilhete do bolso interior do seu casaco e dá-mo.

– Entra, verifica os lugares, e vou ter contigo à nossa mesa.

Aceno com a cabeça, os meus nervos começam a dar sinal.

– Está bem – beija-me rapidamente, sai do carro, e o Andrew arranca de novo em direção ao trânsito; viramos a esquina e subimos a rua, e irrompemos por uma grande entrada circular. Vira-se e sorri.

– Chegámos, Kate.

– Obrigada. – Saio do carro e subo os enormes degraus de arenito, entrego o meu bilhete ao porteiro e atravesso o grande arco. O salão de baile é enorme e extravagante, com mesas grandes e redondas, iluminadas por velas e com belos arranjos de flores frescas. Vou até ao mapa dos lugares e dirijo-me à mesa.

A mesa já está cheia, com exceção de três lugares.

– Olá – sorrio e sento-me ao lado de um casal simpático.

– Olá – respondem todos alegremente, e apresentam-se um a um. O empregado de mesa passa com uma bandeja de prata cheia de copos de champanhe. Tiro um; raios… deixe o tabuleiro todo, por favor.

– Olá. – Um homem do outro lado da mesa sorri-me. Tem cerca de trinta anos, cabelo louro, muito bonito, na verdade. – Estás sozinha? – questiona.

– Sim. – Agarro a minha mala com força, no meu colo. Caramba, Elliot, esta é a primeira e última vez que estou a fazer isto.

– Eu também – sem mais nenhuma palavra, o homem levanta-se e troca o seu crachá pelo do Elliot.

Esgueira-se para o lugar ao meu lado.

– Assim está melhor. – Estende-me a mão. – Sou o Charles.

Sorrio e aperto-lha.

– Kathryn.

Segura-me na mão e beija-me as costas dela.

– Prazer em conhecer-te, Kathryn.

Sinto-o antes de o ver. O Elliot esgueira-se para a cadeira em frente, os seus olhos encontram os meus, e tiro a minha mão dos lábios do Charles.

Merda.

– Sr. Miles – balbucia alguém ao lado. – Que bom vê-lo novamente.

O Elliot vira-se e finge um sorriso.

– Olá – e faz as honras e aperta a mão de toda a gente à mesa.

– Charles. – O homem estende a mão para cumprimentar o Elliot.

O Elliot levanta uma sobrancelha num silencioso «Estás no meu lugar».

– Elliot Miles.

– Eu sei quem você é. – O Charles sorri abertamente. – Penso que toda a gente sabe.

O Elliot enrola os lábios enquanto o fixa, claramente não impressionado.

Que embaraçoso.

Inclino a cabeça para trás e dou um gole de champanhe.

– Troquei de lugar consigo – brinca o Charles. – Vi a bela Kathryn aqui e tive de me sentar ao lado dela. Quem vai ao mar, perde o lugar.

Os olhos do Elliot fixam-se nos dele, e eu mordo o lábio inferior para esconder o meu sorriso – oh, isto é impagável.

O Charles volta a sua atenção para mim.

– Então, Kathryn, estava destinado encontrarmo-nos esta noite. Sinto-me como se os deuses tivessem brilhado sobre mim; conte-me tudo sobre si.

Valha-me Deus.

Os meus olhos passam pelo Elliot, que levanta uma sobrancelha e dá um gole no seu champanhe.

O que se passa na cabeça daquele maluco controlador? Inclino a cabeça para trás e bebo novamente.

Socorro.

Que pesadelo de baile de caridade.

No início, pensei que provocar o Elliot com o Charles era divertido, um namorico inofensivo, mas, à medida que a noite avança… nem tanto.

O Charles está agora a namoriscar abertamente comigo, e eu não quero ser mal-educada, mas com o Elliot por perto é o meu pior pesadelo. O Elliot está a falar com outras pessoas à mesa, mas sei que está a ouvir cada palavra minha e do Charles.

Estou a desviar-me de elogios e a evitar os seus avanços, mas, com cada nova tática que ele tenta, e está a tentar todas, a minha pressão sanguínea sobe um pouco mais.

A qualquer momento, estou à espera que o Elliot enlouqueça, se atire para o outro

lado da mesa e dê um murro no nariz do Charles, porque é assim que ele é.

Mas, para minha surpresa, está a mostrar-se calmo e controlado, com a sua personalidade pública bem definida.

É muito perturbador.

Os seus olhos fixam-se nos meus enquanto leva o uísque aos lábios e dá um gole, sem emoção e insensível.

Está absolutamente furioso.

O Elliot Miles fora de controlo é gerível. O Elliot Miles frio e calculista é uma história completamente diferente. Esta situação é uma bomba-relógio à espera de explodir.

– Elliot. – Ouvimos uma voz sensual com sotaque alemão e, quando olho para cima, vejo uma mulher lindíssima num vestido de noite rosa-gelo sem alças. Tem um cabelo comprido e escuro e um corpo de morrer.

O Elliot olha para cima e, depois, diz-lhe qualquer coisa noutra língua. Posso dizer, pelo olhar dele, que é de sedução… Conheço bem aquele olhar.

Ela ri-se na altura certa.

O quê?

O que é que ele disse?

Ela responde em… Acho que é alemão.

O Elliot mostra-lhe um sorriso sensual, levanta-se e estende-lhe a mão. Diz-lhe mais alguma coisa em alemão, e ela atira a cabeça para trás e ri-se alto.

Mas que raios?

– Quem é esta senhora? – pergunta o Charles.

Excelente pergunta, Charles… *seu grande idiota.*

– Esta é a Varuscka. – O Elliot responde enquanto olha para ela com toda a adoração. – E vamos dançar. – Ele leva-a pela mão até à pista de dança e toma-a nos braços. Olho fixamente para os dois, e o meu sangue começa a ferver. Varuscka Vermont, a mulher a quem ele deu boleia para casa.

Vê-lo a ele e a ela juntos, agora… talvez tenha *sido* mais do que isso.

Mas que merda?

Agarro no meu copo e esvazio-o, depois volto a encher o copo tão depressa que transborda.

– Calma – O Charles ri-se. – Não queremos ficar bêbados e desordeiros, pois não?

Olho para ele, cala-te, cala-te. Isto é tudo culpa tua, seu idiota.

Ele está a fazer jogos…

Só se quer vingar por eu ter falado com o Charles a noite toda, é óbvio.

Calma, calma… mantém-te calma.

Com uma mão trémula, levanto o copo até aos lábios e olho para a pista de dança.

O Elliot tem-na nos braços, de costas para mim. Alto, moreno e bonito num fato preto, parece orgástico, um destaque na sala cheia de gente. Está a falar-lhe ao ouvido e, pela cara dela, parece que lhe está a dizer de quantas formas a pode lamber até a levar ao céu.

Os meus olhos começam a ficar vermelhos à medida que a adrenalina bombeia pela minha corrente sanguínea.

Está a gozar comigo?

Traz-me aqui, obriga-me a fingir que estou sozinha porque não pode ser visto comigo e, depois, fica furioso quando alguém se atira a mim… e, em seguida, namorisca em alemão com a dádiva de Deus aos homens para se vingar.

Idiota.

A música acaba, e voltam a dançar, ela ri-se e conversa, olhando-o com toda a adoração. Os seus olhos parecem corações de amor e tem um rubor cor-de-rosa no rosto.

Conheço aquele olhar, já o vi muitas vezes ao espelho.

Terão dormido juntos? Será ela uma das nove milhões e meio de mulheres com quem ele dormiu?

O raio do Casanova Miles.

O Charles ainda está a falar, e eu já enchi o meu copo três vezes. Podes estar caladinho, Charles? Não estou com disposição para ouvir as tuas merdas. Já tenho problemas suficientes para resolver aqui.

A canção termina, mas, em vez de voltar para a mesa, o Elliot vai ao bar com a Varuscka.

O quê?

O meu sangue ferve, e o resto da minha sanidade mental rebenta.

Acabou… está na hora.

Queres lutar, idiota? Tudo bem.

Pede duas bebidas no bar, uma para Varuscka e outra para ele, e fica de frente para mim, no meio da multidão, enquanto conversam.

Olho para ele, e ele olha de volta, ergue o seu copo de uísque para mim numa saudação silenciosa.

Atiro o guardanapo para cima da mesa e empurro a minha cadeira para trás. Que se lixe, estou fora.

Como é que ele se atreve?

– Vou embora – digo para a mesa.

– Oh, tão cedo – lamenta Charles. – A noite é uma criança.

– Tenho de trabalhar amanhã – minto com um sorriso fingido.

– Acompanho-te lá fora.

– Não é necessário – sorrio com os dentes cerrados. – Prazer em conhecê-los a

todos. – Agarro na minha bolsa, aceno ligeiramente para a mesa e dirijo-me à porta.

– Que disparate – ouço o Charles dizer por trás de mim.

Atravesso as portas e saio para o átrio. Raios, o meu casaco está no bengaleiro. Não quero esperar, mas é o meu casaco preferido, por isso, tiro o meu bilhete e ponho-me na fila.

O Charles corre para me alcançar, põe as mãos nos bolsos e espera ao meu lado. Fico a olhá-lo e, curiosamente, em circunstâncias normais, teria achado este tipo lindo. Quer dizer, é mesmo.

Só não é o Elliot.

Uf, estou furiosa. Porque tenho um gosto tão mau para homens?

– Vamos beber um copo a qualquer lado – diz o Charles. – Também quero sair daqui.

– O único sítio para onde vais é para a merda da morgue – rosna o Elliot atrás de nós.

O Charles vira-se.

– Sr. Miles – balbucia.

O Elliot encara-o.

– Sai-me da frente.

O Charles arregala os olhos e olha-nos à vez.

– Quer dizer…

– Agora! – o Elliot rosna. – E não te atrevas a contactá-la novamente.

Oh, raios.

– A seguir – chama a rapariga dos casacos. À pressa, dou um passo em frente e entrego o meu bilhete, tão zangada que nem consigo ver bem. Na minha visão periférica, vejo o Charles praticamente a correr de volta para o salão de baile.

Fraco.

Agarro no meu casaco e dirijo-me para a porta, com o Elliot no meu encalço.

– Vai-te embora – murmuro zangada.

– Vai-te lixar – dispara enquanto me segue.

Os meus olhos quase saltam das órbitas. Entro pela porta e vejo o *Bentley* preto estacionado e à nossa espera.

– Entra – rosna o Elliot.

– Vai para o inferno. – Começo a caminhar pelo passeio.

– Entra. Já. No. Raio. Do. Carro. – Ele abre a porta de trás.

Olho para cima e vejo que as pessoas estão paradas, a olhar, não quero uma cena. Por amor de Deus.

Entro no banco de trás do carro, e ele entra a seguir a mim.

– Olá – o Andrew sorri e entra para o trânsito.

– Leva-me para casa.

– Para a minha casa – grunhe o Elliot.

– Deixa-me sair do carro. – Perco o controlo e não quero saber. – Seu cabrão idiota – grito.

Os olhos do Andrew olham-me pelo espelho.

– Conduz até minha casa – exige o Elliot, dando um murro no banco à nossa frente. – Não brincas comigo, porra. Ouviste, Kathryn? – grita.

– Oh, mas tu podes namoriscar em alemão – grito. – Faz-me um favor e volta lá para dentro, para ela, seu idiota egocêntrico.

O Andrew agarra o volante; nota-se que não tem a certeza para onde conduzir.

– Não me tentes, porra! – grita o Elliot quando o carro abranda nos semáforos.

Mas que porra… ele não acabou de dizer isto.

A minha raiva aumenta, vou abrir a porta do carro para sair, mas está trancada.

– Abre a porta – grito.

– Não abras a porta – ordena o Elliot.

Os olhos nervosos do Andrew olham para o banco de trás. Ele não sabe o que fazer.

– Que Deus me ajude, Andrew, leva-me para minha casa ou acuso-te de rapto – grito.

Os olhos do Andrew arregalam-se, e ele dá imediatamente meia-volta. O Elliot dá outro murro no banco à sua frente.

O carro para em minha casa, e a fechadura da porta abre-se. Saio e bato com a porta.

O Elliot também e segue-me pelos degraus até à casa.

– Afasta-te de mim, porra – digo. – Como te atreves?

– Como me atrevo a quê? – Tem os braços abertos de choque. – Tu é que estás a continuar.

– Não te tento a voltar para ela? Estás à vontade, Elliot. Desafio-te – cuspo.

Ele estreita os olhos.

– *És tu* que não queres ser visto comigo.

– Não é isso, e tu sabes – grita. – Não quero dramas, deixa-te de merdas.

– Pronto, não quero continuar a ser a tua prostituta não paga. Se tens vergonha de ser visto comigo em público, não me vejas em privado. – Abro a porta da frente e empurro-a com força. Graças a Deus que não está ninguém, estamos a deitar a casa abaixo.

– Não me ameaces, Kathryn – grunhe.

– Não é uma ameaça – fecho-lhe a porta na cara. – É uma promessa – grito através dela.

Ele dá um murro na porta, e esta faz barulho na parte da frente da casa.

– Vai-te embora! – grito.

Ele dá-lhe outro murro, e o som ecoa por toda a casa.

– Vais partir a merda da porta, Elliot. A sério. Vai-te. Embora! – Ponho o cadeado na fechadura e subo as escadas.

Olho pela janela e vejo-o a andar de um lado para o outro no passeio. O Andrew está fora do carro a falar com ele, obviamente a tentar acalmá-lo.

O meu coração está a bater forte enquanto espero pelo seu próximo passo. O Elliot Miles furioso é uma verdadeira besta e, raios, não quero lidar com ele esta noite.

Por favor… vai-te embora.

Dez minutos depois, ouço a porta dele a bater, espreito pela fresta das cortinas e vejo o carro afastar-se lentamente. O alívio preenche-me e deixo-me cair na cama.

– Uf – suspiro. – Que verdadeiro idiota.

Capítulo Vinte

Elliot

Estou sentado no bar, a beber do meu uísque. Fui trabalhar esta manhã, mas saí mais cedo.
Hoje, não estou no humor certo para o trabalho. Não estou no humor certo para nada, na verdade.

Tenho uma bola de chumbo no meu estômago que não vai embora. Estraguei tudo no sábado à noite… e muito.

Mas, em minha defesa, ela é muito irritante. Achava mesmo que eu ia ficar ali sentado toda a noite a ver alguém a atirar-se a ela sem consequências?

Olho para o meu relógio, são duas da tarde. Ainda não tive notícias dela e sei que não vou ter.

Típico da idiota da Kathryn Landon, teimosa como tudo.

Revejo as minhas opções: não há nenhuma. Ou rastejo ou digo-lhe adeus. Sei que ela não virá à minha procura tão cedo.

Exalo profundamente e percorro o meu telemóvel, encontro o número que procuro e abano a cabeça com nojo. Isto é uma estreia, nunca o fiz antes. Normalmente, fico contente quando se vão embora. Dar graxa a uma mulher é um novo tipo de inferno em território desconhecido.

– Olá, florista da Park Avenue – atende a rapariga.

– É possível enviar flores com urgência, por favor?

– Claro. Podemos entregá-las numa hora; para onde?

– Kathryn Landon, edifício Miles Media, piso dez.

– O que gostaria de enviar?

– Hummmm – penso por um momento. – O que sugeria para… me safar…

– Um pedido de desculpas?

– Sim.

– Bem, quão grande é o pedido de desculpas?

– Bem grande – reviro os olhos. – O maior que tiver.

– Está bem, então, rosas vermelhas?

– Acho que sim.

– Uma dúzia.

Franzo o sobrolho.

– Humm… é uma mulher teimosa.

– Quatro dúzias?

– Sim, talvez.

– Está bem, e o que quer que o cartão diga?

– Humm – penso por um momento. – Talvez só «Desculpa».

É tão foleiro.

– Está bem. – Consigo ouvi-la a escrever. – Quatro dúzias de rosas vermelhas e «desculpa» no cartão.

– Sim.

– Nome?

Franzo o sobrolho enquanto penso; devia mesmo inventar alguma coisa espirituosa, mas não consigo raciocinar direito quando ela está zangada comigo.

– «Beijos, Elliot.»

Raios para ela.

Tem-me pelos tomates e sabe-o.

– Então, «Desculpa. Beijos, Elliot»? – pergunta para verificar os pormenores.

– Sim. Pode ligar-me assim que forem entregues, por favor?

– Claro, senhor. – Pago com o cartão de crédito, desligo e fico à espera.

Uma hora e quatro copos de uísque depois, o meu telemóvel toca.

– Sim.

– As rosas foram entregues, senhor.

– Foi ela que as recebeu?

– Sim, foi ela que assinou.

– Obrigado. – Desligo o telemóvel e enrolo os lábios; isto pode dar para os dois lados. Ligo para a Kate.

– Sim – atende.

Cerro o maxilar ao ouvir o som da sua voz. Quer discutir.

– Olá, Kathryn.

– O que queres, Elliot?

– Eu… – hesito, a pensar no que dizer. – Queria saber se recebeste as rosas.

– Recebi, muito obrigada. No entanto, não há rosas suficientes na terra para compensar o teu comportamento.

Reviro os olhos. ***Ela leu o raio do cartão?***

– Peço desculpa.

Ela fica em silêncio.

– Agi de forma horrível e lamento-o.

Ela fica em silêncio.

– Mas, em minha defesa, isto podia ter sido facilmente evitado. Porque não lhe disseste que tinhas um namorado?

– Eu não tenho namorado, Elliot, já deixaste isso bem claro.

– Bem, talvez tenhas – lanço.

Torço o nariz. ***Merda***.

– Bem, talvez o meu namorado seja um idiota de merda.

– É possível.

– E talvez seja melhor ele ganhar juízo ou, então, vai ficar solteiro.

Sorrio afetadamente.

– Talvez seja melhor não dizeres mais nada.

– Não me mandes calar, Elliot, e que Deus me ajude se voltares a namoriscar com alguém noutra língua à minha frente…

Corto-lhe a palavra.

– Sabes que só estava a fazer isso para te fazer ciúmes.

– Não funcionou.

Consigo perceber que ela está a sorrir, estou quase a apanhá-la.

– Talvez um pouco.

– Elliot – dispara. – Juro por Deus, se voltares a fazer uma proeza como essa…

– Tiveste saudades minhas, ontem à noite? – pergunto. – Porque eu tive saudades tuas.

– Não, e estou muito ocupada.

– A fazer o quê?

– A passar as tuas rosas pelo triturador.

Rio-me, não me admirava nada que o fizesse.

– Tenho um leilão de arte hoje à noite, passo por aí depois.

– Não, não é preciso. Vejo-te amanhã à noite.

Dou um gole do meu uísque. Não quero desligar o telemóvel, esta maldita mulher tem-me preso como um cachorrinho.

– Estou perdoado? – pergunto.

– Não lances os foguetes antes da festa, Elliot. Vou pensar no assunto.

Sorrio e sei que estou.

Ouço alguém falar com ela no escritório.

– São de quem?

– Do meu namorado – responde.

Estremeço… porra… ***namorado***, como é que isso aconteceu? Passou despercebida, não foi?

– Liga-me mais tarde – suspira.

– Está bem. – Mantenho-me em linha.

– Adeus, Elliot. – Desliga, e eu sorrio para o meu copo. Missão cumprida.

Fico a olhar para o quadro no cavalete à minha frente.

IMORTAL

– Não é a coisa mais bonita que já viste? – digo ao Christopher, que está ao meu lado.

Ele torce o nariz, pouco impressionado.

– Hmm… Nem sei o que vês nesta artista. Para mim, é só uma pintura.

– A Harriet Boucher não é apenas uma artista, Christopher. É um génio.

Ele revira os olhos.

– Se tu o dizes. – Olha para o relógio. – Quanto tempo é que isto vai demorar, estou cheio de fome.

– O leilão começa daqui a vinte minutos.

Olho para a multidão e vejo a «Bailarina». O meu coração salta uma palpitação.

É loira e bonita, uma visita frequente em leilões de arte, mas sempre me escapou.

Não faço ideia se é mesmo uma bailarina, mas como não temos um nome para ela, pusemos-lhe essa alcunha.

O que tem esta mulher?

Sempre tive a sensação de que a devia conhecer, que está de alguma forma ligada a alguma coisa, embora não saiba exatamente o que é.

Os nossos olhos estão fixos um no outro, através da sala repleta de gente, o ar entre nós está cheio de eletricidade.

Esta noite, parece diferente, os seus grandes olhos prendem os meus.

Ela não está a fugir, não está a tentar escapar; quando muito, está a tentar silenciosamente convencer-me.

Inspiro com firmeza e deixo cair a cabeça.

Foda-se… altura perfeita.

Num dia normal, estaria ali, a persegui-la e a convencê-la a jantar comigo. A dar-me a conhecer e a querer saber tudo sobre ela.

Sempre a vi do outro lado da sala, no calor de uma batalha de leilão, mas nunca consegui falar com ela. Desaparece sempre antes de a encontrar. Desejei-a durante tanto tempo. Mas agora é diferente.

Kate.

A minha linda Kate está em casa, à minha espera, e não vou estragar tudo, por isso, tiro os olhos da bailarina e concentro-me no quadro.

Consigo senti-la a olhar para mim.

– Caramba, olha quem está aqui – sussurra o Christopher. – É ela.

Engulo o nó na garganta e tento não olhar.

– Oh, meu Deus, ela é perfeita – sussurra.

Olho para ela, e ele tem razão, é perfeita.

Cerro o maxilar e desvio os olhos de novo.

– O que estás a fazer, vai lá – sussurra. – É a tua oportunidade, hoje não está a fugir.

– Não posso.

– Porque não?

– Não estou interessado.

– O quê? – franze o sobrolho. – Desde quando?

– Cala-te – sussurro, furioso, enquanto aperto a ponta do meu nariz.

Porque é que, agora, de todas as alturas do mundo, ela podia querer falar comigo… tinha de ser agora, não tinha?

– O que se passa contigo? – o Christopher franze o sobrolho. – Deseja-la há anos. Vai ter com ela, porra.

– Cala-te.

Não preciso disto agora.

O leiloeiro entra na sala, e fico momentaneamente distraído. Olho para trás, para a «Bailarina», e ela já se foi embora. Desta vez, em vez de desilusão, sinto-me aliviado.

Boa… Volta para o sítio de onde vieste, não preciso de tentações. Mesmo que seja de alguém que desejo há muito tempo.

Penso na minha miúda em casa, e o meu coração incha.

Estou com a Kate.

KATE

O zumbido do meu telemóvel na mesa de cabeceira acorda-me, e apresso-me a atender.

– Olá.

– Estou à tua porta – diz o Elliot, na sua voz profunda.

– Pensei que não te ia ver esta noite.

– Pensaste mal, abre a porta.

Desço as escadas, abro a porta e lá está ele. Fato *sexy*, sorriso lindo e carisma suficiente para iluminar o espaço. Toma-me nos braços e beija-me.

– Olá.

– O que aconteceu a vermo-nos amanhã? – pergunto.

– Uma noite sem ti foi mau, duas noites é intolerável.

Sorrio contra os seus lábios, agarro na sua mão e levo-o até às escadas. Para dizer a verdade, também tive saudades suas.

Volto para a cama, e ele senta-se de lado e olha-me com um sorriso suave.

Ele está diferente.

– O que foi?

– Sabes quão bonita és? – pergunta suavemente.

Sorrio.

– Não vamos fazer sexo esta noite, só para que saibas.

Ele ri-se enquanto se inclina para me beijar, e os seus lábios tomam os meus com tanta ternura que sinto todas as minhas defesas a voar pela janela.

Beija-me profunda e lentamente e oh… se calhar, devíamos discutir mais vezes.

– Vou tomar um duche rápido, querida.

– Está bem.

Beija-me novamente enquanto segura o meu rosto, e eu quase me levanto da cama.

Ele é tão…

Toma um duche e, dez minutos depois, sai com uma toalha branca, o seu corpo perfeito à mostra no quarto iluminado pelo luar. Deixa cair a toalha, e engulo o nó na garganta. Não importa quantas vezes o veja nu, fico sempre chocada ao ver como é lindo.

Ele puxa os cobertores para trás e estende-se ao meu lado. Deita-se sobre o cotovelo e beija-me, longa e lentamente e, oh, Deus…

O seu corpo grande e poderoso está junto ao meu, os seus dentes roçam o meu pescoço e o seu membro duro roça as minhas cuecas no sítio certo.

Durante muito tempo, beijamo-nos na escuridão, como se tivéssemos todo o tempo do mundo, e há qualquer coisa no facto de ele ter assumido o compromisso de namorado que aumentou dez vezes a minha excitação.

O seu grande corpo rola sobre o meu, e ofego enquanto ele se contorce entre as minhas pernas, esmagando-me contra o colchão. As minhas mãos percorrem as suas costas musculadas enquanto ele olha para mim.

Ele está quente, duro e pronto para pinar.

E, meu Deus, venho-me só pela forma como me olha.

A sua respiração treme ao inspirar, e sei que ele está perto do limite do controlo. Envolvo as minhas pernas à volta do seu corpo grosso, e ele avança, a sua tesão a correr sobre o meu clítoris, acrescentando mais calor ao inferno já em chamas.

– Preciso de ti – e respira contra o meu pescoço; as suas mãos amassam os meus seios com força.

Avança, com o seu pau perigosamente perto de romper o material das minhas cuecas.

– Elliot.

– Foda-se. Kathryn – sussurra como se estivesse a sofrer. – Queres que implore? Eu imploro, porra.

Olho-o fixamente.

– Preciso – geme, e os seus lábios tomam os meus. – Por favor. – Os seus olhos fecham-se enquanto nos beijamos, e sei que está aqui comigo.

Também preciso desta intimidade.

Ficamos a olhar um para o outro e, sem mais uma palavra, ele tira-me as cuecas e penetra-me profundamente.

Os nossos olhos estão fixos um no outro, na escuridão, o seu corpo enterrado dentro do meu. Os seus olhos fecham-se, e ele perde o controlo; move-se ternamente dentro de mim, com cuidado, tanta ternura e pura adoração… Deslizo para o abismo.

– El – gemo.

– Eu sei, querida – e beija-me de olhos fechados. A emoção entre nós é palpável. Uma força tangível que já não controlamos.

Isto é especial. *Ele* é especial.

O Elliot Miles é tudo o que eu nunca soube que precisava e, independentemente das nossas diferenças, não o posso negar.

Estou total e irrevogavelmente apaixonada por ele.

Elliot

Apoio-me no cotovelo e vejo-a a dormir.

Os seus cabelos estão espalhados pela almofada enquanto ela se deita de lado, virada para mim, com os seios nus caídos sobre o peito. Inclino-me e beijo-lhe suavemente a têmpora, a necessidade de estar mais perto dela é quase primordial.

Esta noite, atravessámos uma fronteira, quebrámos uma espécie de barreira invisível.

O meu coração está em queda livre do meu peito e não tenho forma de o parar. Nem o quereria.

O que está a acontecer?

Nunca me senti assim.

Não existe uma fronteira entre nós, a separação entre os dois é ténue. Ela é como uma extensão do meu corpo… só que melhor.

Ela mexe-se e estende-me a mão.

– El – sussurra.

– Estou aqui, querida – sussurro enquanto me aconchego mais e deito a cabeça no seu peito.

Ela sorri suavemente com os olhos fechados e adormece.

Na escuridão, nos seus braços, ouço o bater do seu coração.

E perco de vista o meu.

– Bom dia, meninas – digo ao entrar na receção.

Olham para cima.

– Bom dia, Sr. Miles.

O Christopher está à porta do seu escritório.

– Olá.

– Está um dia lindo, não está? – sorrio.

Ele franze o sobrolho.

– Nem por isso.

– Oh – olho pela janela e encolho os ombros. – Ah, mas não está a nevar, pois não?

– Quem és tu e o que fizeste com o idiota do meu irmão rabugento? – responde o Christopher, secamente. – Por aqui, isto parece o ***Música no Coração***.

As raparigas riem-se; entro no meu escritório e tiro o computador enquanto sou invadido por um sentimento de diversão.

– O que se passa? – olho para cima e vejo o Christopher a observar-me enquanto se apoia na ombreira da porta.

– Nada, porquê?

– Bem, estás em cima, estás em baixo, furioso, depois calado, és como um circo de um homem só, porra.

Inicio a sessão no computador.

– Uma boa noite de sono é tudo o que precisamos. Quero dizer, preciso – corrijo-me. – Dormi bem.

Ele entra, subitamente interessado.

– Não, disseste «precisamos».

– Queria dizer «preciso».

– Não, não querias – e senta-se ao lado da minha secretária. – Andas a sair com alguém, não andas?

Introduzo a palavra-passe do meu ***e-mail***.

– Quem é ela?

– Não é da tua conta. Sai.

Batem à porta. Olho para cima e vejo a Kate parada.

Merda.

– Bom dia, Kathryn – digo, com os meus olhos a percorrerem-lhe os dedos dos pés e a subirem de novo até ao rosto. O seu cabelo louro está solto, encaixado atrás de uma orelha, e o seu sorriso ilumina imediatamente a sala. Está vestida com uma saia lápis preta e uma blusa de seda creme; o botão de cima está desabotoado, com apenas uma sugestão do que está por baixo: a perfeição.

Sinto o sangue a correr-me pelo corpo.

Ela foi sempre assim tão sensual… ou será que o vejo mais claramente agora, que sei o que ela faz com aquelas curvas de arrasar?

Imagino-a em cima de mim, nua, e mordo o lábio inferior para afastar o pensamento pornográfico.

– É má altura, Sr. Miles? – pergunta. – Tenho o relatório que queria.

– Não – o Christopher sorri. – Entra, Kate. Podes ajudar-me a arrancar-lhe informações.

– Informações? – Ela olha entre nós.

– Ultimamente, parece estar com um bom humor pouco característico. Quero saber o que é responsável – cruza os braços à sua frente. – Ou quem?

– Oh. – Um ligeiro sorriso atravessa-lhe o rosto. – Acho que não tens de te preocupar, não tarda nada volta ao seu eu-ogre. Aproveitemos a paz enquanto podemos.

– É uma decisão acertada – concorda.

– Dá-me o relatório e vão-se embora, os dois – suspiro e atiro uma pasta para a minha secretária.

– Ah, aí está ele. Crise evitada. – A Kathryn sorri. – Dá-lhe três minutos e estará a gritar por todo o escritório.

– Continuem e vou estar – disparo.

Os olhos da Kathryn dançam com malícia enquanto me olham.

O meu sexo lateja… ***Para com isso***.

O que tem esta mulher? Ela transforma-me num rapazinho de escola excitado.

– Vais ficar para esta reunião? – pergunto ao Christopher.

– Não, tenho coisas para fazer – levanta-se e sai.

– Queres que feche a porta?

– Sim. – Os meus olhos fixam-se nos da Kate. – Obrigado.

O Christopher sai, eu levanto-me, dirijo-me para a porta e tranco a fechadura.

A Kate arregala os olhos.

– Elliot, não – sussurra.

Caminho na sua direção.

– Dizeres-me que não é o derradeiro afrodisíaco, Landon. – Agarro-a com força por trás e puxo-a na minha direção. Mordo-lhe o lábio inferior e arrasto-a sobre a minha tesão.

– Para – murmura-me contra os meus lábios.

– Queres mesmo que pare? – Agarro-lhe no cabelo com agressividade e puxo-lhe o rosto para junto do meu. – Ou queres que te leve para a minha casa de banho e te encha de esperma. Como a funcionária marota que és. – Apalpo-lhe o peito com força enquanto a mordo forte no pescoço, e ela atira a cabeça para trás, dando-me acesso total.

Foda-se, adoro estas mamas; este corpo foi feito para o pecado.

O meu pecado.

– Elliot – murmura, com os olhos a fecharem-se, e eu conheço esse olhar.

Ela quer.

Agarro na sua mão e arrasto-a para a casa de banho, fecho a porta, caio na cadeira do canto e, num movimento rápido, abro o fecho da braguilha e puxo a saia dela para cima. Movo as cuecas para o lado e posiciono-me à sua entrada.

Ponho as minhas mãos nos seus ombros e puxo-a para cima de mim, esticando o seu corpo apertado até ao limite.

Ficamos em silêncio enquanto olhamos um para o outro.

– É um homem mau, Sr. Miles – sussurra.

Um sorriso lento cruza-me o rosto.

– E tu és uma ordinária. Levanta essas pernas, Landon, e trabalha o meu pau. – Mordo-lhe o pescoço com força, a necessidade de a magoar é avassaladora.

Com olhos escuros, levanta as pernas e coloca os pés na cadeira, ficando de cócoras. Ela acabou de aprender a possuir-me assim; o meu tamanho era um problema e tivemos de trabalhar para o conseguir.

Sinto cada um dos seus músculos a ondular à minha volta e faço tudo o que posso para não explodir.

Estamos no meu escritório, por amor da Santa… isto não é bom, mas nem pensar que vou parar. O meu vício na Kathryn Landon não está a abrandar. Como um incêndio florestal numa tempestade de vento, estou completamente fora de controlo.

Ela dá-me.

Com força, de forma desenfreada e húmida.

Como animais, alimentamo-nos do corpo um do outro… e adoro cada segundo disto.

KATE

Desço a rua a caminho do almoço com a Elanor. Ela está em Londres por uma semana, o que é raro, e estou a tentar resolver as coisas entre nós. Não sei o que se está a passar com ela ultimamente, mas sei que precisa da minha compaixão, não da minha raiva.

O meu telemóvel toca e tiro-o da mala; o nome «Elliot» aparece no ecrã.

– Olá.

– Como está a minha miúda?

Sorrio ao ouvir a sua voz profunda e sensual.

– Ótima.

– Tenho de ir a Nova Iorque na próxima semana.

Franzo o sobrolho.

– Oh… Está bem.

– Quero que venhas comigo.

Paro no lugar.

– Porquê?

– Porque não posso passar sete dias sem te ver.

Sorrio de forma pateta ao telemóvel e sei que é verdade. Há semanas que passamos

quase todas as noites juntos. Estamos tão apaixonados que é óbvio que vamos passar todas as noites juntos, nem sequer é uma questão. Também não posso passar sete dias sem o ver.

– Posso mostrar-te a minha casa em Nova Iorque e levar-te à minha galeria. E, além disso, quero ter-te só para mim durante uma semana – diz-me enquanto tenta convencer-me.

O entusiasmo preenche-me, não preciso que me convença. *Soa a paraíso*.

– Terei de trabalhar durante os dias, claro, mas posso marcar uma reunião para que tenhas uma desculpa para lá estar…

– Não – corto-lhe a palavra. – Tiro férias, tenho muitas em atraso. Não quero que ninguém do trabalho saiba de nós.

– Está bem.

– Quer dizer… – isto saiu mal. – Percebeste o que quis dizer.

– Sim. Onde estás? – pergunta.

– A caminho do almoço com a minha irmã.

– Estou sempre a esquecer-me de que tens uma irmã, como é que ela se chama?

– Elanor – pauso por um momento. – Conhece-la? Elanor Landon.

– Acho que não, como é que a conheceria?

– Ela sai com o tipo de homens com quem tu te misturas, talvez já a tenhas visto por aí.

– Hum, o nome não me é familiar, quem sabe. Talvez já a tenha visto antes, saberei quando a conhecer, acho eu.

Sorrio, e a esperança floresce-me no peito. Ele planeia conhecer a minha família… Oh, isto está a ser demasiado bom para ser verdade, e não é de todo como eu esperava.

– Então, vens para Nova Iorque? – pergunta.

– Se conseguir tirar férias do trabalho.

– Tenho quase a certeza de que o teu patrão vai insistir que tires. – Consigo perceber que está a sorrir.

– Bem, o meu patrão é um tarado sexual – sorrio pretensiosamente.

– Felizmente – diz com a sua voz profunda e querida.

De acordo.

– Adeus, Kathryn.

Sorrio; ainda há pouco tempo detestava que ele me chamasse Kathryn, mas, agora, é um termo carinhoso.

– Adeus, El. – Desligo e vou praticamente a flutuar para o restaurante. Ando a sair com a dádiva de Deus às mulheres, *e* ele vai levar-me a Nova Iorque e acha que sou fantástica.

A vida é bela.

Entro no restaurante e olho à minha volta. A Elanor está sentada ao fundo e sorri e acena quando me vê. Sorrio, aceno e dirijo-me a ela.

– Olá – ela levanta-se e beija-me na face, segura-me pelos braços e olha-me de cima a baixo. – Estás linda.

– Obrigada – sorrio com orgulho; é por causa da quantidade de orgasmos. – Tu também.

Não estou a mentir, está mesmo. Enverga um vestido justo de lã creme e botas até ao joelho. A Elanor é muitas coisas, mas a sua beleza é inigualável.

– Senta-te, senta-te – diz enquanto me leva para o meu lugar. – Pedi vinho.

– Estou a trabalhar.

– Um copo não faz mal, querida – revira os olhos como se eu fosse uma idiota.

Finjo um sorriso, uf… Lá vamos nós, Elanor e os seus revirar de olhos condescendentes.

Ela serve-nos vinho a ambas.

– Então… – olha-me de cima a baixo. – Porque estás tão bonita, andas com alguém?

Fico radiante de felicidade.

– Ando, sim.

– Hum – dá um gole no vinho. – Bem, a felicidade fica-te bem. Alguém que eu conheça?

Abro a boca para lhe dizer quem é e, depois, volto a fechá-la. E se ela conta ao mundo? De certeza que conhece as mesmas pessoas que o Elliot conhece. Mas ele disse que era meu namorado, certo?

Hum, mas ainda não anunciou nada. Acho que vou esperar para lhe contar até ter falado com ele primeiro.

– Ninguém que conheças, apenas um tipo do trabalho – respondo. Tecnicamente, *é* verdade. – E tu, andas com alguém?

– Não, acabei com o Frederick.

Franzo o sobrolho.

– O que aconteceu ao Alexander?

– Oh – enruga a cara. – Acabei com ele há meses, tornou-se muito aborrecido. Quando fazíamos sexo, ele vinha-se em dois minutos. Tenho necessidades que não vou comprometer.

Pobre Alexander. Pergunto-me se sabe que ela está a contar ao mundo sobre o seu desempenho. Sinceramente… que cabra insensível. Dou um grande gole de vinho. Oh, Deus. Acho que não deveria ficar surpreendida.

Não digas nada.

– Diz-me, como está o teu patrão? Elliot Miles, o belo espécime.

Tusso enquanto me engasgo.

– O quê? – estremeço.

– Vou estar em Londres por uns dias, talvez o procure. – O horror percorre-me. – Conhece-lo?

– Já nos vimos antes, embora sem apresentação formal. Mas estou a certificar-me de que isso muda.

– Ele vai-se casar – minto.

– E?

– Bem, está fora do mercado – ironizo.

– Querida – e sorri como se eu fosse estúpida. – Se eu quiser o Elliot Miles, tiro-o a quem tiver de o tirar.

Cerro o maxilar enquanto a fúria me invade.

– Descerias tão baixo ao ponto de acabares com uma relação feliz?

– Claro, porque não? Já o fiz antes e posso fazê-lo novamente. – Bebe descontraidamente do seu vinho. – Para onde é que ele sai? Para que discotecas? O que sabes?

O meu coração furioso ecoa nos meus ouvidos.

– Não sei bem – inclino a cabeça para trás e esvazio o copo.

Ela fica a olhar para o vazio enquanto pensa.

– Talvez possa ir ter contigo ao trabalho e bater acidentalmente à porta do seu escritório.

Os meus olhos arregalam-se de horror.

– Não. Não vais fazer isso – digo. – Proíbo-te de o tentares ver, Elanor. Este é o meu trabalho, não mo estragues.

– Oh, cala-te – revira os olhos novamente. – Sempre tão dramática. Estás a agir como se tivesses uma paixoneta por ele ou assim.

– Talvez tenha – deixo sair.

Mostra-me um sorriso e levanta o copo no ar como uma saudação silenciosa.

– Muito bem.

– Muito bem, o quê?

– Nada – e encolhe os ombros descontraidamente, como se tivesse um segredo.

– O que foi, Elanor? – disparo.

– Trabalhas para ele há anos e não o apanhaste, é óbvio que não vai acontecer. Certo? – Dá um gole no vinho. – E, além disso, estás a sair com outra pessoa.

Raios, porque é que menti?

– O que te faz pensar que ele cairia aos teus pés? – disparo.

Ela passa o cabelo por cima dos ombros.

– Porque vai.

Sento-me à mesa e empurro a comida à volta do meu prato com o garfo.

– O que se passa? – pergunta o Elliot enquanto me observa. – Estiveste calada a

noite toda.

Expiro profundamente. Sei que isto me vai fazer parecer insegura e patética, mas não consigo evitar, tenho de o dizer.

– Hoje, a minha irmã disse-me que vai andar atrás de ti.

Ele franze o sobrolho.

– E ela é linda, Elliot, e consegue o homem que quiser.

A sua língua passa pelo lábio inferior enquanto tenta esconder o sorriso.

– E aí está ela. A minha linda e vulnerável Kate. – Agarra na minha mão por cima da mesa.

Reviro os olhos, sabendo quão patética soo.

– Não.

– Bem, disseste-lhe que estou comprometido?

– Sim.

– E o que é que ela disse?

– Disse-me que conseguia fazer com que deixasses qualquer mulher.

Segura-me na mão e beija-me a ponta dos dedos, claramente divertido com a minha insegurança.

– Estou contigo. A tua irmã, ou qualquer outra mulher, não tem nenhuma hipótese.

Os meus olhos procuram os seus.

– Tens a minha palavra – promete.

Mostro-lhe um sorriso abafado.

– Eu sei que…

– Ela não és tu, Kate – interrompe-me, inclina-se, agarra no meu rosto e beija-me com ternura. – Só há uma irmã Landon que eu quero e ela está mesmo aqui. – Coloca a palma da minha mão sobre o seu peito.

Sorrio contra os seus lábios, sentindo-me um pouco melhor.

– E, só para que saibas, se um dos meus irmãos se atirasse a ti? Não iria sobreviver.

O meu coração incha, e quando penso que não posso gostar mais deste homem do que já gosto…

Ele prova que estou novamente enganada.

Acordo sozinha e espreguiço-me à luz da madrugada que entra pela janela. Onde está o meu homem? Desço as escadas; a casa está vazia. Onde é que ele está?

Olho para as traseiras e vejo-o nos jardins.

O Elliot está de costas para mim e olha para o lago, completamente vestido com o seu fato e o seu café na mão, o vapor da chávena a subir no ar frio. As patas estão aos seus pés, bicando alegremente o chão. Ele caminha, totalmente fascinado pelo que o rodeia, enquanto todas o seguem como se fossem amigos há muito tempo. De vez em quando, uma pata aproxima-se demasiado, e ele dá um safanão à perna para abrir

espaço.

Agarro no telemóvel e tiro-lhe algumas fotografias. Ele adora mesmo este sítio e não posso dizer que o censuro. Adoro vê-lo tão feliz aqui.

Um som alto ecoa pela entrada, e olho pela janela para ver um camião a parar.

Observo pela janela enquanto o Elliot se aproxima e fala com o homem no camião. Dão um aperto de mão ao apresentarem-se.

Quem é aquele?

Saio para a frente mesmo a tempo de ver o homem a descarregar o bode *Billy* da parte de trás do camião.

– As minhas desculpas – diz o Elliot enquanto pega na corda atada ao pescoço do *Billy*. – Não sei como fugiu.

– Esta é a quarta vez em duas semanas – diz o homem.

O Elliot repara em mim.

– Alan, esta é a Kathryn. Kathryn, este é o Alan. É o dono da propriedade ao lado.

– Olá – sorrio. – O que aconteceu?

– O seu bode está sempre a fugir. Encontrei-o na estrada.

– Oh.

– Preocupa-me que provoque um acidente de viação e que alguém morra.

– Sim – o Elliot franze o sobrolho como se estivesse a imaginar o cenário. – Obrigado por o trazer de volta. Vou assegurar-me de que não volta a fugir – diz.

– Prazer em conhecê-la. – O Alan sorri enquanto volta para o camião. Acenamos-lhe, e ele vai-se embora.

– O que fizeste? – o Elliot refila com o bode.

O bode olha para ele, sem perceber.

– Bahahahaha – diz o *Billy* em voz alta.

– Queres fugir? Por mim, tudo bem. – Puxa a corda, e o bode segue-o pela trela. – Só não vás para o raio da estrada. – Ele continua a andar em direção ao cercado.

– Bahahaha.

– Vai para o interior, para o raio de um sítio qualquer e não voltes. Mas não vás para a estrada.

– Bahahaha.

Mordo os lábios enquanto os sigo para me impedir de rir alto.

O Elliot abre o portão para o cercado superior e leva-o para dentro.

– Agora, estás de castigo no cercado superior.

– Bahahahaha – diz o *Billy*.

– Uma vez que não és de confiança.

Oh, meu Deus, isto não tem preço.

O durão do Elliot Miles a castigar o seu bode.

Desaperta a corda à volta do pescoço do *Billy*.

– Estou de olho em ti, idiota. Um passo em falso e mando-te para… – pausa enquanto pensa na palavra certa. – Para o matadouro.

– Bahahaha.

– Sabes o que fazem lá aos bodes malcriados? – pergunta.

Desato a rir.

– Vai para dentro – dispara o Elliot.

Viro-me e entro enquanto continuo a rir.

– Bahahahaha – diz o *Billy*.

– Para de fazer esse barulho – rosna o Elliot.

Rio-me ao subir as escadas. A minha vida está oficialmente completa.

Já vi de tudo.

– Bahahaha.

O barulho estridente ecoa no silêncio.

Olho para o relógio: uma da manhã.

– Bahahaha.

– Que se lixe isto – sussurra o Elliot enquanto atira os cobertores para trás.

Torço o nariz para não me rir; isto é cómico. O *Billy* não parou de chorar a noite inteira.

O Elliot abre a janela à pressa.

– Cala-te. Foda-se – grita, com o som da sua voz a ecoar pelo vale. Bate com tanta força na janela que esta quase se parte.

Volta para a cama e remexe-se.

– Bahahaha.

Sorrio para a minha almofada.

– Bode estúpido – sussurra o Elliot, entre dentes.

– Bahahahaha – ecoa o balido alto.

Isto é *mesmo* mau.

Como é suposto dormirmos?

– Bahahaha.

– Acabou-se – o Elliot explode, dá um salto e desce as escadas como o Hulk.

Ouço a porta da frente abrir-se à pressa, corro para a janela e abro-a para ver o que ele faz.

Vai em passada larga até ao cercado.

– O que foi? – o Elliot grita com os braços abertos. – O que raio queres?

O *Billy* olha para ele sem perceber.

– Tens comida, tens água. Tens o cercado inteiro só para ti. Isto não é suficiente, seu bode mimado?

– Bahahahaha – diz o *Billy*.

O Elliot vira-se e dá um pontapé num balde com toda a força que tem; este voa pelo ar e cai espetacularmente no chão.

– Está a ver aquilo? – grita para o *Billy*. – Se não te calares, vai haver mais.

Rio-me alto.

O Elliot volta para dentro e ouço a porta da frente a bater. Sobe as escadas, agarra no telemóvel e senta-se no banco da janela.

– O que estás a fazer? – pergunto.

– A pesquisar no Google como matar um bode, o que achas?

Rio-me.

– Isto não tem piada, Kathryn – grunhe.

– Tem, sim. – Levanto-me, vou ter com ele e sento-me no seu colo. Oh, meu Deus, está mesmo a pesquisar no Google como matar um bode. Tiro-lhe o telemóvel, atiro-o para o chão e beijo-o suavemente. – Talvez haja algo de errado com ele – sussurro.

– Há, uma morte iminente.

– Não, talvez esteja doente.

Ele olha-me.

– Coloca uns tampões nos ouvidos, toma um comprimido para dormir, ou algo do género, e amanhã chamamos o veterinário. Ele saberá o que fazer.

O Elliot solta um suspiro trémulo enquanto tenta acalmar-se.

Sorrio para o meu homem e afasto-lhe o cabelo da testa.

– É só um bode.

– Que me está a arruinar a vida.

Olho-o no escuro. Sempre soube que era um cabeça quente, mas pensava que só eu o irritava até ao ponto de ebulição. Cada dia que passa, mais uma peça do *puzzle* Elliot Miles se vai encaixando. E a cada dia que passa, torna-se um pouco mais cativante.

– Anda. Cama – puxo-o pela mão.

– Como? – diz. – Isto é intolerável.

– Oh… buuuu – reviro os olhos e subo para a cama.

Ele acaricia-me as costas e empurra-me com as ancas.

– Eu dou-te o buuuu.

Acordo sozinha e exausta.

A última vez que olhei para o relógio eram 4h38 – quase não dormimos. Visto umas roupas, vou à casa de banho e desço as escadas.

– Elliot – chamo. Nenhuma resposta. Dirijo-me à porta de vidro de correr, olho cá para fora e vejo um carro a chegar à entrada. Quem é agora?

O Elliot dirige-se ao carro, do qual sai um homem; começam a conversar profundamente e dirigem-se ao cercado.

Oh, não, quem é aquele?

Caminho rapidamente para fora da casa.

– Olá.

O homem vira-se para mim.

– Olá. Sou o Mathew, o veterinário.

– Oh. – O alívio preenche-me.

Um ligeiro sorriso atravessa o rosto do Elliot; ele sabe quem eu pensava que era: um assassino de bodes contratado.

– Esta é a Kathryn.

– Olá.

– Ele está por ali. – O Elliot aponta para o cercado do *Billy*.

Durante quinze minutos, ambos observamos em silêncio o veterinário a examinar o *Billy* por completo.

– Bem – diz o Mathew. – Não têm nada com que se preocupar, ele está perfeitamente saudável.

O Elliot suspira.

– O que se passa com ele, então? Está sempre a fugir, está sempre a chorar.

– Está à procura de uma companheira – diz o Mathew. – É normal um bode da idade dele querer…

– Está excitado? – o Elliot fumega.

– Por assim dizer. Sim.

O Elliot olha para o *Billy* e abana subtilmente a cabeça.

– Que idade tem ele?

– Cerca de três anos, por aí.

– E quanto tempo vivem os bodes?

– Aproximadamente, quinze anos.

O Elliot expira pesadamente.

– Lamento tê-lo feito perder o seu tempo, por favor, envie-me a fatura.

– Não há problema nenhum. – Apertam as mãos um ao outro. – Adeus, Kathryn.

Sorrio.

– Obrigada.

Ele arranca, e o Elliot volta a marchar até ao *Billy*.

– Estás a gozar comigo? Mantiveste-me acordado toda a noite porque estás excitado? – sussurra com raiva. – Era mesmo o que eu precisava, um bode tarado sexual. – Apressa-se a voltar para casa.

– O que esperavas? – digo enquanto dou uma palmadinha na cabeça do *Billy*. – É teu filho… no fim de contas.

– Cala-te – diz o Elliot ao caminhar. – Hoje, também não estou no humor certo

para as tuas brincadeiras.
Desço a rua com o Daniel, que veio almoçar comigo; parece que já não o vejo há uma eternidade.
– Podemos ir ao tailandês?
– Não – suspiro.
– Porque não?
– Porque depois vou ter de comer um quilo inteiro de arroz e vou passar a tarde cansada como o caraças.
– Hum, o temido coma de hidratos de carbono – exala como se estivesse exasperado, e sinto-me culpada.
– Está bem – suspiro. – Tailandês. Quero que saibas que hoje estou muito cansada. O bode do Elliot manteve-nos acordados toda a noite.
– O quê? – enruga a cara. – O Elliot Miles tem um bode?
– Sim. E patas e uma ovelha estranha…
O Daniel arregala os olhos como se estivesse surpreendido.
– Quem adivinharia?
Rio-me.
– Quando é que me vais convidar para ir lá a casa?
– Em breve – encolho os ombros. – Ainda estamos no início, sabes.
– Oh, meu Deus, olha quem vem aí. – Ele olha em frente.
– Quem?
– É o Rande Gerber.
– Quem?
– O marido da Cindy Crawford.
Franzo o sobrolho e olho para a rua.
– Já foi. – Estica o pescoço para olhar. – Juro que era ele.
– Deixa-me perguntar-te isto: se tivesses a oportunidade de dormir com a Cindy ou com o marido dela, quem escolherias?
– Hum – pensa por um momento. – É uma excelente pergunta. – Torce os lábios como se estivesse mesmo a pensar a sério. – Provavelmente, o Rande.
– Está bem – sorrio enquanto penso noutra. – Se tivesses a oportunidade de dormir comigo ou com o Elliot Miles, quem escolherias?
Ri-se e põe o braço à minha volta.
– Não há dúvidas – e dá-me um beijo na testa. – Tu.
Sorrio.
– Porquê?
– Bem, porque és sensual para caraças.
– E?
– Tenho quase a certeza de que o Elliot Miles não ia aceitar, o que significa que eu

teria de o fazer e, para ser sincero, acho que ele é um pouco mais homem do que eu poderia aguentar. Não tenho a certeza absoluta de que sobreviveria.

Desato a rir.

– Tens razão, ele é muito homem. Até para mim.

Às sete da tarde, o *Bentley* chega à entrada da Quinta Encantada, atrás de um camião. Estamos a entrar em casa, vindos do trabalho, exaustos.

O facto de não termos dormido nada na noite passada fez-se sentir.

O Andrew estaciona o carro, e é então que vejo o rebanho de cabras num curral atrás do camião.

– O que se passa?

O Elliot sai e sorri para os homens.

– Obrigado por virem – diz. – Vou buscá-lo.

O quê?

O Elliot desaparece e, alguns minutos depois, regressa com o *Billy* numa trela de corda.

– Tal como pediu, Sr. Miles, estas são as fêmeas de três anos que temos.

Mas que raio?

O Elliot deixa o *Billy* entrar no curral com as cabras.

– Escolhe uma – instrui.

A pequena cauda do *Billy* começa a abanar, e cheira todas as cabras.

Oh, meu Deus… O Elliot mandou trazer cabras para que o *Billy* pudesse escolher a sua própria companheira.

O meu coração aperta-se à medida que outra peça do *puzzle* Elliot Miles se encaixa no lugar.

O resto do mundo tem a sua opinião sobre o meu homem – bem, eu conheço-a bem, já a partilhei. Mas, agora, consigo vê-lo realmente. Aqui está ele, o epítome do poder, no seu fato de dez mil dólares… A preocupar-se com os sentimentos dos seus animais de quinta.

Com muitos balidos e cheiradelas, o *Billy* fica perto de uma cabra. É de cor pálida e tem um rosto bonito. Também parece gostar dele. O Elliot afasta-se, de braços cruzados, e acaba por falar.

– Ficamos com aquela.

Ata-lhe a corda ao pescoço e leva-a para o cercado, e o *Billy* corre atrás deles.

Vira-se para os homens do camião.

– Muito obrigado. Enviem-me a conta.

Os homens começam a reunir as cabras no camião.

É capaz de ser a coisa mais querida que já vi.

Saio do carro, vou para dentro e, ao subir as escadas, olho para trás e vejo o Elliot e

as suas duas cabras ao longe, e um sorriso cruza-me o rosto.

Casanova Miles, extraordinário casamenteiro de cabras.

– Tens tudo?

– Sim.

O Elliot leva a minha mala pela porta da frente.

– Oh, esqueci-me do computador. – Subo as escadas, duas de cada vez. – Só um momento.

– Despacha-te. Porque é que te esqueces sempre de alguma coisa? – diz enquanto desaparece para se juntar ao Andrew.

Partimos hoje para Nova Iorque, e eu estou entusiasmada, nervosa e agitada, e quase não dormi ontem à noite por pensar demasiado em cada pequena coisa. Sei que não devia estar nervosa, mas não consigo evitar, estou.

Nova Iorque é território da Miles Media, e sinto mesmo que esta é uma semana decisiva para nós.

Olho-me uma última vez ao espelho e engulo o nó na garganta.

Que os deuses estejam comigo.

Doze horas mais tarde, o porteiro abre a porta do apartamento do Elliot em Nova Iorque, e o ar deixa-me os pulmões.

Vidro de parede a parede com a vista mais espetacular sobre uma cidade que alguma vez vi.

É enorme, grandioso e supermoderno, e lembro-me imediatamente com quem estou.

Um magnata da Miles Media.

Filho de um dos homens mais poderosos do mundo.

É fácil esquecer com quem estou quando ele está a gritar com as cabras em cuecas.

Mas aqui…

O poder que emana dele, a forma como o pessoal do andar de baixo se agitou quando o viu, este apartamento.

A sua vida.

Faz com que o tempo que passamos juntos pareça tão insignificante, ou talvez seja apenas eu que me sinta insignificante.

Sabia que vir aqui com ele me iria confundir, dar uma espreitadela à vida que ele vive.

À vida que deixou.

Atravesso o apartamento com o coração na garganta; ele fica em silêncio enquanto me observa.

– É lindo – sussurro, nervosa.

Nunca me senti tão deslocada como me sinto aqui.

Aperta os lábios como se estivesse a impedir-se de dizer algo.

– Queres uma bebida, querida? – aceno.

– Vinho?

– Tequila.

Ri-se, claramente divertido.

– Tequila a sair.

O telemóvel do Elliot a tocar na mesa de cabeceira acorda-nos, e ele franze o sobrolho.

– Elliot – sussurro. – O teu telemóvel.

– Deixa-me – murmura.

– Pode ter acontecido alguma coisa em casa.

– O quê? – Levanta-se e atende.

– Feliz aniversário – ouço uma voz dizer de forma clara.

Sento-me. O quê? É o aniversário dele?

– Vai-te lixar, Tris, é muito cedo para esta merda – resmunga sonolento enquanto esfrega os olhos.

– O que estás a fazer? – ouço a voz perguntar.

– Acordaste-me.

– Estás sozinho?

Ele revira os olhos.

– Sim. Estou sozinho. – Aproxima-se e apalpa-me o mamilo com força, e eu esforço-me para me afastar dele.

– Despacha-te e anda ao escritório, a mãe e o pai vêm ver-te às nove.

– Sim, sim. – E desliga.

– É o teu aniversário? – sussurro, de olhos arregalados.

– E então?

– E quando é que me ias contar?

Sorri e vem para cima de mim, segurando-me as mãos por cima da cabeça.

– Porque achas que te trouxe aqui?

– Porquê?

– Bem, não seria um dia feliz para mim – os seus lábios tocam os meus – se não te visse.

Sorrio para o meu homem lindo. Não lhe comprei um presente, quero fazer-lhe algo especial.

– Vou preparar o pequeno-almoço.

– Fico feliz por te comer.

Rio-me e rastejo para sair debaixo dele.

– Não, logo à noite. Tens de ir.

Preciso de lhe arranjar um presente, hoje… Porra. Que raio se compra a um homem que tem tudo?

Levanto-me da cama, visto os meus calções e a *T-shirt* que ele usou ontem à noite.

– Há comida? – pergunto.

– Sim, deve ter sido abastecido. Não precisas de cozinhar, podemos comer fora.

– Aqui, podemos ser vistos juntos? – franzo o sobrolho de surpresa.

– Estamos em Nova Iorque. Aqui tenho muito mais privacidade durante o dia.

– Como assim?

– Há celebridades bem mais excitantes para os *paparazzi* perseguirem. À noite, é uma história diferente, mas, durante o dia, está tudo bem. Londres é como um aquário sem sítio para se esconder.

– Oh – dirijo-me até à porta. – Vou preparar-te o melhor pequeno-almoço que alguma vez viste.

Ele levanta-se, completamente nu, agarra em mim e envolve-me com as pernas à volta da sua cintura. Os seus lábios tomam os meus, e ele abre a porta do quarto.

– Mas primeiro – e sai do quarto enquanto me segura –, vou comer-te em todas as superfícies duras deste apartamento.

Rio-me enquanto nos beijamos.

Ouvimos o suspiro de uma mulher.

– Elliot.

Viramo-nos e vemos o Jameson, o Tristan, o Christopher e o Sr. e a Sra. Miles ali parados. A Sra. Miles tem um balão de «Feliz Aniversário» na mão e os seus olhos estão arregalados.

– Mãe – suspira o Elliot.

A boca de toda a gente abre-se de horror.

– Surpresa – o Jameson sorri enquanto eleva a sobrancelha.

Oh, foda-se. O sangue escoa-me do rosto.

O Tristan inclina a cabeça para trás e desata-se a rir.

O meu pior pesadelo acabou de se tornar realidade.

Capítulo Vinte e Um

O Elliot corre para o quarto e bate com a porta.

Horrorizada, olho para a sua família.
Os olhos do Christopher estão tão arregalados como pires.

– Kathryn Landon – sussurra, chocado.

A porta do quarto abre-se de novo num ápice, e o Elliot agarra no meu braço e arrasta-me lá para dentro, batendo a porta atrás de nós.

Ponho as mãos por cima dos olhos.

– Não, não, não, não – sussurro. – Isto não aconteceu. Diz-me que isto não aconteceu.

O Elliot está a andar de um lado para o outro, com as mãos no cabelo.

– O Tristan é um homem morto, porra! – fumega.

Bato-lhe com as duas mãos no peito como um tambor enquanto perco o controlo e entro em pânico.

– Oh, meu Deus, Elliot. Vão pensar que sou uma prostituta. Vão pensar que sou uma prostituta.

– Pensas que tens problemas, porra? – sussurra com raiva, enquanto aponta para o sexo: parece duro e zangado. – Não é exatamente o que quero mostrar à minha mãe antes do pequeno-almoço, Kathryn.

– Elliot – diz o Tristan através da porta.

– Prepara-te para morrer, idiota – sibila o Elliot.

– Devemos… ir embora?

– Sim. Não. Quero que o pai e a mãe conheçam a Kate – diz.

Apoio a cabeça nas mãos.

– Já me conheceram, por ser uma prostituta ordinária – sussurro em desespero.

Os olhos do Elliot crescem.

– Só um minuto – diz em voz alta. – Veste-te – sussurra ao entrar no *closet*.

Corro atrás dele como uma criança.

– O que lhes vou dizer?

Ele olha-me como se estivesse completamente sem palavras e, depois, encolhe os ombros.

– Que gostas do meu pau.

A situação deixa-me de rastos, ponho as mãos sobre a boca e desato a rir.

– Podes falar a sério? – sussurro.

– Ouve, não sei o que deves dizer – vasculha a minha mala. – Tenho as minhas próprias preocupações. Acabei de mostrar à minha mãe o meu capacete peludo.

Rio-me com força, tentando manter-me calada.

– Que raio é um capacete peludo?

– Um desordeiro colossal. – Atira-me um vestido. – Veste-te. Caraças.

O Elliot veste as calças de ganga ao estilo comando e atira uma *T-shirt* para cima da cabeça. Olha para a sua zona das virilhas.

– Agora, decides descer, depois de já teres arruinado a minha vida – sussurra com raiva.

Sorrio enquanto enfio o meu vestido por cima dos ombros e o puxo para baixo, corro para a casa de banho, aliso o meu vestido e lavo rapidamente a cara.

O Elliot vai até à porta e estende-me a mão.

– Anda.

Fecho os olhos, o medo preenche-me todas as células.

– Está tudo bem, não te preocupes.

Os meus olhos procuram os seus.

– Está mesmo tudo bem?

– Nem lá perto, é péssimo. – Abre a porta e puxa-me para fora do quarto. Encontramos a sua família sentada na sala de estar.

O Christopher, o Jameson e o Tristan estão todos com sorrisos patetas, como se isto fosse a melhor coisa que alguma vez tivesse acontecido. A mãe e o pai estão pensativos e no outro sofá.

– Mãe, pai – o Elliot tem a mão no ar. – Esta é a Kathryn. Kathryn, estes são a Elizabeth e o George, os meus pais.

A mãe finge um sorriso e levanta-se.

– Prazer em conhecer-te.

– Lamento imenso – sussurro enquanto aperto a sua mão. – Conhecê--los assim é o meu pior pesadelo.

O George levanta-se.

– Podia ter sido pior, querida, podias ter estado numa dessas superfícies duras.

Os rapazes desatam todos a rir, e as minhas bochechas aquecem com um fogo ardente. Nunca me senti tão envergonhada em toda a minha vida.

– Isso seria impossível. Sou virgem, pai – murmura o Elliot enquanto beija a bochecha da mãe. – Desculpa, mãe.

Ela sorri adoravelmente para o seu filho.

– Não faz mal, querido, desculpa interromper.

Ela volta a sua atenção para mim.

– Então… Kathryn.

– Kate – o Elliot corrige-a.

O coração bate com tanta força no meu peito que consigo ouvi-lo.

– Kathryn, trabalha para nós, correto? – pergunta o George.

– Sim, senhor – encolho-me. Matem-me já.

– É a diretora do departamento de informática, em Londres. – O Elliot sorri, orgulhoso. – Muito boa no seu trabalho.

A Elizabeth sorri suavemente e observa-me. Consigo sentir o seu olhar enquanto avalia cada centímetro.

– Quem quer café? – o Tristan levanta-se.

– Eu – respondo demasiado rápido.

– Eu, por favor. Sim, eu também – respondem todos.

O Tristan olha para o Jameson e o Christopher.

– Venham ajudar – diz. – Os rapazes levantam-se, e o Tristan dá duas pancadas na mesa quando por lá passa. – Isto *é que* é uma superfície dura.

O Jameson ri-se ao passar por um armário, batendo-lhe duas vezes também.

– Como pedra – diz. – Desaparecem na cozinha e ouvimos mais duas pancadas fortes na parede.

– Encontrei mais uma – diz o Christopher.

O Elliot aperta a ponte do nariz, e o George sorri.

– Não lhes ligues, querida, as coisas pequenas divertem as mentes pequenas – e caminha atrás deles.

– Então, esta é a rapariga que trouxeste a casa para eu conhecer? – diz a Elizabeth.

– É ela, mãe – responde o Elliot.

Os nervos estão à flor da pele.

– Não te preocupes com esta manhã, minha querida, estou mais que habituada. Criei quatro rapazes muito indisciplinados, convém nunca esquecer.

Aceno com a cabeça, grata pela sua bondade.

– O que vais fazer hoje, Kate? – sorri. – Gostava de te levar a almoçar.

O Elliot franze o sobrolho, pouco à vontade com a sugestão.

– Não é preciso, mãe…

– Que ideia, Elliot – corta-lhe a palavra. – Quando telefonaste e me disseste que tinhas alguém que querias que eu conhecesse, presumi que ela era de Nova Iorque.

Os meus olhos passam para o Elliot: *telefonaste antes?*

– Mas agora que sei que tenho pouco tempo para a conhecer, vou levar a Kate a almoçar. – Os seus olhos cintilam na minha direção. – Isto se ela quiser, claro.

Esta é a última coisa que eu quero fazer.

– Seria ótimo – minto.

O Elliot parece que acabou de engolir uma mosca.

Ela sorri.

– Vou pedir ao Henderson para te ir buscar à uma.

Aceno. *Por favor, Terra, engole-me num buraco, para nunca mais ser recuperada*.

– Ótimo.

Ela levanta-se.

– George – chama. – Vamos embora.

– Ainda não bebi o meu café.

– Bebemos um ao pequeno-almoço. – É óbvio quem manda aqui. Ela vira-se para mim. – Vejo-te à uma?

Aceno.

– E hoje temos um jantar de família em casa do Tristan. Podes conhecer todos os meus lindos netos.

Finjo um sorriso e aceno. Queria passar para o nível seguinte, mas isto está a ir demasiado depressa.

– Fantástico. – Quem me dera engolir uma mosca, uma mosca venenosa que me levaria ao hospital durante uma semana.

O George aparece e aperta-me a mão.

– Até logo à noite, querida.

Ela e George saem, e a porta fecha-se.

– Vocês estão todos mortos – grita o Elliot. – Por que raio os trariam para aqui? Que raio de esquema é este?

Os seus irmãos desatam a rir na cozinha.

O Tristan aparece ao virar da esquina com duas canecas de café.

– Isto foi a melhor coisa que já vi – e passa-me a caneca de café. – Aqui tens.

– Obrigada – sorrio enquanto lha tiro da mão.

Sento-me na beira do sofá e bebo-o; uf, é tão forte que sabe a gasolina.

Este é, literalmente, o dia dos infernos.

O Jameson dá um gole.

– Porra, que porcaria de café. – Faz uma careta.

O Christopher olha para mim com um sorriso sarcástico.

– Kathryn Landon, o que raio estás a fazer aqui? Tu *odeia-lo*.

– Talvez seja das superfícies duras que ela gosta – diz o Tristan com um piscar de olho atrevido.

O Jameson levanta o seu café no ar em gesto de cumprimento.

Sinto as minhas bochechas aquecerem de novo com o embaraço, e um sorriso obediente atravessa-me o rosto.

Matem-me já.

– Podem-se ir todos lixar? – diz o Elliot. – Ganhei cabelos brancos depois desta manhã. – Levanta-se e olha para o seu cabelo no espelho.

– A tua cara quando a mãe te deu os parabéns – diz o Jameson, e todos os rapazes

se riem, como se estivessem a imaginar mais uma vez. Começam a conversar, e os olhos do Elliot encontram os meus através da divisão, e sorri-me com suavidade.

Gosto de o ver assim, com os irmãos; não são nada como eu imaginava.

Divertidos, despreocupados e cheios de brincadeiras.

Surpreendentemente normais.

Olho para o meu relógio: 12h45. A Sra. Miles estará aqui em breve.

Porra.

Estou tão nervosa que podia morrer.

O meu telemóvel toca, e o nome «Elliot» aparece no ecrã.

– Olá, Sr. Miles – sorrio.

– Olá. Estás pronta para o teu almoço?

– Não – suspiro. – O que é que eu digo?

– Tudo, mas nada.

– O quê?

– A minha mãe quer apanhar-te sozinha para poder sacar informações.

– Tipo o quê?

– Ela é metediça.

– O que lhe digo?

– Nada. Não lhe digas nada.

Arregalo os olhos.

– E se ela me fizer perguntas?

– Oh, vai fazer. Não te preocupes com isso.

– O que respondo?

– Sê evasiva.

Fecho os olhos.

– Este dia é um pesadelo, Elliot – sussurro.

Ri-se.

– Trouxeste-me mesmo aqui para conhecer a tua mãe?

– Talvez.

– Porquê?

– Já te disse, não queria passar uma semana sem te ver.

O meu coração incha.

– E se ela não gostar de mim?

– Não importa, eu gosto.

Sorrio enquanto passo o dedo pela bancada.

– Isso conta para alguma coisa? – pergunta.

– Conta.

– Quando acabares de almoçar com ela, vem ter comigo ao trabalho.

– A sério? – suspiro. Meu Deus, tanta pressão num só dia. Tenho andado a correr

toda a manhã à procura da prenda perfeita.

– Vejo-te hoje à noite.

– Kate, é o meu aniversário.

Reviro os olhos.

– Está bem.

– Não bebas muito ao almoço – relembra-me.

Rio-me.

– A sério, ela odeia bêbados.

– Oh – está a falar a sério. – Está bem.

– E não lhe digas nada sobre nós.

Encolho os ombros. O que lhe poderia dizer? Nem sequer sei o que se está a passar.

– Está bem.

– E…

– Elliot – corto-lhe a palavra. – Estás a deixar-me mais nervosa do que já estou – balbucio.

– Desculpa – exala.

– Vejo-te à tarde?

– Certo. Adeus, querida.

Desligo e corro até à casa de banho para ver o meu aspeto uma última vez. Estou a usar um vestido preto de manga comprida que o Daniel me obrigou a comprar e saltos altos cor de pele com uma mala de mão a condizer. O meu cabelo está penteado e a maquilhagem é mínima.

Estou a tentar parecer sensata e elegante, não tenho a certeza se o consegui, mas, seja como for, isto é tudo o que tenho.

A campainha toca, saio a correr e carrego no intercomunicador.

– Olá.

– O seu carro chegou, Sra. Landon – responde uma voz masculina.

– Vou já para baixo.

Olho para o meu reflexo no espelho e solto um suspiro trémulo, pondo a mão sobre o estômago para tentar acalmar as borboletas. Em que estava a pensar quando concordei com isto?

Desço e saio para encontrar uma limusina preta estacionada no passeio, e os meus nervos atingem o ponto mais alto de sempre.

Foda-se.

O porteiro abre a porta de trás.

– Senhora Landon – acena.

– Obrigada.

Entro no carro e encontro a Elizabeth sentada no banco de trás; ela sorri calorosamente.

– Olá, Kate.

Está imaculadamente vestida com roupas de marca e parece uma bela modelo.

O seu ar endinheirado transborda, e tenho a certeza de que o Daniel se curvaria a seus pés. Imaginem os estilistas que a rodeariam.

– Olá. – A porta fecha-se; é demasiado tarde para fugir?

– Reservei uma mesa no meu restaurante favorito – sorri. – Espero que gostes.

– Tenho a certeza que sim. – Aperto as mãos no colo com tanta força que quase corto a circulação.

Quinze minutos depois, encostamos à porta de um restaurante elegante, e sigo-a para dentro.

– Sra. Miles. – Todos os empregados sorriem. – Que bom vê-la.

– Olá.

– A sua mesa é por aqui.

Somos encaminhadas para a nossa mesa, e a empregada pergunta:

– Querem beber alguma coisa?

– Sim – a Elizabeth sorri. – Queres vinho, Kathryn?

– Não, obrigada, não costumo beber – minto. – Só uma água mineral para mim, por favor.

– Oh – um ligeiro sorriso atravessa-lhe o rosto. – O mesmo para mim.

Os seus olhos prendem os meus, e ela coloca os dedos debaixo do queixo.

– Consigo perceber porque é que o Elliot está tão apaixonado por ti, és adorável.

Sorrio, acanhada.

– Ah…

A nossa água mineral chega, e ela serve um copo a ambas.

– O Elliot avisou-te para não me contares nada?

Raios.

Sorrio timidamente.

– Talvez.

– Ele é uma pessoa muito privada.

– Sim – aceno. – Eu sei.

Ela abre a ementa.

– Receio que, de todos os meus filhos, o facto de ter crescido sob as luzes da ribalta tenha tido maior efeito sobre o Elliot.

Franzo o sobrolho enquanto ouço.

– Guarda a sua privacidade com a sua vida e tenho a certeza de que há dias em que despreza o seu apelido.

– Não sei se…

– Bem, bem – corta-me a palavra. – Não há necessidade de arranjar desculpas, minha querida. Compreendo o ponto de vista dele.

– Qual é o ponto de vista dele? – sussurro.

– O Elliot é um sonhador – continua. – Vive num mundo onde é obrigado a ser realista, mas, no seu coração, é um romântico.

Sorrio; já sabia disso através da minha interação com o Ed.

– Sim, eu sei.

– Quando me telefonou na semana passada e me disse que ia trazer uma acompanhante para o seu jantar de aniversário, soube que devias ser especial para ele.

– Porquê?

– Querida – segura a minha mão por cima da mesa. – És a primeira mulher que ele nos apresenta.

O meu rosto descai enquanto olho para ela.

– Ele é um homem muito confuso – sussurro.

Ela dá-me um sorriso sabedor.

– Aguenta-te, querida. – Dá um gole na bebida. – Quando o Elliot se compromete com uma mulher, ela passa a ser o seu mundo.

Baixo a cabeça. Sei que ele me disse para não lhe dizer nada, mas se há uma mulher que o conhece melhor do que ninguém, é ela.

– Ainda estamos no início, ele nem sequer quer que ninguém saiba que andamos a sair juntos.

– Não tem nada que ver contigo – responde. – O Elliot odeia a imprensa, odeia a invasão da sua privacidade. Quando o apelidaram de «Casanova Miles», ficou mortificado; acredita que quando algo se torna propriedade das páginas de mexericos, deixa de ser especial ou de lhe pertencer.

Franzo o sobrolho.

– Viu o Jameson passar por batalhas públicas com os meios de comunicação social e as ramificações que isso causou na sua vida privada.

Escuto atentamente; não era assim que eu estava à espera que a nossa conversa corresse.

– Não quer isso para si nem para a sua parceira. À sua maneira, está a proteger-te.

– Quem poderia imaginar que uma família dos *media* odiaria tanto a imprensa? – digo.

– A ironia – sorri. – O Christopher contou-me a tua história e a do Elliot, nem sempre gostaram um do outro ou se deram bem?

– Não.

Sorri enquanto me observa.

– Porquê?

Foda-se.

Olho para ela, sem palavras.

Faz-me lembrar como era ter uma figura materna a pedir informações: é agradável.

Familiar.

Segura novamente na minha mão.

– Tenho a honestidade em grande conta, Kate.

Merda, isto foi código para… «Mente-me, cabra, e estás acabada». Raios, preparo-me para lhe dizer a verdade. Aqui vou eu.

– Pensava que ele era um mulherengo egocêntrico e presunçoso.

Ri-se de surpresa.

– O Elliot é *isso* tudo.

Sorrio também.

– Mas, se se conseguir ver por baixo de tudo isso, e não são muitas as pessoas que têm oportunidade de o fazer, ele é gentil, caloroso e generoso.

Fico bem-disposta; ela tem toda a razão.

– Eu sei – dou um gole da minha bebida. – Não leve isto a mal, Sra. Miles – sussurro eu. – Mas gostava que o Elliot fosse canalizador.

– Porquê?

– Porque assim viríamos do mesmo mundo, e eu não teria de o partilhar. E ele podia ser quem quisesse.

Põe a mão debaixo do queixo enquanto olha para mim.

Merda… Não devia ter dito isto. Passei os limites.

– Desculpe, não devia…

– Não faz mal, querida – corta-me a palavra. – Posso fazer-te uma pergunta, Kate?

Aceno.

– O que não gostas no Elliot?

– Hum – pauso. Porra… ele disse-me para não lhe contar nada, e aqui estou eu a ter uma experiência profunda e significativa. Caí na sua armadilha. *Que idiota, Kate.*

– Hum… pauso novamente.

– Sê honesta comigo. O que não gostas no Elliot?

– A sua arrogância, o seu dinheiro, o seu temperamento… – faço uma pausa ao tentar articular as palavras. – É fechado e frio, reservado e consegue ser mau…

– O que gostas nele? – interrompe.

Penso por um momento.

– O seu coração gentil.

Os seus olhos fixam-me e, por fim, sorri com suavidade.

– É bom conhecer-te, Kathryn – sussurra.

– Peço imensa desculpa por esta manhã – sussurro de volta. – Não imagina como estou horrorizada por nos termos conhecido assim.

– Oh, não te preocupes com isso – ri-se. – Sei como é o meu filho, não estou iludida. Não é de todo um anjo e a sua alcunha foi bem merecida.

Ela parece feliz; não tenho a certeza, mas acho que respondi bem às suas perguntas.

– Mal posso esperar para que conheças a Emily e a Claire esta noite.

Ponho a mão por cima da barriga.

– Estou tão nervosa.

– Não estejas – e sorri. – Temos estado à tua espera.

Chego ao último andar do edifício Miles Media, e as portas do elevador abrem-se para um espaço enorme e elegante.

É todo branco e totalmente luxuoso, com uma parede de vidro do chão ao teto e vista sobre Nova Iorque.

– Kathryn? – A rececionista sorri ao levantar-se.

– Sim.

Aperta-me a mão.

– Sou a Sammia – vira-se para a colega. – E esta é a Lindsey, dos Recursos Humanos.

– Olá – sorrio enquanto aperto as suas mãos; bem, isto é estranho. O Elliot esqueceu-se de mencionar que as funcionárias aqui são sensuais como tudo.

– O Elliot está à tua espera, o gabinete dele é o último à direita.

– Obrigada. – Percorro o longo corredor de mármore branco e bato na última porta à direita.

– Entre – chama a sua voz profunda.

Abro a porta timidamente, e ele levanta o queixo como se me estivesse a desafiar.

– Sra. Landon – diz. – Tem o relatório pelo qual estou à espera?

Prendo os lábios para esconder o meu sorriso; está a brincar ao faz de conta.

– Sim, senhor.

– Entra – grunhe.

Entro e fecho a porta.

– Tranca a porta. – Ele levanta-se.

Franzo o sobrolho e giro lentamente a fechadura.

– Já pensei no que quero para o meu aniversário, Sra. Landon – diz enquanto caminha à volta da secretária. – Ando a desejá-lo há cerca de sete anos. Chegou o momento de mo entregares.

Engulo o nó na garganta; do que está ele a falar? Bate com força, duas vezes, na sua secretária, e os meus olhos arregalam-se.

Oh, não, uma superfície dura.

Os seus olhos escuros dançam de excitação, e ele empurra tudo para fora da secretária.

– Elliot – sussurro.

E, depois, vem para cima de mim. Empurra-me contra a parte de trás da porta e beija-me com força.

– Elliot.

Morde-me o pescoço enquanto as suas mãos deslizam pelo meu vestido e pela parte da frente das minhas cuecas.

– Há pessoas lá fora – sussurro.

– Não te dei autorização para falar, Sra. Landon – rosna num sussurro.

Os seus dedos rodeiam os lábios do meu sexo, ele introduz um dedo e os meus olhos fecham-se.

– Elliot – gemo enquanto enfia outro.

Os seus olhos prendem os meus e começa a trabalhar-me com força, com grossas bombadas dos seus dedos enquanto me encosta à parede.

– Abre o raio das pernas, Landon – sibila.

As suas palavras rudes provocam uma onda de excitação, e ele sorri ao morder-me a orelha.

– Quero-te molhada, inchada. – Acrescenta outro dedo, e eu atiro a cabeça para trás contra a parede.

Raios.

O som do meu corpo húmido a sugá-lo ecoa pelo seu escritório.

– E se entra alguém? – gemo.

– Vão ter de esperar pela sua vez – e agarra num punhado do meu cabelo, arrastando a minha cara para junto dele. – Vais dobrar-te sobre a minha secretária. Vais abrir essa linda rata para mim. – Dá-me com força, o seu aperto no meu cabelo é quase doloroso. – E vais agarrar no meu pau e, depois, ajoelhar-te e beber-me.

Agarra-me o rosto.

– Percebes? – ordena.

Aceno com a cabeça, a excitação a gritar pelo meu corpo como nunca.

Arrasta-me para a secretária e empurra-me lá para cima; rasga-me o vestido e ouço o fecho da sua braguilha. O amante sensível que tenho tido ultimamente foi-se.

O Elliot Miles está cá em toda a sua glória.

Foda-se… *Tive saudades dele.*

Com uma mão agarrada ao meu cabelo, dá-me com força. O ardor da sua possessão estende-me, arde como nunca. Abro a boca enquanto tento lidar com ele, com a minha cara esmagada na sua secretária.

De perto e pessoal.

As suas mãos vão para os meus ombros, e ele cavalga-me com força, ecoando o som da nossa pele a bater.

Eles vão saber.

Geme, e pelo som gutural que faz, sei que está perto.

Retira-o e, num movimento, puxa-me para cima e empurra-me para ficar de joelhos, desliza o seu membro pela minha garganta e, com as suas duas mãos a agarrar-me o cabelo, vem-se num ápice.

Quase me engasgo; é muito homem para levar assim.

Os seus olhos escuros fixam os meus enquanto bombeia lentamente a minha boca, esvaziando-se completamente dentro de mim.

O seu peito sobe e desce ao respirar, o seu aperto no meu cabelo afrouxa.

Lambo os lábios.

– Feliz aniversário, senhor.

Um ligeiro sorriso atravessa-lhe o rosto quando se apercebe de que ainda estamos a brincar ao faz de conta, e fecha as calças.

– Levante-se, Sra. Landon.

Levanto-me, e ele puxa o meu vestido para baixo e endireita-o, passa os dedos pelo meu cabelo para o arranjar.

Lambo os lábios outra vez, entusiasmada por ele me ter chamado para o chupar no trabalho.

– É tudo, senhor? – sussurro.

Os seus olhos escuros focam-se nos meus.

– Por agora.

Dá a volta e senta-se atrás da secretária, recostando-se na cadeira.

A personificação da arrogância.

– Vou… voltar ao trabalho, Sr. Miles.

Acena enquanto pega na caneta.

Agarro na mala e caminho na direção da porta.

– Sra. Landon.

Viro-me para ele.

– Sim, senhor.

– Bom trabalho – inclina o queixo para o céu. – Excelentes capacidades de relatório.

Sorrio de forma patética.

Sacana.

– Faço o meu melhor, senhor.

Saio e caminho pelo corredor até à receção e, com o chefe delas literalmente na minha língua, despeço-me das suas secretárias.

O carro para em frente a uma casa enorme, e eu espreito para fora. O Elliot aperta-me a mão no colo.

– Preparada?

Finjo um sorriso.

– Depois do dia que tive hoje, quem sabe?

– Já te disse que adorei o meu presente? – sussurra enquanto me beija.

– Cerca de um milhão de vezes.

Na outra manhã, tirei uma fotografia ao Elliot no exterior, perto do lago. Foi tirada

de trás, ele está de fato e a olhar para a sua propriedade encantada. As patas estão à volta dos seus pés, e a neblina rola sobre as colinas. É uma bela fotografia e mandei-a emoldurar para lhe oferecer.

O que se oferece ao homem que tem tudo? Agora, já sei.

Sentimento.

Ele adora, porque é sentimental. Para ele, significa algo, tal como ele significa algo para mim.

Estar aqui em Nova Iorque, com a sua família, deu-me um pouco mais de conhecimento sobre este homem inconstante. Não é só difícil comigo, é difícil com toda a gente.

E não consigo dizer como é bom saber isso. Não sou eu, nunca fui eu, é ele.

Estacionamos o carro e dirigimo-nos para a porta da frente; o Elliot bate à porta enquanto sustenho a respiração.

O Tristan abre a porta à pressa.

– Olá – sorri ao olhar para nós, inclina-se e beija-me na bochecha. – Entrem.

O Elliot dá-me a mão e entramos numa grande sala de estar, uma colmeia de atividade.

– Esta é a Emily – apresenta-me o Tristan –, a mulher do Jameson, e este é o filho deles, o James.

– Olá. – O rapazinho parece ter cerca de três anos. Tem cabelo escuro e olhos azuis como o pai.

– Olá – a Emily sorri, inclina-se e beija-me a face. – Prazer em conhecer-te. Está com uma gravidez avançada. – A nossa filha Imogen anda algures por aqui – e sorri. – Tem vinte e três meses.

– Oh, tens muito que fazer.

– Como se lidar com o Jim não fosse suficiente – o Tristan sorri. – E esta é a minha mulher, Claire.

– Olá – a Claire sorri; não é de todo o que eu esperava. Naturalmente bonita, cabelo escuro.

Ele tira-lhe um bebé vestido de cor-de-rosa.

– Esta é a Poppy, e temos uma filha de dois anos algures por aqui, chama-se Summer.

Um grupo de crianças corre e grita pela casa.

– É esta – diz. – O pequeno humano mais barulhento que vais conhecer.

Rio-me.

– Olá.

– Rapazes – chama. – Venham cá, por favor.

Olho para cima e vejo dois adolescentes e um rapazinho a aproximarem-se.

– E estes são os meus filhos, Fletcher, Harrison e Patrick.

– Olá. – Todos apertam a minha mão educadamente. – Como estás?

– Vem juntar-te à festa – o Tristan sorri e estende a mão.

Olho para a sala de estar nas traseiras e vejo toda a gente a conversar e a rir, completamente descontraída, e solto um suspiro de alívio.

Talvez isto não vá ser assim tão mau.

Se o paraíso fosse uma semana, seria esta.

Deito a cabeça no peito do Elliot enquanto subimos para o seu apartamento no elevador, o seu forte braço à minha volta, e sinto-me completamente segura e protegida.

Dançámos e rimos, fizemos amor e fodemos.

Passei tempo com a sua maravilhosa família, e dizer que o Elliot Miles me fez viver um romance em Nova Iorque é o eufemismo do ano.

Dentro de poucos dias, regressamos a Londres, e nunca pensei dizer isto, mas não quero.

Quero ficar aqui, onde temos privacidade, e o Elliot tem os seus irmãos, e eu tenho as suas esposas, e não temos de nos esconder sob um manto de secretismo.

Em Londres somos só nós, mas aqui… há família. E sei que não são meus, mas são dele, e fizeram-me sentir tão bem-vinda.

Chegamos ao apartamento, e o Elliot leva-me pela mão até à cozinha, abre o congelador e tira um balde de gelo prateado.

– O que é isto? – pergunto.

Tira dois *Cornettos* e entrega-me um; a emoção apodera-se de mim enquanto olho para o gelado na sua mão.

– Pensei que podíamos brindar a Nova Iorque.

Olho-o através das lágrimas e sei que, se já não o amava antes…

Amo agora.

Fico a ver como desembrulha o meu e mo passa. Agarro no gelado e espero que ele desembrulhe o seu; depois, leva-me até à varanda e sentamo-nos na espreguiçadeira.

Eleva o seu *Cornetto*.

– A Nova Iorque.

Sorrio e bato o meu gelado no seu.

– A Nova Iorque.

Beija-me com ternura e, de seguida, lambe o gelado, e eu podia desatar a chorar enquanto o observo.

Tão atencioso.

– Não te preocupes – diz descontraidamente ao lamber o gelado. – Lambo-te a seguir.

Desato a rir.

– Idiota.

ELLIOT

Estou deitado na cama a remexer-me e a virar-me. A Kate está a dormir ao meu lado e já é tarde.

O meu telemóvel apita com uma mensagem, e franzo o sobrolho. Quem será? Agarro no telemóvel e leio a mensagem: é do detetive privado que contratei.

«Encontrámo-la.»

O quê?

Levanto-me à pressa e desço as escadas até ao meu escritório, fecho a porta e ligo-lhe.

– Olá.

– Encontrámo-la.

– Onde é que ela está?

– Em Nice.

Sorrio abertamente.

– Ela ainda tem os quadros?

– Não vai acreditar nisto.

– No quê?

– Ela não tem noventa anos.

– O quê?

– Tem vinte e nove anos e é linda.

Franzo o sobrolho.

– Como assim?

– Vou enviar-lhe uma imagem dela agora mesmo.

Abro o computador e espero. Recebo o ***e-mail***, sinto o coração a latejar.

Uma mulher loira, com batom vermelho. Linda de todas as formas. Alguém que já conheço e por quem me sinto atraído.

Conheço esta mulher, já a vi em leilões e andei atrás dela, sabendo, no fundo, que era suposto conhecê-la. Que havia ali alguma coisa.

A «Bailarina».

O pânico percorre-me.

– Organizei um encontro com ela na próxima semana, em Paris – diz. – Sei há quanto tempo procura esta mulher e não consigo imaginar como deve estar entusiasmado.

– Sim – respondo enquanto o mundo gira sobre o seu eixo.

Não… Porquê agora?

– Envio-lhe os pormenores amanhã.

– Está bem.

– Boa noite, senhor.

Desligo e volto para o quarto atordoado, com o coração a bater forte e depressa.

Será este o sinal pelo qual estive à espera?

Deito-me na cama ao lado de Kate e tomo-a nos meus braços enquanto a tristeza me invade.

– El – murmura a dormir.

Seguro-a com mais força.

– Amo-te – sussurra.

Fecho os olhos com arrependimento.

Foda-se.

Exalo profundamente enquanto vejo o jogo no ecrã. Estou num bar, sentado num banco alto, ao fundo, à espera

dos meus irmãos. Carrego o peso do mundo nos meus ombros e, porra, preciso de resolver isto.

Vejo-os entrar pela porta da frente, em profunda conversação e, depois, dirigirem-se a mim. O Jameson vai diretamente ao bar.

– Aqui está ele – o Tristan dá-me três palmadas fortes nas costas e cai no banco ao meu lado. – O que é tão importante que temos de nos encontrar num bar às – olha para o relógio – onze e cinquenta da manhã?

Reviro os olhos.

– Tudo.

O Christopher franze o sobrolho do outro lado da mesa.

– O que se passa?

– O destino está a lixar-me, é isso.

O Tristan eleva uma sobrancelha.

– ***Strap-on*** ou picha?

O Christopher ri-se enquanto desliga o telemóvel e o coloca em cima da mesa.

– Podes estar caladinho, porra? – disparo. – Já sei que posso confiar em ti para fazeres da minha vida uma anedota.

– É cómica – diz, secamente.

– E tu és um palhaço.

O Jameson chega com um tabuleiro de cervejas, coloca-as à nossa frente e senta-se num banco, olhando para mim.

– O que foi?

– A minha vida é a merda de um desastre – ironizo.

Ele revira os olhos.

– Que dramático.

– O que foi agora? – diz o Christopher.

– Bem, estou feliz.

Assentem.

– E sabem que sou obcecado pela Harriet Boucher, e que tenho um detetive privado à sua procura há mais de seis meses, certo?

– Sim – respondem todos.

– E sabem que há anos que vejo aquela linda mulher loira nos seus leilões e nunca mais a consegui encontrar? E que senti uma ligação com ela como se fosse alguém que eu devesse conhecer?

– A «Bailarina»? – pergunta o Tristan.

– Essa mesmo. – Dou um gole da minha cerveja; esta história é absolutamente horrível.

Todos se recostam enquanto ouvem.

– Recebi um ***e-mail*** do detetive privado ontem à noite. Encontrou a Harriet.

– Isso é ótimo – o Christopher sorri.

– Ela é a «Bailarina». – Os seus rostos descaem. – É suposto encontrar-me com ela em França, na próxima semana.

O Jameson recosta-se na sua cadeira.

– Bem, isso é tramado.

– E a Kate disse-me que me amava ontem à noite.

Todos piscam os olhos, chocados.

– Por isso, tenho estado sempre à espera de um sinal do universo. Acreditava que iria ter aquele encontro destinado ou o que quer que fosse. Tenho andado obcecado por uma mulher e à procura dos quadros de outra mulher. E descubro que são a mesma pessoa na noite em que a minha nova namorada… pronto, já disse… – levanto os dedos e coloco a palavra «namorada» entre aspas… – me diz que me ama.

Os seus rostos descaem.

– E acho que amo a Kate… Na verdade – corrijo-me –, sei que estou apaixonado pela Kate.

– Caraças… – o Jameson estremece.

Os olhos do Tristan arregalam-se, e o Christopher enche as bochechas com ar.

Olho para os três enquanto espero pela sua reação.

– Bem, vão dizer alguma coisa?

O Jameson enrola o lábio.

– Estás tramado.

O Tristan e o Christopher acenam em acordo.

– Bem, qual é o teu processo de pensamento? – pergunta o Tristan.

– Não dormi. Passei a noite a analisar diferentes cenários.

– Tais como?

– E se a Harriet for a mulher com quem é suposto eu estar? Desde o primeiro dia em que vi o seu quadro, soube que ela era especial. Adorei a «Bailarina» à distância, e descobrir que são a mesma pessoa é… – faço uma pausa enquanto tento articular as palavras – perturbador.

Todos ouvem com atenção.

– Mas depois há a Kathryn. Odiámo-nos durante tanto tempo. Nunca estive atraído por ela. Um dia, foi como se uma lâmpada se tivesse acendido e eu não conseguisse pensar noutra coisa. – Dou um gole da minha cerveja, deprimido. – Ela é… – pauso. – Tão linda.

O Jameson franze o sobrolho.

– Há muito tempo que não te via tão feliz.

– Sim. Desde que eu e a Kate nos juntámos, passamos quase todas as noites na companhia um do outro.

– Todas as noites? – o Christopher franze o sobrolho. – Tipo, realmente todas as noites?

– Sim, não consigo suportar a ideia de ela voltar para casa, nem que seja por uma noite.

O Tristan segura a testa e apoia o cotovelo na mesa.

– Estás completamente lixado.

– Bem, o que vais fazer? – pergunta o Jameson. – Quais são as opções?

– Posso ficar com a Kate e ter sempre arrependimentos e perguntar-me «E se?»

Todos se retraem.

– Ou vou ter com a Harriet e tento com ela, e deixo a Kate.

– Consegues deixar a Kate? – pergunta o Christopher.

– Não sei – suspiro com tristeza. – Sei que se deixar a Kate agora, serei o maior idiota de toda a História.

Todos ouvem.

– Não andei com joguinhos. Tenho sido completamente eu próprio e não me tenho retraído de todo.

Todos se retraem novamente.

– É por isso que não me vou apaixonar tão cedo – diz o Christopher. – Nem pensar que vou dar os meus tomates numa bandeja a uma mulher.

O Tristan revira os olhos.

– Essa afirmação é a razão pela qual não estás numa relação. Quando amas alguém, dás-lhe o teu coração, não o raio dos teus tomates, seu idiota.

O Christopher dá um gole na cerveja.

– A minha mulher vai receber os meus tomates diretamente na sua garganta.

Todos rimos enquanto damos um gole e, depois, ficamos em silêncio.

– Então… E agora? – pergunta o Jay.

– Sinto que a Harriet me está destinada. Sei que vocês não acreditam no destino. Mas eu acredito, sempre acreditei.

– Olha, nunca acreditei no destino. Sempre pensei que ia conhecer uma jovem bonita e que ia ser fácil – diz o Tristan.

Ouço com atenção.

– Depois, conheci a Claire, e tudo o que eu pensava que queria foi por água abaixo. Os filhos dela odiavam-me, e tive de lutar com unhas e dentes para a convencer a gostar de mim. Nunca, num milhão de anos, imaginei a minha vida como é agora. Mas acredito, sinceramente, que estou onde devo estar. A Claire e aqueles miúdos estavam-me destinados, e o quadro geral do meu destino já estava traçado. Já eram a minha família muito antes de os conhecer; talvez mesmo antes de terem nascido, já estava decidido que acabariam por ser meus.

Exalo, mais confuso, e viro-me para o Jay.

– E tu?

– Bem – encolhe os ombros. – Pensei que a Claudia era o amor da minha vida – sorve da sua cerveja. – Afinal, ela estava apenas a fazer-me companhia até a Emily aparecer. Acredita em mim, ela também não é a pessoa com quem eu pensava que ia acabar.

– Mudarias alguma coisa?

– Por nada deste mundo.

Viro a minha atenção para o Christopher.

Levanta as mãos em sinal de rendição.

– Não olhes para mim, vou-me disfarçar para conhecer a minha mulher. Não quero uma ***socialite***.

– O quê? – todos franzimos o sobrolho.

– Um dia destes, vou tirar um ano sabático – diz o Christopher.

– O que é que isso significa? – diz o Jameson.

– Vou entregar os meus cartões de crédito, demitir-me e deixar crescer a barba – continua. – Fazer uma viagem de mochila às costas durante um ano. Uma espécie de recomeço. Vou voltar com alguém que me ame por mim.

Todos desatamos a rir.

– Tu – ironizo. – Foi a coisa mais ridícula que alguma vez ouvi. Tu, numa estância para mochileiros?

Rimo-nos ainda mais, imaginando-o com os animais selvagens e os percevejos. O Christopher está habituado ao luxo; morreria sem isso.

A atenção do Jameson volta-se para mim.

– O que vais fazer?

– Sei que não posso viver a minha vida com arrependimentos ou a pensar «E se?» – suspiro.

– Então, vais a Paris? – o Christopher franze o sobrolho. – Assim, sem mais nem menos?

Fico em silêncio, sem certezas.

– És estúpido se estragas tudo com a Kate – diz. – O facto de ela gostar de ti é inacreditável, o facto de ela te amar é um milagre.

Levanto os olhos para o olhar.

– Tens algo especial com ela; agarra-o com ambas as mãos e não o largues.

– De acordo – diz o Tristan.

– Acho que tens de ir a Paris – o Jameson suspira. – Tens de saber, de uma vez por todas. Vais mesmo viver a tua vida a pensar «E se»? Será justo para a Kate começares uma relação com isto já a pairar sobre a tua cabeça?

O meu peito aperta quando olho para os meus irmãos, e sei que não há uma resposta certa ou errada para isto.

Estou lixado se o fizer, e lixado se não o fizer.

Capítulo Vinte e Dois

KATE

O carro para no asfalto, e olho para o Elliot. Está pensativo e a olhar pela janela. A um milhão de quilómetros de distância.

Tem estado calado nos últimos dias; deve ser-lhe difícil deixar a sua família.

O motorista tira as nossas malas da bagageira e leva-as para o avião.

– Estás pronta? – pergunta o Elliot, com uma voz calma e monótona.

Sorrio com um aceno.

– Acho que sim. – Inclino-me para o beijar, e ele beija-me rapidamente e abre a porta.

– Eles estão à espera.

Oh. Exalo; desde quando é que se importa se as pessoas estão à sua espera? Presumo que não lhe apetece beijar, então.

Agarra na minha mão, ajuda-me a sair do carro e, depois, leva-me pelas escadas até ao avião. Sentamo-nos, e ele fica a olhar para a janela, profundamente pensativo.

– Hoje, vou ver o meu filme preferido durante o voo – sorrio.

– Qual é? – pergunta.

– *O Grande Showman*.

Ele sorri como que divertido, e observa-me enquanto se recosta no encosto do banco.

– Porque é que esse é o teu filme preferido? – pergunta-me.

– Não sei – encolho os ombros com um sorriso. – É sobre sonhos que se tornam realidade para os sonhadores.

Franze o sobrolho antes de o disfarçar rapidamente.

– Parece aborrecido.

– Não é, vais ver.

– Vou para a minha secretária depois da descolagem, tenho trabalho a fazer.

– Oh.

Segura na minha mão enquanto o avião começa a descolar na pista.

– Vais ter de o ver sozinha.

Agarro-lhe na mão e beijo-lhe as costas.

– Um dia, vou amarrar-te para o veres.

Ri-se.

– Não se eu te amarrar primeiro.

Ponho a cabeça no seu ombro.

– El.

– Sim, querida?

– Obrigada por me teres levado a conhecer a tua família; são mais maravilhosos do que alguma vez esperei.

Acena.

– Pois são. – Fica a pensar por um momento. – Mas se eu ouvir algum deles bater duas vezes em qualquer coisa mais uma vez, sou capaz de estrangular alguém.

Rio-me.

– Acreditas que foi assim que conheci a tua mãe?

– Aconteceram muitas coisas inacreditáveis esta semana – olha fixamente para a frente, parecendo ficar sério.

O avião descola, e sorrio enquanto olho pela janela. Mal posso esperar para enviar uma mensagem ao Ed e falar sobre a semana.

Recebo 10% da minha informação do Elliot, e os outros 90% dos seus sentimentos vêm do Ed.

No entanto, tenho de admitir que as últimas duas semanas foram um sonho tornado realidade nos braços do Elliot. Não podia pedir um amante mais adorador e terno.

E divertido, também.

– Como estarão as raparigas? – pergunto.

Um grande sorriso atravessa-lhe o rosto, o primeiro do dia.

– Espero que tenham estado a guardar o lago como lhes foi ordenado.

O meu coração incha.

– Que cara é essa? – ele eleva a sobrancelha. – Em que pensas quando olhas para mim assim?

Deixo cair a cabeça e sorrio timidamente.

– Não é tanto um olhar, mas um sentimento.

Ele fita-me.

– Quando estás feliz, isso faz-me feliz – sussurro. – Quando sorris, sorris mesmo, sinto-o até aos ossos.

Franze o sobrolho, baixa a cabeça e olha para os seus sapatos.

Beijo-lhe o ombro.

– És muito especial para mim, Elliot – sussurro. – Sabes disso, não sabes?

Ele inala bruscamente e inclina-se para a frente no seu lugar.

– Tenho de trabalhar. – Levanta-se, tira a pasta dos arrumos por cima de nós e leva as suas coisas para a secretária, algumas filas atrás.

Viro-me para trás.

– Última oportunidade para ver *O Grande Showman* – bato as pestanas para tentar parecer gira.

– Dispenso – diz ele, sem rodeios, enquanto se senta no seu lugar.

Rio-me, coloco os auscultadores e clico no ecrã. O Sr. Empresário Chato chegou.

O avião aterra, e eu franzo o sobrolho: o Elliot ainda está na sua secretária a trabalhar. Não se aproximou de mim durante todo o voo.

Quer dizer, sei que tinha de trabalhar, mas… nem parece dele.

Ele aparece ao meu lado e abre o compartimento.

– Como foi o teu filme? – pergunta.

– Bom, ótimo – sorrio. – Já trabalhaste tudo?

– Não, nem tudo.

Parece stressado.

– Há algo em que possa ajudar?

– Não – e estende-me a mão. – Anda.

Ele agradece à tripulação, e descemos as escadas; o Andrew e o *Bentley* estão à espera.

– Olá, Kate – sorri enquanto coloca as nossas coisas na bagageira. – Espero que tenhas tido uma boa semana.

– Olá, Andrew – irradio. – Foi uma semana ótima.

O Elliot entra no carro e bate com a porta.

– Deixa a Kate em casa dela, por favor, Andrew.

Os olhos do Andrew olham-no pelo espelho retrovisor.

– Sim, senhor.

Franzo o sobrolho para o Elliot.

– Tenho trabalho, querida – sussurra.

– Não me importo.

Segura-me na mão e beija-me a ponta dos dedos.

– Não te vou deixar lá sentada sozinha enquanto trabalho. Vai para casa e vê os teus amigos.

Olho-o fixamente: *passa-se alguma coisa*.

– Está tudo bem? – sussurro.

Encara-me enquanto aperta os lábios, como se estivesse a impedir-se de dizer algo.

Sinto o coração a latejar.

Se há uma coisa que sei sobre o Elliot Miles é que não consegue mentir. A sua incapacidade de responder a esta pergunta só veio cimentar as minhas preocupações.

Passa-se alguma coisa.

O que é?

O olhar do Elliot dirige-se para o exterior e, com o cotovelo na janela, observa o mundo a passar. A minha mão está apertada na sua mão, mas ele não está aqui comigo, está a quilómetros de distância.

Só não sei onde.

Chegamos a minha casa, e o Elliot sai e vai buscar a minha mala.

Não quero estar aqui, quero ir para a Quinta Encantada, ver as meninas e como está a cabra *Gretel*.

– Levo a tua mala pelas escadas – diz-me.

– Eu consigo – corto-lhe a palavra.

Olha-me fixamente e, não sei porquê, tenho a sensação de que tem o peso do mundo nos ombros.

– Adeus, querida – beija-me suavemente. Inclino-me para o beijo, e ele afasta-se. – Vemo-nos amanhã.

Aceno com a cabeça e, antes que possa responder, ele volta para o carro, e a porta fecha-se.

Passo a minha mala para o outro lado da rua, e o carro arranca. Franzo o sobrolho enquanto o observo a desaparecer.

O que foi isto?

Carrego a minha mala pelos degraus e abro a porta da frente do apartamento.

– Olá – digo. – Estou em casa.

Silêncio.

Os meus ombros descaem.

– Ótimo, nem estão em casa. – Exalo e começo a arrastar a minha mala escadas acima.

Bem, suponho que algum tempo para mim me vai fazer bem.

Já não o faço há muito tempo.

Vou fazer um tratamento no meu cabelo e uma máscara facial, pedir um Uber Eats. Sorrio ao ver o meu pequeno quarto.

Uma noite sem o Elliot Miles não me vai matar.

É tarde, e estou deitada na escuridão.

Enviei uma mensagem ao Ed ao início da noite, quando cheguei a casa, mas ele ainda não respondeu.

O Elliot também não ligou para dizer boa noite. Nem parece dele, normalmente é tão atencioso.

Estranho.

Será que tinha algum compromisso? Ia a algum lado?

Tenho uma sensação de enjoo no estômago, como se algo estivesse errado, mas não sei o quê. Quer dizer, ele foi um pouco evasivo hoje, mas certamente não o suficiente para justificar esta ansiedade.

Será que o meu instinto me está a dizer alguma coisa?
O meu telemóvel apita com uma notificação, e eu sorrio. Ed.
Levanto-me da cama, agarro no telemóvel e acendo o candeeiro de mesa.
«Olá, Pinkie.
Desculpa não te enviar mensagem há alguns dias. Estive fora, fui ver a minha família.
Como estás?»
Sorrio e respondo:
«Não faz mal, tive saudades tuas.
Fala-me sobre a tua viagem.»
A sua resposta chega.
«A minha viagem foi incrível, a Kate veio comigo e conheceu a minha família. Embora devesse ter percebido que tudo estava a correr demasiado bem.»
Franzo o sobrolho. O quê?
«Porquê, o que aconteceu?»
«Recebi um *e-mail* ontem à noite, finalmente encontrei a artista que andava à procura.»
Sorrio. Oh, meu Deus. Ele encontrou-a.
O entusiamo preenche-me.
«Isso é fantástico!»
«Não, não é.»
«Ela não é uma velhota como eu pensava, é jovem e bonita.
Solteira.»
Franzo o sobrolho. O que é que isso significa?
Continuo a ler.
«Eu sei quem ela é, já a vi em leilões e tive vontade de a seguir para a convidar a sair. Sempre senti que era alguém que supostamente devia conhecer.
Procurei-a, até fiz com que os meus irmãos a seguissem uma vez.
E agora descobrir que eram os seus quadros que me chamavam há tanto tempo…
Receio que o meu destino me tenha vindo buscar quando finalmente encontrei alguém que me faz feliz.»
Não.
Espera…
Volto a ler a última mensagem, e o meu peito aperta-se.
O quê?
Apoio a cabeça nas mãos; isto não pode estar a acontecer.
Não.
«Acreditas que esta mulher, a artista, é o teu destino?»

«Não quero ter arrependimentos.

Não consigo seguir em frente com a minha vida e arrepender-me para sempre de não ter ido ter com ela e de descobrir o que poderia ter acontecido.

Esta mulher tem estado no meu coração muito antes de qualquer outra pessoa.»

As palavras esbatem-se à medida que as lágrimas me toldam a visão.

«E a Kate?»

«Estou confuso.

Pela primeira vez na minha vida, sinto-me feliz com o sítio onde estou e com quem estou.

Sinto-me completo, e ainda assim… Não consigo parar de pensar que tenho de ir ter com ela.

Para ver por mim próprio se é aqui que devo estar.

Porquê agora?

Porque é que só a encontrei agora, quando andei sempre à procura dela?

Porque é que o destino foi tão cruel ao entregá-la quando gosto tanto de outra pessoa?»

Soluço alto.

Vou perdê-lo.

«O que devo fazer, Pinkie?»

Fecho o computador.

O nó na garganta é grande e doloroso, e enxugo as lágrimas com raiva.

Isto não vai acontecer. Digam-me que isto não vai acontecer, porra.

Começo a andar de um lado para o outro. O que respondo?

O pior é que já sei o que uma amiga diria.

Uma amiga dir-lhe-ia que devia ir ter com ela, que devia seguir o seu instinto e descobrir se ela é a pessoa que procurou desde sempre.

Que ele é estúpido se ignorar o seu coração, porque nunca está errado. Como é que ele podia ignorar este sinal e estar com outra?

Mas amo-o.

Dói-me o peito e soluço alto.

Uma profunda sensação de pavor enche-me todas as células.

Entro na casa de banho e ligo a água quente do chuveiro, entro e choro.

São três da manhã. Estou deitada na escuridão.

Uma sensação de pavor corre-me lentamente nas veias, como se a esperança se esvaísse, e sei que, por vezes, a vida não é justa.

Durante o último mês, senti-me mais feliz do que me sentia há anos. O Elliot levou-me para sua casa, partilhou os seus animais de quinta e mostrou-me como era ser verdadeiramente bem tratada. Apresentou-me à sua família e, pela primeira vez

em muito tempo, senti-me incluída, como se fosse um deles.

A ideia de não voltar a ver a sua família é mais um golpe no coração.

Elizabeth.

Sei que estou no precipício da mágoa e não consigo sequer começar a compreender as profundezas da escuridão que me espera caso ele se for embora.

Amo-o.

Talvez mais do que me amo a mim própria, porque a sua felicidade é o que mais quero acima de tudo.

Quero-o realizado, e de que me serve tê-lo se o seu coração está com ela? Fico com um nó doloroso na garganta, porque, no fundo, sei a verdade.

Esteve sempre com ela.

Oh… Isto dói.

O pior é que nem sequer lhe posso dizer que sei.

Este jogo estúpido de conversar *online*… voltou para me assombrar.

Isto é o que se ganha por mentir a alguém, Kate.

Mereço tudo o que estou a passar e ainda mais.

Enganei o Elliot durante semanas e sabia que era errado e ia contar-lhe, mas nunca chegou o momento certo.

Pensei que era inofensivo, mas agora sei que não é.

Com a respiração trémula, levanto-me e abro o computador. Escrevo para o Ed.

«Devias seguir o teu coração, Ed.»

A resposta chega imediatamente. Porque é que ele ainda está acordado?

«Não quero magoar a Kate.»

Franzo o sobrolho, em lágrimas. Demasiado tarde. O ecrã do computador está desfocado.

«É com o teu coração que tens de viver,

segue-o.

A Kate ia querer que fosses feliz.

Ela ama-te.

Xoxo»

Olá, escuridão, minha velha amiga.

Já há algum tempo que não me agraciavas com a tua presença, não posso dizer que tenha sentido a tua falta.

Sento-me à minha secretária e fico a olhar para a janela. São três da tarde e ainda não tive notícias do Elliot.

Não estou à espera de ter.

Um milhão de emoções percorreu-me: tristeza, arrependimento, raiva… mas, principalmente, desilusão.

Agora, vejo-o tão claramente: eu e ele divertíamo-nos, mas ele estava sempre à procura do sonho, do final de conto de fadas.

E não sou talentosa nem especial, muito menos extraordinária.

Nunca fui eu.

E odeio que, por um breve momento, me tenha esquecido disso – dói.

Lembro-me do amor que fizemos, das gargalhadas que tivemos. A ternura que partilhámos.

Parecia tão real.

Para mim, era como um conto de fadas, só que melhor.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas e pisco-os para as afastar.

Talvez ele não vá.

O Paul passa e olha de relance para dentro, para e volta atrás.

– Estás bem?

– Sim – finjo um sorriso e abano subtilmente a cabeça. – Desculpa, recebi más notícias sobre um familiar.

– Queres ir para casa?

– Não – respondo demasiado depressa, não quero que o Elliot saiba que eu sei. – Estou ótima. Só estou um pouco chorosa, não me ligues.

– Há um bolo de aniversário no frigorífico da sala do pessoal, queres?

Sorrio, grata pela gentileza.

– Quero. Traz tudo, porra.

São onze da noite e estou sentada à janela, a olhar para a rua. A casa fica silenciosa durante a noite, e a minha fachada desvaneceu-se.

Esta noite, fui jantar fora com o Daniel e a Rebecca e tive de fingir que estava tudo bem entre mim e o Elliot.

Não lhes podia dizer o que sei nem como, e também lhes tenho mentido sobre a minha personalidade de Pinkie.

Esta situação é um grande engano, e mereço ter o meu coração partido sozinha.

E talvez se o Elliot se importasse o suficiente para me querer ver, eu lhe dissesse isso.

Mas não importa.

Porque está na Quinta Encantada a pensar na outra.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas, e eu fecho-os, com arrependimento. Odeio isto, odeio esta coisa toda.

Um carro vira a esquina e vejo-o encostar e estacionar lentamente. O Elliot sai.

Oh, não.

Merda.

Corro e atiro-me para a cama, agarro no telemóvel: cinco chamadas perdidas do Elliot.

Ouço baterem lá em baixo e, depois, a voz do Daniel.

Puxo os cobertores para cima de mim e finjo que estou a dormir, com o coração a bater forte e rapidamente, e inspiro de forma profunda para tentar acalmar-me.

A porta do meu quarto abre-se, e o Elliot entra e senta-se ao meu lado na cama.

– Querida – diz, suavemente –, estás acordada?

Viro-me para ele, agarra o meu rosto, e fico a olhá-lo.

– Olá – sussurra com tristeza.

– Olá – forço um sorriso.

– Tenho de ir para França amanhã, querida – sussurra-me.

O meu coração aperta-se. *Ele está aqui para se despedir.*

Aceno com a cabeça, incapaz de fazer passar uma palavra pelos meus lábios.

– Posso ficar? – pergunta.

Fecho as mãos em punho; como é suposto eu fazer isto?

Despedir-me com amor quando ele está a partir-me o coração?

Devia estar a expulsá-lo, devia estar a dar-lhe um murro na cara.

Devia odiá-lo.

Ele despe-se e deita-se ao meu lado. Os seus lábios tocam os meus e consigo sentir o desgosto que irradia dele. Está aqui no inferno, comigo.

A culpa não é dele, ele é um bom homem.

Os seus olhos procuram os meus.

– Diz-me que me amas – sussurra-me. – Só uma vez.

O meu coração começa a doer e sei que é agora, a nossa última dança; a sua silhueta desfoca-se.

– Amo-te.

Beijamo-nos, e a minha cara contorce-se encostada à dele.

Não vás.

Durante muito tempo, beijamo-nos, até o meu coração não aguentar mais.

Preciso que esta despedida acabe… Não consigo fazer isto.

Não sou suficientemente forte.

– Preciso de ti – sussurro.

Rasteja para cima de mim e desliza-o profundamente, com a cabeça enterrada no meu ombro, e franzo o sobrolho enquanto olho para o teto.

Move-se lentamente, com cuidado, como se eu fosse partir-me. Sempre disse que me ama quando estou vulnerável.

Aqui estou eu, em Imax; nunca me senti tão desprotegida na minha vida.

Sem defesas.

O seu corpo aquece, e ele move-se lentamente para se aproximar. Abre os joelhos e envolve as minhas pernas à volta das suas ancas, mas não tenho qualquer hipótese de atingir o clímax esta noite.

Como poderia sentir prazer físico quando estou a sofrer tanto?

Mais valia que me apunhalasse no coração, a sensação seria a mesma.

Ele segura-se bem fundo e estremece quando se vem. Os seus lábios sobem e descem pelo meu pescoço, numa terna canção de afeto.

Olho para o teto, sem vida.

Sinto uma lágrima quente e solitária a rolar-me pelo rosto até ao ouvido.

Ele sai de cima de mim e cai de costas, olha-me e vê as minhas lágrimas, coloca o antebraço sobre os olhos, como que para se proteger. Não consegue lidar comigo.

Ou não quer.

Passado algum tempo:

– Vai dormir, querida – sussurra.

Fico em silêncio e olho para o teto, com o meu coração a desfazer-se num milhão de pedaços.

Vai para o inferno.

A luz do amanhecer espreita pela lateral dos estores, e eu vejo-o vestir o fato do meu lugar na cama. Foi-se o meu terno amante de ontem à noite.

O Elliot Miles está cá esta manhã e ainda bem. Porque é mais fácil odiá-lo.

– Quando voltas? – pergunto.

– Não tenho a certeza – diz enquanto puxa o casaco por cima dos ombros.

Nem consegue olhar para mim.

Bate nos bolsos das calças enquanto verifica se tem tudo; devia perguntar-lhe se posso ter o meu coração de volta antes de ele se ir embora. Tem-no na sua posse desde a primeira noite que passámos juntos, sem qualquer pudor.

Os seus olhos encontram-me do outro lado do quarto, e eu forço um sorriso.

– Tem uma boa viagem.

– Não quero ir – sussurra.

– Mas vais.

Ficamos a olhar um para o outro e, por fim, como se estivesse a tomar uma decisão interna, ele fecha os olhos.

– Adeus, Kate – murmura.

– Adeus, Elliot.

Ele aproxima-se de mim, agarra no meu rosto e beija-me, e, desta vez, é o seu rosto que se franze encostado ao meu. Ele sabe, sabe que se fizer isto, estamos acabados.

Sem uma palavra, vira-se e sai, e a porta faz um estalido silencioso.

Inspiro com uma respiração trémula.

Ele foi na mesma.

Capítulo Vinte e Três

Elliot

A chuva cai forte e pesada, e entro no avião como se fosse uma cozinha.
– Boa noite, Sr. Miles. – o piloto sorri.
– Olá – sacudo o meu guarda-chuva e guardo-o.
– A descolagem está prevista para daqui a quinze minutos, senhor. Espero que tenha uma viagem agradável.
– Obrigado. – Entro no avião e sento-me no meu lugar habitual.
Andá lá, de uma vez por todas, porra.
O meu telemóvel toca e olho. Kate.
Abro a mensagem e franzo o sobrolho.
É uma canção, «Never Enough», de Loren Allred.
Foda-se.
Passo a mão pelo rosto e, por fim, a curiosidade leva a melhor, ponho os auscultadores e carrego no ***play***.
É uma canção lenta, de amor e perda.
Encosto-me ao apoio de cabeça do banco e expiro profundamente; quero que isto acabe.
Andá lá, de uma vez por todas, porra.



– Sr. Miles – o empregado sorri. – Estivemos à sua espera, senhor. A Sra. Boucher aguarda.
Aceno.
– Obrigado.
– A sala de jantar privada é por aqui. – Sigo-o até ao átrio de vidro; há luzinhas espalhadas pelo topo do vidro, e velas iluminam a mesa. Vejo-a sentada sozinha numa mesa para dois, junto à lareira.
Ela olha para cima, e os nossos olhos encontram-se.
– Olá – ela sorri com suavidade.
Sinto o coração a dar voltas no meu peito.
Ela é absolutamente deslumbrante…
– Olá – franzo o sobrolho; ela deixa-me nervoso, e o meu estômago revolve-se. – Peço desculpa pelo atraso.
Ela sorri para mim com os seus grandes olhos.
– Mais vale tarde do que nunca.

Kate

Sento-me no banco da janela e fico a olhar para a estrada enquanto a chuva cai.
Até o tempo está miserável. Como um manto escuro e pesado de tristeza.
Olho para o meu relógio, o Elliot já deve estar em França.
Imagino os dois sentados num local romântico, a olharem nos olhos um do outro.
Estou, literalmente, no inferno.
– Está tudo bem com a comida, minha senhora? – interrompe-me o empregado.

– Oh – olho para baixo e vejo o meu jantar frio intacto. – Sim, peço desculpa… Eu… – agarro no garfo. – Estou um pouco distraída.

– Talvez um pouco de vinho? – o funcionário sorri, esperançoso.

– Sim – aceno. – Seria ótimo.

Ele levanta a sobrancelha enquanto espera por alguma coisa.

– O que foi? – pergunto.

– Que vinho vai desejar?

– Oh – abano a cabeça, envergonhada. – Surpreenda-me.

– Muito bem. – Desaparece na cozinha, e meto uma garfada de massa na boca.

Uf, o meu estômago revolve-se, e cerro os dentes para parar o reflexo de vómito.

Obrigo-me a engolir; a comida é a última coisa que consigo aguentar esta noite.

Nem sequer quero ir para casa ter com os meus colegas, porque depois tenho de fingir que está tudo bem… ou contar outra mentira, ou pior ainda, contar-lhes a sórdida verdade.

Não me sinto capaz para nenhuma dessas tarefas enquanto estiver tão fraca.

Vou esperar que toda a gente se deite, é mais fácil assim.

São nove da noite e… Daqui a algumas horas, vou saber.

O Elliot ou vai ligar-me… ou não.

Sei que vai… ele ama-me, sei que sim, e acredito em nós. Ele vai ligar-me.

Tem de ligar.

Não estou nisto sozinha. Não imaginei isto tudo. Temos algo real.

Sei que sim.

Não posso ser assim tão ingénua.

Forço mais uma garfada, o meu estômago revolve-se, e fico agitada.

Acho que vou vomitar.

Uma da manhã.

Subo a minha rua em direção a casa, à chuva. Com duas garrafas de vinho no bucho, devia estar feliz.

O que estou é… devastada.

Ele está com ela.

Agarro no meu telemóvel e verifico-o pela milésima vez esta noite.

– Liga-me – murmuro, zangada. – Liga-me, caramba.

Franzo o sobrolho, em lágrimas. Porque é que isto está a acontecer? O que fiz eu para merecer uma merda destas na minha vida? Perdi os meus pais, a minha irmã é o diabo e, agora, o homem que amo… não me ama.

– Porquê? – choro alto. – O que fiz eu para merecer isto?

Chego ao meu apartamento e não consigo lidar com a ideia de entrar, porque, depois, tenho de ir dormir.

E então será de manhã e demasiado tarde para voltar atrás no que aconteceu na

noite anterior.

E saberei o que ele fez.

Tenho uma visão do Elliot e da outra a acordarem na cama, com ele a ser todo espirituoso e encantador e a impressioná-la com a sua sexualidade, e ela a apaixonar-se loucamente por ele.

Como podia não o fazer?

Há muito para amar no Elliot Miles.

Deixo-me cair no degrau de baixo e fico a olhar para o vazio. E enquanto a chuva cai em cima de mim, molhada, com medo e sozinha… Choro.

É o silêncio que nos mata. As coisas que não são ditas.

O final que nunca tiveste.

Três dias.

Setenta e duas horas. Quatro mil, trezentos e vinte minutos.

Demasiados segundos para contar.

O relógio faz tiquetaque no meu escritório. É como um megafone, alto e irritante, a lembrar-me de como o tempo está a passar… sem uma palavra.

Nem uma mensagem.

Ele está com ela.

Agora, sei-o, mas isso não o torna mais fácil de engolir.

Pensei mesmo que ele me amava.

A minha fé na Humanidade foi esmagada em pedacinhos.

Será que ele gostava de mim? Não devia gostar… ninguém consegue tratar assim uma pessoa de quem gosta. A piada é que ele nem sequer sabe que eu sei o que ele está a fazer em França.

Era esse o seu plano, desaparecer numa viagem de negócios e ignorar-me… Abandonar-me sem estardalhaço? Levar-me a acabar com ele?

Talvez não volte a ouvir falar dele… Já nada me surpreenderia.

É como se estivesse a chorar uma morte outra vez.

Ainda não disse aos meus colegas de casa… Não consigo.

Não me sinto forte o suficiente para falar… por isso, evito ir para casa.

Tenho ido ao cinema, andado a fazer tempo em restaurantes. A passar cinco horas no ginásio. Faço qualquer coisa em vez de falar nisto e mostrar a toda a gente como sou fraca.

Odeio-me por ser tão fraca, pensava que era mais forte do que isto.

Quarta-feira.

Uma suave batida soa na porta do meu escritório. Olho para cima, vejo o Christopher e fico imediatamente com um nó na garganta.

Vai-te embora.

– Tens um minuto? – pergunta-me suavemente.

Não.

Forço um sorriso e faço um gesto para a cadeira da minha secretária.

– Claro.

Ele senta-se, inclina-se para trás e cruza as pernas; os seus olhos fixam-se nos meus.

Ele sabe alguma coisa.

– O que foi? – pergunto.

– Tiveste notícias do Elliot? – pergunta, com uma voz suave e persuasiva.

Pressiono os lábios com força.

– Não.

Ele estreita os olhos.

– Porque perguntas?

– Não conseguimos contactá-lo.

Franzo o sobrolho.

– Estou um pouco preocupado, para dizer a verdade.

Viro-me para o computador e finjo que estou ocupada.

– Não tens de te preocupar, ele está em França, com a sua artista.

Ele fica em silêncio, tão silencioso que olho para trás.

Os seus olhos fixam os meus, e eu sei que ele sabe o quanto estou destroçada.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

– Peço desculpa. Eu…

– Está tudo bem…

– Não está – interrompo-o; este é o momento mais degradante da minha vida. O irmão do meu namorado veio consolar-me depois de ele ter fugido com outra mulher.

Só quero sair daqui, longe de todas estas… cobras.

– Vou-me embora, considera isto o meu aviso prévio.

O seu rosto descai.

– Kate, não.

– Não posso ficar aqui, Chris.

Os seus olhos assombrados estão em mim.

– É só que… – as palavras falham-me, porque não há nenhuma. Nenhuma que faça sentido, pelo menos. – Hoje é o meu último dia, vou-me embora no final do expediente.

– Não quero que vás embora – sussurra. – O Elliot não iria querer que fosses embora.

– O Elliot não está aqui, pois não? – digo, bruscamente. – Peço desculpa – encolho os ombros. – Não era minha intenção falar mal contigo, mas…

– Não te preocupes – ele olha-me durante um momento. – O que vais fazer?

– Não sei – suspiro. – Sair de Londres por uns tempos.

Ele inclina o rosto para a mão enquanto me observa.

– A mãe está chateada.

Já somos duas.

Aceno com a cabeça, incapaz de usar palavras com medo de entrar em colapso.

– Posso ajudar-te a arrumar? – pergunta enquanto olha para o meu escritório.

Sorrio de tristeza, o Christopher é tão gentil.

– Não, estou bem.

– Estás mesmo? – os seus olhos estão em mim.

– Nem por isso – sorrio por entre as lágrimas. – Mas… vou ficar.

Olhamo-nos fixamente durante um momento.

– Kate, para que saibas… Sei que ele… – interrompe-se como se estivesse a reconsiderar o que ia dizer.

– O quê?

– Vai arrepender-se disto.

– Eu sei. Eu arrependo.

Franze o sobrolho.

– Arrependes?

Encho as bochechas com ar.

– Na verdade, isso não é justo, não posso dizer isso. O Elliot mostrou-me o que era sentir de novo. Tenho estado entorpecida desde que os meus pais morreram, por isso, de certa forma – encolho os ombros –, tenho de estar grata por isso.

Ele sorri de tristeza.

– És uma miúda muito fixe, Landon.

– Ah! – sorrio pretensiosamente. – Então, é melhor ires-te embora, antes que te apareça a versão da amante rejeitada e psicopata que destrói o escritório.

Levanta as mãos e ri-se enquanto se levanta.

– Sim, vou deixá-la sozinha.

Enfia as mãos nos bolsos do seu fato caro e fixa os olhos em mim.

Levanto-me na ponta dos pés e beijo-lhe a face.

– Obrigada.

– Para que conste – e torce os lábios. – Ele é um idiota.

Sorrio, grata pela gentileza.

– Diz-me algo que eu não saiba.

Estou deitada na minha cama, na escuridão; o mundo é um lugar escuro e solitário.

Sinto que esta dor não para de crescer.

Esta noite, abri-me e contei tudo ao Daniel e à Rebecca, e isso deitou por terra as minhas últimas defesas.

Agora que não tenho de me armar em corajosa, estou a ir-me abaixo. Não consigo

parar de chorar.

Um desgosto de amor, em que ele não vai voltar, e sinto que todo o meu futuro me foi arrancado. A vida que nos via a ter, a viver na Quinta Encantada, os seus animais, o riso e o amor, a sua família… Foi-se tudo.

Os meus olhos estão vermelhos e inchados, e já tomei três duches esta noite para tentar sentir-me melhor.

Estou a soluçar, com o peito apertado e, por amor de Deus, não consigo parar. Ao ponto de pensar que vou ter de tomar um comprimido para dormir ou algo do género para me acalmar.

Lembro-me muito bem deste tipo de sofrimento.

Sinto a cama a baixar, e o Daniel vem para trás de mim; está de boxers e sem camisola.

– Querida – sussurra enquanto me puxa para mais perto.

– Desculpa – murmuro.

Aperta-me com força, e fecho os olhos, agradecida pelo calor.

Durante muito tempo, abraça-me enquanto choro e, de vez em quando, afasta o cabelo da minha testa e olha para mim.

– Diz-me como melhorar isto – sussurra, o seu corpo aconchegado ao meu.

– Não podes.

Enxuga-me as lágrimas e abraça-me. Ele é quente e grande, e há proximidade entre nós. A minha cabeça está no seu peito, e os seus braços estão apertados à minha volta; beija-me a têmpora, e sinto algo a mexer-se lá em baixo.

Franzo o sobrolho.

Ele abraça-me mais, e sinto-o novamente.

O quê?

Ele está duro.

– Deixa-me pôr-te melhor, querida – sussurra-me.

Olho-o no escuro.

– Deixa-me aliviar a tua dor por uns momentos.

Franzo o sobrolho de novo, e ele agarra na minha mão e passa-a pelos seus abdominais ondulados, descendo até aos calções.

Ficamos a olhar um para o outro, a minha respiração suspensa, e sinto os seus pelos púbicos e, depois, a sua ereção; a minha mão fecha-se à sua volta instintivamente.

– Deixa-me amar-te – sussurra. E beija-me suavemente; franzo o meu rosto contra o dele.

Beija-me de novo e vira-me de barriga para cima, inclinando-se sobre mim, e sinto o seu corpo contra o meu.

– Para – murmuro. – Daniel, para. – Levanto-me à pressa e afasto-me dele.

Mas que raios?

– Não quero isto; o meu corpo nem sequer é meu para te dar – balbucio em pânico. – É do Elliot.

– Ele está com outra mulher, Kate, não vai voltar para ti. Provavelmente, estão a fazer amor agora.

Estremeço ao imaginar.

– Estou a tentar ajudar-te – sussurra.

– Estás a tentar dormir comigo.

– Para te fazer *esquecê-lo*.

– Por favor… Não.

Ele sai da minha cama e põe as mãos nas ancas.

– Estava a tentar ajudar-te.

Viro-me de costas para ele e fito a parede.

– Eu sei.

Ele senta-se na cadeira ao canto.

– Não te vou deixar sozinha.

Aceno com a cabeça, grata por ele não se ir embora, mas já não estar na minha cama. Nunca me teria perdoado… Não que isso interesse a alguém, acho eu.

Mas eu saberia.

Não estava a mentir – o meu corpo pertence ao Elliot, quer ele o queira ou não.

Bebo do meu café numa cafetaria apinhada de gente, numa manhã de domingo. Levantei-me cedo e fui ao ginásio; tenho um queque de chocolate à minha frente e sinto-me um pouco melhor hoje. Falei com o Daniel e acredito nele, estava apenas a tentar ajudar.

E, talvez, a um certo nível, devesse tê-lo feito, talvez isso me tivesse ajudado a seguir em frente e a *esquecê-lo*.

Ouço um toque familiar no meu telemóvel, e o meu sangue arrefece.

Ed.

Ignoro-o por um momento, mas toca de novo.

Não quero falar com o Ed, porque sei que me vai falar dela.

Também vou cortar relações com ele.

Estou farta das mentiras. Acabaram-se as charadas, é óbvio que não consigo lidar com este jogo.

Toca de novo, e eu fecho os olhos.

Desaparece.

Com uma mão trémula, levo o café à boca. Volta a tocar.

Foda-se.

Mais vale acabar com isto…

Agarro no telemóvel e clico na sua mensagem.

«Olá, Pinkie.

Peço desculpa por não me manter em contacto, mas tenho estado ocupado. Tive saudades tuas.»

As suas palavras doces abrem tudo de novo, a emoção domina-me, e as lágrimas que tão galantemente disse a mim própria que já não tinha voltam a aparecer.

Começo a escrever, mas está tudo desfocado, por isso, pouso o telemóvel em cima da mesa e, com raiva, afasto-o.

Não, tenho de saber.

Escrevo:

«Como está a tua artista?»

A resposta chega.

«Não quero saber.»

Franzo o sobrolho e escrevo:

«Porquê?»

«Porque ela não és tu.»

O quê?

«Do que estás a falar?»

«Amo-te… Pinkie… ou melhor, Kate.»

Os meus olhos arregalam-se e recosto-me na minha cadeira – o que raio se passa aqui?

«Vais comer esse queque de chocolate ou como eu?»

Olho para cima, e o Elliot está sentado numa mesa do outro lado do café; os seus olhos procuram os meus enquanto me dá um sorriso suave.

Algo estala dentro de mim, e fico furiosa e odeio-o, por isso, levanto-me e saio do café e desço a rua.

– Kate – diz ao correr atrás de mim. – Kate, volta aqui.

Não quero ouvir as suas mentiras, não quero estar perto dele.

Atravesso rapidamente a rua em direção ao parque, para me afastar o mais possível dele.

– Kate. – Consigo ouvir a sua voz a aproximar-se.

Chego ao parque e corro.

– Kate – grita enquanto me persegue. – Kathryn, para. – Agarra o meu braço, e eu viro-me e dou-lhe um murro.

– Afasta-te de mim – grito como uma louca através das lágrimas.

Ofega enquanto tenta recuperar o fôlego; tem os olhos arregalados.

– Amo-te.

– Não te atrevas a dizer-me isso! – grito.

– Eu tinha de ir – sussurra. – Tinha de saber.

– E agora já sabes.

– És tu.

– Precisaste de uma semana na cama dela para descobrir isso? – sibilo.

– Não – faz uma pausa, como se estivesse a escolher bem as palavras. – Não houve química.

– É suposto isso fazer-me sentir especial… seu idiota? – grito.

O seu peito sobe e desce ao tentar respirar.

– Devo sentir-me lisonjeada por não teres sentido nada?

Os seus ombros descaem.

– Tu vais ser *sempre* essa pessoa, Elliot – sussurro entre lágrimas enquanto dou um passo atrás. – Vais querer sempre o conto de fadas… a artista ou a dançarina… a cantora – franzo o sobrolho, em lágrimas. – Queres o extraordinário.

– Tu és extraordinária – sussurra.

– Não, não sou – grito. – Sou apenas um rabo jeitoso que, por acaso, gostaste num vestido de netbol.

Ele abana a cabeça como se estivesse sem palavras.

– Podemos ultrapassar isto.

– Não.

Mergulha para mim e agarra-me contra a minha vontade, enquanto luto para me afastar dele.

– Amo-te – diz. – Amo-te, porra, não faças isto. – Lutamos enquanto ele tenta abraçar-me. – Não faças isto.

– Está feito – grito e liberto-me do seu aperto. – Fizeste-o quando entraste na merda do avião. Acabou. Não sou o segundo prémio de ninguém, Elliot.

Ele encara-me.

– Muito menos teu – ironizo. – Achas mesmo que poderia estar com alguém que sei que me vai atirar para o lado sempre que encontrar algo brilhante e novo?

Ficamos a olhar um para o outro, eu em lágrimas, e ele com as narinas dilatadas enquanto luta pelo controlo.

– Juro-te…

Ouvimos o clique de uma câmara, e ambos nos viramos para ver um fotógrafo a fotografar tudo.

– Dá-me isso – grunhe o Elliot.

Oh, não.

O tipo com a câmara começa a correr, mas o Elliot persegue-o. Luta com ele no chão, e as pessoas à sua volta gritam. O Elliot tira-lhe a câmara e parte-a num milhão de pedaços.

O fotógrafo grita-lhe, vai a levantar-se, e o Elliot dá-lhe um murro potente na cara.

Esmurra-o uma e outra vez.

Que raio se está a passar?
Viro-me e corro.

Capítulo Vinte e Quatro

Elliot

–O seu irmão e o advogado estão lá em baixo, pagaram a sua fiança – diz o polícia enquanto escreve qualquer coisa no seu bloco.

Cerro o maxilar e olho para ele.

– Não fiz nada de mal.

Ele expira fundo, claramente frustrado.

– Já falámos sobre isto dez vezes hoje, Sr. Miles. Não pode destruir a propriedade privada de ninguém. Também não pode agredir. Agora, pare de me fazer perder tempo com o seu flagrante desrespeito pela lei.

– E os meus direitos? Onde está a minha proteção? Não quero que me tirem fotografias, está a dizer-me que ele tem o direito de fazer algo contra a minha vontade e que não posso reagir? Estava a proteger-me a mim e aos meus entes queridos. Hoje, os meus direitos foram comprometidos.

– Olhe – suspira. – Pare de se fazer de burro. Sabe como isto funciona, é dono de uma empresa de comunicação social, por amor de Deus. – Entrega-me um papel. – Foi acusado de agressão e vandalismo, chame o seu advogado para que lute contra os argumentos em tribunal. Não faço as leis.

Tiro-lho da mão.

– O que faz é proteger criminosos. – Levanto-me.

Ele revira os olhos.

– E não me revire os olhos – digo.

– Quer voltar para a cela? É isso? – gesticula para a porta. – Vá-se embora, antes que passe dos limites pela décima vez hoje.

Levam-me para baixo, até à receção, onde vejo o Christopher e o nosso advogado sentados à espera. Olho para eles e viro-me para o agente da polícia.

– Quero os meus pertences de volta.

– O telemóvel, o cinto e as chaves estão no tabuleiro em cima do balcão.

Agarro neles e meto-os nos bolsos.

– Vamos.

– Obrigado, senhor agente – diz o Christopher.

– Não lhe agradeças – disparo. – É uma piada eu ter sido preso. – Saio pela porta da frente da esquadra.

– Podes parar de ser um idiota? – diz o Christopher atrás de mim. – Não é culpa dele que tenhas tido uma paragem cerebral.

– Cala-te – sussurro, furioso, enquanto desço os degraus. – Viro-me para eles. – Obrigado aos dois por virem. Vão para casa, agora.

– Vá para casa também, Sr. Miles – diz o Edward, o nosso advogado. – Não está em condições de estar em público.

– Estou ótimo.

– Não está. Vá diretamente para casa antes que piore a sua situação.

– Não pode ficar pior – digo eu.

– Acredite em mim, pode. Christopher, leve-o a casa e fique com ele esta noite.

– Vou fazer isso, não se preocupe.

– Vão-se lixar os dois. – Viro-me com repugnância. – Na verdade, leva-me até ao meu carro.

– Pedi ao Andrew para ir buscar o teu carro há pouco – diz o Christopher. – Vou levar-te para casa.

Olho-o fixamente.

– Está bem – e aperto a mão do Edward. – Obrigado.

– Eu entro em contacto. Fique em casa, Elliot. Não posso deixar de salientar como é importante que não se meta em mais sarilhos.

– Não o vou perder de vista – diz o Christopher.

Exalo profundamente, e dirigimo-nos para o carro do Christopher. Fecho a porta.

– Leva-me à casa da Kate.

– Não vou levar-te a casa da Kate.

– Está bem. – Abro a porta do carro para voltar a sair. – Vou a pé. – Desço a rua em direção à casa dela.

– Ela não te quer ver – diz.

Continuo a andar, ele conduz o carro ao meu lado e baixa o vidro.

– Para de ser um idiota.

Continuo a andar.

– Elliot, estás em todos os noticiários neste momento. Vão estar acampados à frente da casa dela.

Paro no local e os meus ombros caem.

– Estraguei tudo.

– Eu sei – suspira. – Mas não podes agir como um lunático. Vai para casa e liga-lhe. Eu próprio vou buscá-la, prometo. Não podes aparecer lá sem avisar.

Olho-o fixamente.

– E se ela não te deixar entrar? – pergunta.

– Ela deixa.

– Será? – pergunta. – Porque vi imagens dela no noticiário a dar-te um murro e não me pareceu que estivesse muito contente por te ver.

Sinto o coração a latejar.

– Viste isso?

– Toda a gente viu, foi filmado a partir de um telemóvel. – Os seus olhos estão em mim. – Entra no carro, pá. – Ele suspira, com tristeza.

Olho para a rua.

Foda-se.

Entro no carro, bato a porta e conduzimos em silêncio.

Por fim, vira para a autoestrada e dirigimo-nos para a Quinta Encantada.

Olho pela janela com o telemóvel na mão. O que é que eu faço?

Fecho os olhos, arrependido.

Estraguei tudo… e muito.

– Ela não me vai perdoar – digo, ao ter uma visão da Kate de hoje, o olhar nos seus olhos. – Eu conheço-a, é demasiado teimosa… Se visses quão magoada e zangada estava.

– E podes culpá-la? – diz o Christopher com os seus olhos a passarem por mim.

Cerro o maxilar à medida que a raiva surge.

– Em que raio estavas a pensar? – dispara o Christopher. – Tinhas tudo. Pela primeira vez, tinhas mesmo tudo na tua mão. Uma mulher que te fazia feliz… E vais e fazes uma tangente estúpida atrás de uma artista.

– Para mim, não é estúpido – grito. – Só estou com a Kate há um mês. Dou um pontapé no ***tablier***.

– Não dês pontapés no meu carro ou ponho-te na rua e podes ir a pé, idiota – grita o Christopher.

– Ando há procura desta artista há anos. Tenho andado obcecado por ela, pensei que havia ali qualquer coisa.

– Dormiste com ela? – os seus olhos passam entre mim e a estrada.

Fico em silêncio.

– Fodeste a artista ou não? – grita.

– Não! – grito. – Assim que lá cheguei, percebi que tinha feito a coisa errada.

– Então, porque… ficaste?

– Fiquei uma noite.

– Então… ***dormiste*** com ela?

– Não – abano a cabeça, com o arrependimento a percorrer-me o corpo. – Ela estava a atirar-se a mim e… fingi uma dor de cabeça e voltei para o quarto do hotel. Nem sequer passei do primeiro jantar.

Ele faz uma cara feia.

– Estava confuso – grito. – Pensei que seria um sinal de que ela era a tal. – As minhas narinas inflamam-se enquanto tento controlar as minhas emoções. – A mulher bonita que procurava há anos estava mesmo à minha frente, mas quando olhei para ela… Ela não era a Kate.

O Christopher abana a cabeça com repugnância.

– Na manhã seguinte, disse-lhe que eu cometera um erro e que ia para casa. Comprei o resto dos seus quadros e vim-me embora.

– Então, onde estiveste durante uma semana?

– Acreditava no destino. O destino com que sonhei e pensei que queria não era real. Demorei algum tempo a perceber que o que tinha com a Kate era real. Ela é a mulher certa para mim, é a pessoa que eu amo.

O Christopher exala e conduzimos em silêncio durante algum tempo.

– Por favor, leva-me de volta a casa da Kate, tenho de a ver.

– És um idiota.

– Achas que eu não sei? – grito. – Leva-me a casa da Kate.

– Cala a boca – grita-me enquanto bate no volante. – Lixaste a tua relação com a Kate e, agora, estás decidido a ser preso outra vez. Estás em todas as notícias, Elliot. Vai para casa e resolve esta merda. Não estou com disposição para lidar com o teu colapso mental por causa de uma mulher.

– Ela não é só uma mulher – berro. – É a tal.

Bufa com um revirar de olhos exagerado.

– Agora é que descobriste isso… Depois de teres aniquilado completamente a relação – abana a cabeça. – Que grande idiota.

– Cala-te. Já. Porra – grito.

Conduzimos o resto do caminho em silêncio e encostamos na entrada.

– Deixa-me e vai – digo.

– Quem me dera – ironiza. – Tenho coisas melhores para fazer do que tomar conta do teu rabo ingrato.

– Então, não tomes.

– Prometi ao Jameson que o faria. É a única razão pela qual estou aqui a aturar a tua birra. Vai para dentro e mete-te na cama.

Ele estaciona o carro, eu saio, bato a porta com força e entro.

Que dia de merda.

KATE

Estou sentada no sofá com o Daniel e a Rebecca, horrorizados enquanto vemos as notícias.

«Em notícia de última hora, Elliot Miles, diretor-executivo da Miles Media, foi detido e acusado de agressão e danos criminais após uma altercação com um fotógrafo, esta tarde, em Battersea Park.

Elliot Miles, que parecia estar numa espécie de incidente doméstico com uma mulher misteriosa, virou-se contra um transeunte quando estava a ser fotografado.

Foi detido e preso no local.»

As imagens mostram o Elliot a segurar-me contra minha vontade, e eu a gritar-lhe para me largar; depois, ele vira-se, e vemos o fotógrafo, e o Elliot começa a perseguir-lo enquanto aquele foge.

Ponho a mão por cima da boca ao ver as imagens, horrorizada.

– Oh, não, quem filmou isto?

Já sabia que era mau… mas parece ainda pior.

O Elliot apanha-o, parte-lhe a câmara, mas, depois, o homem diz qualquer coisa ao Elliot, que começa a bater-lhe. Nas imagens, é possível ver-me a fugir do local.

Os olhos horrorizados do Daniel encontram os meus.

Fico em silêncio.

O meu telemóvel toca na mesa de centro, e o nome «Elliot» aparece no ecrã.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

– O que se passa? – pergunta o Daniel, que se baixa e desliga o meu telemóvel. – Ele magoou-te.

– Não – disparo. – Está tudo bem, ele voltou e disse-me que me amava, foi essa a discussão que tivemos.

– Ele parece zangado – diz o Daniel.

Reviro os olhos. Não consigo imaginar como o Daniel ficaria se o Elliot descobrisse o que aconteceu ontem à noite, entre nós, na escuridão.

Não que queira saber, claro.

– Estava.

Deito-me na minha cama, na escuridão; o meu telemóvel esteve desligado toda a noite.

Não é possível que continue preso, telefonou-me. E se eu era a sua única chamada telefónica e não atendi?

Para, para de pensar nele. Ele não pensa em ti.

Ligo o meu telemóvel.

Vinte e seis chamadas perdidas… Elliot.

Fecho os olhos com arrependimento e volto a desligar o telemóvel.

– Kate – ouço o Daniel chamar lá de baixo. – Acho que temos outro problema.

– O que foi? – respondo.

– É melhor vires ver isto.

Levanto-me da cama e desço as escadas; o Daniel ainda está a ver as notícias.

«Numa notícia de última hora, a mulher misteriosa envolvida no incidente

doméstico de hoje com Elliot Miles foi confirmada como sendo Kate Landon, até há pouco tempo funcionária da Miles Media.

Alega-se que Elliot Miles está envolvido num sórdido triângulo amoroso com Kate Landon e o seu companheiro, Daniel Stevens.

Landon, que vive com Stevens, foi fotografada com Miles, em Nova Iorque, na semana passada, mas já regressou à sua casa e ao seu companheiro. Pensa-se que Elliot Miles está desagradado por Kate ter voltado para o seu companheiro, daí a altercação desta tarde, em Battersea Park.»

Começam a passar fotografias minhas e do Daniel, de mãos dadas, e do Daniel com o braço à minha volta. Alguns de nós a chegar a várias festas em locais diferentes, cada uma estrategicamente tirada para que pareça que eu e o Daniel estamos juntos.

Depois, há fotografias minhas e do Elliot juntos, em Nova Iorque, na semana passada, de mãos dadas, à saída de um restaurante. Outra em que ele me está a beijar no carro. Outra dos dois numa loja, e o Elliot a comprar-me *lingerie*. Outra fotografia minha com Elizabeth Miles, no nosso almoço.

– Vai-te lixar – sussurra o Daniel, horrorizado.

– Mas que raios? – ponho as mãos por cima da boca.

Passa uma imagem da nossa casa. Os nossos olhos encontram-se.

– Espera um minuto, como é que eles conseguiram isto? – Levanta-se lentamente e dirige-se para a janela, e o seu rosto descai. – Merda.

– O que foi? – Corro até lá e espreito por entre as cortinas para ver um mar de fotógrafos instalado no caminho em frente ao nosso apartamento. Câmaras viradas para a casa, à espera do seu momento.

– Oh, meu Deus – e apoio a cabeça nas mãos. – Isto é um desastre, o que fazemos agora?

Ele entrega-me o telemóvel.

– Liga-lhe e descobre. Afinal, ele é dono de uma empresa de comunicação. De certeza que há uma lei para quem inventa mentiras sobre as pessoas.

Expiro profundamente.

– Não quero ligar-lhe.

– Tens uma ideia melhor? – o Daniel aponta para a janela. – Perguntar--lhe o que fazer nesta situação não é aceitá-lo de volta, Kate.

– Tens razão. Uf, está bem. Ligo-lhe do meu telemóvel. – Dirijo-me para as escadas.

– Diz-me o que ele te disse.

– Está bem. – Subo as escadas, agarro no meu telemóvel e ligo-o.

Trinta e seis chamadas perdidas do Elliot.

Sento-me na cama e seguro o telemóvel nas mãos. Não quero mesmo ligar-lhe.

O que há para dizer?

O meu telemóvel toca na minha mão, o que me faz saltar e remexer nele. É ele.

– Olá – respondo.

– Kate… Olá. – A sua voz é suave, cuidadosa.

Fico em silêncio, sem saber bem o que dizer.

– Peço desculpa pela imprensa, trato disso amanhã.

– Como? – pergunto. – Como é que vais tratar disto, Elliot?

– Eu não… – interrompe-se.

– O triângulo amoroso… com fotografias como prova. – Fico com um nó na garganta, e a vergonha apodera-se de mim.

Deixa escapar um suspiro audível.

– Não chores, querida, vou resolver isto.

– Se eu conseguisse acreditar em alguma coisa que sai da tua boca, então, talvez acreditasse em ti – cuspo. – Não podes resolver isto, Elliot.

– Vou-te buscar.

– Não *vais* não, há cinquenta repórteres estacionados frente a casa.

– Vou pedir ao Andrew para te ir buscar. Vemo-nos no meu apartamento na cidade. De qualquer forma, vou mudar-me para lá amanhã.

– Porquê?

– Porque não quero que me sigam até à Quinta Encantada. Não quero que saibam onde vivo.

– Estas histórias são mentiras. Não estou com o Daniel – cuspo, mas quase que ficava e estou mortificada.

– Eu sei disso.

– Mas…

– Eles não querem saber – interrompe-me. – Fica aí até o Andrew chegar.

– Não. Nada mudou, Elliot, não te quero ver.

– *Precisamos* de falar.

– Não há nada para dizer.

– Eu próprio vou aí – gagueja.

– E eu expulso-te à frente da imprensa. Não venhas aqui, Elliot, a sério.

– Kate, isto não é justo – diz. – Sabes que preciso de te ver, não me faças refém dos repórteres à porta de tua casa. Quero falar contigo.

Abano a cabeça com repugnância.

– É sempre o que tu queres… não é, Elliot? – sussurro. – O que *tu* precisas, o que é melhor para *ti*… a *tua* mulher de sonho. O que *tu* queres.

– Chega – ladra.

– Pronto. Está bem. – Exasperada, desligo.

O telemóvel toca imediatamente; atendo-o.

– Não desligues o telemóvel.

– Vai-te lixar – desligo novamente.

Volta a tocar.

– O que foi? – grito. – O que queres?

– Quero falar contigo.

– Não tenho nada para dizer.

– Por favor. – A sua voz suaviza-se. – Querida… preciso de te ver. Podemos resolver esta confusão mediática, mas precisamos de estar juntos para o fazer.

Franzo o sobrolho, em lágrimas. Quando a sua voz é assim, suave, faz-me lembrar o homem de quem gosto.

– Kathryn – diz, com firmeza. – Deixa-me enviar o Andrew e vem ter comigo ao meu apartamento.

Escuto.

– No mínimo, vai tirar-te daí. Não te podem seguir até ao meu edifício, estás a salvo lá. Independentemente do que acontecer comigo e contigo, tens de sair de casa ou vão perseguir-te até à morte e inventar mais mentiras.

Fecho os olhos.

– Não quero…

– Só quero falar, Kate. Prometo.

– Mas…

– Faz uma mala para que saibam que não vais voltar tão cedo. Assim, vão-se embora.

Ando de um lado para o outro enquanto penso, puxo as cortinas para o lado e espreito para a rua cheia de gente.

Os repórteres estão sentados em cadeiras desdobráveis e fumam cigarros. Instalados para passar a noite. Imagino-os a ficarem durante semanas, e a perseguirem o Daniel quando ele tentar ir trabalhar. Isto não é justo nem para o Daniel nem para a Rebecca.

Foda-se.

Ele tem razão, preciso de sair daqui, seja como for. Ele é o único que pode fazer isso acontecer.

– Está bem.

– Até já.

Desligo e desço as escadas.

– O que aconteceu? – pergunta o Daniel enquanto se senta direito.

– O Elliot vai tratar da imprensa amanhã, o Andrew vem buscar-me. Eles não se vão embora enquanto eu não for.

O rosto de Daniel esmorece.

– Então, vais ter com ele? Sem mais nem menos, ele estala os dedos e está tudo perdoado.

– Não, não sou estúpida. Vou-me embora daqui, e ele é a única forma de o fazer.

O Daniel revira os olhos.

– Tens uma ideia melhor, Daniel? – grito. – Porque, se tens, diz-me. – Lanço as mãos para o ar. – Se ficar aqui, amanhã de manhã, seguem-me para onde quer que vá e inventam mais mentiras.

Ele olha-me.

– Ah, e não te esqueças, tu és o namorado que supostamente estou a trair, por isso, espera que te sigam também.

Ele aperta a ponta do seu nariz.

– Isto é um pesadelo, Kate.

– Achas que não sei isso? – grito.

A Rebecca sai do seu quarto, meio a dormir.

– O que está a acontecer?

– O Daniel e eu temos uma relação, e eu tenho andado a dormir com o Elliot nas costas dele – digo-lhe, frustrada.

A Rebecca coça a cabeça enquanto olha para nós os dois.

– Têm?

– Não! – gritamos os dois em uníssono.

– Oh – ela franze o sobrolho. – Que alívio, ainda bem.

O Daniel abana a cabeça.

– Volta para a cama – diz ele.

– Está bem, mas calem-se, pode ser? Estou a tentar dormir – entra no quarto e fecha a porta.

Subo as escadas a correr para fazer a minha mala, e o Daniel segue-me.

– O que vais fazer?

– Não sei. – Atiro a mala para cima da cama; já sei o que vou fazer, mas ainda não quero dizer ao Daniel, só quando estiver feito.

Esta decisão é minha e só minha; não quero que ninguém me tolde o juízo. Depois de eu e o Daniel termos ultrapassado o limite da amizade ontem à noite, sei que tenho de pensar apenas por mim daqui para a frente. Começo a arrumar a roupa na mala a toda a velocidade, corro para a casa de banho e arrumo os meus artigos de higiene. Atiro o champô, o amaciador e o secador de cabelo. Coloco as mãos nas ancas e olho à volta. Agarro nas fotografias emolduradas minhas e dos meus pais e ponho-as na minha mala.

– Por quanto tempo vais? – franze o sobrolho.

– Até a poeira assentar.

Ele arregala os olhos.

– Quanto tempo é que isso vai demorar?

– Não sei. Vou ficar num hotel ou algo do género durante alguns dias. Ligo-te quando souber onde vou ficar.

– Está bem.

– Vais trabalhar amanhã? – pergunto.

– Acho que sim. – Franze o sobrolho novamente. – Talvez… Se calhar também vou passar uns dias a casa dos meus pais.

– Certo. – Os meus olhos fixam-se nos seus. – Desculpa arrastar-te para isto.

– Ei – sorri e põe os braços à minha volta. – Não tens culpa. – Os meus olhos procuram os seus, e ele coloca as suas mãos no meu rosto. – Tem cuidado com ele… está bem? – sussurra.

– Ele nunca me magoaria.

– Já magoou.

Baixo a cabeça.

– Eu sei.

O meu telemóvel apita com uma mensagem.

«Kate, é o Andrew.

Estou agora a virar a esquina.

Fica no interior até eu ir à porta buscar-te.

Pede ao Daniel para se manter fora de vista.»

Respondo:

«Combinado, obrigada.»

– Ele está quase a chegar, disse para te manteres fora de vista.

– Merda, está bem. Vou para o meu quarto. – Os olhos dele estão em mim. – Tem cuidado, querida. – Abraça-me.

– Ligo-te amanhã. Quando vais para casa dos teus pais? – pergunto.

– Logo de manhã.

– Está bem.

Com um último olhar, desaparece escadas abaixo. Uma sensação de urgência preenche-me e envio rapidamente uma mensagem ao Brad.

«Estás em casa?

Posso deixar algumas coisas aí?»

A resposta chega.

«Sim, claro.

Estive à espera da tua chamada.

Vi as notícias.

Mas que raio se passa, Kate?»

Abano a cabeça.

«Muitas mentiras, estou bem.

Conto-te amanhã.

Amo-te.

X»

A resposta chega.

«Também te amo, até breve.

X»

Dez minutos depois, ouço baterem à porta da frente e abro-a. O Andrew sorri, entra e fecha a porta.

– Olá, Kathryn.

– Olá.

– Estás pronta?

Aceno.

– Tenho seguranças comigo.

O meu rosto descai.

– Vão bloquear os fotógrafos e deixar-nos chegar ao carro. Vou segurar este guarda-chuva à tua frente, e tu vais baixar a cabeça e caminhar diretamente para o carro. Não olhes para cima, não reconheças a presença de ninguém. Vamos entrar os dois no banco de trás, e os seguranças levam-nos embora.

Os nervos dançam no meu estômago.

– Está bem – sussurro.

– Tens um casaco com capuz?

– Sim.

– Veste-o.

Subo as escadas a correr e procuro no meu armário a toda a velocidade. O meu coração está a martelar, sinto-me como se estivesse prestes a assaltar um banco ou algo do género. Visto o meu casaco grande e volto a descer as escadas.

– Pronta.

O Andrew mostra-me um sorriso simpático e levanta-me o capuz para cima da cabeça – os meus olhos assustados fixam-se nos seus.

– Não te preocupes, vão todos desaparecer assim que surgir outro escândalo. Tudo isto vai acabar em breve.

– Não estou numa relação com o meu colega de casa, Andrew.

– Eu sei, querida. – Agarra na minha mão e abre um pouco a porta; dois seguranças enormes estão à beira do meu alpendre. – Pronta? – pergunta.

– Pronta. – Abrem bem as pernas como se estivessem a preparar-se para a batalha.

O Andrew abre a porta e coloca um guarda-chuva preto, virando-o para os *paparazzi*, que estão a atravessar a rua a correr, bloqueando eficazmente a visão que

têm de mim.

– Agora – diz. Ele puxa-me pela mão. – Mantém a cabeça baixa.

– Kate – ouço-os todos a gritarem enquanto se aglomeram à nossa volta. – Sra. Landon, como está o seu marido?

Há um milhão de perguntas a ser gritado enquanto sou levada a grande velocidade pelo passeio.

– Afastem-se – grita um dos seguranças. Empurra um fotógrafo com força no peito e este cai de costas.

Começo a ser empurrada de um lado para o outro à medida que eles se aproximam.

– Corre – grita o Andrew.

O meu coração está a martelar no meu peito, chegamos ao carro, e eu mergulho no banco de trás. O Andrew entra atrás de mim e a porta fecha-se.

Os fotógrafos rodeiam o carro e gritam-me, os seguranças entram e um deles começa a conduzir.

– Vai bater-lhes – grito.

Não responde e não para. Conduz diretamente pelo meio deles e, de alguma forma, separam-se e deixam-nos passar.

Olho para o meu apartamento e a tristeza preenche-me: como é que o Daniel vai sair daqui?

– Amanhã, podes voltar e ajudar o meu amigo Daniel?

O Andrew assente.

– Sim, claro.

Aperto as mãos nervosamente no meu colo.

– Depois de me deixares em casa do Elliot, podes entregar a minha mala em casa do meu irmão?

– Sim, claro.

Aceno com a cabeça enquanto a adrenalina me percorre o corpo como um comboio de mercadorias.

Voamos pelas ruas de Londres e, pela primeira vez, percebo porque é que o Elliot guarda a sua privacidade com tanto rigor. Porque não lhes dá um centímetro para trabalhar.

Isto é um completo pesadelo.

Entramos no parque de estacionamento subterrâneo do apartamento de luxo do Elliot; os portões de segurança fecham-se atrás de nós, e o carro para em frente ao elevador. O segurança estaciona o carro e todos nós saímos.

– Obrigada – sussurro.

Os seguranças corpulentos dirigem-se para o elevador.

– Fico bem aqui. – Os guardas ignoram-me e entram no elevador. – O que estão a fazer? – pergunto enquanto os olho à vez.

– Fomos instruídos para a entregar pessoalmente, Sra. Landon. Fico a olhá-los, e as palavras do Daniel, de quando conheci o Elliot Miles, vêm-me à memória: *ele é um homem poderoso e não é alguém com quem me meteria*.

De repente, estou muito consciente de que se o Elliot Miles quiser que eu seja entregue pessoalmente, já não tenho escolha. Se eu lhes dissesse que não ia para o apartamento dele agora, eles obrigar-me-iam a ir, fosse como fosse.

Um milhão de coisas corre a toda a velocidade na minha cabeça, mas a emoção mais presente é… perda de controlo.

Chegamos ao último andar em silêncio, e as portas abrem-se para o átrio de entrada do Elliot, onde ele está à espera. Os seus olhos encontram os meus, e ele sorri suavemente, como se estivesse aliviado.

– Obrigado – diz aos guardas; abre a porta do seu apartamento, e eu entro.

Estou no meio da sua sala de estar, determinada a ser forte.

Foi a última vez que este homem me pôs de joelhos.

Os olhos do Elliot fixam-se nos meus, e ele olha para mim como se eu fosse um animal selvagem, prestes a fugir a qualquer momento.

– Peço desculpa por isto – sussurra.

Aceno.

– Queres alguma coisa… para beber?

– Não.

Enche as bochechas de ar como se não tivesse palavras.

– Vais sentar-te?

Os meus olhos fixam-se nos seus, e só me apetece magoá-lo, por me ter magoado.

Por me fazer passar por esta merda.

– Temos de falar, querida – sussurra.

– Por amor de Deus, Elliot – grito –, não me chames isso. Já não é um termo carinhoso, faz de mim motivo de chacota. És tu a aproveitar-te do meu afeto. Não voltes a chamar-me querida!

O seu rosto descai.

– Tive de ir… sabes que tive de ir.

Olho-o fixamente.

– Tu disseste-me para ir – grita. – Perguntei-te o que fazer e disseste-me para ir.

– Eu disse-te para seguires o teu coração – berro.

Ele cerra o maxilar, sem saber o que dizer.

– Há quanto tempo sabias que era eu? Há quanto tempo me mentias?

– Sempre soubeste que o Edgar era eu, tu é que me andavas a mentir – diz. – Eu disse-te logo quem era.

– Há quanto tempo? – levanto as mãos.

– Contaste-me tudo sobre o Edgar Moffatt na noite em que estavas pedrada com os

medicamentos. Até me mostraste as mensagens no teu telemóvel.

O meu rosto descai.

– De todas as pessoas do mundo, não podia acreditar. Disse-te no dia seguinte. Descobriste logo no dia seguinte que o Edgar era eu – responde calmamente.

– Porque és tão honesto com a Pinkie?

– Porque é fácil falar com *ela*… *ela* não me julga. *Ela* é minha amiga.

– Então… mentes-me?

– Eu sabia que estava a falar contigo, nunca te menti. Nunca. Disse-te que ia a França para a ver.

– Mas não me disseste a *mim* – grito, indignada. – Sabias que não podia dizer nada.

– Porque me mentiste o tempo todo – grita. – E sabias, porra.

Baixo a cabeça, isto não faz sentido. Sento-me no sofá, e ele cai no chão, de joelhos, à minha frente.

– Não aconteceu nada com ela, prometo-te. Nem um beijo.

Os meus olhos fixam-se nos seus.

Será verdade?

– Kate – suspira, com tristeza. – Se não fosse, teria sempre aquele «E se?» na minha cabeça.

– Eu sei. Então… – faço uma pausa enquanto tento chegar à formulação correta na minha cabeça. – Passaste a semana com ela?

– Não. Tivemos o jantar, e ela deixou bem claro que queria… mais.

Engulo o nó na garganta. Quero mesmo ouvir isto?

– Só conseguia pensar… em ti – sussurra. – Eu sabia que tinha feito a coisa errada, mas também sabia que tinha de ir ter com ela e descobrir. Não conseguia construir um futuro com alguém e ter sempre uma dúvida no fundo da minha mente. Era uma faca de dois gumes, Kate. Fiz o que achava que tinha de fazer.

Baixo a cabeça; *não chores*.

– Não houve qualquer ligação com ela, nada de nada. – Os seus olhos procuram os meus. – Juro-te…

– E se tivesse havido? – interrompo. – E se tivesse havido uma ligação, Elliot? Onde é que eu estaria agora?

– Não houve.

– Mas podia ter havido.

Ele expira pesadamente.

– Não me estás a ouvir.

– E tu não respondeste à minha pergunta. Onde é que estiveste toda a semana? – pergunto.

– Disse-lhe que não ia acontecer nada, que tinha alguém em casa.

– Algo em que devias ter pensado antes de ires ter com ela – grito, ainda indignada.

– Estou aqui, agora – grita enquanto estende as mãos. – Sou teu, Kate.

És?

– Tirei a semana para pensar – continua. – Precisava de organizar as ideias.

Os meus olhos erguem-se para os seus, e os pelos da minha nuca ficam em pé.

– Sobre quê?

– Sobre a vida.

– Queres dizer… sobre apaixonares-te por alguém mediano.

Ele inala bruscamente, e eu sei que acertei em cheio.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

– Não sou o teu conto de fadas, Elliot – sussurro.

– És, sim. – Ele levanta-se. – São tudo tretas. Sempre pensei que tinha de haver sinais. Pensei que o meu instinto me levaria à minha alma gémea.

Oh… Este homem magoa-me. Baixo a cabeça, incapaz de olhá-lo.

– Kate, nós odiámo-nos durante anos – agarra o meu rosto e passa o polegar de um lado para o outro sobre o meu lábio inferior. – Não me podes censurar por me perguntar se era a sério ou apenas uma atração física. Deves ter tido as mesmas preocupações.

Sinto o coração a latejar.

Nem uma vez.

Forço um aceno de cabeça; só quero que esta conversa acabe.

Ajoelha-se novamente à minha frente e olha para cima.

– Amo-te – e beija-me suavemente. – Podemos consertar isto. Podemos começar de novo e, desta vez, sabemos que é a sério. Ninguém me faz sentir como tu, Kate.

Mais mentiras.

Afasto-me do seu beijo.

– Preciso de um banho.

Ele sorri enquanto me tem nos braços.

– Sim, vamos tomar um banho.

– Elliot, tive o pior dia da História e estou cansada. Podemos falar disto amanhã, por favor?

– Está bem – e acena com a cabeça enquanto me põe de pé. – Tens razão, temos todo o tempo do mundo.

Leva-me para a casa de banho e liga o chuveiro. Despe-me lentamente, e eu entro debaixo de água.

Tomo um duche atordoado, algures entre a dor e o alívio.

Agora, já sei.

Saio, e ele enxuga-me com uma toalha enquanto me dá um banho de beijos.

– Ainda bem que estás aqui – sussurra. – Pensei que te tinha perdido.

Fico a olhar para ele num estado de distanciamento: *ele está a falar a sério?*

Pensa que pode dizer umas palavras bonitas e que fica tudo bem entre nós?

Não sinto nada… Estou morta por dentro. É como se estivesse a falar com um estranho, de quem nem sequer gosto.

Tudo o que tínhamos desapareceu.

Deitamo-nos na sua cama, e os nossos lábios tocam-se; o seu beijo aprofunda-se, e eu afasto-me.

– Amanhã, querido – sussurro. – Hoje, não estou no humor certo. Na verdade, estou demasiado exausta emocionalmente.

– Está bem. – Aproxima-se, apaga a luz da cabeceira e aconchega-se atrás de mim, com os braços à minha volta e os lábios na minha têmpora.

– Amo-te, Kate – sussurra.

– Também te amo – sussurro. Estamos deitados na escuridão, tão próximos fisicamente e, no entanto, nunca me senti tão só.

Se ele me conhecesse, saberia.

Uma lágrima rola-me pelo rosto na escuridão; é quente e salgada e parece-se muito com uma traição.

O Elliot Miles não era o único que queria um final de conto de fadas.

Eu também queria.

E, infelizmente, sei que não é este.

Capítulo Vinte e Cinco

Elliot

Acordo sobressaltado, um estrondo ao longe.
Olho para a Kate, mas estou sozinho na cama. Sento-me.
– Kate – chamo.
Estará na casa de banho?
– Kate?
Levanto-me e vou à casa de banho, que está vazia. O pânico invade-me e acendo a luz.
– Kate – grito enquanto olho à volta. – Onde estás?
Caminho para a sala de estar.
– Kate – grito com urgência. – Kathryn. – Olho à volta, onde está a mala dela?
A mala desapareceu.
Não.
Corro de divisão em divisão, gritando o seu nome enquanto o meu coração acelera.
Ela não está aqui.
Ligo-lhe, ninguém atende. Ligo novamente e está desligado.
A raiva invade-me, e dou um pontapé na parede. Ligo para a segurança.
– Sim, senhor.
– Onde está a Kate? – grunho.
– Hum… Está consigo… não está?
– Expliquem-me… como é que ela saiu daqui sem ser notada, porra – grito.
– Não percebo, senhor, estivemos à porta toda a noite.
– São uns inúteis, fogo – grito. – Encontrem-na! – Desligo e começo a andar para trás e para a frente, com o peito a subir e a descer enquanto tento controlar-me.
Vou até à janela e olho para a rua.
– Kate – sussurro. – Onde estás?



Sento-me no banco de trás do carro e ligo para a Kate; vai diretamente para o correio de voz.
Inspiro bruscamente – procurei-a toda a noite. Ela simplesmente desapareceu.
Nem um vestígio.
Não foi para casa, tem o telemóvel desligado.
– É esta a casa, senhor.
Espreito.
– Tens a certeza?
– Sim, é a casa do irmão. Deixámos a mala dela aqui, como nos pediu.
Saio do carro e dirijo-me à porta da frente, bato com força, e a porta abre-se num ápice. Aparece um jovem de trinta e poucos anos.
– Olá, chamo-me Elliot Miles…
– Eu sei quem tu és.
– Posso vê-la?
– Ela não está aqui.

– Preciso de…

– Já fizeste o suficiente – diz. Vai para fechar a porta, mas levanto a mão para a bloquear, empurro-a e entro de rompante.

– Kate – grito. – Sei que estás aqui.

– Estás atrasado. Ela foi-se embora – suspira.

– Para onde?

– Apanhou o voo logo de manhã.

A divisão começa a girar.

– Para onde?

– Isso é para eu saber e tu nunca descobrires.

– Do que estás a falar? – lanço as mãos ao ar. – Ela tem de trabalhar amanhã.

Ele enruga a cara.

– Seu idiota, ela demitiu-se na quarta-feira passada, vai trabalhar para o estrangeiro. Se te tivesses dado ao trabalho de voltar da cama da tua artista, já o saberias.

A Terra gira sobre o seu eixo.

As minhas narinas inflamam-se enquanto luto para me controlar.

Ele abana a cabeça, com uma expiração profunda.

– Vai-te embora, pá. Estragaste tudo – olha para o relógio.

– Onde é que ela está, diz-me – exijo.

– É demasiado tarde, ela já deve ter feito o ***check-in***.

Os meus olhos arregalam-se, o avião dela ainda não partiu.

– Então, ainda a posso apanhar. – Viro-me e corro para o carro.

– Não disse isso – diz ele. – Ela não te quer ver – ouço ao longe ao mergulhar no banco de trás. – Aeroporto de Heathrow, rápido – grito.

O Andrew arranca rápido em direção ao trânsito, e eu ligo para a Kate. Toca, toca… Toca, toca… Toca, toca.

– Vá lá, atende. Atende – sussurro. Toca até ao fim, e eu ligo novamente. Imagino-a a olhar para o telemóvel, a ignorar a minha chamada, e a minha fúria começa a ferver.

Com ela, comigo… Com toda esta situação tramada.

Porque é que ela saiu a meio da noite, ***o que é que ela estava a pensar****?*

Quando tudo isto acabar, vou matá-la… Isto se eu não tiver um ataque cardíaco antes. Espreito pelo para-brisas.

– Conduz mais rápido.

– É o que estou a fazer. – O Andrew bufa enquanto muda de faixa, depois muda novamente de faixa, e eu ligo para a Kate com o coração na garganta.

Por favor, atende, querida.

Toca novamente até ao fim.

– Atende a merda do telemóvel, Kathryn – grito enquanto bato com o telemóvel nas costas do banco, furioso.

Os olhos do Andrew olham-me pelo espelho retrovisor.

– Não comeces – grunho.

Coloca o pé no acelerador, e voamos no meio do trânsito; meia hora depois, chegamos ao aeroporto.

Saio do banco de trás e entro a correr, com os olhos a examinar as filas de ***check-in*** enquanto dou uma volta de 360º.

– Onde estás? – sussurro para mim próprio. – Kate. – Começo a entrar em pânico porque não a vou encontrar, há demasiadas pessoas. – Não faças isto, por favor. – Corro para o fundo das filas de ***check-in*** à sua procura. Chego a uma ponta e corro de volta para onde comecei: talvez ela já tenha passado.

Corro para o posto de controlo de segurança e ponho-me na fila.

– Vá lá, vá lá – murmuro. Olho em redor da fila para os seguranças, que trabalham a passo de caracol.

Despachem-se, caramba.

Passo as mãos pelo cabelo, em pânico total. Cada minuto que passa… é um minuto que perdi para a deter.

Finalmente, chego ao posto de controlo e passo pelo ***scanner***, que apita.

Foda-se.

– Volte atrás, senhor.

– Não tenho tempo para isto – murmuro. Volto a passar pelo ***scanner***, que apita novamente, e eu dobro-me, arranco os sapatos e atiro-os para o lado, saco o cinto e atiro-o para o chão. Volto a passar pelo ***scanner***, que não apita.

– Aleluia. – Agarro nos meus pertences, meto-os debaixo do braço e corro o mais depressa que posso, até chegar a um cruzamento. Seis enormes corredores em diferentes direções conduzem às portas de embarque.

Não.

Engulo o nó na garganta ao olhar para as minhas opções: que caminho devo seguir?

Hum.

– Para que lado? – Estou a ofegar enquanto tento respirar. – Direita. – Corro para o corredor à direita. Isto é inútil, nunca a vou encontrar. – Por amor de Deus.

Continuo a correr e, por acaso, olho para o lado e vejo as costas da Kate, quando ela passa pela porta de embarque.

– Kate – grito ao correr nessa direção. – Kate.

Ela não me ouve e atravessa as portas duplas.

– Kate – grito o mais alto que posso. As pessoas viram-se e olham, e eu chego às assistentes de bordo que estão a fazer o ***check-in***.

Estou a arfar.

– Preciso de tirar uma pessoa do avião – ofego.

– Peço desculpa, senhor, isso é impossível.

– Não – ponho a mão no peito. Foda-se, não consigo respirar. – Não está a perceber, é uma emergência.

– É demasiado tarde.

– Não – grito. – Kate. Estou aqui – grito. – Volta.

Dois seguranças corpulentos aparecem e colocam-se ao meu lado.

– Há algum problema, senhor?

Olho entre eles e fico a arfar.

– A minha namorada. – Arfo e aponto para o avião. – Tenho… de… a… deter.

Os guardas trocam olhares e, com um revirar de olhos, um deles diz:

– Saia agora ou será escoltado para fora do edifício, senhor.

O vazio preenche-me, deixo cair os sapatos e o cinto e ponho as mãos nos joelhos enquanto tento recuperar o fôlego.

Foda-se… foi-se embora…

Mas para onde? Olho para cima e vejo o destino do voo.

Honolulu
Voo 245
American Airlines

Levanto-me com um propósito renovado, calço os sapatos e enrolo o cinto na mão.

– Obrigado – Afasto-me. ***Idiotas***.

Ligo para o meu segurança; ele atende ao primeiro toque.

– Olá, Sr. Miles.

– Olá, alguém que vá ter ao avião, vai aterrar em Honolulu, American Airlines, voo 245.

– Certo.

– Não a percas de vista! Quero uma morada.

KATE

O carro estaciona em frente à vivenda, e o condutor vira-se no seu lugar.

– Chegámos, senhora.

Olho lá para fora e sinto-me aliviada; parece estar tudo bem. Tenho sempre aquele momento de pânico quando vejo um sítio que reservei *online*.

Pago-lhe, e ele tira a minha mala da bagageira.

Ainda bem que organizei tudo isto na semana passada.

Quando não tinha notícias do Elliot, *quando ele estava com ela…* a ideia de o ver no trabalho era mortificante. Reservei estas férias para me dar algum espaço. Não contei a ninguém, exceto ao Brad. Nem contei ao Daniel nem à Rebecca. Se não soubessem onde eu estava, não podiam contar a ninguém por acidente, e ainda bem que não contei. Não fazia ideia de como ia ser necessário.

Estou na praia de Lanikai, em Kailua, na ilha de Oahu, no Havai.

O som e o cheiro do oceano dominam-me, despeço-me do meu motorista e subo as escadas.

As chaves estão num cofre, e o entusiasmo preenche-me. Um banho quente… e dormir um pouco.

Tive uma viagem horrível e, para ser sincera, estava quase à espera de que o jato da Miles aparecesse ao nosso lado e sequestrasse o meu avião, e que o Elliot entrasse a bordo em pleno ar e me arrastasse para fora.

Chegar aqui sozinha e em segurança é um alívio. A chave gira, entro e fico a suspirar.

Oh, meu Deus.

– Tão linda.

É uma pequena moradia, em forma de hexágono, à beira de um penhasco. Por todo o lado, há enormes janelas com vista para o mar e veem-se palmeiras à beira da linha de água.

Este lugar parece saído diretamente de um filme.

Sorrio, tranco a porta e olho em volta: um quarto, uma casa de banho pequena e arrumada e uma sala de estar e cozinha em forma de octógono com chão de madeira clara. Através de grandes portas francesas de madeira há um enorme deque, e eu saio para sentir a brisa do mar no meu rosto.

– Uau – sorrio para a vista, fico a olhar lá para fora durante algum tempo e, depois, a minha mente vai para o Elliot… E quase consigo sentir o seu pânico. Sei que vai ficar preocupado.

Mas não posso pensar nele agora. Por uma vez na minha vida, tenho de me pôr em primeiro lugar.

Compreendo o que ele me disse ontem, que me ama e que não fez nada com a sua amada artista. E talvez se ele tivesse vindo diretamente para casa depois de a ter visto, eu o tivesse perdoado e seguido em frente.

Porém, demorou uma semana a convencer-se de que queria estar comigo. Para se convencer da sua suposta felicidade. Se me amasse como diz que me ama, não teria havido nenhum exame de consciência para chegar a essa decisão. Teria vindo diretamente para casa… para mim.

Odeio que não tenha vindo.

Tenho uma visão dos dois a rir, a fazer amor e de todas as maravilhosas conversas profundas e significativas que tivemos na cama, à noite, e o meu coração dói.

Durante algum tempo, quis acreditar que tínhamos algo de especial.

Exalo com tristeza; mas não era para ser.

O Elliot Miles não é o único que deseja ser feliz para sempre com alguém extraordinário… E adivinhem, estou à espera disso.

Mesmo que me mate… E, pela forma como me sinto agora, pode ser que mate.

– Olá. Sorrio para o simpático empregado. – Estou aqui para falar com o Steven sobre o lugar de empregada de mesa.

Estou aqui há quatro dias e não consigo suportar a ideia de regressar. Liguei para o agente imobiliário e vou alugar o sítio onde estou agora a longo prazo.

Vou ficar por uns tempos e criar algumas raízes enquanto me organizo.

– Olá – sorri ao mesmo tempo que limpa o bar. – Sou o Steven.

– Olá – sinto-me tão desajeitada e agarro o meu currículo nas mãos com toda a força.

– Já alguma vez serviste à mesa? – pergunta.

– Não.

– Já trabalhaste em hotelaria?

– Não.

– Em que é que trabalhas normalmente?

– Informática – torço os dedos à minha frente. – Análise informática.

Ele franze o sobrolho.

– O que fazes aqui?

– Honestamente? – encolho os ombros. – Acabei com o meu namorado e fugi. Acho que Lanikai seria um sítio fantástico para ficar durante uns meses, enquanto lambo as feridas e me recomponho.

Oh, não… estraguei tudo.

Ele sorri abertamente.

– É. Fiz isso há cinco anos e nunca mais fui embora.

Quando podes começar?

– Hoje.

O som do oceano bate na costa, e eu sorrio para o sol enquanto caminho.

Este lugar é o paraíso.

E não apenas porque era o meu plano de fuga.

Pela primeira vez em muito tempo, provavelmente desde a morte dos meus pais, sinto-me orgulhosa de mim própria.

Saí muito da minha zona de conforto.

Não queria ficar em Londres; o meu instinto dizia-me para partir.

Havia demasiadas perguntas entre nós, pouca confiança da minha parte.

Embora quisesse ficar e lutar por nós, sabia que precisava deste tempo sozinha.

Para me reagrupar e voltar a descobrir quem sou.

É como se estivesse finalmente a encontrar-me. Vivi na sombra da morte dos meus pais durante sete anos sombrios… mas, de alguma forma, esta nova dor por causa do Elliot tirou-me do transe.

Durante muito tempo, quis mudar, mas fui sempre demasiado cautelosa e assustada, depois aconteceu isto e, de repente, sem hesitar, mudei-me para o outro lado do mundo. Estava farta da informática, por isso, agora trabalho à noite num restaurante.

Tudo o que tenho vindo a adiar ao longo dos últimos anos, a estagnação e o tédio… Já não o sinto.

Acordo todos os dias renovada, um pouco triste… mas, mesmo assim, entusiasmada com o que está para vir.

Tenho feito ioga enquanto o sol nasce na praia; nado no oceano e deito-me ao sol. Dou um grande passeio e, depois, faço uma sesta à tarde. À noite, trabalho no restaurante. É divertido e fácil, e as pessoas são muito simpáticas.

– Está um dia lindo, não está? – diz um homem que passa por mim de bicicleta.

– Está mesmo – sorrio quando chego à fila de lojas da cidade. Este sítio é muito bonito e pitoresco, venho aqui quase todas as tardes para comprar a comida para o dia seguinte.

Passo por uma loja de passatempos, paro e olho pela montra: o que é que está lá dentro?

Vou dar uma olhadela, entro e uma campainha toca na porta.

– Olá – uma idosa sorri.

– Olá.

– Posso ajudar-te com alguma coisa?

– Estou só a ver – respondo. Passo pela secção de ponto de cruz e sorrio tristemente ao ver todos os padrões. A minha mãe teria adorado esta loja.

Quando era adolescente, costumávamos passar horas juntas na casa do jardim, ela fazia o seu ponto de cruz e eu pintava. Ríamos, conversávamos e ouvíamos música.

Sorrio ao lembrar-me de a fazer tocar Taylor Swift repetidamente, durante horas e horas.

Agarro num padrão de ponto de cruz de um pato e sorrio ao pensar no Elliot e nas suas miúdas. Talvez eu devesse aprender a fazer ponto de cruz. Podia ser uma ode à minha mãe. Vejo todos os padrões, mas acabo por voltar às patas.

Quero este; gostava daquelas patas malucas do Elliot. Lembro-me do dia em que o atacaram, e isso traz-me um sorriso ao rosto. Enfio o pacote debaixo do braço e continuo a procurar.

– Todos os materiais de arte estão com uma redução de cinquenta por cento – diz a velhota.

– Oh, obrigada. – Continuo a andar. – Não pinto desde o liceu.

– Devia recomeçar, é a melhor terapia – ela sorri.

Hum, acho que poderia ser. Quer dizer, se estou a aprender a fazer ponto de cruz, acho que também posso pintar um quadro. Sou péssima… mas faria com que me sentisse próxima da mãe, por associação.

Ela sempre adorou os meus quadros, dizia que cada novo quadro que eu fazia era o seu novo favorito. Não é isso que todas as mães dizem aos seus filhos sobre os seus passatempos horríveis?

Agarro num pacote de pincéis e numa embalagem inicial de dez tubos de tinta, vou até às traseiras e vejo as telas. Merda… são caras.

Será que a mãe também gastava tanto? Sorrio, sabendo exatamente porque o fez: para que eu me sentasse com ela enquanto fazia o seu ponto de cruz. Afinal, havia um método para a sua loucura.

Agarro numa tela pequena, que será mais fácil de colocar no caixote do lixo quando a estragar.

Levo as minhas coisas para a caixa e sinto-me muito entusiasmada com o dia de amanhã. Quando voltar da praia, vou começar a aprender a fazer o meu ponto de cruz, tal como a mãe. Que divertido.

ELLIOT

– Os seus quadros chegaram, Sr. Miles – diz o Andrew da porta.

Desvio o olhar do computador.

– O quê?

– A sua coleção Harriet já saiu do armazém, sei que tinha muitas saudades dela.

Passo a mão pelo cabelo com repugnância.

– Oh – pauso.

Não quero estar perto daqueles quadros; deixei a Kate por eles.

Tudo o que fazem é lembrar-me do que já não tenho.

A minha miúda.

– Hum – faço uma pausa enquanto tento articular a minha resposta. – As minhas desculpas, Andrew, podes mandar entregar no meu apartamento em Londres, por favor?

O rosto do Andrew esmorece.

– Mas…

– Mas nada – corto-lhe a palavra. – Não os quero nesta casa.

Franze o sobrolho enquanto me observa.

– É tudo, Andrew – digo, antes de o dispensar.

– Muito bem, senhor.

Inspiro um fôlego trémulo e volto ao meu computador.

Isto é tramado.

KATE

Subo a rua até à minha casa e reparo num carro parado lá fora. Franzo o sobrolho e, quando me aproximo, vejo que é uma carrinha de distribuição de correio.

– Posso ajudar? – pergunto ao condutor.

– Sim, estou à procura de uma Pinkie Leroo, ela vive aqui?

O meu coração salta uma palpitação; *ele sabe onde estou*.

Estará aqui? Os meus olhos passam em redor, desconfiados.

– O que tem para ela? – pergunto.

– Uma carta. – Ele segura num envelope vermelho e consigo ver a caligrafia do Elliot na parte da frente.

Oh…

– Sim, sou a Pinkie – respondo.

– Pode assinar aqui? É registada.

– É para já. – O maldito controlador quer ter a certeza de que a recebi. Eu assino e ele entrega-ma.

– Adeus, Pinkie – diz ele enquanto entra no carro.

– Obrigada. Adeus.

Olho fixamente para a carta na minha mão.

Senhora Pinkie Leroo
98 Grosvenor Street
Mayweather, Oahu.

Viro-a e procuro o remetente na parte de trás.

Edgar Moffatt
Garbologista Extraordinário
Reino Encantado

Sorrio pretensiosamente. Garbologista Extraordinário… Idiota.

Volto para dentro e pouso o envelope em cima da bancada.

Não vou ler.

São onze da noite quando entro pela porta e vou diretamente para o envelope e agarro nele. O trabalho foi muito caótico esta noite, e eu torturei-me durante todo o turno a pensar no que dizia.

Como é que ele sabe onde estou?

Agarro no envelope e olho-o. O que é que ele quer? Só há uma forma de descobrir.

Que se lixe.

Abro o envelope.

«Minha querida Pinkie,

Dada a minha impossibilidade de te telefonar, e não querendo perseguir-te, ao estilo de um assassino em série, decidi seguir a velha escola e escrever-te uma carta.

Para obteres uma experiência completa, pulveriza esta carta com o spray que está incluído no envelope.»

Franzo o sobrolho: mas que raio?

Viro o envelope ao contrário, e um pequeno frasco de *spray* cai em cima da bancada.

Agarro-o e leio a pequena etiqueta.

«Elliot Miles – Poção de Amor.»

Reviro os lábios para reprimir o meu sorriso, encosto-o ao nariz e fecho os olhos enquanto uma torrente de memórias me atravessa. É o *aftershave* do Elliot.

Hmmm.

Continuo a ler.

«Escrevo-te com a melhor das notícias, vais ser AC, também conhecida como Avó de Cabra.»

Ponho a mão sobre a boca e desato a rir. Mas que raios?

«O veterinário acaba de sair e confirmou as minhas suspeitas. A Gretel, a tua cabra, está grávida. A data prevista é daqui a quarenta dias e mal posso esperar.

Finalmente, boas notícias.

Espero que estejas bem.

Espero que saibas a força de que estou a precisar para não ir ter contigo.

Sabe que sinto muito a tua falta.

Para sempre teu,

Elliot

ox»

Curta e doce. O meu coração incha e mordo o lábio.

Agarro no pequeno frasco de *spray* e aproximo-o do nariz… Cheira a paraíso.

Elliot Miles.

Leio novamente a carta… E outra vez, e, depois, faço o que ele me pede. Pulverizo a carta com o seu perfume.

E, com um grande sorriso no rosto e o cheiro do Elliot Miles a nadar à minha volta, leio-a novamente.

Capítulo Vinte e Seis

Sorrio enquanto misturo a tinta na minha paleta; quem diria que ia gostar tanto disto.

Fez-me regressar a uma época em que era feliz e despreocupada… Também tenho de admitir que a carta de ontem do Elliot me levantou o ânimo.

Ele entende.

Podia ter vindo aqui, falar comigo e arrastar-me para casa… mas ele está a deixar-me resolver isto por mim própria.

Ouço um veículo a chegar e vou espreitar pela janela. É a carrinha. Sorrio.

Abro a porta à pressa e vejo o estafeta sair da carrinha com outro envelope vermelho.

– Pinkie – chama.

– Sou eu – irradio.

– Duas cartas em dois dias, alguém está a ser mimada. Assine aqui, por favor.

Assino com um sorriso no rosto.

– Como se chama? – pergunto.

– Richard.

– Obrigada, Richard. – Agarro na minha carta, subo os degraus e, uma vez lá dentro, abro-a. Tal como na última carta, viro o envelope para baixo e a garrafinha cai.

Leio a etiqueta e rio-me.

«Elliot Miles – Poção de Amor.»

«Minha querida Pinkie,

Dada a minha impossibilidade de te telefonar, e não querendo perseguir-te, ao estilo de um assassino em série, decidi seguir a velha escola e escrever-te uma carta.

Para obteres uma experiência completa, pulveriza esta carta com o spray que está incluído no envelope.

Tendo em conta os teus vários fetiches, vou fazer-te a vontade.

Junto está uma imagem para o teu banco pessoal de palmadas, usa-a de boa vontade e com frequência.»

Franzo o sobrolho. O quê?

Procuro no envelope e, lá dentro, há uma fotografia embrulhada em papel branco.

Abro-a e rio-me. É uma fotografia dos pés descalços do Elliot, cruzados nos tornozelos e apoiados numa banqueta. Está sentado no seu terraço com o lago e as suas belas colinas verdejantes e encantadas como pano de fundo.

Tem um copo de uísque na mesa de apoio e está de calças de fato de treino

cinzentas.

Franzo o sobrolho ao olhá-lo. Talvez ele esteja a chegar lá. Esta fotografia dá-me vontade de estar lá com ele. Continuo a ler.

«Espero que estejas bem, os meus dias são longos, e as minhas noites são ainda mais longas.

Tenho saudades tuas, meu amor.

Para sempre teu,

Elliot.

xo

P.S.: Já começaste a tricotar coleiras para os teus netos?

Aparentemente, os gémeos são comuns. Não estou nada nervoso.»

Sorrio enquanto os meus olhos se detêm na carta; agarro no pequeno frasco e pulverizo o papel.

Encosto-o ao nariz e inspiro profundamente, e o Elliot Miles, em toda a sua glória, nada à minha volta.

Estas pequenas cartas peculiares, que são tão ele, significam muito.

Sorrio. É um bom dia.

ELLIOT

O Christopher espreita pela porta.

– Queres ir almoçar?

Olho para cima.

– Hum… – Quero, mas não quero que ele veja por onde tenho de passar no caminho.

– Estou bem, obrigado na mesma.

– Tens de comer.

– Eu sei, só que… – pauso enquanto penso numa desculpa. – Tenho de ir aos correios mais tarde, como qualquer coisa pelo caminho.

O Christopher franze o sobrolho ao entrar.

– Porque é que vais aos correios?

– Para degustar um banquete de oito pratos, o que achas? – murmuro secamente enquanto me viro novamente para o computador.

Ele senta-se na beira da minha secretária.

– Notícias da Kate?

– Não – carrego nas teclas. – O que te faz dizer isso?

– Não tens saído, não tens estado com mais ninguém. Mal saíste da tua propriedade, exceto para vires trabalhar.

– E então?

– Ela foi-se embora há quase seis semanas, Elliot.

– E qual é o problema? – digo, exasperado.

– Ela não vai voltar, meu.

– Ouve – rosno. – A Kate é um problema meu, e o que acontece entre nós não é da tua conta. Fiz asneira e, venha o que vier, vou resolvê-la.

– Então, vai ter com ela e trá-la para casa. Sabes onde ela está, estás à espera do quê? Isto nem parece teu.

– Tu não a conheces. Ela é demasiado teimosa e, se a pressionar, vou acabar por perdê-la na mesma. Estou a dar-lhe o tempo que ela merece.

– Ou o tempo para te esquecer.

Os meus olhos encontram os seus.

– Anda lá, vem almoçar. Podemos ir enviar a tua carta de amor pelo caminho.

Expiro profundamente.

– Está bem. – Abro a gaveta de cima da minha secretária e tiro um envelope vermelho. Ele tira-mo, lê o destinatário e franze o sobrolho.

«Senhora Pinkie Leroo
98 Grosvenor Street
Mayweather, Oahu.»

– Por que raio lhe chamas Pinkie Leroo?

– É uma longa história.

Ele vira a carta e lê de quem é.

«Edgar Moffatt
Garbologista Extraordinário
Reino Encantado»

– O quê? Quem raio é o Edgar Moffatt?

Tiro-lhe a carta.

– Explico-te pelo caminho. – Coloco o envelope em segurança no bolso do meu casaco. – Vamos.

Vinte minutos depois, estou na fila dos correios, com o Christopher ao meu lado a falar ao telemóvel.

– A seguir – diz a funcionária e olha para cima. – Oh, olá, sr. Moffatt.

Encolho-me. Já me conhece pelo nome.

– Olá – coloco a minha carta sobre o balcão.

– O mesmo de sempre? Internacional registado e assinado para Oahu.

– Obrigado – agarro na carteira.

– Espero que sejam cartas de amor – e sorri de forma sonhadora enquanto a passa pelo computador.

É só tocar, estúpida.

– Quer dizer, é tão romântico, mandar uma carta à Pinkie todos os dias durante um mês.

Olho de relance para o Christopher, que abana subtilmente a cabeça em sinal de desagrado.

– Falhado – responde.

Torço os lábios em sinal de desaprovação e volto-me para ela. Porque não dizes a toda a gente nos correios, idiota?

– Quem me dera ter um admirador tão dedicado como você – sorri.

Cala-te, porra.

Acabou-se, amanhã procuro outro posto de correio.

KATE

Estou a ter dificuldades a subir a estrada com a minha nova tela, que é enorme. Como as que eu pintava quando era miúda.

Estou viciada no meu novo passatempo, e cada dia é melhor do que o anterior.

O sol, o mar, a minha vida aqui… As cartas do Edgar.

Tenho uma nova sede de vida, o meu antigo eu está a regressar dia após dia.

Não há pressão, não há sofrimento… apenas memórias felizes e liberdade. Vou

telefonar ao Elliot em breve; as suas cartas peculiares fizeram-me sentir mais próxima dele. Leio-as constantemente e talvez até durma com a caixa onde as guardo.

Quero resolver isto; por ele, vale a pena tentar.

Ao virar a esquina, vejo a carrinha do Richard estacionada à frente, aceno e sorrio.

– Olá, chegaste cedo hoje.

Ele segura três envelopes vermelhos.

– É segunda-feira, três cartas hoje.

O meu grande sorriso quase me divide a cara. O Elliot escreve-me todos os dias.

E sei que não tivemos um início romântico, mas ele está definitivamente a compensar isso. Não que as suas cartas sejam românticas, são pequenas histórias estranhas e engraçadas do seu dia a dia. Envia-me fotografias e recortes. Cada um destes faz-me sorrir, cada um destes torna o meu dia muito mais brilhante.

– Uau, que tela enorme. Pinta? – pergunta o Richard.

– Oh – encolho os ombros, ligeiramente envergonhada. – Terrivelmente, mas relaxa-me… E isso é o principal, certo?

O Richard ri-se.

– Pinte-me a entregar as suas cartas todos os dias.

Rio-me.

– Está bem, mas não vai conseguir dizer o que é.

– Tenho a certeza de que se está a subestimar – sorri, e eu assino pelas minhas cartas e subo as escadas.

Leio os envelopes para encontrar a carta de sábado, pois gosto de as ler por ordem.

«Minha querida Pinkie,

Dada a minha impossibilidade de te telefonar, e não querendo perseguir-te, ao estilo de um assassino em série, decidi seguir a velha escola e escrever-te uma carta.

Para obteres uma experiência completa, pulveriza esta carta com o spray que está incluído no envelope.»

Sorrio ao imaginar o Elliot a verter o *aftershave* nestes frascos minúsculos. Pergunto-me: será que usa um funil? E quem faz estas etiquetas minúsculas?

Reparo numa fotografia embrulhada em papel branco e abro-a.

É uma imagem de uma mão aberta, com a palma virada para cima. Tem bolhas enormes e terríveis por todo o lado.

Mas que raios? O que é que ele fez?

Continuo a ler.

«Imagem real da minha mão direita.»

Desato a rir.

– A sério?

«Meu amor, as coisas estão más.

O meu corpo precisa de ti.

Já passaram oito semanas desde que me tocaste, parece uma eternidade.

Esperei trinta e cinco anos para te encontrar.

Quanto mais tenho de esperar para te abraçar de novo?

Para sempre teu,

Elliot.

xo»

A emoção apodera-se de mim e pestanejo entre lágrimas.

Vou lá fora, coloco a minha tela no cavalete, sirvo-me de vinho, ponho a música «Style», da Taylor Swift, a tocar repetidamente e começo a encher a minha tela de tinta. Sorrio enquanto ouço a letra.

ELLIOT

Sento-me no meu terraço e fico a olhar para a Quinta Encantada. É tarde, quase meia-noite… mas não consigo dormir.

Há semanas que não consigo relaxar.

Estou mentalmente esgotado.

A Kate está no Havai… e tudo o que quero fazer é ir ter com ela e fazê-la voltar comigo, mas as palavras do seu irmão não me saem da cabeça.

Sei que podia ir ter com ela, falar com ela e trazê-la para casa… mas ela precisa de querer estar aqui.

Sabe o que sinto e, mesmo assim, deixou-me.

Como pude eu estragar tudo desta forma?

Penso nos acontecimentos da primeira semana depois de ela se ter ido embora e, para ser sincero, ainda bem que a Kate não teve de sofrer com isso. Tive de interpor um processo judicial para silenciar os boatos sobre o triângulo amoroso; foi um pesadelo mediático.

Levo o meu uísque aos lábios e bebo-o lentamente, e o calor queima-me a garganta à medida que desce.

Tenho enviado cartas à Pinkie, nas quais exponho a minha alma, mas algo não está a bater certo.

Está a faltar-me algo neste ***puzzle***.

Não faço ideia do que seja, mas, à medida que os dias passam sem ter notícias da Kate, a minha agitação aumenta.

Volto a encher o meu copo de uísque e acendo um charuto, soprando uma fina corrente de fumo para o ar fresco da noite.

Lembro-me da fotografia que ela emoldurou para o meu aniversário e sorrio. Vou buscá-la lá dentro e fico a olhá-la nas minhas mãos.

É uma fotografia minha tirada de costas, num fato azul-marinho, a olhar para o lago com as patas a meus pés. É de manhã cedo, e o nevoeiro rola nos cercados, ao fundo.

Uma imagem tão simples e, no entanto, de alguma forma parece tão íntima – a sua visão secreta de mim quando eu não estava a olhar.

Viro-a e olho para a parte de trás da moldura, e pergunto-me como será a fotografia sem o vidro.

Agarro numa faca e abro a moldura, tiro a imagem, viro-a e vejo a sua caligrafia.

«Parabéns, meu querido.

Amo-te.

Sempre, Kate.»

O meu peito aperta-se, e volto a ler… e outra vez… e outra vez.

Sempre, Kate.

Sempre significa eternidade… até deixar de significar.

Levanto o charuto até aos meus lábios e inspiro profundamente. Estou triste e desamparado, cheio de remorsos.

Tenho as mãos atadas, não posso contactá-la. Não a posso obrigar a regressar a casa, por muito que queira. Tenho de o fazer nos seus termos e respeitar a sua decisão.

Tem de querer vir para casa ter comigo.

E odeio isto.

Inclino a cabeça para trás e esvazio o copo, depois, encho-o de novo tão depressa que se espalha pelos lados.

A paciência não é o meu ponto forte.

Dois meses.

Escrevo-lhe todos os dias… e, ainda assim, nenhuma resposta.

Será que sequer recebe as minhas cartas?

– Obrigado – diz o Christopher à empregada enquanto ela coloca um prato de bolinhos da sorte à nossa frente.

É sexta-feira à noite, e o Christopher arrastou-me para jantar fora.

Quero estar em qualquer outro lugar que não aqui.

Ele passa-me o prato.

– Tira um.

– Passo.

Encosta-me o prato à cara.

– Tira um, tu adoras estas merdas.

Reviro os olhos, tiro um e parto-o.

«As coincidências não existem.»

Levanto a sobrancelha. Ah… em tempos, eu teria acreditado nisto.

– O que te calhou? – pergunta o Christopher.

Atiro-lhe o meu bilhete, e ele sorri.

– Bem, se for esse o caso, a tua vida é uma enorme teia.

Olho-o fixamente.

– Tens de admitir que é muito estranho que andes a perseguir esta artista há anos… E ela aparece precisamente quando encontraste uma rapariga por quem te apaixonaste. E tu e a Kate a conhecerem-se ***online***… de todas as pessoas do mundo, conheceste-a a ela. A mulher com quem já andavas.

Franzo o sobrolho enquanto ouço.

– É estranho… não é?

– Quer dizer, quais são as hipóteses de isso acontecer?

– Quase zero. A minha mente começa a trabalhar enquanto leio o pequeno bilhete do bolinho da sorte.

«As coincidências não existem.»

Sempre acreditei nisso, que tudo acontece por uma razão. Nenhum acontecimento ou pessoa na nossa vida acontece por acaso e, no entanto, aqui estou eu.

Penso… durante muito tempo.

Porque me sinto mal, o que me está a escapar?

E se o facto de me apaixonar pela Kate não for uma coincidência?

E se tudo isto for um grande plano?

Leio novamente.

«As coincidências não existem.»

Hum.

No dia seguinte, bato à porta do Brad. Ele abre-a à pressa, e o seu rosto descai quando me vê.

– Olá.

Sorrio.

– Olá. Tens um minuto? Tenho uma pergunta urgente, e tu és a única pessoa que penso que saberá a resposta.

– Hum.

Os meus olhos procuram os seus.

– Por favor.

Ele afasta-se, e eu entro e sento-me no sofá.

Ele senta-se.

– O que se passa?

– Então… – faço uma pausa enquanto tento articular os meus pensamentos. – Tenho a sensação de que me está a escapar alguma coisa.

– O que queres dizer?

– Acredito que estava destinado a conhecer a Kate.

Ele ouve.

– E também acredito que estava destinado a conhecer a artista, mas por que razão, não sei.

Franze o sobrolho, como se estivesse confuso.

– Acreditas no destino, Brad? – pergunto.

– Talvez. – Inclina-se para trás na cadeira. – Mas não pensei que fosses o tipo de homem que acreditasse.

– Hum – penso por um momento. – Há algo que me está a escapar?

– O que queres dizer?

– Não sei, tenho sempre a sensação de que me está a escapar alguma coisa, mas não sei o que é.

O Brad exala.

– Ela lê as tuas cartas.

– Lê? O que é que ela disse?

– Nada, apenas que lhe escreves todos os dias e que isso a faz feliz.

Sorrio à medida que a esperança me invade.

– Sabes, pela primeira vez desde que a mãe e o pai morreram, ela parece ter voltado a si.

– O que queres dizer?

– Está a trabalhar à noite e a aprender a fazer ponto de cruz, como a mãe costumava fazer. Até voltou a pintar.

O quê?

– Ela pinta?

– Oh, só por brincadeira, definitivamente não se vê como uma artista. Mas adorava quando era adolescente.

– Nunca soube disso sobre ela – sussurro, fascinado.

– Acho que ela já se tinha esquecido disso. Oahu e o tempo a sós têm-lhe feito bem.

Sorrio ao imaginá-la a pintar num cavalete… hum.

– Então, ela lê as minhas cartas? – devia ir. Faço uma pausa, pensando no que mais posso dizer. – Bem, se te lembrares de alguma coisa, podes ligar-me? – pergunto.

– Assim farei.

Expiro profundamente ao levantar-me.

– Pensei que, por esta altura, já tivesses desistido dela – diz o Brad.

Viro-me para ele, surpreendido.

– Estou apaixonado por ela, porque haveria de desistir?

– Já o fizeste antes.

– Nunca desisti. Tinha de conhecer aquela artista e não me arrependo; nunca lhe toquei e regressei para a Kate. É verdade que demorei demasiado tempo a regressar… mas, mesmo assim, a minha intenção nunca vacilou – encolho os ombros. – Acho que também precisava de algum tempo para me mentalizar.

Ele acompanha-me até à porta, e eu estendo a minha mão para apertar a sua.

– Bem, fizeste-me ganhar o dia, saber que ela lê as minhas cartas significa muito.

– Sem problema.

– E se te lembrares de alguma coisa…
– Claro.
Viro-me para a porta e, ao olhar para cima, vejo uma fotografia em cima do aparador.
Aproximo-me e agarro-a, fico a olhá-la, com a minha mente num caos de confusão.
O quê?
É uma fotografia do Brad e da Kate com a Harriet Boucher. Os meus olhos encontram os seus.
– Como conheces esta mulher?
– Quem? – ele franze o sobrolho.
Aponto para a Harriet.
– Como a conheces? – pergunto.
– É a nossa irmã, Elanor.

Capítulo Vinte e Sete

–O que queres dizer? – franzo o sobrolho.

– Essa é a Elanor, a nossa irmã.

– Desde quando?

– Do que é que estás a falar?

– Esta mulher – toco no rosto dela, na fotografia. – É a Harriet Boucher, a artista que conheci em França.

– O quê? – ele enruga a cara em sinal de confusão. – Como assim?

– A artista, aquela cujos quadros eu adoro, é esta mulher – volto a bater na sua cara, no vidro. – Chama-se Harriet.

– Não. É a Elanor, estás enganado.

Olho para a foto.

– Juro, é ela.

– Não é, tens a mulher errada, talvez alguém que se pareça com ela. A Elanor não pinta… nada.

– Oh – penso sobre o assunto por um momento. – Hum, talvez não seja ela – abano a cabeça, envergonhado. – Sinto que estou a enlouquecer ultimamente.

Ele sorri.

– Tudo bem.

Aceno.

– Eu digo à Kate que passaste cá.

Dou-lhe um sorriso desigual.

– Só quero que ela volte para casa.

– Ela volta.

Os meus olhos fixam-se nos seus.

– Dá-lhe tempo, ela volta.

Sorrio, a sentir-me um pouco melhor, e aperto-lhe a mão.

– Obrigado por ouvires. Estou completamente fora da minha zona de conforto com a Kate, não sei o que estou a fazer.

– Estás a ir bem, continua a fazer o que quer que seja que estás a fazer.

– Obrigado. – Volto para o carro ainda com algo a incomodar-me.

Ela lê as minhas cartas.

Confia na tua intuição.

Franzo o sobrolho; porque é que este pensamento me veio à cabeça? Confia na tua intuição.

Era ***a*** Harriet… Tenho a certeza.

E se?

Não… não pode ser.

Volto e bato à porta.

– O que foi agora? – o Brad suspira enquanto abre a porta.

Abro uma fotografia no meu telemóvel e mostro-lha.

– Alguma vez viste esta pintura?

Ele enruga a cara enquanto tenta concentrar-se.

– Não sei.

Passo para outra fotografia.

– E esta?

Encolhe os ombros.

– Não tenho a certeza.

Passo novamente.

– Esta?

– Hmmm… Não sei.

– Por amor de Deus, pensa.

– Porquê?

– Acho que… – pauso. – Sei que isto parece ridículo e que talvez me esteja a desviar completamente do caminho. Acho que…

– O quê? – ele corta-me a palavra.

– Acho que os quadros que tenho andado a comprar à Harriet… são da Kate.

Ri-se.

– Estás a delirar. E tens razão, isso *é* ridículo.

– Podes perguntar-lhe?

– O que queres dizer?

– Sem dizeres à Kate porquê, pergunta-lhe se foi ela que pintou estes quadros.

– Não achas que se a Kate fosse uma artista famosa, pelo menos saberia?

– Podes só fazer isso? Qual é o teu número? Vou enviar-te já as fotografias.

Ele encontra o telemóvel e guarda as imagens que lhe envio.

– O que lhe pergunto?

– Hum – tento pensar. – Diz apenas que encontraste estes quadros; se ela sabe quem os pintou.

O Brad encolhe os ombros e envia mensagem à Kate.

«Olá, encontrei estes quadros numa loja de caridade. Parecem-me familiares, são teus?»

Sinto o coração a latejar com força e ando de um lado para o outro.

– O que disse ela?

– Ainda sem resposta.

Fecho os olhos e ando de um lado para o outro enquanto passo as mãos pelo cabelo.

– Está a escrever, os pontos estão a mexer-se – estende-me o telemóvel e ficamos os dois a olhar, à espera da resposta.

«Que regresso ao passado.

Sim, são meus. Pintei-os há anos.

Só Deus sabe porque é que a mãe insistiu em ficar com eles.

Não acredito que a Elanor tenha pensado que alguém os iria querer.

Lol, hilariante.»

O ar abandona-me os pulmões, e agarro-me à parede para me estabilizar.

O Brad cai no sofá e ficamos a olhar um para o outro, de olhos arregalados.

– Então, isto significa… – o Brad franze o sobrolho quando conecta os pontos.

– Foi sempre a Kate – sussurro. – Claro que foi.

KATE

Espero no alpendre e olho para a estrada.

– Onde é que ele está? – Olho para o meu relógio. O Richard não me trouxe uma carta ontem… E hoje está atrasado.

Não me tinha apercebido do quanto as cartas do Elliot alegravam o meu dia… ou o quanto significavam.

Entrelaço as minhas mãos no meu colo enquanto espero.

– Vá lá – sussurro. – Onde estás?

E se ele conheceu outra pessoa?

Sinto-me arrependida por não lhe ter respondido de todo. Devia ter dito alguma coisa, nem que fosse apenas um obrigada. O que é que ele deve pensar sem receber correspondência?

Um carro vira a esquina, e eu sustenho a respiração – é um carro diferente.

Vermelho.

Não é o Richard. Os meus ombros descaem de vazio.

O carro para à porta de minha casa, e eu franzo o sobrolho enquanto o observo. Quem é?

O Elliot sai do banco de trás e a minha respiração fica suspensa.

O quê?

Ele olha para cima, e os seus olhos encontram os meus… Oh.

Vê-lo em carne e osso abre velhas feridas, e uma inesperada onda de emoção percorre-me. Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

Colada ao chão, fico a observá-lo enquanto se inclina, tira um saco de viagem e paga ao motorista, e apetece-me correr para ele… beijá-lo e dizer-lhe tudo.

Mas os meus pés estão assentes em betão, congelados de medo. A mágoa que me causou, ampliada uma vez mais. Pensei que a minha desilusão e a minha raiva tinham acabado – talvez não.

Ele fica no passeio com o saco na mão, a olhar-me, e, quando o carro arranca, mostra-me um sorriso suave.

E, com o coração na garganta, sorrio.

Oh… Tive tantas saudades dele.

Ele sobe lentamente os degraus, e eu desço-os, e encontramo-nos a meio.

– Olá – sussurra.

– Olá.

– Vim para te levar até casa. – Os seus olhos estão em mim enquanto engole o nó na garganta.

Está nervoso.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas, porque, de repente, tudo fica claro como a água: ele *é* a minha casa.

O Elliot «Casanova» Miles é o grande amor da minha vida e, não sei como é que isso aconteceu, mas, sinceramente, acho que não consigo viver sem ele. Nem quero.

– Demoraste.

Um sorriso lento e sensual atravessa-lhe o rosto, e ele envolve-me nos seus braços e abraça-me com força.

E aperta-me, e eu derreto-me nele quando os nossos lábios se tocam.

– Nunca mais me deixes, porra – sussurra-me.

– Não me obrigues.

Beija-me, a sua língua desliza lentamente entre os meus lábios enquanto segura o meu rosto com as suas mãos e, oh… a forma como beija. Quase me tinha esquecido.

O Elliot Miles beija com a alma.

Cada fenda na sua armadura, cada fraqueza que guarda dentro de si, toda a paixão do mundo. Consigo sentir tudo. E caramba, adoro.

Voltamos a beijar-nos, e ele puxa-me para si, abraça-me com força nos seus braços quando o horror por que passámos se torna demasiado grande.

A emoção entre nós… Demasiada.

Sagrada.

– Precisamos de falar – diz enquanto segura na minha mão e me leva a subir os degraus.

– Eu sei.

Os seus olhos voltam para mim como se questionassem a minha afirmação.

Ah, que olhar foi aquele?

Franzo o sobrolho e sinto uma inquietação: ele está aqui para me dizer qualquer coisa.

Há mais.

Será que dormiu com a artista?

O meu coração começa a acelerar enquanto me preparo. De alguma forma, acho que a nossa reunião não vai continuar a ser feliz.

Entramos na sala de estar, e ele vira-se para mim.

– Senta-te, querida, tenho de te dizer uma coisa.

Sento-me no sofá sem questionar.

O meu pulso soa nos meus ouvidos.

Vai ao seu saco, tira um envelope grande e amarelo e passa-mo.

– Imagens da Harriet Boucher.

– Quem? – franzo o sobrolho.

– A artista que eu procurava, estas são as imagens que o meu detetive privado me enviou.

– Porque é que eu haveria de querer ver quem ela é, já não me magoaste o suficiente com ela? – atiro.

– Abre – exige.

– Não…

– Abre – grunhe.

Abro o envelope, tiro as grandes fotografias em formato A4 e franzo o sobrolho.

É a Elanor.

Passo os olhos pelas fotografias – imagem após imagem de Elanor. A preto-e-branco, a cores, em diferentes locais.

Abano a cabeça, confusa.

– Não estou a perceber.

Passa-me um envelope branco.

– Estes são os quadros que comprei em leilão.

Franzo o sobrolho; de que raio está ele a falar?

– Elliot, não…

– Abre – grunhe.

Meu Deus, que psicopata… abro o envelope e os meus olhos arregalam-se. Passo os olhos pelas imagens, e a confusão apodera-se de mim. Conheço estes quadros… Eu *pintei* estes quadros.

Levanto os olhos e olho para ele.

– Todos estes anos, todo este tempo… foste tu – sussurra.

Arrepios espalham-se pela minha espinha.

Ajoelha-se no chão à minha frente e agarra nas minhas mãos.

– Eras tu que me chamavas através desses quadros.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas, e o meu mundo gira sobre o seu eixo.

– Foste sempre tu – sussurra. – No meu coração, sabia que tinha sido chamado para eles por uma razão. És tu, Kate, és tu a razão.

Baixo a cabeça, sobrecarregada.

– Não… Como… Quer dizer… – Olho para ele. – Como é que isto aconteceu? – sussurro. – Não estou a perceber.

– O Brad e eu juntámos as peças.

– O Brad? – franzo o sobrolho. – O Brad sabe disto?

Assente com a cabeça, inclina-se e beija-me com ternura, como que para suavizar o golpe, mas eu não o sinto. Estou entorpecida.

– A Elanor limpou a casa dos vossos pais para esconder um crime.

Os meus olhos fixam-se nos seus.

– Vendia os teus quadros antigos do sótão em leilões usando um pseudónimo. E sabia que, quando tu e o Brad limpassem a casa dos teus pais, o crime dela seria descoberto.

O terror desponta.

– O que ela não contava era que um colecionador de arte em particular, eu, ficasse obcecado com os quadros e contratasse um detetive privado para a encontrar.

O meu peito sobe e desce enquanto tento respirar.

– E também se teria safado. Se não tivesse ficado gananciosa e quisesse a fama que o meu nome proporcionava.

A Elanor é a artista que ele conheceu em França?

– Ela concordou em encontrar-se comigo com a intenção de me seduzir, mas não contava que eu já estivesse apaixonado por outra pessoa e não quisesse ter nada que ver com o seu plano.

Apoio a cabeça nas mãos.

– Elliot – sussurro.

Abraça-me e puxa a minha cabeça para perto da sua.

– Lamento muito, querida.

Ocorre-me um pensamento e afasto-me para olhá-lo.

– Quanto é que pagaste por esses quadros?

Enche as bochechas de ar.

– Cerca de vinte milhões de dólares.

Ponho a mão por cima da boca e arregalo os olhos, horrorizada.

– Seu idiota. O Daniel tem toda a razão, tens mais dinheiro do que juízo. São horríveis, Elliot.

O seu rosto suaviza-se, depois, sorri e solta uma gargalhada.

– Ter-te-ia dado esses quadros de graça – ironizo. – Diabos, ter-te-ia pagado para os levares.

Inclina a cabeça para trás e ri-se com força, como se o peso do mundo lhe tivesse sido retirado.

– Oh, não. – Levanto-me quando me ocorre outro pensamento. – E a Elanor?

Ele fica em silêncio, os seus olhos estão em mim.

– Elliot, e a Elanor?

– A lei tratará dela.

– Não – o meu peito aperta-se. – Não quero…

Segura na minha mão.

– Falamos sobre a Elanor na segunda-feira – diz, com firmeza.

– Segunda-feira?

– Por agora – beija-me suavemente – só quero falar de nós –, e beija-me novamente enquanto encosta a minha cabeça à sua. – Podemos tratar de nós antes de nos preocuparmos com a bruxa da tua irmã?

O Elliot Miles a chamar bruxa à Elanor traz-me um sorriso inesperado à cara, e eu sei que não devia, mas traz.

– Achas que tem piada? – sorri quando os seus lábios se juntam aos meus; ele avança, e eu recuo.

– Isto só confirma o que eu sempre soube – respondo.

– O quê? – sorri contra mim.

– És um idiota.

Num movimento brusco, dobra-se e atira-me por cima do ombro. Rio-me alto, e ele bate-me no rabo.

– Onde é o teu quarto, mulher? Vais apanhar.

– Não estás cansado das punhetas? – Rio-me, pendurada de cabeça para baixo. – Vi as bolhas.

– Comporta-te – bate-me novamente no rabo.

Leva-me para o quarto e atira-me para a cama, e eu salto quando aterro.

Com os seus olhos fixos nos meus, tira a camisa por cima da cabeça. O seu peito é largo, com uma mancha de pelos escuros, os ombros bronzeados e os braços definidos, a barriga ondulada de músculos. Mas são os seus olhos que me prendem, cheios de desejo, de amor e de um sentimento de pertença.

Casa.

Em câmara lenta, baixa as calças e a minha respiração fica suspensa. Não importa quantas vezes o veja nu, nunca estou preparada para a sua poderosa beleza.

O Elliot Miles é um milhão de coisas, mas, acima de tudo… é meu.

Rasteja sobre mim.

– Deves-me isso pelo inferno a que me submeteste – diz-me, enquanto me belisca o osso da anca através do vestido.

– Oh. – Sento-me, quando me lembro de uma coisa. – Anda.

– O que foi?

Levanto-me com um salto e agarro-lhe na mão.

– Tenho uma coisa para te mostrar. – Arrasto-o para a outra sala e levanto a mão para o meu cavalete.

É uma pintura a óleo enorme de nós os dois juntos; estou a trabalhar nisto há semanas. Estamos nos braços um do outro, a olharmo-nos com amor.

Um momento de intimidade entre nós, gravado na minha memória.

A sua respiração fica suspensa quando a olha e passa o dedo sobre o título do quadro no canto inferior direito.

PARA SEMPRE ENCANTADA

As suas narinas dilatam-se, e ele aperta os lábios, dominado pela emoção.

Os seus olhos encontram os meus.

– Amo-te – sussurra.

– Amo-te.

Beija-me e fundimo-nos e, oh…

– Casa comigo.

Afasto-me para olhá-lo.

– O quê?

– Casa comigo, Kathryn. Sei que este não é o pedido de casamento mais romântico… mas a nossa história e este quadro – as lágrimas aparecem. – É só que…

Oh, eu amo-o.

– Elliot Miles, estás a pedir-me em casamento, nu e com uma ereção?

Olha para si próprio e, depois, começa a sorrir lentamente.

– Parece que sim.

Beija-me e puxa-me para perto de si, e eu consigo sentir cada centímetro duro seu.

– Bem, que dizes, Landon? – Arrasta-me sobre a sua tesão.

Rio-me. Só ele.

Puxa-me contra ele, exigindo uma resposta.

– Sim. Caso contigo.

Rimo-nos contra os lábios um do outro, e ele agarra em mim e leva-me para o quarto, depois, levanta-me o vestido por cima da cabeça, tira-me o sutiã e as cuecas e deita-me.

Deita-se ao meu lado e abre-me as pernas; os seus dedos encontram aquele ponto doce enquanto me beija profundamente. As minhas costas arqueiam-se na cama enquanto me enfia os dedos cada vez mais. O som da minha excitação húmida ecoa à nossa volta, mas ele não para, continua.

– Elliot – murmuro.

– Tenho de te aquecer, meu anjo… porque, porra, estou prestes a explodir. A sério. – A sua voz é profunda, de comando, e sei que ele está a ir por puro instinto. A vontade de fazer amor tomou conta dele e está a perder o controlo a cada segundo que passa.

Deslizo a minha mão para baixo e sinto-o: está duro como uma rocha com o pré-ejaculatório a pingar da sua extremidade.

Meu Deus, como é que alguma vez pensei que podia viver sem isto? *Sem ele.*

– Agora, El – sussurro enquanto o puxo para cima de mim. – Por favor.

Com os seus olhos escuros fixos nos meus, rola sobre mim e toca na minha abertura com a sua ponta, e eu sinto o ardor da sua posse.

Cada vez que estou com este homem é como se fosse a primeira.

O seu tamanho não perdoa.

– Amo-te. – Os seus olhos fecham-se.

Sorrio contra ele e, depois, empurra-o com força, pregando-me ao colchão. Forçando o meu corpo a aceitar o seu.

As suas palavras doces contrastam com as suas ações duras.

Agarro-me aos seus ombros largos e fecho os olhos ao tentar lidar com ele.

Au.

O Elliot Miles nasceu para pinar, sem desculpas, e com força.

Retira-o e volta a introduzi-lo, com os olhos sombrios de desejo. Roda as ancas para um lado e, depois, para o outro. Esticando-me, abrindo-me para o seu prazer.

– Estás bem? – murmura, com os olhos fixos nos meus lábios.

Aceno.

– Estou bem. Vai.

Morde-me o pescoço enquanto as suas ancas começam a bombear, duro, grosso e rápido, e oh, inferno.

Arqueio as costas, o seu membro trabalha ao ritmo de um pistão. As suas grandes mãos agarram a parte interior das minhas coxas, e ele mantém as minhas pernas abertas, com os joelhos escancarados, e consigo ver todos os músculos do seu tronco a contraírem-se. O som da cama a bater na parede com força ecoa à nossa volta, e eu grito enquanto me venho potentemente. Abraço-o com força, durante o êxtase, enquanto toda a dor dos últimos meses é lavada com amor. Ele segura-se bem fundo, e sinto o movimento do jato do seu pau dentro do meu corpo.

E beija-me, com ternura, com tanto amor que eu mal consigo aguentar, e o meu mundo para.

E outra vida começa.

Sra. Miles.

Elliot puxa-me pela mão.

– Tens tudo, querida?

Olho à volta para o avião.

– Sim, acho que sim.

– É bom vê-lo, Sr. Miles – diz o piloto. – Ele vira-se para mim e acena gentilmente com a cabeça. – Tenha uma boa noite, Kathryn.

– Obrigada.

O Elliot aperta-lhe a mão e leva-me até às escadas onde está estacionado o *Bentley* preto. O Andrew sai e sorri largamente quando nos vê.

– Olá, Kate.

Vou para junto dele, fico na ponta dos pés e beijo-lhe a face.

– Olá, Andrew.

– Ouvi dizer que estão de parabéns – e sorri.

Rio-me e arqueio os ombros de entusiasmo.

– Dá para acreditar? – sorrio.

– Na verdade, dá – sorri enquanto olha para o Elliot, que sorri pateticamente em troca.

O Elliot nem sequer consegue fazer-se de mal-humorado. De facto, aquele sorriso incrivelmente sensual não lhe saiu da cara e, depois de cinco dias de sonho em Oahu, aterrámos de novo em Londres.

O Elliot anunciou hoje publicamente que estamos noivos e, numa espécie de plano estratégico, disse-me que eu seria fotografada esta noite, o que suponho ser um código para… «Não uses calças de fato de treino no avião».

Perguntei-me porque é que ele vestiu um fato completo de três peças antes de aterrarmos.

O Andrew e o Elliot colocam todas as nossas coisas na bagageira, e eu vou para o

banco de trás. O Elliot desliza para trás de mim, segura na minha mão e pousa-a no seu quadril grosso; ele tem sempre de estar a tocar-me.

– Continuamos a cumprir o horário, senhor? – pergunta o Andrew enquanto estabelece contacto visual pelo espelho retrovisor.

– Sim – responde o Elliot.

Horário… há um horário?

Saímos rumo à noite e, vinte minutos depois, viramos a esquina para a rua onde fica o apartamento chique do Elliot; há fotógrafos por todo o lado. Sinto a minha ansiedade aumentar e, em vez de entrar no parque de estacionamento privado à paisana, o Andrew encosta o carro mesmo ao lado deles.

– O que estás a fazer? – sussurro.

O Elliot inclina-se e beija-me.

– A dar-lhes o que eles querem?

– O quê?

– Assim que tiverem a primeira fotografia de nós juntos, e esta for publicada amanhã, deixam-nos em paz e podemos ir para casa.

Olho fixamente para o meu lindo homem. Isto vai contra tudo o que ele é, mas quer que me deixem em paz, está a fazer isto por mim.

A porta abre-se de repente. O Andrew fica do lado de fora enquanto as câmaras disparam.

O Elliot sai, segura na minha mão e ajuda-me a sair do carro. Encaro as luzes ofuscantes dos *flashes* e o som dos fotógrafos a gritarem uns por cima dos outros.

– Quando é o casamento?

– Parabéns, Sr. Miles.

– Kathryn, quem está a desenhar o seu vestido de noiva?

O Elliot agarra na minha mão e, em câmara lenta, leva-a aos lábios e beija-a.

Ficam loucos.

– Kathryn – alguém chama. – Qual é a sensação de saber que finalmente domou o esquivo «Casanova Miles»?

O Elliot ri-se, os nossos olhos estão fixos enquanto a eletricidade salta entre nós, e ele levanta uma sobrancelha à espera da minha resposta.

Se ao menos soubessem que o suposto «Casanova» é um tolo romântico.

Viro-me para eles e sorrio.

– Maravilhosa.

Posamos para algumas fotografias e, depois, ele leva-me para dentro do edifício pela mão, enquanto eles gritam para nós, ao fundo. Entro no elevador com o amor da minha vida.

Ele sorri-me, e eu sorrio-lhe de volta.

Afinal, acredito em contos de fadas.

E no destino.
Nunca desistas, ele vai encontrar-te.
Com amor, sempre
Kate.
Xox

Epílogo

Sento-me à secretária com a janela de vidro à minha frente, à espera de ver a minha irmã Elanor.

Está a ser mantida sob custódia até ao julgamento e, apesar de eu e o Elliot termos tido uma grande discussão por causa disto, ele recusa-se a retirar as queixas.

E eu percebo, a sério. O Brad está a trabalhar com o Elliot, e estão a fazer isto juntos. Por estranho que pareça, eles dão-se muito bem, e o Brad passa muito tempo connosco na Quinta Encantada.

Não testemunharei contra a Elanor, nunca; ela é minha irmã. Concor-daram que posso ficar fora disto.

Mas preciso de saber porquê.

A Elanor aparece. Está numa prisão de segurança mínima e veste um fato cinzento. Sorrio e levanto-me, e ela sorri de volta enquanto se senta.

– Olá – sento-me.

– Olá – ela aperta as mãos à sua frente.

Fico a olhá-la e a minha inclinação natural é pedir desculpa. Afinal de contas, foi o meu noivo que a pôs aqui.

Mas, depois, lembro-me do que fez, e se alguém devia estar zangada, esse alguém devia ser eu.

Estou desiludida.

– Vais dizer alguma coisa ou vais só ficar aí sentada? – diz ela, sem emoção.

Os meus olhos fixam os seus, e pergunto-me o que raio se terá passado de tão errado com ela.

– Porquê? – pergunto.

Encolhe os ombros como se não se importasse.

– Foste sempre tu… não foste?

Franzo o sobrolho.

– A mais inteligente, a mais bonita, a mais doce, a mais talentosa… A favorita da mãe.

O meu coração aperta-se, foi assim que ela viu a situação?

– Suponho que vais ter uma vida perfeita agora que o tens – levanta o queixo em desafio. – Li que vais casar – sorri sarcasticamente. – Sra. Miles.

Aceno com a cabeça, as minhas mãos cerradas em punhos.

– Não vai durar – sorri pretensiosamente. – Vai aborrecer-se de ti no espaço de um ano e vai fugir com alguém – ajusta-se na cadeira como se estivesse orgulhosa de si própria por ser tão má.

– Ter-te-ia dado os quadros, se me tivesses pedido – sussurro.

Os seus olhos procuram os meus.

– Ter-te-ia dado o mundo, se me tivesses deixado entrar – digo.

Os seus olhos enchem-se de lágrimas e, pela primeira vez desde a morte dos meus pais, vejo a menina doce que ela sempre foi.

O luto funciona de várias formas. Embora seja sempre destrutivo, os seus efeitos mudaram-na. Ela não é realmente assim.

– Amo-te, Elanor, e, independentemente de toda esta confusão, amar-te-ei sempre e arranjar-te-ei a ajuda de que precisas.

Ela inala bruscamente, como se chocada com o meu apoio. Levanto-me e viro-me para me ir embora.

– Kate – chama.

Viro-me para trás.

– Envias-me uma fotografia tua com o teu vestido de noiva?

Sorrio por entre as lágrimas e assinto.

– Está bem.

Viro-me e afasto-me. Temos muita coisa para resolver, mas não sou de desistir.

ELLIOT

Um brinde: levanto o meu copo para a minha linda noiva que se senta ao meu lado.

Agora, somos marido e mulher, casados numa tenda branca nos terrenos da Quinta Encantada. Os meus irmãos estão ao meu lado, os nossos cinquenta amigos e familiares mais próximos estão aqui.

– Kathryn – sorrio para ela. – Minha Kate.

– Oh, caramba – ouço o Christopher sussurrar para o Tristan –, cá vamos nós.

O Tristan ri-se enquanto ouve.

– Podia falar toda a noite sobre quão bonita, inteligente, calorosa e amorosa tu és.

Ela agarra na minha mão e beija-a da sua posição sentada.

– Podia dizer-te como te amava à distância durante anos, antes mesmo de nos conhecermos. Como o nosso amor estava destinado, que tu eras o meu destino.

Ela sorri.

– Mas nada disso importa. – A emoção apodera-se de mim, pauso com o sobrolho franzido e limpo a garganta. – Porque acordar ao teu lado todos os dias… é a razão pela qual estou aqui.

Os seus olhos enchem-se de lágrimas e tenho de parar antes que me torne verdadeiramente patético.

Seguro o copo no ar.

– Quero brindar à minha linda mulher. À Kate.

– À Kate. – Todos brindam.

Está a anoitecer, e eu estou com o Tristan, o Jameson e o Christopher.

A Kate está a dançar com o irmão e foi um dia maravilhoso.

O melhor.

Estamos debaixo do enorme carvalho que está cheio de luzinhas.

O Patrick, o filho mais novo do Tristan, aproxima-se a correr, ofegante. Parece sem fôlego e ligeiramente em pânico, e aponta para o cercado.

O Tristan franze o sobrolho.

– O que se passa?

– Fiz uma coisa.

– Que coisa?

– Não fizeste – murmura o Harry, baixinho.

– Que coisa? – pergunta o Tristan com mais severidade.

O Patrick aponta para o irmão mais velho.

– O Harry desafiou-me.

– O que fizeste? – o Tristan agarra na mão de Patrick e leva-o para longe. Fico a vê-los descer em direção ao cercado inferior e continuo a falar com os meus irmãos.

– Ahh! – ouço ao longe o grito sinistro do Tristan.

– Mas que raios?

Todos olhamos e vemos ***Humphrey***, o carneiro, a perseguir os dois pela colina acima a toda a velocidade.

– O que raio fizeste, Harrison? – grunhe o Jameson.

– Não pensei que ele fosse mesmo abrir o portão! – grita. – Toda a gente sabe que não se deve aceitar desafios.

Todos começam a gritar enquanto o carneiro corre na nossa direção, depois para e, aparentemente distraído, começa a dar marradas numa árvore com toda a força. O som ecoa como um trovão.

Depois, vira-se e atira-se ao Daniel, que voa espetacularmente no ar.

– Oh… ***Caraças*** – o Jameson estremece.

Todos os convidados fogem para salvar a vida, a gritar.

– Elliot – grita a Kate. – Faz alguma coisa.

Os olhos de Christopher arregalam-se e, depois, desata-se a rir.

– Melhor casamento de sempre.

O Tristan está a segurar o Patrick debaixo do braço enquanto corre o mais rápido que pode.

– Saiam todos do caminho – grita. – Esta coisa é assassina.

Cerro o maxilar, pronto para explodir.

– Idiota do Harry.

AGRADECIMENTOS

É preciso um exército para escrever um livro, e tenho o melhor exército do mundo.

Gostaria muito de agradecer à minha mãe Kerry, à Nadia, à Rachel, à Amanda, à Lisa e à Nicole. Rena e Vicki, vocês têm sido a minha equipa beta desde o primeiro dia, são o meu rochedo e estou muito grata por tudo o que fazem por mim. Tornam-me melhor.

À minha fantástica equipa da Montlake, Sammia, Lindsey e Nicole, obrigada por serem tão boas naquilo que fazem. A vossa ajuda e orientação são um sonho tornado realidade.

Para a melhor assistente de todo o mundo, a minha querida Kellie.

Um agradecimento especial à minha família por aguentar uma mulher e uma mãe que está sempre a escrever… ou a pensar em escrever. Sou irritante, eu sei.

E para vocês… meus queridos leitores, é por vossa causa que escrevo.

Aprecio-vos muito, muito obrigada por tornarem os meus sonhos realidade.

xoxoxo